

RÚBIA ALBUQUERQUE

100
dias
na
TERRA





Contents

[Capítulo 01](#)
[Capítulo 02](#)
[Capítulo 03](#)
[Capítulo 04](#)
[Capítulo 05](#)
[Capítulo 06](#)
[Capítulo 07](#)
[Capítulo 08](#)
[Capítulo 09](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Prólogo](#)

Olho para os lados e me dou conta de que logo nada disso fará parte da minha realidade.

Estarei num ambiente hostil – e confesso que ainda não entendo completamente o significado desta palavra. Há muitas coisas que eu não consegui compreender totalmente, e sei que isso só será possível quando eu estiver, de fato, na Terra. Onde ficarei? Como será a minha vida? Qual será a minha profissão? Quem serão os meus amigos por lá? E, mais do que tudo, como será voltar para cá?

Ainda terei muitas recomendações, mas uma dela é fundamental: saber em quem confiar. Pode ser que em algum momento seja necessário que eu revele minha identidade, mas eu precisarei ser cauteloso e saber, de fato, em quem confiar. Pelo que aprendi estudando, a maioria dos terráqueos não sabe que eles não estão sozinhos no Universo. Na verdade, muitos acreditam piamente que eles são os únicos seres inteligentes habitando por aí, o que me faz perceber o quanto eles vivem alheios à realidade. Afinal, como conseguem, mesmo tendo uma tecnologia que permite saber que há outros planetas, continuar acreditando que tudo está aqui apenas para eles mesmos? Mesmo os que acreditam que existem outros seres inteligentes em planetas por aí têm uma grande dificuldade de conceber a ideia, e chegam a pensar que a única forma de vida possível é baseada nas condições climáticas e geográficas da Terra. Se eles apenas soubessem...

A Grande Guerra está se aproximando do Desfecho e, com a minha missão, eu terei um papel importante ao descrever o estado das coisas neste estágio. Mesmo que a maioria dos seus habitantes ainda não tenha consciência disso, o Planeta Terra tem uma parte importante no confronto. Entender o que está acontecendo lá durante o combate fortalece nosso lado e possibilita que milhões de seres como eu sejam sabedores de diferentes nuances desta disputa.

Segundo minhas instruções e o meu treinamento, vou encontrar um trabalho e permanecer durante 100 dias (preciso me acostumar a esta nova definição de tempo) no planeta. Estou muito animado para realizar o sonho que tive desde pequeno: conhecer a Terra. Enquanto estiver por lá, terei um novo nome e uma nova vida.

Eles serão amáveis? Como serei tratado? Como será este tempo que vou passar tão longe de casa?

Capítulo 01

São Paulo, Brasil

- Nome, por favor?
- Calebe.
- Documento com foto?
- Sim. Aqui.
- Por favor, olhe para a câmera. Prontinho. Você veio para a entrevista, certo?
- Isso!
- Terceiro andar, virando à esquerda, vá até o final do corredor. Você verá uma porta de vidro. Entre e aguarde que o seu nome será chamado.
- Obrigado!

Estou aqui há alguns dias e esta é a minha segunda entrevista. A primeira era para uma vaga em um jornal local, e eles ficaram de retornar até o final da semana.

Ainda não me acostumei – longe disso. Tudo é diferente. Eu diria que o que mais me impactou foi a falta de cores e os cheiros que acompanham toda paisagem urbana. Ou, como aprendi, o odor característico daqui. Mas, aparentemente, todos são completamente acostumados com esta realidade.

Em Lundi, um ser do planeta Terra não poderia respirar por muito tempo. Por serem imperfeitos, a relação deles com o oxigênio é muito diferente da nossa. Nosso ar é limpo, sem nenhum tipo de impureza, o que faz com que nossos pulmões funcionem perfeitamente. Além da pressão atmosférica e da altura – estou me acostumando a ter um terço do meu tamanho. Mas no treinamento eu tinha aprendido que aqui eu teria um corpo frágil e seria menor, como eles (embora eu seja muito mais saudável do que a média – o que não é tão difícil assim).

Da natureza às construções é raro ver cores vibrantes. Por mais que em alguns lugares seja possível ver resquícios da beleza original, é nítido que este lugar está cada vez mais destruído e é

decadente – ao menos para mim. Mesmo assim estou muito animado com minha visita. Estou aqui há menos de duas semanas e já começo a me adaptar com os aspectos da minha nova realidade. De certa forma, gosto daqui.

Eles têm o que chamam de maravilhas do mundo – são sete. Não as conheço pessoalmente, até agora só vi fotos. Desconfio que os terráqueos ficariam deslumbrados se vissem nossas construções. A arquitetura deles é ligeiramente avançada, ainda que com algumas limitações.

É quase impossível não fazer comparações o tempo todo, mesmo que muitas vezes eu tente não fazer isso. Mas a verdade é que desde o semblante das pessoas até a organização do trânsito, por exemplo, tudo é completamente diferente do que eu já tinha visto. O cheiro, especialmente nas grandes cidades, é assustador. Lembro do meu primeiro dia. Nunca tinha me sentido doente e é algo muito desagradável. Se eu estivesse sozinho não sei por quanto tempo iria resistir.

Um anjo relator vai me acompanhar durante a minha missão, conversando comigo, tirando algumas dúvidas e, eu espero, dando-me algumas dicas úteis. Afinal, ele acompanhou um terráqueo por 87 anos, então sabe bem mais do que eu como é viver por aqui. Nós nos conhecemos enquanto eu ainda estava em Lundi e sei que o apoio dele será fundamental em minha estadia.

Como morador de outra galáxia, estou acostumado a diferentes tipos de seres. Diferente do que acontece aqui na Terra, não convivemos apenas com humanos e animais. No fascinante Universo lá fora, que os terráqueos ainda desconhecem, existe muito mais do que eles sequer poderiam imaginar. Eu, como humano, me identifico com eles, apesar de não ter tantas limitações.

Fico imaginando: como seria se um terráqueo conhecesse o meu planeta? Quais seriam suas impressões e pensamentos? Seria um impacto e tanto – uma experiência que ele jamais esqueceria (e provavelmente ele não iria querer voltar para cá, não sem razão).

Não quero parecer desagradável nem desmerecer este mundo, e estou me esforçando para ser otimista e ver as coisas de um jeito positivo. Afinal, se eles conseguem, não há motivos para eu

não conseguir também. Além disso, há quantos lunários estou me preparando para esta jornada?

Lembro-me de quando me candidatei para a missão. Eu já havia saído da minha galáxia antes, inclusive já conhecia alguns planetas da Via Láctea. Mas sendo esta a primeira vez em um mundo inferior, tudo é novidade e continuará sendo por muito tempo, tenho certeza. Talvez eu comece a entender um pouco o comportamento de todos os seres que voltam depois de terem passado um período no planeta Terra. É certo que minha percepção estará alterada para sempre.

Enquanto aguardo, sentado em um sofá extremamente confortável, posso ver um pouco do andar de baixo. A sala de espera está numa espécie de mezanino, que faz parte de um prédio com uma arquitetura interessante. Tudo é muito iluminado, o que me faz sentir bem à vontade. Em Lundi os dias são mais longos e todos os lugares são cheios de luz. Nossas noites estão longe de ser tão escuras como as daqui. E mesmo numa cidade repleta de iluminação artificial eu ainda não me adaptei ao fato de haver tantas horas escuras num curto período de tempo.

De todas as vagas de trabalho que eu listei, esta é, definitivamente, a que mais me interessa. Segundo a descrição, é para um documentário que será filmado ao redor do mundo, com a produção já em andamento. Isso seria ótimo, já que eu teria a oportunidade de conhecer vários países e culturas. Antes de sair de Lundi, aprendi algumas línguas daqui e pelo que percebo este será um diferencial. De qualquer maneira, tenho mais duas vagas em vista. Veremos.

– Calebe? Por aqui, por favor.

Quem me chama é um rapaz em seus vinte e poucos anos. Ele me leva até o local onde serei entrevistado. A sala é clara com poucos móveis e uma parede de vidro que me permite ver o que acontece lá fora, além de um céu cheio de nuvens. Uma mulher com olhos penetrantes me espera com um sorriso no rosto, do lado de lá de uma mesa de vidro. Nas paredes, fotos em diferentes lugares, além de alguns diplomas e o que me parecem ser prêmios. Ela me estende a mão e após um breve cumprimento já começamos a conversar.

– Bem, Calebe, como você sabe, esta vaga é para participar de uma equipe que fará um documentário em vários países do mundo. O grupo vai viajar por aproximadamente dois meses, documentando histórias de todos os continentes. O objetivo é mostrar como cada cultura lida com a dor. Não é um tema fácil e já adianto que serão dias desafiadores tanto profissionalmente quanto emocionalmente. Além do vídeo, também queremos lançar uma exposição com diversas fotos produzidas na viagem. É aí que você entraria. Nosso fotógrafo teve um problema sério de saúde e por isso estamos nesta procura de última hora. Você precisa ter disponibilidade para viajar neste período, ser fluente em inglês e não se importar com um ritmo mais acelerado. O que te fez candidatar para esta vaga?

– Eu achei a proposta do documentário muito interessante, e estou em busca de novos desafios que me proporcionem experiências únicas. Tenho profundo interesse no comportamento humano, além de querer conhecer novas culturas e lugares...

– Você fala seis línguas, é isso? Português, Inglês, Francês, Espanhol, Árabe e Mandarim. Realmente impressionante. Onde você estudou? Já teve alguma experiência em outros países?

– Digamos que eu tenha uma facilidade para aprender novas línguas. Estudei sozinho, e infelizmente ainda não conheço nenhum país além do Brasil. Mas estou preparado para...

– Você tem algum portfólio para me mostrar? O que vi no seu portfólio online já me interessou, e se você tiver coisas novas aí, melhor ainda.

– Tenho sim, só um minuto...

Aproximadamente 50 fotos e meia hora depois eu estava quase certo de que seria contratado. Mas Clarissa, a mulher com quem eu conversava, me disse que retornaria com a resposta em até 48 horas. Se desse certo nós partiríamos em alguns dias.

Eu não poderia estar mais animado. Era impressionante como tudo estava sendo cuidadosamente direcionado. Eu podia sentir a proteção do Eterno em cada passo que eu dava, e isso fazia toda a diferença para mim.

Antes de voltar para casa, parei em um restaurante, peguei comida para viagem e voltei para o meu pequeno apartamento.

Havia muito a ser estudado e pouco tempo. Além disso, minha nova rotina me fazia sentir desgastado emocionalmente.

Na volta, perto da estação do metrô, algumas pessoas na calçada pediam dinheiro e comida. Eles vestiam trapos e tinham um cheiro de quem não tomava banho há muito tempo. Um deles estava desacordado, ao lado de algumas garrafas vazias. Acabei dando o meu almoço, que logo foi dividido entre o grupo.

Como uma raça inteira poderia estar tão degradada? Como os terráqueos não se preocupam com a deterioração da sua própria espécie? Como todas aquelas pessoas conseguiam passar direto, sem ao menos um simples olhar de compaixão?

Mesmo que nestes poucos dias tenha cruzado com um número considerável de pessoas que mora nas ruas, ainda não consegui entender esta situação.

Como elas foram parar ali? Por quê continuam? Onde está a sua família? Amigos da vida de antes? E as dezenas, centenas de pessoas que cruzam com eles todos os dias, por que ninguém se importa? Em meu planeta, todos os seres vivem em harmonia e, mais do que isso, são parte de uma rede forte e segura. Cada um se importa com cada um, e um cenário diferente disso nem faz parte de alguma remota possibilidade. A Queda levou a humanidade para tão longe que eles simplesmente perderam todo o seu sentido inicial – ao ponto de nem mais perceberem isto.

Ainda com fome e agora sem comida, comecei a caminhar as quadras que faltavam para chegar em casa. Encontrei um bom lugar para alugar enquanto eu estou por aqui. É uma pequena quitinete mobiliada e ótima localização. Às vezes, como hoje, a chave emperra um pouco para abrir. Mas o restante sempre funciona, ao menos até agora.

Pago o aluguel direto para a proprietária, uma senhora muito gentil que mora um andar acima. Expliquei a ela que precisaria de um lugar por apenas três meses e meio – sei que a maioria dos contratos pede o mínimo de um ano.

Cheguei a considerar a possibilidade de ficar em uma pensão, mas a privacidade de um lugar só meu me fez procurar um pouco mais. Acabou dando certo – a dona me disse que o lugar

estava parado há mais de um ano e seria bom ter alguém mesmo que por pouco tempo.

Pelo que percebi, ela vive sozinha e não recebe muitas visitas. No começo ela vinha todos os dias, oferecendo ajuda, perguntando como eu estava ou trazendo alguma coisa para eu comer. Eu via nos olhos dela uma preocupação maternal ao me ver, sozinho, longe de casa e com muito a aprender. Agora ela aparece eventualmente e me deseja sorte para encontrar um trabalho. É muito bom receber coisas boas aqui e perceber que nem todos estão completamente envolvidos na nuvem negra da maldade e desinteresse.

Já dentro de casa, coloco a bolsa com o meu portfólio num canto do sofá escuro e abro a cortina e a janela para entrar um pouco de ar. Minha vista do quinto andar dá para o estacionamento quase vazio a esta hora do dia.

Da janela do quarto vejo um pequeno jardim com bancos envelhecidos, visitados aos finais de semana por crianças elétricas e suas mães entediadas. Troco os sapatos por um par de chinelos e vou em busca do meu almoço, que será feito com o que sobrou de ontem com mais alguma opção que eu tiver na minha geladeira.

Enquanto estou entretido no meu desafio culinário, o barulho seco da minha campainha me faz voltar à porta. Pelo olho mágico vejo o sorriso daquela velhinha com cabelos quase completamente brancos. Abro a porta e a convido para entrar, mas ela prefere ficar na porta.

– Oi meu filho, tudo bem?

– Tudo bem, dona Joana, e a senhora?

– Tudo sim, Calebe. Olha, não sei se você almoçou, mas eu fiz uma comidinha pra mim e como sou sozinha e não queria desperdiçar, trouxe um tantinho pra você também. Você já comeu?

Olho para aqueles olhos verdes apertadinhos e quase não me aguento por dentro. De repente, aquela bondade que em Lundi era tão comum para mim, aqui tem um papel extraordinário no meu dia.

Talvez ela nunca vá saber como está trazendo sopros de Deus para a minha vida neste momento em que ainda não tenho amigos e nem mesmo um trabalho. De dentro da sacola ela tira uma

vasilha com comida e alguns biscoitos caseiros enrolados por um pano de pratos. Nem sei como agradecer.

– A comidinha é simples, mas é de coração, viu?

– Muito obrigado, de verdade... A senhora não quer entrar mesmo?

– Não, eu ainda preciso ir nos Correios hoje. ... E o trabalho, já conseguiu algum? – Ela pergunta, depois de alguns segundos de hesitação.

– Hoje eu fui em mais uma entrevista, e acho que vai dar certo!

– Que bom, meu filho! Eu estou torcendo por você!

Depois disso ela me abraça e vai embora, arrastando os chinelos e assoviando. Fecho a porta e ainda ouço, ao longe, os seus passos subindo as escadas.

Com um sorriso no rosto e a vasilha na mão, vou até a cozinha. A comida ainda está quente e o cheiro é muito, muito bom. Terei um almoço decente, afinal de contas.

– Ela acabou de perder uma filha, sabia?

– Minha nossa, Ariel! Você não precisa me matar de susto toda vez que aparecer, sabia? Eu sei que você é um anjo e tal, mas não custa nada sei lá, bater na porta, não é?

– Menos de um mês por aqui e já está falando em matar, hein? – Ele sorri com um canto da boca enquanto se acomoda no sofá. Sinceramente nunca achei que o humor dos anjos relatores pudesse ser tão peculiar – mas reconheço com um sorriso que eu não tinha me dado conta de algumas palavras no meu novo vocabulário.

– Você sabe que não é literal, certo? – provoco. Não é possível que eu tenha entendido as expressões deles antes de vocês, não é? – Sorrio mas logo mudo o meu semblante, pensando da primeira frase que ele disse. – Como assim perdeu uma filha?

– Acidente de carro. Morreu a filha e o marido. Ela ficou devastada. Você ter alugado este apartamento fez com que ela distraísse um pouco e voltasse a sorrir.

– E eu achando que tinha escolhido este lugar por acaso...

– Providência, amigo, providência. Você vai ver coisas assim cada vez mais por aqui. O Divino vê as possibilidades e as

coloca como opções no caminho daqueles que se dispõem a serem guiados por Ele.

– Mas e se eu escolhesse outro lugar para morar?

– Então você perderia a oportunidade de ser usado para abençoar alguém que precisa de amor. Mas outra pessoa faria isso no seu lugar. – Ele fala com tanta naturalidade que é como se já tivesse explicado isso muitas vezes para alguém.

– Isso acontece com frequência por aqui?

– Mais do que você imagina, meu amigo. O Divino respeita as escolhas de suas criaturas e ao mesmo tempo é incrivelmente misericordioso com cada uma delas. Você não faz ideia de como este Planeta está cheio de paradoxos. Mas me conte: por que você se voluntariou para vir pra cá?

– Cresci ouvindo conversas intensas sobre este planeta e o desenrolar da Grande Guerra. Entre todos os Viajantes que enviavam boletins, apenas dois eram de Lundi. Eles contavam histórias incríveis sobre este pequeno mundo que tornou-se o tema de estudo do Universo e eu descobri que um dia queria vivê-las e ter uma opinião pessoal sobre o Conflito.

– Você já tinha saído da sua Galáxia antes? – ele me pergunta.

– Já, e inclusive conheci alguns planetas da Via Láctea. Mas sem dúvidas nada se compara ao que estou vivendo por aqui.

– E olha que você não viu nem um quinto do que há para se ver. E não me refiro apenas às coisas boas. Prepare-se, meu amigo.

Conversamos mais um pouco e Ariel vai embora, me deixando a sós com um milhão de pensamentos. Confesso que em alguns momentos cheguei a duvidar da minha capacidade para esta missão. E hoje entendo que eu mal tinha ideia do quanto eu cresceria, pessoalmente, depois de uma temporada no Planeta Azul.

Perdido em meus devaneios, tento imaginar como é nascer e morrer em um lugar onde não se tem certeza de tanta coisa.

O som do meu celular interrompe meus pensamentos. Atendo e recebo a confirmação que eu tanto esperava: estava contratado. Quem me liga é Clarissa, que me entrevistou pela

manhã. Dentro de mim, alegria e expectativa misturam-se e mal consigo ouvir o que ela me diz. Tento manter o foco e prestar a atenção. Documentos, amanhã, 9h, assinar, parabéns. Agradeço e desligamos.

Coloco o celular na bancada da cozinha e em meio à euforia percebo que não tenho ninguém com quem compartilhar a notícia. Bem, ao menos terei uma resposta nova quando a dona Joana me perguntar novamente sobre o trabalho.

Na manhã seguinte voltei até lá e recebi uma lista com todas as informações para a viagem: itinerário, documentos, vacinas, datas e nomes das pessoas que comporiam a equipe. Além disso, recebi uma senha e usuário para acessar o material a ser estudado antes de irmos para a viagem. Todos precisariam estar preparados, informados e por dentro das datas.

A equipe, de aproximadamente quinze pessoas, viajará quase oito semanas seguidas. Alguns já se conhecem pessoalmente e até já trabalharam juntos. Segundo o que foi informado, nós nos encontraremos duas vezes antes da viagem, para algumas dinâmicas em grupo e também informações de roteiro, planejamento e apresentações. Eu não poderia estar mais empolgado! Era uma sensação incrível de expectativa misturada com alguma coisa diferente. Era bom, mas ao mesmo tempo havia um sentimento um pouco incômodo – que logo descobri ser o que eles chamam aqui de ansiedade.

Chegando em casa, começo a estudar o material. Explicação de como será a viagem, datas e horários do itinerário, hotéis, entre outras coisas. Em seguida, tópicos explorados em cada cidade, com os nomes de pessoas que entrevistaremos e o envolvimento delas na história em questão.

Pelo que percebi, uma parte da equipe já foi em todos os lugares, vendo locações e fazendo algumas captações. Por causa de um atraso de verba algumas coisas ficaram atrasadas, mas o prazo final foi mantido, apesar de tudo. Como a intenção é cadastrar o documentário para concorrer a prêmios específicos, vai ser uma correria para lançar o material a tempo.

Começaremos a gravar em alguns dias, aqui mesmo no Brasil. Depois partiremos para as gravações em outros países.

Vamos ter tempo suficiente para resolver situações específicas relacionadas a vistos de trabalho para alguns membros da equipe (como eu). Até então eu mal sabia que nada seria capaz de me preparar para o que eu enfrentaria nas semanas seguintes. E que tudo aquilo me mudaria profundamente, para sempre.

À noite vou até ao apartamento da dona Joana. Preciso estar amanhã bem cedo no escritório para o primeiro dia de gravações e por conta da correria provavelmente não a verei antes de viajar para fora do País. Alguns segundos depois, ouço o barulho das chaves abrindo a porta, e logo vejo a simpática velhinha num robe florido, segurando uma xícara de café.

– Boa noite, meu filho, tá tudo bem? Entra aí...

– Boa noite, dona Joana, tudo bem sim. Desculpe a hora... Não vou entrar, já está tarde. Vim aqui para te avisar que vou viajar um pouco nas próximas semanas, por causa do meu novo trabalho.

– Você conseguiu um trabalho! Parabéns! – ela me interrompe, animada.

– Consegui sim, muito bom, não é? – retomo. Aí vou transferir o aluguel direto para a sua conta, tudo bem?

– Claro, meu filho! Já viu a questão do condomínio com o síndico?

– Não precisa se preocupar, eu vejo com ele. Aí vou deixar uma chave reserva com a senhora, caso aconteça alguma coisa. Aqui o número do meu celular, que é whats também, e o meu e-mail, em todo o caso.

– Fico feliz que você arrumou um trabalho bom. Que Deus te acompanhe! Vou sentir sua falta!

– Obrigado, dona Joana!

Despeço-me e volto para o meu cantinho, a espera de uma boa noite de sono que me prepare para o novo dia que logo virá.

Capítulo 02

São Paulo, Brasil

Descendo pelo elevador já começo a relembrar mentalmente quais são as prioridades do dia.

Segundo o que foi repassado para a equipe, vamos conversar com familiares de algumas das vítimas de um acidente de avião que aconteceu no Brasil há alguns anos. A bordo de um Boeing que ia para a Europa, 237 pessoas desapareceram no oceano, numa das maiores tragédias do país. Gente que ia viajar, gente que voltava para casa. Alguns a trabalho, outros finalmente tirando férias.

A todos, o mesmo destino aguardava, ainda que nenhum deles soubesse, quando afivelaram os cintos naquela noite de outono. Somente quatro anos depois a maior parte dos destroços foi encontrada, bem como a caixa preta. E, assim, a investigação foi concluída. Mesmo tanto tempo depois, quase um terço dos corpos continua enterrado no mar. E, a esta altura, os familiares sabem que provavelmente os corpos nunca mais serão encontrados. E fica o luto vazio, sem respostas.

Este primeiro caso servirá de base para o que enfrentaremos a seguir. Por isto a primeira história será filmada no país de origem do grupo – um ambiente mais familiar. Desta maneira poderão ser feitos ajustes de ritmo, agenda e outros detalhes. Como nos foi repassado, até que seja colocado em prática, um planejamento – não importa o quão bem feito tenha sido – reserva algumas surpresas e pode precisar de algumas adaptações.

Chego na empresa e fico esperando o restante da equipe chegar. Algumas pessoas já estão dentro da sala de reuniões, acomodados ao redor de uma mesa escura enorme. Todas as paredes são de vidro, mas apesar de ver a movimentação lá de dentro, não faço ideia do assunto que eles estão conversando. Só vejo sorrisos, gestos frenéticos e ouço um murmúrio.

Confesso que, apesar de toda a preparação e desejo que tive de viver este momento, agora que estou aqui não sei muito bem como agir. Atravesso o hall com sofás, uma máquina de café e um bebedouro, a caminho da sala de reuniões. Sinto um medo estranho de ser descoberto, de colocar em risco a missão ou algo desse tipo. Diferente do que já estou acostumado, aqui as aparências enganam. Queria poder saber logo de cara quem são as pessoas mais confiáveis, quem deles será um bom amigo.

– Olá, fotógrafo! Tudo bem? Acho que não nos apresentamos ainda. Sou a Maria Eduarda, mas pode me chamar de Madú. E você, é o...?

Enquanto ela fala e sorri, seus olhos escuros ficam grudados nos meus. Ela me era familiar, tínhamos nos esbarrado algumas vezes nos encontros anteriores, mas é a primeira vez que nos falamos.

– Calebe, muito prazer. – respondo enquanto ela, de surpresa, me dá um beijo no rosto.

– Animado para pôr o pé na estrada? Já trabalhei em equipes de produção antes, mas é a primeira vez que estou num documentário tão grande. E você?

– Estou animado, e é a minha primeira vez em algo assim também. – respondo.

Quando estamos a dois passos de entrar na sala de reuniões, de lá de dentro vem alguém que chama o nome da minha mais nova conhecida.

– Madú, quanto tempo! Que bom te ver por aqui, isso quer dizer que minha indicação deu certo! Vem cá, me dá um abraço, mulher!

– Júlio, então você é o culpado? Nem sei como agradecer... – ela responde enquanto se abraçam.

E assim, do mesmo jeito que ela apareceu, ela some de vista conversando animada de braços dados com quem parece se chamar Júlio e eu fico novamente sozinho. Dentro de alguns minutos Clarisse, a diretora do documentário, deve chegar e nos direcionar melhor. Entro na sala e sou cumprimentado pelo grupo, sento-me e observo.

Enquanto espero, Rui, o psicólogo que acompanhará a equipe, senta-se ao meu lado e começamos a conversar. Acredito que ele está se aproximando de todos aqui para criar um necessário laço de confiança. Ele me disse que havia decidido tirar um ano sabático, mas recebeu a proposta e não conseguiu resistir. “De qualquer maneira, estarei de folga do consultório e vou viajar pelo mundo, então não estou tão longe do que eu planejei”, ele confessou. Somos interrompidos por alguém da equipe, que precisa resolver algo com Rui.

Enquanto os dois saem pelo corredor, ouço meu nome ser chamado por uma voz conhecida. Tomás, um dos cinegrafistas. Um cara legal, mas está passando por uma fase difícil por causa do divórcio. Acho que ele não tem muitos amigos, já que em duas ou três conversas eu ouvi desabafos e histórias de sua vida. Ele se aproxima segurando um copo com café e ele me convida para conversarmos lá fora.

– Você acha que está bem até que encontra a pessoa de novo, e ela parece estar melhor do que nunca, sabe? – ele desabafa sobre o encontro com a ex-esposa enquanto nós andamos pelos corredores. – Hoje assinamos os papéis, finalmente. Tudo acabado. Quando aceitei vir para a equipe do documentário foi meio que por impulso, mas agora vejo que foi a melhor coisa que fiz. Vou poder dar um tempo, respirar e esquecer. Não é fácil ver a mulher que você achou que veria envelhecer simplesmente ir embora com outro alguém. – ele termina a frase com um suspiro profundo. – Desculpe o desabafo. Normalmente não sou assim tão reclamão. Mas a gente conversou no outro dia, e você parece ser um cara legal.

– Não se preocupe, Tomás. Ninguém deveria pedir desculpas por estar triste com algum problema. É natural, certo? Hoje você está abalado, mas logo encontrará o seu caminho e vai conseguir reconstruir a sua história.

– Obrigado pelas palavras, Calebe. – Ele vê Clarisse chegando e emenda: espero que ela seja uma boa chefe! Pontual ao menos parece que não é. Afinal, há quanto tempo que a gente está esperando por aqui?

É estranho como ele simplesmente tenta mudar de assunto. Enquanto ele bate em meu ombro com um sorriso no rosto,

penso nesta minha primeira experiência de confortar alguém. Divórcio. Até ele ter me contado que ele tinha se separado da esposa, eu nunca tinha pensado que isso era possível. Queria poder conversar sobre isso com o Ariel agora, descobrir o quanto isso é comum por aqui e saber a opinião dele sobre o assunto.

Em Lundi, casamentos são ligados por um vínculo que jamais será quebrado. Marido e mulher são parceiros para a vida. Apesar de ser um costume importante, nem todos de nós se casa – e não vemos isso como um problema. Pelo contrário: cada um tem a liberdade de construir o seu caminho como preferir. Afinal, o casamento só é realizado quando dois seres se encontram e enxergam um no outro algo que, de alguma maneira, o restante do Universo não pode oferecer.

Eu ainda não consigo me ver compartilhando a vida com alguém que me complete de uma maneira assim tão única. Além disso, como cresci com o sonho de um dia conhecer o Planeta Terra, sabia que isso só aconteceria se eu estivesse solteiro. Apaixonado pelo Universo, tinha tantas dúvidas e questionamentos sobre esse pontinho azul da Via Láctea e só estaria satisfeito quando estivesse pisando neste chão, respirando este ar.

No final das contas, vivi imerso estudando sobre esta cultura e nunca tive tempo para abrir os olhos para encontrar uma mulher que fosse minha companheira. Construir uma família estava fora de cogitação, ao menos enquanto o meu sonho não fosse realizado. São as inquietações dentro de mim, tanto a se viver... Mas, como gosto de dizer, um dia de cada vez. Não me faltaram sugestões da minha família (meus pais adorariam ver o filho ficar mais tempo no próprio planeta, eu sei), mas todas as coisas acontecem no tempo certo. De qualquer maneira, enquanto estou aqui, que as questões daqui ocupem a minha mente.

Alguém nos chama de volta à sala de reuniões e Clarisse cumprimenta todos. Em seguida, ela começa a descrever como serão os nossos próximos dias.

– Em primeiro lugar, me desculpem pelo atraso. Não se acostumem, por que sempre seremos pontuais. Como vocês sabem, há alguns anos um terrível acidente aéreo sem

sobreviventes chocou o Brasil. O fato do avião ter caído no mar fez com que o drama se arrastasse por anos para algumas famílias. Nas primeiras semanas foram encontrados destroços do avião e partes de corpos. Mas o tempo passou e, até hoje, mais de 50 famílias lidam com o vazio de uma esperança que foi morta pelo luto e pela realidade de que, mesmo sem ter sido encontrados, nenhum dos passageiros sobreviveu à queda.

– Preciso que vocês tenham algumas coisas em mente – ela continua. – a primeira é que durante as gravações, apenas o Rui conversará com os entrevistados. Claro que vocês poderão trocar uma palavra ou outra com eles, mas nada sobre nosso tema ou que de alguma maneira seja relacionado à história. Segunda, para que este documentário funcione, preciso confiar que cada um de vocês fará sua parte. Se ninguém precisar se preocupar com o trabalho do outro, com certeza tudo será muito melhor. Terceira e última: nós vamos conviver de uma maneira muito próxima nos próximos meses. Eu sei que alguns não se conheciam e outros já trabalharam juntos. Veremos tragédias, escutaremos histórias de dor. Então eu peço se esforcem para que o relacionamento entre vocês seja o melhor possível. E sempre que precisarem o Rui estará à disposição para conversar com vocês. Alguma dúvida?

A reunião continua com as dúvidas sendo esclarecidas pela Clarisse, até que ela encerra e almoçamos num restaurante próximo. De lá, vamos para a casa de um casal que perdeu o filho e a nora na viagem. No carro é inevitável que entre uma conversa e outra o assunto venha à tona.

– Pais nunca deveriam ter que enterrar seus filhos... – Tomás, desabafa, assentado ao meu lado na van.

– E filhos não deveriam enterrar os pais, Madu emenda num tom melancólico.

A verdade é que ninguém deveria perder ninguém. Não sei o que é isso. Afinal de contas, os filhos da Guerra são os únicos a sofrerem deste mal.

Todo o restante do Universo contempla, pasmo, o drama, a dor, a miséria, o sofrimento deste lugar, que é palco de algo muito maior do que ele mesmo. E cá estou eu, sem saber se serei capaz de entender ou se serei digno de fazer um relatório à altura do

combate que se desenrola. No começo, achei que o período que iria passar aqui era longo demais, mas agora me pergunto se será o suficiente.

A conversa continua enquanto reparo a vizinhança. Estamos num bairro nobre e chegamos a uma casa cercada por um muro branco enorme, que esconde uma espécie de jardim. Enquanto um grande portão verde escuro é aberto, observo o ambiente.

Lá em Lundi temos jardins de todos os tipos, mas eles são mais coloridos e nunca são murados. Eu gosto de árvores, flores e plantas. Cresci em uma casa cercada por uma infinidade de flores cultivadas pela minha mãe e ao lado de um pomar comunitário maravilhoso, com muitas frutas deliciosas e árvores que traziam muita diversão para um bando de crianças. Só de lembrar daqueles sabores e cheiros já sinto saudades de casa...

– Calebe? – viro o pescoço e vejo que Clarisse me chama.

– Oi, Clarisse, pois não?

– Esta aqui é a Madú, acho que vocês já se conheceram. Como ela está responsável por uma parte super importante do nosso Making Off e você fará as fotos que estarão na exposição de estreia, acho que seria interessante se vocês trabalhassem juntos. – ela fala já saindo enquanto chama outra pessoa.

– Bem, oi de novo então, Calebe!

– Oi de novo, Madú! – confesso que é estranho usar um apelido para chamar alguém que eu mal conheço. Mas acho que se eu a chamar de Maria Eduarda seria pior ainda, já que não quero soar formal.

– Oi, Calebe! Nem conversamos direito naquela hora, né? Bem... Vou fazer alguns vídeos da montagem do cenário, maquiagem e depois quero pegar alguns cortes e saída. Se precisar de alguma ajuda me avisa. E se você tirar alguma foto interessante para nossas redes sociais, me passa! Devo editar alguns arquivos e agendar posts no final do dia.

– Combinado! – respondo enquanto abro minha mochila e decido por onde começar. Vejo que Madú já se esgueira por um dos cantos com sua câmera em mãos.

Olho para o lado e vejo um senhor assentado em um sofá, que silencioso observa a movimentação. Tento ser discreto ao apontar minha lente para o seu rosto, já que não quero que ele me perceba. Ele tem um olhar triste, envolto por marcas de expressão – ou rugas, se você preferir.

Me lembro bem do meu primeiro dia aqui, quando vi uma pessoa velha pela primeira vez. Foi uma sensação estranha. Marcas no rosto, nas mãos, o corpo flácido, cabelos brancos, passos lentos... No começo, via estes sinais como marcas da morte. Era algo meu, nunca cheguei a dizer isso em voz alta. Vendo alguém assim eu sentia que de alguma forma estava vendo a morte acontecer aos poucos. Mas hoje começo a pensar que, na verdade, são marcas de vida. Dona Joana e nossas conversas talvez seja uma das responsáveis por minha mudança de opinião. De uma maneira meio louca, controversa, para quem vive no Planeta Terra, envelhecer é, de certa forma, uma dádiva. Significa que você venceu, que você foi forte, e se for sortudo, irá morrer velhinho, quando o sono da noite se confundir com o sono da morte.

Como eu poderia entender este conceito sem ter vindo aqui, sem ver com que admirável força estes seres humanos enfrentam a vida que lhes é entregue? Ouso acreditar que vou começar a entender o motivo de o Divino ter uma relação tão especial com esse Planeta. Como um filho que sai de casa, eles precisam do Amor muito mais do que qualquer outro ser do Universo poderia desejar. Suas vidas, tão destituídas do que é Eterno, tão perdidas no vazio de incertezas...

Ao mesmo tempo, não posso ignorar o fato de que esta é a realidade que eles sempre conheceram. Eles nascem e crescem aqui, e pouco ou nada sabem do mundo que gira lá fora, das dimensões que sustentam o equilíbrio da vida. De tudo o que foi perdido naquele Jardim. É desconcertante saber que grande parte dos terráqueos é cética em relação à própria origem. Preferem viver envoltos na escuridão de uma caverna a arriscar-se lá fora, descobrindo o que a luz tem a oferecer. O que me resta é observar e, quem sabe, influenciar positivamente ao menos uma pessoa que cruzar o meu caminho.

Volto meus pensamentos ao casal que entrevistaremos. Paulo e Ísis. Ela, já acomodada num imponente sofá verde de dois lugares em uma das salas, é preparada por um membro da equipe enquanto o lugar vai sendo tomado por luzes, fios e câmeras. Ele, agora em pé, parece perdido, ao lado de uma enorme janela de madeira, com o olhar fixo em algum lugar do jardim. Mais alguns instantes e ele vai até o sofá e senta-se ao lado da esposa. Rui então conversa com os dois, talvez repassando o roteiro. Logo todos fazem silêncio, começa a gravação, e ouço aquele casal contar sua história de dor.

– Éramos muito unidos, sabe? Claro que tínhamos nossas discussões, mas eu acho que vivíamos uma felicidade acima da média. Ela era uma nora muito amada, e me tratava como a uma mãe. – Ísis chega a esboçar um sorriso, mas logo fica em silêncio.

– Sílvia era um filho maravilhoso. Conheceu a Luciana na faculdade de Engenharia. Logo se apaixonaram e casaram-se. O sonho dela sempre foi conhecer a Europa, mas ela nunca tinha tido condições financeiras para isso. Depois do casamento, procuramos o Sílvia e contamos pra ele que íamos dar uma viagem de presente para os dois. Era só escolherem a data. Olhando para trás, repasso aquele dia, aquele momento, e não consigo evitar... É difícil não pensar que se não fosse o nosso presente, eles... ainda estariam aqui. – Com a voz embargada, Paulo enxuga os olhos com um lenço branco.

Mesmo sabendo que é inevitável para eles pensarem assim, sei que seria impossível prever uma tragédia dessas. E se, no final das contas, os dois tivessem morrido de outra forma e os pais sempre pensassem na viagem que nunca puderam dar de presente?

Deixar-se levar pelo passado é uma das maneiras de envolver os pensamentos e sentimentos numa dor profunda e sem sentido. Penso que poucas coisas devem ser tão doloridas quanto o questionamento sobre como poderia ter sido, o que poderia ter acontecido. Alheios ao que acontece em uma dimensão que não conseguem perceber, os terráqueos acabam correndo o sério risco de continuarem fazendo as perguntas erradas.

– Eles estavam tão felizes, sabe? Tinham uma vida toda pela frente... Deixamos os dois no aeroporto e voltamos para casa com um sorriso no rosto. Geralmente não dormimos muito tarde, mas naquele domingo resolvemos pedir alguma coisa para comer e, enquanto isso, ficamos assistindo um filme que estava passando na TV a cabo. – ela conta.

– Foi quando nos ligaram, – ele emenda – informando que o avião tinha sumido dos radares e que ainda não havia mais informações. A moça chegou a informar a região onde o avião estava quando a torre fez o último contato. Desliguei o telefone. Sem saber como dar a notícia, olhei para Ísis, que tinha os olhos grudados na televisão.

– Quando ele me contou, eu comecei a chorar, chorar muito. Eu me lembro que ele me abraçou, tentou me consolar e abriu o notebook que ficava bem ali, naquela mesa. – ela aponta com o dedo enquanto uma lágrima teimosa escapole no canto do olho esquerdo. – E nós passamos as horas seguintes tentando achar alguma ilha, algum lugar onde eles poderiam estar seguros, quem sabe, esperando o resgate. Meu coração de mãe não queria acreditar que o meu filho partiria assim, sem ao menos um adeus.

– No meio da madrugada achamos melhor descansar um pouco, e durante o dia continuaríamos em busca de respostas. Minha esposa estava cheia de esperanças... Eu não queria pensar muito nas possibilidades, só queria conseguir o máximo de informações. – ele para alguns segundos, respira fundo, e continua a falar pausadamente, com os olhos perdidos, como se não houvesse mais câmera, nem estivéssemos lá. – No dia seguinte alguns amigos e parentes vieram para cá, e nossa filha mais nova veio de Blumenau. Em menos de 24 horas os primeiros destroços já começaram a ser encontrados e, com eles, nosso coração ia sendo cada vez mais dilacerado, destroçado. A companhia aérea fez várias reuniões com os familiares, sempre trazendo informações. Em um dado momento, eu cheguei a sentir pena daquelas pessoas que vinham sempre com más notícias. Se era difícil para nós, também estava sendo para eles, que precisavam lidar com aquele número de pessoas em luto desesperado.

Ele olha para Ísis, recebendo um olhar que parece dizer muito. Ela aperta a mão do esposo e continua:

– Eu me lembro do exato momento em que tudo desabou para mim. Eu ainda não queria soltar a mão daquela esperança de ainda encontrar meu filho e minha nora, vivos de novo, sabe? Daí, menos de uma semana depois, eles disseram que os primeiros corpos estavam sendo retirados do mar. Grande parte precisaria de exames de DNA que confirmassem a identidade. Aquilo me atingiu como um furacão. – a voz dela começa a sair com mais dificuldade, e lágrimas escorrem sem impedimento, molhando o seu rosto. – Tudo começou girar à minha volta e só lembro de acordar em casa algumas horas depois. Era isso. O avião tinha caído, chance mínima de sobreviventes. Meu filho nunca mais voltaria pra casa...

Ela esconde o rosto no peito dele enquanto ele a consola, passando a mão gentilmente em seus cabelos. Alguém traz água. Rui anuncia uma pausa nas gravações e pede que a equipe dê uma volta. Da porta, tiro uma foto dos três e saio, para dar privacidade à conversa.

Enquanto ouvia, era como se um nó apertasse o meu peito, dificultando a minha respiração. Penso em como será difícil passar adiante tudo o que eu estou vivendo e presenciando aqui. Estou neste mundo há tão pouco tempo e já percebo um abismo entre quem estou me tornando aqui e o antigo eu que saiu de Lundi.

– Posso ver o que você tem de bom aí? – Madú aproxima-se de mim, mas de alguma forma parece que ela está diferente. Apesar do sorriso, sinto que alguma coisa abalou um pouco a empolgação do começo do dia.

– Claro! Olha aqui... Falo, enquanto mostro alguma coisa pelo visor da câmera. – O que você achou?

– Nossa, Calebe, seu olhar é privilegiado. Você está conseguindo captar tudo de uma maneira muito especial. Pelo jeito não é à toa que você foi escolhido pra vir pra cá. – ela continua com um sorriso que não condiz com os olhos tristes. Quero perguntar, mas sei que, ao mesmo tempo, pode ser muito cedo para uma conversa que vá além das trivialidades. Sou salvo por uma mulher que chega com uns petiscos nas mãos.

– Nem parece que a gente almoçou agorinha! Esse trabalho me mata de fome... Acho que ainda viro uma bolinha por causa dessa vida. Aceitam? – ela fala enquanto oferece algumas comidas que ainda não conheço. Recuso com um gesto.

– Brigada, mas não, Lú. – Madú também recusa.

– Hum, e quem é o seu amigo silencioso, Madú? Não vai me apresentar?

– Eu sou o Calebe, muito... – Me apresento estendendo a mão mas logo já me vejo recebendo dois beijos no rosto da moça de olhos azuis.

– Sou a Lú! Você é de onde, Calebe? É a primeira vez que te vejo trabalhando nesta equipe...

– Moro aqui em SP mesmo! Você já trabalhou com esse pessoal muitas vezes então? – respondo numa tentativa de mudarmos o foco da conversa.

– Esta é a terceira vez, mas este projeto é maior do que os outros dois. Estou bem animada!

Conversamos mais um pouco e logo voltamos para a última parte das gravações daquele dia. Ouço o final daquela história tão triste, em que o vazio agora toma o lugar de duas pessoas que foram tão amadas.

Chego em casa já quase na hora de dormir, e vejo Ariel me esperando sentando no meu sofá.

– Dia difícil? – Ele me cumprimenta solidário.

– Nem me fale... Quer beber alguma coisa? – pergunto já rindo de mim mesmo antes de terminar a minha frase. Provavelmente Ariel já teria comido e bebido num lugar muito melhor e não estaria interessado em nada da minha geladeira.

– Não, mas obrigado mesmo assim.

– Como você se sentiu quando soube que seria um anjo relator aqui no Planeta Terra?

– Por quê?

– Não me entenda mal. Eu sempre quis fazer o que estou fazendo agora. Mas é que... está sendo mais difícil do que eu imaginava. E, além disso, estou com saudades de casa. Da comida

de lá. Das pessoas. Das conversas. Dos sorrisos e de uma vida sem lágrimas.

– Às vezes aqui pode ser um lugar complicado. Respondendo à sua pergunta, eu fiquei animado, mas demorei para me acostumar. Era difícil não poder interferir. Você ao menos interage com eles.

– Será que vou dar conta, Ariel?

– Se você está aqui, é por que era o mais indicado para a missão. Mantenha os olhos fixos no seu objetivo e no bem maior. Pense na Guerra. Pense em tudo o que você poderá reportar sobre o que está acontecendo aqui. E, além disso, seja menos exigente com os Filhos da Guerra. Você vai ter outros dias difíceis, mas também terá dias de sorrisos e de sol. Não desanime.

– Mais uma vez, você está certo. Como consegue ver as coisas deste jeito?

– Eu, como todos os outros anjos, chorei quando o casal foi expulso do Jardim. Mas com o passar do tempo, vendo a humanidade cada vez mais longe do Eterno, não entendíamos mais o sentido de tudo aquilo. Mas... quando vimos o Divino como um deles, começamos a olhar para os caídos de uma maneira diferente. ELE nos ajudou a amá-los de um jeito especial. E, além disso, depois de acompanhar um deles por quase um século, seria impossível não ser empático às suas dores.

Continuamos conversando até que me dou conta de que preciso dormir. Saio bem cedo no outro dia. Ariel vai embora e me deixa matutando com meus próprios pensamentos, até que consigo finalmente descansar.

No dia seguinte gravamos a história de um homem que perdeu a esposa e o filho no acidente. O entrevistado de hoje nos espera em seu escritório no centro da cidade. Ele conta que a família estava viajando de férias para a Europa. Como de costume, eles foram em voos separados – desta vez ela com o filho e ele com a filha. O reencontro aconteceria no Velho Continente, mas o infortúnio levou embora metade da família. Ele só soube o que aconteceu horas depois, quando já tinha aterrissado e aguardava os

dois no aeroporto, com malas que só seriam desfeitas de volta no Brasil.

As duas histórias me deixaram exausto emocionalmente. Daqui a dois dias teremos uma dinâmica de grupo com nosso psicólogo Rui e em seguida uma pausa de duas semanas até voltarmos a gravar. Durante este período poderemos resolver pendências e comprar o que for preciso para a viagem. Mal vejo a hora para conhecer mais deste Planeta.

Em Julho de 2009 uma aeronave com 228 passageiros, que saía do Rio de Janeiro com destino a Paris, caiu no meio do Oceano Atlântico sem deixar sobreviventes. A tragédia comoveu milhões de pessoas que acompanharam o desenrolar da história durante meses. No relatório final, a causa do acidente foi atribuída a um conjunto fatal de elementos, entre falhas técnicas, erro humano, mau tempo, entre outros. Ainda segundo o relatório, os passageiros não tiveram consciência da queda e provavelmente a maioria estava dormindo quando o avião caiu no mar. Nenhuma das histórias deste capítulo é baseada em personagens reais.

Capítulo 03

Mykonos, Grécia

– Como você está, Calebe?
– Não muito bem... (respondo e me espanto ao ver que ela sorri). Por que você está sorrindo?

– Você é um cara muito atípico, não há dúvidas.

– Só por não estar bem?

– Não, ela me responde com um leve sorriso no rosto. Todos nós muitas vezes não estamos bem, mas poucos têm a coragem de assumir. Deixa pra lá... Enfim, quer conversar?

– Por mais que eu tente, não consigo tirar o rosto daquela criança da minha mente, Madu. Nunca tinha sentido isto antes. Na verdade... Eu nunca tinha chorado antes. É estranho me sentir assim. – *Por mais difícil que seja falar sobre isso, é curioso como dizer esta verdade me traz uma sensação de alívio. Aos poucos conheço mais o que é ser um alguém daqui. Ao mesmo tempo, tenho medo de ter falado demais, de me abrir demais.*

– Não há problema nenhum nisso, Calebe. Imagino como deve ter sido difícil para você. E eu sei que dizem que homens não choram, mas tive um professor que sempre dizia que homens choram sim, e é o que nos diferencia das máquinas e dos monstros. Bem, vou te deixar sozinho um pouco.

Ela termina de falar e sai, como se tivesse falado a coisa mais simples do Universo. Como assim os homens não choram? Queria perguntar, queria conversar mais, dizer de onde venho, como estou me sentindo de verdade e falar desse turbilhão que é a minha mente por agora. Mas não posso. Não posso e não devo. E assim, eu a deixo ir e fico só, mergulhado em meu próprio silêncio.

Estou neste Planeta há poucas semanas e já vi muito mais do que achei que poderia suportar. E o pior é que não há nada que me faça acreditar que os dias que virão serão mais simples ou menos desafiadoras do que os que já foram. Sinto falta das cores, dos sabores, dos dias em que eu vivia envolto por uma perfeita paz.

Quero descansar, mas não consigo. Ainda ouço o choro, ainda sinto aquela criança em meus braços...

36 horas antes

Disseram-me que hoje verei uma das praias mais bonitas de todos os continentes. O Mar Egeu com suas águas azuis esconde verdadeiros tesouros. Claro que os mares daqui não se comparam com os de minha terra natal – mas eu seria um tolo se não soubesse apreciar a beleza deste lugar. Como um apaixonado pela natureza, vou ter muito a descobrir. Ainda não tive a oportunidade de tomar um banho de mar, algo que eu fazia com frequência em Lundi. Lá, nós temos arraigado em nossa cultura o costume de estar sempre em contato com a natureza. Afinal, somos facetas diferentes de um único prisma, uma única e grandiosa criação.

A Grécia é o berço de uma das civilizações mais antigas e importantes da humanidade. Aqui viveram pessoas emblemáticas, como Sócrates e Alexandre, o Grande. Ao aprender a história desse povo eu sinto que posso entender um pouco mais sobre a civilização ocidental como um todo. Costumes, práticas, particularidades. Cheguei a ler alguma coisa sobre a mitologia grega, o conjunto de crenças e mitos que influenciaram gerações. É curioso como muitas dessas histórias têm várias coisas em comum com o que está descrito na Bíblia. É como se elas fossem uma sombra de verdades que foram perdidas ao longo dos séculos.

Confesso que gostaria de ter a liberdade de fazer meu próprio itinerário por aqui. Estou curioso para percorrer as ruas, ouvir as pessoas, sentir os cheiros e sabores locais. Queria poder ir para outras ilhas e também ficar em Atenas por mais tempo – e não apenas durante as poucas horas de conexão. Mas sigo o combinado e me resigno a aproveitar o possível dentro do que está agendado. Se eu conseguir um momento de liberdade em que eu não esteja completamente exausto do trabalho, vou ao menos dar uma volta pela cidade.

Chegamos em uma pequena ilha grega, Mykonos. Pelo que pesquisei e que também já vejo do avião o lugar é

deslumbrante. Não é à toa um dos destinos mais populares da Grécia. Daqui sairemos de barco para outra ilha e lá embarcaremos num navio. Por enquanto, me contento em ouvir o piloto falar, em um inglês quase incompreensível, que daqui a pouco vamos aterrisar.

É engraçado olhar para o lado e ver os olhos investigadores da minha vizinha de poltrona. Ela ficou com o corredor, eu a janela. “Minha bexiga é menor que a sua”, foi a desculpa. Mas desconfio que o medo de alturas faz com que ela não se simpatize com a ideia de ficar do lado de cá. Não tem problema: eu gosto de olhar as nuvens e observar a paisagem em miniatura, lá embaixo.

– Você e seus sorrisos misteriosos... O que passa por essa cabecinha, hein? – Madú tem maneiras curiosas de puxar uma conversa. E assim, com aquela cara sonolenta, ela interrompe os meus devaneios.

Até agora, ela é uma das pessoas com quem tenho desenvolvido mais afinidade entre os membros da equipe. Quase sempre estamos juntos, principalmente por causa das nossas funções, o que acabou involuntariamente nos aproximando. Ainda bem, eu acho. Mesmo que muitas vezes envolta em palavras cétricas até mesmo frias, acredito que ela tenha um bom coração.

Desço do avião otimista. O nosso hotel não fica muito longe do aeroporto, e como chegamos um pouco depois do horário do almoço só consigo pensar em comida.

– Pessoal, a van está nos esperando na saída para nos levar direto para o hotel. De lá vocês poderão sair para almoçar e terão a tarde livre. Preparem-se, amanhã o dia vai ser cheio. Alguma pergunta?

Por alguns instantes, Clarisse, uma das produtoras, encara o grupo de famintos. Nenhuma pergunta, voltamos a esperar nossas malas.

– A gente poderia almoçar juntos, que tal? – ela me convida.

– Claro! Eu estava pensando em dar uma volta e conhecer um pouco da cidade. Se você quiser ir junto...

– Acredita que eu pensei a mesma coisa, Calebe? Vai ser ótimo! Você já sabe quem vai ser o seu colega de quarto?

– Ainda não. Você?

– Também não. Só espero que não ronque!

Roncar, uma nova palavra para procurar no dicionário. Ela falou com tanta naturalidade que achei melhor não perguntar o que seria isso. Discretamente faço uma pesquisa no aplicativo em meu celular. Logo estou torcendo para que o meu colega de quarto também não vá roncar.

Trinta minutos depois, já na recepção do hotel, descubro que vou dividir o quarto com Tomás, um dos cinegrafistas. Descubro que ele é extremamente organizado e divide suas roupas por cores (o que não é tão difícil assim, se você perceber que ele quase sempre está de jeans escuro e camiseta preta). Ele também gosta de usar óculos escuros, desses com lentes um pouco coloridas. Mas, ironicamente, a maior parte do tempo os óculos dele estão pendurados em seu pescoço por uma cordinha preta.

Ah, eu nunca tinha visto ninguém usar nenhum tipo de óculos até vir para cá. Como não temos problemas de saúde lá em Lundi, não temos necessidade de nenhum ajuste ocular. E nossas retinas suportam perfeitamente a claridade e os raios UV do nosso astro, ao contrário do que acontece com as pessoas e o Sol. Ou seja, sem óculos de grau ou escuros. Mas até achei interessante a invenção.

– Tomás, eu e a Madú vamos comer alguma coisa e depois andar pela cidade. Você quer ir com a gente? – pergunto, depois de sair do banho.

– Valeu, cara, mas só consigo pensar em dormir. Vou pedir alguma coisa aqui mesmo e depois descansar. Talvez à noite eu saia pra beber alguma coisa. Fica pra próxima, ele me responde, já de roupão e chinelos.

Tudo bem, seremos só nós dois então. Termino de me arrumar, desço e, para minha surpresa, Madú está lá embaixo me esperando. Comigo, alguns nomes de restaurantes próximos. Ela parece distraída, mas já abre um sorriso quando me vê.

– É a minha primeira vez na Grécia. E você?, ela me pergunta enquanto já coloca o braço pendurado no meu. Sinto um

pouco de desconforto, mas ao mesmo tempo ela parece estar tão feliz e relaxada... Por que não?

– A minha também. E estou adorando!

– Então vamos sair para explorar juntos! Estou animada e faminta!

Como praticamente todas as construções daqui, o hotel também é branco com detalhes azuis. Saímos pela porta lateral e descemos alguns degraus até uma calçada de pedras. Por um instante esquecemos da fome e ficamos contemplando, em silêncio, um mar azul emoldurado à direita por construções antigas e estranhamente alinhadas. Logo adiante vemos um café pequeno e decidimos entrar. Opções e preços do cardápio aprovados e decidimos ficar. Nosso pedido não demora a chegar, para nosso alívio. Ela já começa a comer o lanche, com o molho escorrendo pelo guardanapo.

– Ali atrás tem um lugar que aluga bicicletas. Você anima de sair pedalando por aí comigo?, pergunto, já torcendo para ter companhia.

– Claro! Mas já vou avisando que não sou do tipo esportista, então você vai ter que me prometer que vai acompanhar o meu ritmo.

– Combinado.

Acabamos alugando uma scooter e saímos para desbravar as ruas estreitas da ilha, cheias de curvas e pequenos muros de pedra. Quem sugeriu foi o rapaz da locadora, que disse que por causa dos morros, quem não está acostumado à geografia local não consegue ir muito longe.

Ótimo conselho: vamos mais rápido e ao mesmo tempo podemos aproveitar melhor. A sensação é a de que todas essas casas, essas construções, estão aqui desde sempre. Tudo parece tão conectado, num equilíbrio tão perfeito, que é como se estivéssemos numa dimensão diferente. Estou impressionado com a diversidade cultural deste mundo. Eu não achava que veria lugares assim. Estava enganado... É inegável ser possível encontrar beleza nestas ruelas pitorescas.

Diferente daqui, na região onde vivo a maior parte das ruas é larga, cuidadosamente pavimentada e planejada. Também não

temos extremos – morros e abismos, como aqui.

O vento contrário bate em meu rosto enquanto Madú envolve minha cintura com seus braços. Às vezes vem um carro na direção contrária e eu reduzo, ou até paro. Continuamos nos enveredando até decidirmos encostar a scooter e sair caminhando até a praia. Nenhum dos dois trouxe roupa de banho, então nos resignamos a entrar um pouco, até que a água alcance a altura dos joelhos. O mar é tão limpo que conseguimos ver os nossos pés. A temperatura é agradável, e logo voltamos para caminhar um pouco nas areias escuras e sentamos numa pedra. E ali ficamos, por alguns instantes, em silêncio, contemplando a imensidão azul.

– Por que você se candidatou para trabalhar neste documentário? Ou alguém te indicou?, ela me pergunta enquanto tira uma mecha teimosa do rosto e a coloca atrás da orelha.

– Bem, eu precisava de um emprego, e de preferência algum que me fizesse ver o mundo, respondo com o máximo de sinceridade que tenho a oferecer neste momento. E você?

– Um amigo me indicou. E as coisas aconteceram no melhor momento possível, por que tudo o que eu mais queria neste mundo era desaparecer de onde eu estava por uns dias. No final das contas, vou desaparecer por algumas semanas.

– Parece que boa parte da equipe já trabalhou junto antes, né?

– Ah sim, a Clarisse está no terceiro documentário e tem fama de manter sempre os melhores. Espero que eu esteja incluída no próximo! E você também, né?

Neste momento me dou conta que por algumas horas eu tinha me esquecido que eu estou apenas temporariamente por aqui. Não haverá próximo documentário, ou ano que vem. É o meu novo paradoxo: vim de um lugar muito melhor, mas uma estranha energia me faz querer, ao menos um pouco, ficar. E percebo que preciso me esforçar para não perder o foco. Não me acostumar ao ponto de me esquecer quem eu sou, de onde eu vim, e por que eu estou aqui.

– Falei alguma coisa errada?

– Não, claro que não...

– É que de repente você pareceu mudar, ir pra longe daqui...

– Você não imagina o quão longe, aposto. Arrisco uma brincadeira para tirar um sorriso, mas o resultado é inverso.

– E eu preciso aprender a esquecer, ela me conta com os olhos encarando o chão.

– Quer falar sobre isso?

– Um pouco antes de ser chamada para vir trabalhar aqui, eu perdi meus pais num acidente de carro. Meu mundo caiu. Imagina uma coisa dessas! Não é certo alguém ir embora sem se despedir. Mergulhei em uma tristeza que nunca tinha sentido antes. E achei que nunca conseguiria sair. E hoje estou aqui, pés molhados com a água do mar Egeu, conversando com alguém que praticamente acabei de conhecer. Quem diria? – depois de uma pausa ela me olha nos olhos e completa: – Você faça-me o favor de ser uma boa companhia, combinado?

– Nossa, Madú, sinto muito por isso. Não sei muito bem o que dizê...

– Não sinta, e nem precisa dizer nada! Nem sei por quê contei isso, pra ser sincera, ela me diz, com metade de um sorriso. Não quero que você tenha pena de mim.

No fundo, eu sei por quê ela me contou. É que a gente precisa falar, precisa conversar, precisa desnudar a alma para alguém. De preferência, para um alguém que seja nosso, que a gente possa confiar, contar com aquela amizade. Apesar de tudo, para ela hoje isso foi diferente, eu sei. Mas como escolher as circunstâncias em momentos que somos reféns dos caminhos da vida? E se fui eu, se estou aqui, se estou ouvindo suas palavras e suspiros, pretendo honrar a confiança que ela colocou em mim, neste começo de uma amizade improvável.

– Mas sabe? De um jeito estranho eu me sinto hoje como se eu estivesse exatamente onde devesse estar, ela continua. Meus pais sempre me diziam que eu precisava de algo mais, de viver uma vida que eu ainda não tinha vivido. Estava planejando passar uma temporada na Itália, estudando. Mas tudo aquilo veio, aconteceu e nada mais fazia sentido. Aos poucos fui me erguendo, me chamaram para vir pra equipe do documentário, e eu fui reunindo forças novamente. E me dei conta que eu nem conhecia metade do

que eu queria conhecer, que precisava honrar as duas pessoas que mais me incentivaram, mesmo que elas não estivessem mais aqui...

– E você nem imagina o quanto existe ainda para seus olhos verem, Madú.

– Pois é, pensa só. São quantos continentes mesmo, uns oito? América, Europa, Ásia, África, Oceania, Antártida, seis. Mas se parar pra pensar que a América se divide em três..., ela ri enquanto busca sua lógica depois de contar nos dedos. Se eu conhecer metade disso já vai ser muita coisa!

Quero contar que isso é uma gota em um oceano, que é uma areia no Universo, que o meu planeta é onze vezes maior do que a Terra, e que no nosso sistema existem outros ainda maiores, e em alguns deles existem dez luas e a visão à noite é maravilhosa, mas me contenho. Quero falar para ela que isso é só um pedacinho da minha galáxia, tão grande quanto a Via Láctea. E que, juntas, as duas galáxias não são nem mesmo um quinto do que há para se ver. Mas guardo esta imensidão dentro de mim, e seguimos falando sobre sonhos e amenidades. Assim escorre a nossa tarde, até que o céu alaranjado sugere que devemos voltar antes que a escuridão nos impeça de encontrar o caminho de volta.

Devolvemos a scooter e chegamos no hotel quando as primeiras estrelas já estão começando a surgir. Tomás e alguns outros estão lá fora e eles nos convidam para o programa da noite: “comer pizza e beber alguma coisa”. Prometemos que vamos ser rápidos e eles nos aguardam. Sou o primeiro a voltar e Madú desce em seguida com a Luísa. Dali vamos nos encontrar com o restante do pessoal que já está no restaurante nos aguardando.

O lugar é bem próximo. Lá, luzes amareladas e música ao vivo embalam o ambiente. Em alguns instantes todos pedem bebidas. Eu peço suco, não sem ouvir algumas piadas, seguidas de frases como “ele que está certo” ou “também preciso cuidar da minha saúde”. Menos de uma hora depois ninguém mais se importa com uma coisa ou com outra. Todos começam a falar alguns tons acima do normal, contar um monte de histórias, algumas tristes, outras engraçadas. Madú logo muda o semblante e meio triste, meio sonolenta, resolve voltar. Pergunto se ela quer que eu a acompanhe, ela diz que prefere ir sozinha, mas a Luísa acaba

fazendo companhia para ela. Vendo as duas saírem penso no que ela disse mais cedo. Sonhos, vida, morte. Algumas coisas parecidas com o que eu mesmo me deparei antes de vir para cá. Outras completamente distantes do meu universo.

O horário está cada vez mais adiantado e penso que é a minha hora de ir embora. Tomás vem comigo, o que achei uma ótima ideia, já que ele bebeu além da conta e seria ruim se voltasse sozinho ou ficasse mais tempo lá (em outras palavras, bebendo mais um pouco). “Você é estranho mas é legal”, ele me diz, antes de apagar na cama. E, com estas palavras em minha mente, despeço-me do meu primeiro dia na Grécia e fecho os meus olhos para uma noite de descanso.

Acordo com o toque do meu despertador, que me chama para mais um dia. Hoje vamos navegar a bordo do Eljes, que faz viagens principalmente no Mediterrâneo, em busca de refugiados perdidos no oceano. Literalmente milhares de pessoas, fugindo da dura realidade em sua terra natal (que vai de uma guerra com mísseis até lutas sangrentas entre milícias em disputas civis pelo poder), escolhem o mar como o seu caminho. Mas ali, longe das metralhadoras, facões ou bombas, existe o abismo que mata. E muita gente sucumbe na imensidão azul, perdidas e esquecidas entre continentes.

Este navio já salvou mais de 20 mil pessoas vindas de países da África e da Ásia, e continua o seu trajeto graças a doações anônimas vindas do mundo todo e também por causa da determinação de seus administradores. O nosso objetivo hoje é retratar como é que a tripulação lida com a tragédia que encontram com tanta frequência e, com sorte, conseguiremos filmar algum resgate. Neste caso, nós vamos poder conversar com os refugiados, ouvir suas histórias e entender a sua dor.

Já a bordo, começamos a nos distanciar cada vez mais da terra firme e nos aproximamos do horizonte. Li, de um poeta português, alguns versos que agora me vêm à mente: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas é nele que espelhou o céu”. É impossível estar alheio à paisagem estonteante, que convida e hipnotiza. Máquina em mãos, fotografo a equipe se preparando, o

início das filmagens, os olhares atentos do capitão. Vejo Madú de longe, enquanto ela faz vídeos informais e imagens que irão para redes sociais e também para o making off dos extras do DVD. “Não tá enjoado?”, ela me pergunta, enquanto passa por mim pelo convés, e já some com a máquina na mão, sem esperar a minha resposta.

Diferente do que fizemos no Brasil, aqui nós estamos capturando imagens enquanto a história acontece. Com isso, a tensão aumenta. Daqui a alguns anos, talvez, pessoas estudarão sobre histórias parecidas com as que presenciaremos aqui. É fundamental reconhecer o quanto as pessoas deste navio são elementos fundamentais para prevenir que números de mortes sejam ainda maiores, além das ajudas nos cuidados paliativos. A travessia é cara, e as famílias não têm condições custear a fuga de todos os membros. São escolhidos, muitas vezes, os mais novos, que teoricamente teriam mais chances de construir uma nova vida e, quem sabe, encontrar com os pais alguns meses (ou até anos) mais tarde.

Evelina, responsável pela iniciativa, sempre com binóculos em mãos, dá instruções aqui e ali, sempre num estado de alerta. De repente soa a sirene, o sinal de que alguém avistou um bote, um corpo ou até mesmo traços de que algum refugiado pode ter passado por ali, como coletes, roupas e destroços.

Todos corremos da direção em que é possível avistar, ainda que ao longe, alguma coisa. Vejo alguns destroços isso abre os meus olhos para o que está acontecendo. Penso no desespero daquelas pessoas que tomaram uma decisão tão radical quanto se aventurar no mar em embarcações frágeis, com um futuro completamente incerto pela frente. Sinto um arrepio gelado percorrer o meu corpo enquanto ouço a confirmação de que perto dali está um barco que provavelmente pode ter naufragado há pouco.

De repente, vem uma sensação incomum. Estranha. Descobri, mais tarde, que era medo. Eu temia por aquelas pessoas. Não queria acreditar que elas não conseguiriam ser resgatadas. A esperança percorria cada milímetro das minhas veias, enquanto o meu sangue corria para o meu coração acelerado. E ali, do navio,

fotografando o bote que descia para encontrá-las, sinto um aperto, um nó, um negócio horrível no peito. Minha máquina documentava coisas que meus olhos não seriam capazes de esquecer.

É quando, no meio do mar, longe, em outro canto, vejo um ponto laranja à deriva. Pequeno e só, em meio aos restos de madeira. Seria uma criança? O lampejo de que esta fosse uma possibilidade, ainda que ínfima, mexe com cada músculo do meu corpo. Assim, pela primeira vez, durante minha visita ao Planeta Terra, num dia que a eternidade não será capaz de apagar da minha memória, eu descubro o que é agir por impulso. Essa sensação quente de uma insanidade temporária, essa resposta absurdamente automática que não se sente. Não penso, não calculo. Apenas obedeço aos meus instintos, aos meus mais profundos instintos. Deixo a câmera num dos assentos externos e pulo ali, para o mar aberto, pensando apenas naquele pontinho laranja só.

Não sei quanto tempo se passou. Segundos, minutos? Não sei. Não me lembro de muito. Sei que, sob os olhares atônitos de quem estava no navio, mergulho sem sequer perceber aquela água gelada em minha pele, congelando o meu corpo. Uma mulher grita o meu nome. Madú? Emerjo e, após algumas braçadas, procuro aquele pontinho solitário. Nado como nunca, sem pensar em mais nada. Por alguns instantes, já não havia mais nada em minha mente, a não ser o meu objetivo claro que era o de chegar até aquela criança.

Enquanto meus braços entram e saem da água salgada, eu já não sou mais de Lundi. Eu deixo de ser mais um expectador que faz um relatório sobre o Planeta Terra. Eu estou vivendo desesperadamente cada milésimo desta vida quebrada daqui. Continuo. Continuo. Continuo. Não paro até descobrir um menino pequeno dentro do colete que não parecia ter sido suficiente. Eu não paro até senti-lo em meus braços, até ver seus olhos entreabertos perdidos no meio daquele profundo azul. Mesmo sem ter aprendido, sem saber como seria, carrego comigo aquele corpo tão frágil, tão pequeno enquanto nado de volta para o navio. Preciso chegar até lá. Eu preciso salvá-lo a qualquer custo. O desejo pela vida está em cada um dos meus poros. Eu não entendo o desespero de não saber, não ter o controle, de estar num meio em

que nada é certo, nem tudo faz sentido. Alguém desce um bote para me levar de volta para o navio, e eu nada vejo entre tantos olhares atônitos, entre tanta gente amontoadada, entre câmeras que agora estão apontadas para mim.

Subo com ele em meus braços, e vejo aquele menino tão frágil mal responder aos estímulos desesperados do médico do navio.

Penso em Ravi, filho da minha irmã. Vejo os seus olhinhos apertados, sinto o seu abraço curto enquanto ele me perguntava quando eu iria voltar. Eu o amo profundamente e jamais suportaria a ideia de perdê-lo. E, mais do que tudo, eu tenho certeza de que existe alguém que sente o mesmo por aquele garotinho em meus braços. Alguém que perderia o mundo se ele deixasse de existir. E mesmo sem entender o profundo senso de humanidade que agora estava em mim, senti que ele era minha família também. Que perdê-lo seria perder uma parte de mim. Seria sucumbir ao mal que assombra esse Planeta escuro.

E foi assim, que numa tarde quase sem nuvens que no Mediterrâneo eu e o desespero nos encontramos. Descubro o que é sentir uma dor insuportável que te faz perder um dos bens mais preciosos que todas as criaturas, perfeitas e imperfeitas, carregam dentro de si: a esperança.

E ali, enquanto alguém me envolvia em cobertores, quando vejo nos olhos do médico que os meus esforços tinham sido em vão, sinto aproximar-se uma sombra de algo que eu jamais tinha sentido perto de mim. Quando novamente em meus braços, Kurdi já não respira. Uma dor aguda, lancinante, atravessa o meu coração. Como um peregrino sem destino, meu coração parece perdido. E assim, sozinho, desamparado, encontrei a morte pela primeira vez.

Por qual motivo eu me sinto tão pequeno, tão insignificante, tão perdido, aqui, com ele em meus braços? Nunca nos vimos antes. Jamais trocamos uma palavra sequer. Eu sequer sei seu nome. Mas a morte me olhou nos olhos e eu tremi. Eu sinto o colapso de uma raça inteira que não pode viver para sempre. Que tem medo da própria vida por ela trazer consigo a cruel certeza de um fim sem hora marcada. Como os humanos daqui são tão frágeis? Como a vida escorre tão facilmente de seus corpos?

Fico paralisado e perco a noção do tempo. Não sei se no mar há mais corpos ou sobreviventes. Alguém vem e tira ele dos meus braços. Trazem uma bebida quente para mim e mais um cobertor.

Eu não me importo com o frio, nem com a roupa molhada. Não me incomodam os olhares. Madu vem, mordendo os lábios, mãos atrás da cabeça e testa franzida. Acho que ela me diz “vai ficar tudo bem”. Alguém aparece com uma câmera, outra pessoa pede para ele sair. Agora, sinceramente, tanto faz. Eu cheguei tarde. Eu não consegui.

É este o vazio de um mundo sem o Eterno. Entendo o gosto amargo dessa vida quase sem sentido. Tanto aconteceu nos milhares de anos que se seguiram à Queda que hoje o mal estava enraizado profundamente na vida humana. Pode ser sentido em cada aspecto dessa vida. E curiosamente, ainda assim, ele causa tanto estranhamento – afinal, nenhum deles foi criado para isso. Dentro deles sempre haverá a assinatura do Eterno, o sopro da vida, do bem, da eternidade que os aguarda.

Levanto. Vejo outros corpos. Vejo também gente que chega com vida. Lá fora, no sol, olho para o mar e entendo o abismo. Impotente, pego a minha câmera e volto a registrar faces dessa tragédia, agora me sentindo parte dela. Através da minha lente, vejo um homem desolado, ao lado do pequeno corpo de Kurdi. Ele tem olhos vidrados que parecem não ter mais serventia. Abaixo minha câmera. Ele olha para mim e me diz num tom quase inaudível “Shuckran...”.

Sento-me ao lado dele e, por um tempo que eu não sei contar, choramos juntos. Ficamos em silêncio. E ele começa a me contar sua história. Fugindo da Síria, ele a esposa e dois filhos. Agora, ele está só e já não sabe o que fazer. Sozinho, não talvez não valha a pena aventurar-se num país completamente diferente do seu. “Tenho um primo distante na Jordânia, quem sabe consigo encontrá-lo...”.

Logo voltamos à terra firme. Em silêncio, ouço algumas conversas do pessoal no caminho de volta para o hotel. É quando Tomás diz:

– É triste, mas seja feita a vontade de Deus.

Vontade de Deus? Eu quero falar que Ele se importa, e que com tristeza vê as escolhas humanas. Que há muito mais em jogo, e que na hora certa as coisas vão se encaixar, mas apenas na hora certa: é a condição para que nada daquilo aconteça mais.

Quero falar que a morte de Kurdi não é “a vontade de Deus”, mas dos homens que se matam, que guerreiam por sede de poder e deixam um rastro de inocentes pelo caminho. Que todos aqueles que apontam as armas em nome de Deus não estão amparados por Ele. Que uma das palavras que mais se aproximam do significado de quem é Deus é Amor, pois o Amor vem dEle e vive apenas em quem está cheio dEle. Mas, ao mesmo tempo, sei que não é a hora. Que há situações para falar, mas também há os momentos em que é preciso se calar.

Assim, permaneço em silêncio todo o percurso de volta a Mykonos. Vou para o quarto, tomo um banho e não quero descer para jantar com o pessoal, apesar da insistência de Tomás. Madú vem e me encontra com os olhos banhados em lágrimas.

– Como você está, Calebe?

– Não muito bem... (respondo e me espanto ao ver que ela sorri). Por que você está sorrindo?

– Você é um cara muito atípico, não há dúvidas.

– Só por não estar bem?

– Não, ela me responde com um leve sorriso no rosto. Todos nós muitas vezes não estamos bem, mas poucos têm a coragem de assumir. Deixa pra lá... Enfim, quer conversar?

– Por mais que eu tente, não consigo tirar o rosto daquela criança da minha mente, Madu. Nunca tinha sentido isto antes. Na verdade... Eu nunca tinha chorado antes, sabia? É estranho me sentir assim. – *Por mais difícil que seja falar sobre isso, é curioso como dizer esta verdade me traz uma sensação de alívio. Aos poucos conheço mais o que é ser um alguém daqui. Ao mesmo tempo, tenho medo de ter falado demais, de me abrir demais.*

– Não há problema nenhum nisso, Calebe. Imagino como deve ter sido difícil para você. E eu sei que dizem que homens não choram, mas tive um professor que sempre dizia que homens choram sim, e é o que nos diferencia das máquinas e dos monstros. Bem, vou te deixar sozinho um pouco.

Ela terminou de falar e saiu, como se tivesse falado a coisa mais simples do Universo. Como assim os homens não choram? Queria perguntar, queria conversar mais, dizer de onde venho, como estou me sentindo de verdade e compartilhar esse turbilhão que é a minha mente por agora. Mas não posso. Não posso e não devo. E assim, eu a deixo ir e fico só, mergulhado em meu próprio silêncio.

Estou neste Planeta há poucas semanas e já vi muito mais do que achei que poderia suportar. Sinto falta das cores, dos sabores, dos dias em que eu vivia envolto por uma perfeita paz.

Quero descansar, mas não consigo. Ainda ouço o choro, ainda sinto aquela criança em meus braços... Madú vai embora, depois de entender que realmente não vou jantar com o grupo essa noite.

Fico ali por que para mim não fazia sentido descer. Não hoje. Não esta noite. Eu sinto feridas abertas que só o Eterno pode cicatrizar. Espero pelo Ariel, mas ele não ve. Não entendo – hoje, mais do que nunca, preciso conversar com ele. Precisava ouvir dele suas próprias experiências, precisava que alguém que entende o meu mundo pudesse me confortar.

Dormi e confesso que desejei acordar em Lundi, longe de tudo o que dilacerava meu coração.

Mais um dia começa e levanto da cama enquanto Tomás ainda dorme profundamente. Depois de um banho, me acomodo na sacada do quarto do hotel com um livro na mão enquanto vejo as cores rosadas de um sol que logo vai nascer. Nunca começo o dia sem estar na presença do Eterno, que é o que me sustenta e me faz ter certeza de que estarei seguro. Pela primeira vez me dou conta do significado da palavra insegurança.

Olho para o mar azulado, que mansamente leva e traz suas ondas até a praia, e sei que milhões deram o último suspiro antes que as luzes voltassem a envolver este mundo. Esta certeza, agora mais do que nunca para sempre gravada dentro de mim, me traz a angústia de saber que hoje outros tantos ainda morrerão. E a vida vai continuar assim, dia após dia, envolvida neste amargo dissabor.

Termino minha leitura e, ao levantar meus olhos, vejo, incrédulo, Ariel olhando para mim.

– Por que você não veio ontem? – pergunto, antes mesmo de cumprimentá-lo.

– Você acha que algum anjo de outra dimensão apareceu ontem à noite para consolar o luto de alguém deste Planeta? Como você entenderia a dor deles?

Diante do meu silêncio, ele completa:

– Mas não se sinta mal. Logo você vai descobrir que Deus usa humanos para serem uma espécie de anjos, uns para os outros. E não se esqueça: não é por que você não me vê que eu não estou por aqui. Que o Eterno esteja com você.

E assim ele desaparece, me deixando absorto em meus pensamentos. Ouço o meu celular vibrar e vejo uma mensagem que acaba de chegar. *“Perdi o sono e sei que você acorda cedo todos os dias. Bora caminhar na praia? Depois a gente volta pra tomar café. Te encontro lá embaixo.”* Respondo com um sorriso no rosto que vou descer.

– Dormiu bem? Fiquei preocupada com você – ela me fala enquanto me dá um beijo estralado na bochecha.

– Até que sim, obrigado. Ao contrário de você, pelo visto.

– Nem me fala! Vai ser bom caminhar um pouco com essa vista. Posso? – Ela pergunta enquanto enrola o braço no meu. Respondo positivamente com minha cabeça enquanto seguimos na rua ao lado da praia.

– Vamos caminhar na areia? Faz mais sentido do que ficarmos aqui nessa rua de pedras. Vem comigo! – ela já desce correndo e me puxando por entre as escadas que terminam na areia. Logo ela solta a minha mão para tirar os chinelos e alcançar a água salgada que molha os seus pés.

Enquanto corro atrás dela algo muda dentro de mim. Já não me sinto tão melancólico como antes e realmente passo a querer aproveitar aquele nascer do sol. Caminhamos alguns minutos em silêncio e logo nos assentamos na areia, com os olhos fixos no horizonte.

– Sinto muito pelo que aconteceu com você ontem, Calebe. Sinto muito mesmo...

– É, eu também. – respondo com sinceridade.

– Antes de vir pra cá eu achei que a minha dor era a maior do mundo. Quando vi meus pais sem vida, quando os dois caixões desceram juntos no cemitério, achei que eu era a pessoa mais infeliz e abandonada do universo. Mas estou aprendendo que minha dor é mais uma entre tantas outras. Muitas vezes maiores, mais intensas e mais difíceis de se cicatrizar. – ela respira fundo enquanto desvia os olhos dos meus.

– Acho que cada um carrega a sua própria dor, que não pode ser medida nem comparada com a do outro. É um tipo de mistério, mas ninguém sofrerá além de suas forças, e embora alguns pareçam trilhar um caminho mais fácil do que outros, nem todos levam suas cicatrizes à mostra.

– O que você quer dizer com isso? – ela me pergunta.

– Bem, pelo pouco que já vivi, ainda não encontrei alguém cujos olhos estejam livres de sofrimento. Cada um tem sua tragédia pessoal, mesmo que não seja pública, não envolva a morte ou alguma coisa que seja mais corriqueira, sabe?

– Faz sentido. Talvez alguns recebam a desgraça de uma só vez, enquanto outros estão fadados a doses homeopáticas ao longo da vida. Uns sofrem em público e outros em particular. Se eu acreditasse em Deus, acho que gostaria de entender como Ele decide que tipo de dor que ele vai mandar para cada um.

Você acha que Deus é responsável pelas tragédias? Aliás, deixe-me refazer minha pergunta. Você não acredita em Deus? – estou perplexo e nem me preocupo em disfarçar minha surpresa.

– Nossa, Caleb, até parece que você nunca viu um ateu antes! Se bem que prefiro me ver como agnóstica, eu acho.

A confusão em minha cabeça só aumenta enquanto ela tenta me explicar a diferença entre os ateus e agnósticos, e por quê ela ainda não sabe se deixou de acreditar completamente em Deus ou se só desistiu de entender o sentido de todas as coisas que vão além do que se vê.

Nada, nada, nada do que ouvi, li, pesquisei ou aprendi me preparou para ouvir isto de alguém. Me pergunto o motivo de meu mentor nunca ter me dito que existem seres humanos que não acreditam em Deus. Ao mesmo tempo, raciocino que nada

substituiria o impacto que foi ver sair da boca de alguém as palavras de que essa pessoa não crê no Eterno.

Vejo-me diante de um dilema inédito e completamente impensável. Como alguém que já esteve na presença do Eterno, ou Deus, como eles chamam aqui, alguém que já conversou com Ele diversas vezes, sinto-me compelido a contar para ela o que já vivi. Mas ao mesmo tempo estou preso à minha realidade que diz que esta não seria a mais sábia das opções.

Nem imagino como ela reagiria ao ouvir que venho de outro planeta – sendo esta seria a menor das revelações. Sem contar com o fato de que aqui um *extraterrestre*, como eu seria chamado, é normalmente representado das maneiras mais negativas possíveis. Sem muita escolha, decido que o melhor é simplesmente ouvi-la e deixar a conversa fluir em seu curso natural.

– E quando foi que você deixou de acreditar no Divino, digo, em Deus?

– Desde o momento em que eu ouvi a notícia de que meus pais tinham morrido num acidente causado por um motorista drogado e bêbado, que sobrevivera, apesar de estar gravemente ferido no hospital. Foi quando eu me perguntei - se há um Deus, por quê coisas assim continuam acontecendo? Por qual motivo Ele não interfere? Por que Ele manda doenças e desastres para cá? Cheguei à conclusão de que não é possível acreditar nessa fantasia de um Deus de amor enquanto o mundo está caindo aos pedaços. Se existisse algum Deus, certamente Ele não seria tão bom quanto ensinam nas igrejas. E se ele não é tão bom assim, não merece ser chamado de deus.

– Por um instante você parecia estar repetindo as mesmas inquietações do Pregador.

– Que pregador?

– O Rei Salomão, que escreveu o livro de Eclesiastes. É um livro intrigante, acho que você iria gostar.

– Quer dizer que eu acabo de falar que não acredito em Deus e você me fala para eu ler a Bíblia? - ela dá uma risada enquanto me olha.

– Foi automático e totalmente inocente, eu prometo. Mas por outro lado, por que tanta gente tem esse bloqueio em relação à

Bíblia? Ela é um livro repleto de material histórico, poético, filosófico...

– Eu tenho um palpite. A Bíblia às vezes tem um fã clube estranho.

– Me explica isso! – falo, sorrindo.

– Basicamente? Gente que fala de amor apontando os dedos, que usa esse livro para criticar e condenar. Não parece ser uma leitura que te ajude dormir à noite.

– Como? Lá mesmo fala “não julgueis” e “em paz me deito, por que Tu me fazer descansar seguro”... Talvez a culpa seja dos mensageiros, não da mensagem.

– Você já leu a Bíblia inteira alguma vez?

– Uma vez, e há pouco tempo. Uma leitura e tanto, reconheço.

– Hum... ela murmura enquanto fixa os olhos no mar. Quem sabe um dia eu animo e leio alguma coisa?

Ficamos os minutos seguintes em silêncio, contemplando aquela imensidão. Eu não sei bem o que falar. Não quero insistir no tema “Deus”, mas também não sei como levar o assunto para outro ponto sem parecer que estou forçando. Se ao menos ela fosse de Lundi, haveria tanto o que falar...

– Você já parou para pensar no tamanho do sol? Tem ideia do quanto ele é gigante? E o impacto que ele causa nas nossas vidas? - ela me pergunta enquanto faz um bico com a boca e levanta uma das sobrancelhas.

Sorrio ao ouvir a pergunta. Eu aqui preocupado com o clima e ela simplesmente carregando uma leveza deliciosa para a nossa conversa. Talvez se eu abaixasse a guarda um pouco mais...

– Que foi, por quê você riu? Vai me dizer que nunca pensou nisso? - olho para ela enquanto suas mãos ficam apoiadas na cintura.

– Não é isso, já pensei sim... O sol tem mais de 300 mil vezes o tamanho da Terra e ainda assim não é, nem de longe, a maior estrela da Via Láctea, que dirá do Universo. O que você acha disso?

– De onde você tira essas coisas? – ela pergunta fazendo careta.

– Boba. Não posso gostar de astronomia então? - foi a melhor desculpa que consegui pensar no calor do momento. Que é verdade, já que realmente gosto. Mas mesmo se não gostasse eu saberia que esta estrela que vemos agora não é um terço do tamanho da estrela de Lundi, o que já é outra história. Olho para o relógio e percebo que estamos atrasados. - A conversa está boa, Madu, mas precisamos voltar para o café. Vamos?

Enquanto levanto e ajudo Madú a ficar em pé começo a imaginar o que ela acharia do meu Planeta. Quais seriam suas impressões? Que perguntas ela me faria quando visse o nosso céu, nossos satélites, nosso “sol”? Será que Madú gostaria da vista ou ia querer voltar? Por alguns segundos me permito imaginar uma conversa nossa numa manhã agradável em meu país. Meu mundo. Eu provavelmente iria ficar explicando tudo para ela, por horas, com prazer. De volta à Terra, sei que me deixei levar pelo impossível. Então me resta a curiosidade de como poderia ser, acompanhada de algumas perguntas sem respostas.

Voltamos e ela me conta uma história de infância, da primeira vez que ela viu o mar. Ouço me deliciando a cada palavra.

Eu não me lembro da primeira vez que vi o mar em Lundi. Parece que cresci correndo na areia branca e brincando em suas ondas. Mas agora vou sempre me lembrar da primeira vez que vi o mar na Terra, e da companhia. A Grécia agora faz parte da minha história. Somos interrompidos por Tomás, que sai do restaurante do hotel.

– Bom dia, cara! Que bom te ver! Quando acordei e você não estava por lá, fiquei um pouco preocupado, você sabe, por causa de ontem, não sei. Mas agora fico feliz por que vejo que você está muito bem acompanhado. Bom café! – ele me dá um sorriso malicioso e vai embora.

No restaurante, Clarisse aparece e me pede para eu me apressar. Nas entrevistas de hoje não vou apenas fotografar, mas também servir de tradutor, já que algumas pessoas que serão entrevistadas só falam árabe. Madú me fala para eu não me preocupar, que se precisar ela me cobre e tira algumas fotos por mim. E assim terminamos o café e logo saímos para mais um dia.

No último dia gravando com refugiados, conheço a história de uma mulher que foi sequestrada por uma milícia e mantida refém durante três meses. “Tentei fugir algumas vezes, mas apenas na terceira vez consegui de verdade. Não tenho para onde voltar e nem família – todos os meus parentes foram mortos quando eles invadiram minha vila. Espero que eu consiga ter um futuro melhor”, ela conta. Essa é a primeira de muitas histórias que vou traduzindo nas horas seguintes. Quando a noite chega, estou mentalmente exausto.

Logo depois do jantar vou para o quarto arrumar as malas e descansar. Sairemos cedo no dia seguinte e um voo de quase oito horas, com uma escala, nos espera. Apesar de ser o lugar com mais uma história triste, estou animado para conhecer o nosso próximo destino: Índia.

Desde que começou, o conflito na Síria produziu milhões de refugiados e histórias de perda e dor. Uma delas é a de Alan Kurdi, um garotinho de três anos que foi fotografado, morto, numa praia da Grécia. Ele não sobreviveu ao naufrágio de uma embarcação que levava refugiados da Turquia para a Europa. Na tragédia também morreram Rihan, mãe do garotinho, e Galib, seu irmão mais velho, de 5 anos.

Em 2014 um casal de italianos, Christopher e Regina Catrambone, investiu U\$S 7 milhões para criar uma ONG de apoio aos refugiados. Entre as iniciativas, a Phoenix, uma embarcação equipada para resgatar náufragos no mar. Em apenas seis dias, 3 mil pessoas foram resgatadas. Saiba mais sobre a MOAS: <https://www.moas.eu/>

Capítulo 04

Nova Deli, Índia

Depois de alguns dias na Grécia, vamos visitar a Índia, um país com costumes diferentes e uma cultura milenar.

Apesar de receber milhões de turistas, o país ainda tem muito a melhorar. E uma das questões – a responsável por nos levar até lá – é o fato de que segundo dados, a cada 21 minutos uma mulher é estuprada na Índia.

O caso que vamos documentar é de uma mulher de 27 anos que foi violentada por seis homens. Asha, a vítima, tinha acabado de se formar em engenharia, e tinha saído com um amigo. Entre tantos casos, este em especial causou uma espécie de despertar nas pessoas, que saíram às ruas, pedindo justiça. Hoje, as leis são mais duras, mas não impedem que os casos aconteçam diariamente. E menos de 30% dos agressores são punidos.

Estupro. Quando li a primeira vez o material que recebi antes de começarmos nossa viagem, demorei para entender o que isso realmente significa. Representa uma violação tão grande que me afeta profundamente.

Não consigo entender como algo tão vil pode ser feito por alguém que recebeu o fôlego de vida do Divino. O impacto do mal e da crueldade neste mundo é maior do que qualquer habitante de outros mundos poderia imaginar. Se eu não estivesse aqui, vivendo o que estou vivendo e testemunhando tudo com os meus olhos, jamais seria capaz de compreender o que me contassem sobre os efeitos da Queda.

Ao ver e sentir o cheio podre da maldade, ao presenciar coisas que jamais tinha visto, é impossível não fazer algumas perguntas. Quanto mais de maldade este mundo ainda conseguirá suportar? Quando a Maior das Guerras terá o seu derradeiro embate?

– Calebe? Oi? Você está aí? – Madú estala os dedos na frente do meu rosto enquanto esperamos no aeroporto.

– Presente!

– Já leu sobre a nossa história da Índia? Como é que uma coisa dessas pode acontecer? Me diz: qual é o papel da mulher na sociedade, na sua opinião?

– Hum, como assim o papel da mulher?

– Você acha que somos o sexo frágil? Que os homens são melhores do que nós, sei lá?

– Claro que não, Madú, de onde você tira essas coisas?

– Da vida, do mundo, oras... Você nunca parou para pensar nisso?

Na verdade, não. Em Lundi uma pergunta como essa não teria muito sentido. Ninguém fica pensando se homens ou mulheres são melhores, quem é mais forte, nem onde cada um precisa estar, baseado no gênero. Não definimos nossas escolhas ou destinos por sermos homens ou mulheres, seria simplista demais. Por isso que para mim é complicado lidar com a imensidão de rótulos daqui.

– Preparado para mais oito horas de mim? – Madú me pergunta enquanto bate nas minhas costas a ponta de uma revista dobrada.

– Hum, não sei... Não me diga que você vai sentar do meu lado no avião de novo! – finjo uma cara de decepção.

– Nossa, coitadinho de você! Mas não se preocupe, tomei um relaxante muscular por causa de uma dor nas costas e devo dormir a viagem toda.

Dores, comprimidos... Em Lundi não existem remédios, pílulas ou xaropes. Afinal, com uma população saudável, não há necessidade de que nossos cientistas desenvolvam métodos para curar doenças. Nossos corpos são mais saudáveis, mas nós mantemos uma dieta equilibrada, alinhada a exercícios físicos e descanso apropriado. Nunca tinha parado para pensar o que aconteceria se alguém mudasse isso, mas agora já sei que os resultados não seriam bons.

– Calebe, me dá uma ajudinha? Coloca minha mochila ali em cima, por favor?

- Claro, Madú. Deixa eu só ajeitar aqui a minha que já coloco a sua também.

Nos assentamos e o avião decola minutos depois. Procuro alguma coisa para assistir, mas nada me chama a atenção. Madú assiste a uma animação até servirem uma refeição leve. Depois ela tira os fones, coloca uma máscara de olhos e se ajeita na poltrona, apagando alguns minutos depois. Enquanto ela dorme, me perco olhando para o azul salpicado de nuvens brancas. Fecho os olhos arriscando um cochilo e sinto algo em meu ombro esquerdo. Olho para o lado e vejo minha vizinha de poltrona apagada escorando a cabeça em mim. Aparentemente meu ombro é mais interessante do que o travesseiro que ela trouxe.

Procuro uma posição confortável enquanto ela abraça meu braço e respira fundo. Sinto o cheiro suave e adocicado de perfume que vem dos seus cabelos castanhos. Deste ângulo não vejo o seu rosto, apesar de sentir sua respiração perto da minha pele. Dentro de mim uma sensação ambígua, que vai do desconforto ao prazer. Tento me movimentar o mínimo possível e acabo caindo no sono também.

– Ai meu Deus, eu babei em você!

Acordo num susto, com o coração acelerado, enquanto Madú passa a ponta de sua camiseta em meu braço. Depois de alguns segundos entre acordar e entender o que está acontecendo, solto uma gargalhada. Ela volta para o seu assento, coloca o rosto entre as mãos e resmunga alguma coisa inteligível.

– Quer dizer que hoje eu troquei um ronco por uma baba?
– não resisto, mesmo sabendo que ela está sem graça. – Ah pode parar de esconder o rosto! Pensa só, se você babou quer dizer que o encosto aqui estava gostoso! Vou encarar como um elogio! – completo, ainda sem conseguir parar de sorrir.

– Ah, agora vai ficar se achando então!

– Estou tirando conclusões a partir de fatos! – respondo em tom de brincadeira.

– Calebe, não quero mais falar com você! – ela me fala sorrindo, enquanto ajeita a cabeça na almofada de pescoço e fecha os olhos novamente.

– Então vai dormir de novo? Por que já não deita direto no meu ombro, já que você vai escorregar pra ele quando estiver caindo no sono? – provoco.

Para a minha surpresa, ela tira o travesseiro, coloca em cima dos joelhos e encosta o rosto em mim, deitando em meu braço, como antes. “Boa noite, Calebe, prometo que não vou babar dessa vez”. Fico sem reação por alguns instantes. Ao mesmo tempo, é bom que ela se sinta confortável comigo. Gosto da companhia dela, do seu jeito espontâneo e de nossas conversas. Mas não sei como lidar com algumas situações de proximidade, digamos assim. Todas as mulheres com quem tive mais intimidade eram da minha família. No fundo, não sei se meu incômodo maior é por causa de uma “ex-estranha” estar cochilando tranquilamente em meu braço ou o fato de que talvez eu esteja mais confortável com a situação do que deveria. Pois bem, Madú... de tudo o que eu esperava do Planeta Terra, você, com certeza, está entre as melhores surpresas.

Após o desembarque o grupo se reúne, já com as bagagens. Viajamos praticamente o dia todo e a equipe inteira precisa de descanso. Do aeroporto vamos fazer check-in no hotel e à noite sairemos juntos para comermos alguma coisa. Clarisse nos lembra que dessa vez precisamos estar todos juntos e que as mulheres devem ter um cuidado especial em relação às roupas, por causa dos costumes locais. Na van o assunto da história que gravaremos inevitavelmente vem à tona:

– Eu li que a cada 3 mulheres no mundo, uma é espancada, forçada a fazer sexo ou abusada. Será que esses números não estão meio exagerados? Assim... uma a cada três me parece muita gente... – Pedro arrisca um comentário potencialmente polêmico.

– Quando a gente fala em abuso, não é apenas sexual, mas também físico (que vai de um tapa até uma surra) e com palavras. Agora vou perguntar para as mulheres aqui do carro. Madú e Karine: Alguma vez vocês foram discriminadas ou insultadas especificamente por serem mulheres?

– Uma vez um chefe me perguntou o que eu estava fazendo lá na empresa, que eu devia aproveitar meu rostinho bonito

e arranjar um marido para me sustentar. – Madú confessa.

– Karine?

– Hum... Uma vez minha chefe me disse que ficou sabendo que eu não era virgem, e que ela nunca esperava aquilo de mim e que eu deveria me cuidar mais. Afinal, uma mulher deveria manter sua honra e se dar o respeito. – ela respira fundo. – Eu devia ter uns 20 anos na época. O detalhe é que ela falou isso numa sala com outras pessoas. Foi muito constrangedor.

– Aí sua resposta, Pedro, para a sua dúvida se uma a cada 3 mulheres não seria meio exagerado. – Luísa fala e a van fica em silêncio de novo. E assim continua até desembarcarmos no hotel.

A recepção do hotel é ampla, com imponentes lustres em um teto com uma pintura interessante cheia de anjos – acredito que seja esta a intenção – e pessoas. Pegamos nossas chaves e eu e Madú descobrimos que vamos ser vizinhos de corredor no décimo quinto andar. Subimos juntos, eu, ela e Tomás.

Já dentro do quarto, Tomás vira para mim e dispara:

– E aí, o que tá rolando entre vocês dois?

– Como assim?

– Ah, agora você vai se fazer de desentendido então, Calebe?

– Bem, somos dois colegas de equipe que se deram bem e estão sendo amigos, não vejo nada demais nisso.

– E eu nasci ontem! – ele me olha com um sorriso malicioso, pega suas coisas e vai tomar banho.

Sozinho no apartamento, vou para a salinha ao lado do quarto. Qual não é a minha surpresa, Ariel está me olhando, assentado em uma das poltronas.

– Eu estava esperando pelo dia em que este assunto viria à tona! Minha maior curiosidade era se você realmente não estava percebendo nada ou quem sabe seria o maior dissimulador de todos os tempos. – ele já começa me provocando.

– Poxa vida, até você?

– Ah, que dó do Calebe, ele tem amigos demais para conversar sobre sua vida... – ele fala com uma voz infantil e começo a rir, desarmado.

– Shhh!, O que você vai fazer se Tomás te ouvir?

– Você quer dizer o que VOCÊ vai fazer, certo?

– Como assim?

– Bem, eu posso desaparecer a qualquer momento e você vai precisar explicar por que estava falando sozinho, já pensou nisso? – ele provoca.

– Eu desisto de falar sério com você...

– Ah não, não desista... Mas enfim... Eu vi aqui apenas para ver como você está e te desejar sucesso nas filmagens por aqui. Não vai ser um tema fácil.

– É, eu pensei muito nisso. Você já teve que lidar com isso alguma vez?

– Não dessa maneira. Mas conheço alguns anjos que já chegaram a personificar um humano para proteger alguém em perigo, sabe? Este mundo está uma loucura, meu caro, você não faz ideia.

– E nem sei se quero fazer! – ouço o barulho do box do banheiro e emendo: – acho que o Tomás deve ter terminado o banho. É melhor você ir. Conversamos mais depois?

– Com certeza. Que o Eterno esteja com você.

Depois de pronto, penso em chamar a Madú para descermos juntos. Será que ela ainda estaria por aqui? Saio do meu quarto e hesito alguns instantes antes de bater na porta do quarto dela. Penso no que Tomás disse e não sei se devo. No fim das contas decido chamá-la e ela grita que já vem. Alguns segundos depois ela abre a porta e sai com os cabelos ainda molhados e uma bata azul com estampas pequenas de estrelas.

– Tomás já desceu? – ela pergunta.

– Ah sim, ele desceu e está esperando lá embaixo com o restante do pessoal. – paramos para esperar o elevador e por uns instantes ficamos em silêncio.

– Calebe, hum, desculpa pelo que aconteceu no avião. – ela olha para mim mas logo desvia os olhos para os números no topo do elevador. – Eu não devia ter dormido no seu ombro, eu não sei onde estava com a cabeça. Não quero que você ache que eu sou muito espaçosa, sei lá, e isso acabe estragando nossa amizade.

– Quê isso, Madú, fica tranquila. Não tem que pedir desculpas de nada não.

– Ah não sei, na dúvida achei melhor falar isso. – ela fala e ouvimos o barulhinho do elevador nos avisando que ele parou no nosso andar.

A porta abre e Luísa e Karine estão lá dentro. Entramos e Karine pergunta logo de cara:

– Vocês dois estão no mesmo quarto?

– NÃO!!! – respondemos juntos.

– Estou com o Tomás. – esclareço.

– E eu sozinha, desta vez, já que não tinham quartos triplos aqui, lembra? – Madú pergunta.

As três emendam um assunto qualquer e eu sinto como se Lundi estivesse mais perto do que o térreo. Descemos e logo nos encontramos com o grupo. Alguns minutos depois os últimos chegam e partimos.

Na van, escolhi ir ao lado do Eduardo, assistente de produção, alguém com quem ainda não tive muita oportunidade de conversar. Madú me olha desconfiada, mas fujo dos seus olhos e puxo conversa com o meu colega. No restaurante, eu e ela nos assentamos em lados opostos da mesa. Tomás senta-se ao meu lado e cochicha:

– Você não precisa parar de falar com ela só por causa do que comentei, você sabe disso, não sabe?

– Quem disse que não estamos nos falando? Você está procurando coisa onde não tem, Tomás! – respondo e abro o cardápio para ver as opções.

– Se você me diz...

Sempre quando o grupo se reúne, por mais que alguém queira evitar, acabamos discutindo sobre o tema do documentário. Nessas horas é inevitável que alguns questionamentos e frustrações apareçam. O mais comum deles? Deus, é claro. Afinal de contas, onde é que Ele está este tempo todo, enquanto tanto mal acontece por aqui? Para eles, a resposta mais fácil muitas vezes é simplesmente dizer que Ele não existe. Como um dos que acreditam nEle, facilmente fico no olho do furacão.

– Sabemos que você acredita em Deus, Calebe. Pois bem. Por que então tantas mulheres ainda são estupradas na Índia? Onde Ele está quando tudo isso está acontecendo? Se Deus existe,

ou Ele é insensível ou não é poderoso o suficiente, e em ambos os casos não é um Deus que me agrada. *Luísa despejava as palavras como quem tira um peso das costas, mas mesmo assim não consegue caminhar aliviada.* E então? O que você me diz?

– E como seria um Deus que te agradasse?

– Como assim?

– Você disse que este deus não te agrada. Quem ele deveria ser para te agradar?

Ela pareceu espantada com a minha pergunta, ainda que simples. Depois de respirar fundo duas ou três vezes, continua:

– Um Deus que fosse amor. Que fosse tanto amor que não permitiria mais que nenhuma lágrima sequer caísse do rosto de alguém.

– E se eu te dissesse que um dia exatamente isso vai acontecer?

– Eu te diria que se é para acontecer, por que não agora?

– Um casal está apaixonado e faz grandes planos para o futuro. Quando vão se casar, onde vão morar e qual será o nome dos seus filhos. Estão juntos há algumas semanas, mas sonham perdidamente com o futuro. Um belo dia, a moça chega em casa e encontra uma grande festa surpresa: bolo, balões, amigos, flores. E o namorado ajoelhado, com uma aliança dourada na mão. Ele já reservou o salão para o próximo mês, pagou o buquê, a viagem, o fotógrafo. Como você acha que ela se sentiu?

– Assustada, talvez? Ou acuada, por ele ter feito tudo sem levar em consideração o tempo dela?

– Mas por quê? Se eles já falavam em se casar, por que não agora?

– Você está me dizendo que se Deus decidir resolver esta bagunça agora não vai dar certo, é isso?

– Eu estou dizendo que vivemos num Cosmos cheio de regras e variáveis, e que a vida no Planeta Terra não é a única coisa a ser levada em consideração. Há muito mais para que seja mantido o equilíbrio do Universo. E tudo com certeza acontecerá no tempo certo.

– Hahahahaha Calebe, agora você está me assustando com esses exageros. Quem é que se importa com o que acontece

nesse Planeta que mais parece um navio prestes a naufragar, além dos próprios passageiros?

– Muito mais gente do que você imagina, eu te garanto. Agora uma pergunta: Por que você se importa?

– Como assim, por que eu me importo? Se eu não me importasse eu não seria humana, seria um monstro! – ela parece indignada com a minha pergunta.

– Mas de onde você tirou a ideia de que o mundo não deveria ser assim? Que alguma coisa não está como deveria estar? – provooco mais um pouco para ver até onde vamos com este raciocínio.

– *“Se o universo inteiro não tivesse sentido, nunca perceberíamos que ele não tem sentido – do mesmo modo que, se não existisse luz no universo e as criaturas não tivessem olhos, nunca nos saberíamos imersos na escuridão. A própria palavra escuridão não teria significado”*. – Tomás resolve participar da conversa e deixa todos surpresos.

– Quer dizer que você gosta de C.S. Lewis?, pergunto.

– Não só gosto, como já li *Cristianismo Puro e Simples* tantas vezes que já sei quase todo o livro de cor. – ele conta, animado.

– Você está querendo dizer que o fato de eu estar incomodada com o mal quer dizer que a minha noção do bem deve vir de algum lugar? – Luísa pergunta.

– Exatamente. Como já foi dito: quem, além de um Ser Eterno, poderia descortinar a possibilidade da eternidade para meros mortais? Da mesma maneira, o simples fato de não nos acostumarmos com o mal e a dor, mesmo o ser humano sendo potencialmente mau, é uma grande dica de que existe um parâmetro externo a nós mesmos. Ao nosso mundo e à nossa realidade. Faz sentido pra você? – pergunto para Luísa, que me encara com seus grandes olhos azuis.

– Pior que faz, Calebe. Pior que faz... Mas e como explicar a nossa aversão à morte, mesmo vivendo neste mundo mortal onde a única certeza que todos teremos é que um dia vamos morrer? Já não deveríamos estar acostumados a isso a esta altura?

– “*Se nós encontramos em nós mesmos*” – cita Tomás – “*um desejo que nada neste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que nós fomos feitos para outro mundo.*” Uma das minhas preferidas entre as ideias do C.S.Lewis – ele emenda.

– Quer dizer que estamos vivendo no Planeta errado, Tomás? Vou te dizer que sempre desconfiei disso! Mas até que não estou nada mal para uma extraterrestre! – ela faz uma piada, todos riem e logo o assunto muda de sentido.

Observo todos à mesa. Por um lado, sinto que foi boa a mudança de assunto, para quebrar a tensão do momento. Mas minha vontade era dizer: sim, vocês todos foram feitos para um mundo diferente. Eu vim de um mundo diferente. Mas sei que assim que eu falasse isso estaria colocando toda a minha missão a perder. Mais uma vez, me resigno à situação e sorrio enquanto ouvimos mais uma história.

Não ficamos muito tempo por lá, já que todos estão cansados e precisam estar bem logo cedo para as gravações. Na volta, mal vejo a Madú, e subimos em elevadores diferentes. Chego no quarto e logo caio na cama. Só penso em dormir e acordar para um novo dia.

Como de costume, acordo cedo, dedico um tempo para minha meditação de todas as manhãs e, em seguida, vou para o café. Quando estou saindo do quarto, Tomás está acordando e resmunga alguma coisa sobre acordar tarde. No restaurante do hotel só vejo alguém do grupo quando já estou de saída. De volta para o quarto, arrumo minhas coisas e desço para esperar no lobby do hotel. Fico distraído com o movimento até que alguém vem e assenta-se ao meu lado:

- Você se importa de compartilhar comigo o seu plano para me evitar o restante da viagem? – Madú é direta, como sempre.

Sorrio sem graça, sem saber o que responder.

- Vamos lá, Calebe. Não vai me dizer que de repente não me quer por perto depois que eu babei no seu braço né? – ela tenta quebrar o gelo.

– Não tem nada disso, você sabe. Mas espero que não babe de novo! – sorrio.

– Pelo jeito nem se eu quiser, não é? Mas me fala sério: o que é que aconteceu?

Hesito antes de responder. Quero ser sincero, mas não sei que palavras usar.

– Madú... Não sei como dizer isso... Ontem o Tomás estava fazendo algumas brincadeiras, depois as meninas no elevador perguntando se estamos no mesmo quarto... Fiquei um pouco sem jeito e com medo de estar passando uma ideia errada ou sei lá... Ainda temos muitas semanas viajando juntos, e eu não quero que fique um clima estranho por ter feito alguma besteira, sabe? – na minha mente tinha soado muito menos estranho. Mas ela ouve e sorri. Menos mal, eu acho...

– Ah, Calebe, você não pode se apegar tanto ao que os outros falam, sabia? Relaxa um pouco, homem! – ela fala enquanto simula uma massagem em meus ombros. – Eu me aproximei de você por que você me inspirou confiança. Você passa alguma coisa diferente, que me faz querer ficar por perto. Então não me venha com essa e continue meu amigo, por favor. Combinado?

– Combinado. Me desculpa por ter agido assim. Estou aprendendo...

– Ah que bonitinho. Desculpo sim. Agora vamos pra van, que o dia vai ser longo!

Saímos pelas ruas movimentadas dessa cidade barulhenta. O trânsito é, sem dúvidas, o mais caótico que já vi em toda a minha vida. A minha impressão é que, a qualquer momento, vamos ser engolidos no meio desta confusão. A medida em que vamos chegando perto da casa dos pais da vítima, os vizinhos vão saindo e olhando o movimento que se forma. Logo descemos e começam os preparativos para as gravações.

Fotografo toda a confusão enquanto reparo detalhes do lugar. A casa é pequena, ao lado de várias outras casinhas parecidas. A mãe de Asha veste um sári simples, e o pai uma camisa social escura. A entrevista começa com eles mostrando algumas fotos para a câmera, e contando sobre a vida da filha.

– Ela era uma menina especial, sabe? Desde criança era cheia de sonhos, de vontades. Eu sei que a gente deve dar mais atenção e incentivo aos filhos homens, mas ela era um presente dos

deuses na nossa vida. Um dia ela me disse: pai, eu quero estudar pra ser engenheira. No começo eu achei que era brincadeira, mas ela nunca tirou isso da cabeça. – ele relembra, triste. – A gente não tinha condições de pagar os estudos, então ela falou pra usarmos o dinheiro do dote. Imagina só!

Ele continua contando como a filha estudava e trabalhava duro para conseguir dar conta de passar e sustentar-se. Ouço essa história e sinto como se meu coração estivesse sendo dilacerado a cada palavra. Pensar na crueldade feita com essa moça me deixa muito abalado. Me sinto tão impotente... Que mal é esse que insaciável deixa tamanho rastro de destruição?

– Aquele dia ela tinha decidido comemorar o final da faculdade. De tarde ela tinha vindo aqui e falado comigo que “agora o pior passou, mãe. Logo eu vou retribuir para vocês tudo o que fizeram por mim”. Mas esse dia nunca chegou...

– Quando recebemos a notícia ficamos sem chão. Fomos até o hospital, onde encontramos Asha entubada e coberta de marcas e ferimentos. Os médicos me disseram que ela chegou tão machucada que eles mal sabiam por onde começar. Foi praticamente um milagre ela ter sobrevivido aqueles dez dias depois do ataque. – o pai completa.

– Nunca vou me esquecer do último dia. Ficamos ao lado da cama o tempo todo. Era como se soubéssemos que era a nossa despedida.

Depois de ser repetidamente e brutalmente estuprada, Asha foi jogada num canto escuro de uma avenida. O amigo que a acompanhava sobreviveu – com uma perna, um braço e várias costelas quebradas. Segundo ele, após terem entrado no veículo, ele foi espancado até desmaiar, e então os homens atacaram a moça.

As gravações continuam, e durante uma pausa vou até a frente da casa para espairar um pouco. Madú também está por lá, pensativa.

– Sabia que ela tinha a mesma idade que eu tenho? – ela sussurra. – E olha que estranho: eu pedi para ver algumas coisas dela, fotos e itens pessoais, para eu fotografar. Olha essa foto aqui.

Olhei para o visor da câmera e vi uma moça sorridente, vestindo uma bata bem parecida com a que Madú usava ontem à noite. Uma estranha e inoportuna coincidência. Madú tinha medo em seus olhos, como se carregasse uma marca invisível de alguma desgraça. Num impulso, a envolvi em meus braços e assegurei:

– Não se deixe controlar por sentimentos ruins. Eles podem brincar com sua mente e te fazer acreditar em coisas que não existem. Além disso, estou com você e jamais deixaria que algum mal te acontecesse. Prometo.

Fiquei ali pensando em minhas palavras, ao sentir a cabeça dela encostada em meu peito enquanto eu a abraçava. Minha promessa era sincera, apesar de limitada ao tempo que escorria de minhas mãos. Encostei meu rosto em seus cabelos e assim ficamos até que ela virou pra mim e disse:

– Obrigada, Calebe. É bom ter você de volta. Tô sentimental hoje mas logo passa. Vamos voltar lá pra dentro? Devem estar começando a gravar de novo daqui a pouco.

– Pode ir, daqui a pouco vou também.

Fico lá fora, olhando as crianças empoeiradas correndo pela rua e velhas que conversam e apontam para a casa onde estamos gravando. Pergunto a mim mesmo, sem ter a certeza da resposta: ‘o que é que eu estou fazendo aqui?’.

– A vida pode ser complicada, não é? – ouço a voz familiar e vejo alguém que quase não reconheço.

– Ariel? Você está parecendo um... indiano!?

– Você queria que eu estivesse como? De terno e gravata? Acho que seria meio estranho, não, meu amigo? – ele até fala com o sotaque local. – Você parecia ser mais inteligente em Lundi. – ele emenda, não sem rir da minha expressão.

– Posso fazer uma pergunta pra você? – ele assente com a cabeça. – Como você acha que eu estou me saindo?

– Muito bem, meu amigo. Não se preocupe tanto. Acredito que você vai escrever um relatório excelente quando voltar.

– Não sei explicar, mas estou experimentando uma insegurança que nunca senti em toda minha vida. Medo. Como vai ser quando eu for embora? Vou voltar a ser quem eu era antes ou tudo isso que estou sentindo continuará fazendo parte de mim?

– Não posso te dizer exatamente como vai ser. Mas de uma coisa tenho certeza: você nunca mais será quem era antes de vir aqui. Nem continuará a ser quem você é hoje. No final das contas, você será uma mistura de tudo isso. Sentimentos ruins não estarão mais ao seu redor, mas você será capaz de descrevê-los para alguém que nunca vivenciou o que você está presenciando. Sua percepção estará alterada para sempre. E isso é bom. Você carregará uma experiência única em relação à Grande Guerra. Isso é inestimável, meu amigo. Preciso ir agora. Mas não tema. O Eterno está com você.

Ele me dá as costas, sai andando e desaparece entre as pessoas que perambulam na rua. Faço algumas fotos da frente da casa e volto para acompanhar o restante das gravações.

Hoje vamos jantar juntos novamente após mais um dia intenso. Depois de tantas histórias tristes, de tanto pesar, todos estão cansados emocionalmente. Rui, o psicólogo do grupo, está fazendo de tudo para nos ajudar e acalmar os nervos do grupo. No dia seguinte continuaremos com as gravações pela manhã e parte da equipe estará liberada durante a tarde. Teremos mais um dia na Índia, que vai ser livre para quem quiser passear um pouco e depois seguiremos viagem.

– Amanhã à tarde você está entre os que vão trabalhar ou vai estar de folga? – Madú me pergunta.

– Folga, e você?

– Vamos fazer uma *live* de uns dez minutos depois do almoço, mas depois vou estar de folga também. O que acha de aproveitarmos para explorar a cidade? Não vamos ter scooter nem o Egeu, mas acho que vale! – ela ri.

– Com certeza!

Nos despedimos e sigo, pensativo, para o meu quarto.

O segundo dia de gravações acontece no centro de Delhi, onde entrevistamos uma das ativistas responsáveis por uma das maiores manifestações que aconteceram na capital. Ela explica que, apesar de terem conseguido alterações nas leis, ainda há muito a ser mudado no país. “Pode até ser que em seu país tenha desigualdades de gênero. Mas aqui na Índia alguns pais matam as bebês meninas recém-nascidas, para você ter uma ideia”. Ouvindo

estatísticas fico pensando no que pode ter acontecido neste lugar para as coisas chegarem a este ponto.

Começo a me imaginar contando para a minha mãe e irmã como as mulheres são tratadas aqui. Sinto, mais do que nunca, muitas saudades de casa. Saudades do silêncio das matas, do cheiro das flores do meu jardim. Quero voltar a trabalhar com minhas mãos, plantando, colhendo e desenhando.

Durante a tarde eu e Madú escolhemos dois pontos turísticos para visitarmos, um templo chamado Birla Mandir e depois o Purana Qila, um dos fortes mais antigos da Índia. Dois lugares impressionantes e é uma pena que o tempo seja tão limitado. No dia seguinte, quando todos estamos de folga, o grupo se divide e parte decide pegar a estrada para ir até o Taj Mahal, um suntuoso mausoléu que, segundo a história, foi construído por aproximadamente 20 mil homens. É uma das sete maravilhas do mundo moderno, e é mesmo impressionante. Pessoalmente acho estranho uma homenagem feita a alguém que já morreu e que nunca poderá apreciar o gesto. Mas quem disse que um dia conseguirei entender a lógica dos terráqueos?

Chegamos no hotel já durante a noite. Amanhã teremos mais quase nove horas de voo até Jacarta. A Indonésia nos aguarda.

Histórias de abuso contra jovens, mulheres adultas, senhoras e até crianças são cada vez mais comuns na Índia. Além disso, com um alto número de casamentos infantis – meninas de 12 anos são dadas em casamento – o estupro marital não é considerado crime no País. Com isso, inúmeras mulheres são estupradas não só na rua, mas também dentro de casa. Por conta da vergonha e medo, a maioria não denuncia, e assim os números verdadeiros são muito maiores.

Numa noite de domingo, em dezembro de 2012, Jyoti Singh, uma jovem de 23 anos voltava de uma sessão de cinema com um amigo, e os dois dão sinal para um ônibus que passa. Lá dentro, o rapaz é espancado até que ele perca a consciência. Em seguida, os seis homens estupraram a mulher durante uma hora. Em seguida, eles jogaram os corpos dos dois na rua, sendo que ela estava com os intestinos para fora, e com vários cortes no corpo. Duas semanas depois, ela morreu no hospital. Segundo sua mãe, suas últimas palavras foram: “Desculpe-me, mamãe. Eu te dei tanto trabalho... Sinto muito.” O crime provocou uma série de manifestações no País, que logo mudou suas leis em relação ao estupro. No documentário “India’s Daughter” (Filha da Índia), um dos estupradores, preso, é entrevistado e não mostra sinais de arrependimento. Ao invés disso, ele afirma que “uma garota decente não sairia por aí às nove da noite”. O governo indiano proibiu a veiculação do documentário no País.

Capítulo 05

Aceh, Indonésia

O dia raiava quando a natureza começou a dar sinais de que alguma coisa estava errada. Turistas do mundo inteiro aproveitavam o sol de praias paradisíacas com uma vista privilegiada. Moradores locais seguiam suas rotinas diárias. Em minutos, a devastação tomaria conta de dezenas de ilhas e praias ao longo da costa do Oceano Índico. Fajjar Abdul, que trabalhava no porto, chegou ao trabalho naquela manhã com a cabeça cheia de planos. É o que ele nos conta, com olhos vidrados, numa manhã quente de gravações na Indonésia:

– Primeiro, o terremoto. Depois, o mar recuou muitos metros, como eu nunca tinha visto antes. Muita gente foi para a praia, todos curiosos, olhando os peixinhos que a água deixou para trás. Eu observava, a uma certa distância, dividindo minha atenção entre turistas e o movimento da cidade. Quando alguém começou a gritar que vinha uma onda que parecia ser um tsunami já não tinha o que fazer. Algumas pessoas correram, outras ficaram paradas, petrificadas, olhando a parede de água que, em segundos, as levaria embora. – ele passa as mãos no rosto e continua:

– A onda vinha numa velocidade de uns 600 km/h. Ela me alcançou e eu fui arrastado por centenas de metros. A água levava tudo: árvores, construções, móveis, carros... Ao mesmo tempo em que eu tentava conseguir algum fôlego, precisava me desviar de tudo aquilo. Depois a correnteza começou a diminuir e consegui me agarrar a um galho de uma árvore. Mas o que eu não sabia era que viria uma segunda onda, que me levaria para mais longe. Eu cheguei a desistir e me deixei ser levado pela fúria da natureza. Foi o pior dia da minha vida.

É difícil, para mim, conseguir imaginar uma cena onde as pessoas são vítimas da própria criação do Eterno. Quando eu estava no treinamento, antes de vir para cá, me disseram que os resultados da Grande Guerra tinham sido tão catastróficos que cada

átomo do Planeta Terra estava condenado à destruição. Humanos e animais unidos num destino trágico. Se as coisas estão neste ponto hoje, é inimaginável a proporção da tragédia que o Desfecho trará.

– Para quem não esteve lá, quem não viu, pode parecer um exagero da minha parte. Mas a verdade é que eu achei que estava presenciando o fim do mundo. Achei mesmo que ia morrer. Aí eu vi um cadáver à deriva. Sabia que ele poderia ser útil, mas era como se eu estivesse desrespeitando aquele homem, agora morto. Só que eu não tinha muita escolha e o desejo pela vida era mais forte do que qualquer outra coisa. Subi naquele corpo, e ali fiquei por horas, até conseguir pisar em terra firme novamente. Enquanto estávamos lá, nós dois, conversei com ele. É ilógico, eu sei. Mas o que eu poderia fazer? Era inevitável pensar o que aquele homem acharia daquilo... Que eu estava vivo por que ele morreu...

Morrer por alguém. Quem seria capaz de algo assim? Se aquele homem soubesse que a única maneira de alguém ser salvo daquela tragédia seria a própria morte ele seria capaz de tamanho ato de amor? Ao mesmo tempo, como ele se sentiria sabendo que sua morte não seria em vão? Se eu tenho estas perguntas, quantas outras Fajjar Abdul não deve guardar para si...

– Quando finalmente consegui chegar a algum lugar com um nível mais baixo de água, saí e carreguei o corpo até encontrar um lugar onde pudesse enterrá-lo. E o mais irônico de tudo isso é que eu nunca saberei o nome do homem a quem eu devo a minha vida. Agradei a Allah por ter me salvado e saí dali um novo homem.

Fajjar Abdull ainda trabalha no porto. “Eu acredito nos dias melhores que virão”, ele explica. Mesmo com a cidade novamente organizada, turistas de volta e a vida aparentemente seguindo seu curso normal, alarmes e placas ao longo da costa são lembretes constantes da fatalidade. “Se um tsunami vier de novo, desta vez estaremos preparados”, ele conclui.

Ouvindo a história dele é inevitável me lembrar do Grande Sacrifício. Eu ainda não tinha nascido naquela época, mas todos contam que foi um dia de grande pesar para todo o Universo. Anjos queriam trocar de lugar com o Divino. Criaturas de todos os lugares empalideciam ante à cena. O Eterno se doou por uma raça perdida. Mesmo sabendo de todo o descrédito, de bilhões que rejeitariam o

Sacrifício e continuariam destinados ao extermínio, Ele não hesitou. Ele mostrou a todos os habitantes do Cosmos o completo significado e dimensão do Amor.

Depois de gravarmos por três horas seguidas, almoçamos e em seguida vamos até outro ponto da ilha para gravarmos mais uma história. Lá conversaremos com Basyraiah, que na tragédia perdeu o marido, amigos, sua casa e também o restaurante que tinham acabado de comprar.

Ela nos recebe acompanhada de três filhos, todos sobreviventes. O tempo parece parar enquanto ouvimos o seu relato. Cada membro da equipe segura a respiração ao imaginar as cenas que são descritas para nós.

– Eu e meu marido sempre sonhamos em ter o nosso próprio restaurante. Depois de muitos anos poupando e guardando nossas economias, finalmente tínhamos conseguido. Não tinha vista para o mar, por que não teríamos condições de bancar algo assim. Mas era nosso e tínhamos muito orgulho. Dezembro é sempre uma época de muitos turistas, e seria nossa primeira alta temporada. – Basyraiah respira fundo e continua: – o terremoto veio, e fomos para a rua, com medo de que o teto desabasse nas nossas cabeças. Depois que ele foi embora, voltamos para o restaurante, mas alguma coisa parecia estar errada. Me lembro como se tivesse acontecido ontem... Em questão de segundos a água chegou e nos arrastou. Tudo o que eu conseguia pensar era que eu tinha acabado de colocar o meu bebê na cama, num quarto dos fundos, para dormir. E a água nos levou para longe, sem me dar nenhuma oportunidade de ao menos tentar salvá-lo.

Enquanto descreve a cena, seus olhos ficam marejados de lágrimas, mas ela continua:

– A última vez que eu vi meu marido ele estava sendo arrastado por aquela correnteza violenta. De alguma maneira eu e meus filhos conseguimos sobreviver. Quando, horas depois, estava tentando voltar para o lugar onde antes era nossa casa e restaurante, avistei incrédula o meu bebê deitado em cima do colchão, boiando naquela água escura e amarga. Ela é o meu milagre – conta, enquanto abraça a filha, agora com treze anos de idade.

– E como foram os dias seguintes? – Rui pergunta.

– Não tínhamos água, comida ou eletricidade. Na verdade, não tínhamos nem roupas ou um lugar para dormir. As famílias desabrigadas foram levadas para escolas e galpões, onde moramos por meses, dependendo de doações. Ao mesmo tempo íamos tentando reconstruir nossa vida. A destruição era tão grande que nem sabíamos por onde começar. Eu vinha todos os dias para onde era a minha casa, retirando o entulho e aos poucos começamos a ter esperança no futuro. Mas nunca, nunca mais, as coisas serão como antes...

Por ser um fenômeno muito raro na região, a maior parte das pessoas não sabia muita coisa sobre tsunamis quando a tragédia aconteceu. Este foi um dos principais motivos para o número de mortos ter sido tão grande: mais de 200 mil pessoas. Mais cedo, antes de começarmos as gravações, discutimos bastante sobre a calamidade. Mas depois de termos ouvido a primeira história, almoçamos em silêncio, cada um com a mente ocupada com os próprios devaneios.

Andando pelas ruas da ilha mal dá para perceber que este lugar foi varrido pela fúria da natureza. Os turistas estão de volta, os hotéis foram reconstruídos, assim com as casas e comércios locais. Mas se você olhar com mais atenção, verá os sinais que a fatalidade deixou: sirenes por todos os lados, placas informando o que fazer caso um terremoto intenso aconteça, bem como os sinais de um Tsunami.

Conversando com algumas pessoas daqui, ouvi todo o tipo de história. A impressão que tenho é que nem uma família sequer foi poupada das perdas. Quem perdeu uma ou duas pessoas é considerado alguém de sorte – em alguns casos 10, 20 membros de uma mesma família morreram naquele dia.

Terminamos as gravações e, enquanto a equipe desmonta o equipamento, me aventuro caminhando pelos arredores.

– Querendo espairar um pouco?

Olho para o lado e vejo Ariel, que agora parece um autêntico indonésio, com olhos puxados, pele morena e cabelos escuros.

– Sempre uma ótima surpresa encontrar você, Ariel. Cada dia um rosto diferente, pelo que vejo. – respondo sorrindo.

– Já tivemos essa conversa na Índia, Calebe. Não vai me dizer que você ainda não entendeu? – ele me fala, não sem a leve ironia habitual.

– Claro que entendi! Só não vai ser menos estranho cada vez que isso acontecer!

– Como estão indo as gravações aqui?

– Tudo conforme o planejado, até agora. A gravação da tarde terminou agorinha e já vamos voltar para o hotel. – hesito um pouco, e então pergunto: Você sabe o que aconteceu aqui?

– Eu não estava mais por essas bandas na época, mas todos soubemos. Foi um dia de muita tristeza para os anjos, também. – ele olha para a rua movimentada e continua: você não faz ideia de como ficou este lugar. Poucas vezes vi a natureza agir com tamanha impetuosidade neste Planeta.

– Ariel, é quase impossível para mim não ter uma enorme interrogação na minha mente vendo tudo isso. Não sei se é certo fazer este questionamento, mas ele está dentro de mim. – confesso.

– Por que não seria certo, Calebe? – Ele para, coloca as mãos em minhas têmporas e continua: – aí dentro tem algo incrivelmente maravilhoso. Por que você acha que o Eterno deu o cérebro, com possibilidades infinitas, para você? Qual seria o propósito além de usá-lo?

– Parece que é errado perguntar algumas coisas, acho que é isso.

– Nem sempre são as respostas que nos mostram os caminhos, meu amigo. Muitas vezes as nossas próprias perguntas carregam em si o conhecimento que precisamos. São as perguntas que dirigem o nosso raciocínio. E por isso é tão importante saber fazer as perguntas certas. – ele aconselha.

– Posso te perguntar uma coisa?

– Claro!

– Todas as mais de 200 mil pessoas que morreram naquele dia estavam pagando por alguma coisa? Elas eram culpadas por algo e receberam, assim, um castigo? O Tsunami foi um juízo Divino?

– Você está começando a soar como um terráqueo, amigo. Pense comigo. Você já esteve na presença do Eterno alguma vez?

– Sim, algumas.

– E como foi? Ele te deixou desconfortável alguma vez? Você já sentiu que devia alguma coisa para Ele, em troca do que Ele te deu, como uma barganha? Ou quem sabe, alguma vez teve medo ou se sentiu acuado? Ele já te pareceu injusto ou já tentou interferir em suas escolhas pessoais?

– Não...

– Por que Ele agiria diferente por aqui?

– Não sei, tudo parece estar de cabeça pra baixo neste lugar.

– E realmente está, Calebe. Mas o Eterno sempre será o mesmo, em todos os lugares, eras e situações. Mesmo neste lugar escuro e de desilusão.

– Quer dizer que aquelas pessoas não estavam sendo castigadas por alguma coisa que fizeram?

– Vamos refrescar sua memória. Um dia todas as pessoas que tiverem feito escolhas erradas serão castigadas, recebendo o juízo do Eterno. Quando será este dia?

– O Dia do Desfecho.

– Até lá, o que acontece aqui é resultado da Grande Guerra e das escolhas pessoais de cada um, Calebe. Por uma série de eventos e escolhas estas pessoas estavam aqui, quando tudo aconteceu. – ele me encara e continua: Você sabe que o representante deste Planeta foi quem começou a Grande Guerra, não sabe?

– Sei.

– Então nenhuma pergunta sua deve ser feita sem levar isso em consideração. Nada acontece aqui sem que esteja, de alguma forma, ligado a este combate infeliz. Saber disso faz toda a diferença, tanto nos seus questionamentos e muito mais na vida de quem está neste lugar.

– Você está certo, Ariel.

– Algumas respostas só vão ser completamente esclarecidas no Desfecho. Até lá, é preciso lembrar que nós só conseguimos ver o quanto nossos olhos conseguem captar.

Sabendo disso, o Eterno não vai sobrecarregar nossa mente com inúmeras variáveis que ainda não fazem sentido para nós.

– Menos ainda para quem vive aqui e que sabe tão pouco sobre o que acontece no mundo invisível a eles. – raciocino.

– É verdade. Mas eles sempre terão acesso a informações que são suficientes para a compreensão necessária. Ninguém estará do lado errado por falta de conhecimento, amigo. Não haverá desculpas naquele dia, apenas arrependimentos.

Conversamos mais um pouco e vejo que todos já estão entrando na van para irmos embora.

– É a minha deixa, Ariel. Nos veremos por aqui ainda?

– Talvez. Mas o mais provável é que a gente se encontre no seu próximo destino. Que o Eterno o acompanhe.

Cansado, entro na van alguns instantes antes do motorista dar a partida. Estou começando a ficar com fome. Duas coisas que eu nunca tinha sentido antes de estar aqui: cansaço e fome.

Em Lundi todas as pessoas têm acesso a uma alimentação saudável. Há os que são agricultores mais avançados, e eles dividem sua colheita com a família e amigos. Nosso sistema financeiro é muito diferente do que existe aqui. Não somos escravos do dinheiro e ninguém planta o que não poderá comer nem trabalha em algo que não trará benefícios a ele mesmo. Não digo isso no sentido egoísta da frase. A questão é que não há trabalhadores insatisfeitos com a sua rotina ou afazeres, nem pessoas que não podem usufruir do que ajudaram a desenvolver, cuidar ou plantar. Nada nos falta e também não há desperdício.

Vi aqui trabalhadores braçais, que todos os dias voltam exaustos para casa. Ao contrário do que acontece na Terra, nós nunca usamos nossos músculos ao ponto deles ficarem fatigados. Estar exausto é algo completamente novo. Sei que faz parte da maldição. E assim tem sido por aqui ao longo de milênios. Ervas daninhas, dificuldades, sofrimentos e dor. Assim como as pessoas, a natureza está deteriorada e cansada das consequências do Mal. Até quando?

Estamos quase chegando ao hotel onde estamos hospedados. Madú está estranhamente quieta o dia todo. Ela passou a viagem toda com fones de ouvido e olhos entreabertos.

Quero convidá-la para jantarmos juntos hoje, mas não sei se devo. Um daqueles restaurantes pequenos perto da praia, talvez? Seria muito bom... Mas será que ela iria querer? Digo, ela está tão silenciosa... Quem sabe prefira ficar só ou comer com alguma das colegas de quarto? Chego a abrir a boca, mas logo fecho, sem produzir nenhum som, além da minha respiração. Sinto-me como uma criança indecisa sem saber o que pedir de aniversário para os pais.

– Fala, Calebe... – ela fala enquanto sorri, me olhando de relance.

– Como...você sabia? – pergunto, desconfiado.

– Nos últimos dez minutos você não sabe se me encara ou se olha pra janela. Nem precisava estar com minha visão periférica funcionando pra perceber. Tô pirando aqui já. Fala, homem! – ela tira os fones de ouvido e me olha.

– Que tal comermos alguma coisa num daqueles restaurantezinhos perto da praia, e depois caminharmos um pouco por lá à noite? Ou mesmo no restaurante do hotel, e depois saímos? – despejo, aliviado.

– Vou adorar! – ela responde, coloca os fones de volta e não trocamos mais nenhuma palavra até chegarmos no hotel. Lá, combinamos o horário e cada um vai para o seu quarto.

Saio do banho e encontro Tomás, que demorou um pouco para subir.

– Planos pra hoje à noite? – ele me pergunta.

– Vou descer pra jantar com a Madú no restaurante do hotel ou em algum daqueles bangalôs na beira da praia, sabe? Depois talvez a gente caminhe um pouco na areia. Quer ir com a gente? – respondo.

– Corajosos, hein? Eu olho pra esse mar e penso nas fotos e vídeos do tsunami, o tempo inteiro.

– Qual é, Tomás! Eu nem tinha pensado nisso, agora vai ficar na minha cabeça! É sério, vamos?

– Parece bom! Quero sim. Você já está descendo?

– Estava, mas posso te esperar...

– Não, não. Pode ir na frente. Guardem um lugar para mim e encontro com vocês lá no restaurante em 20 minutos, no máximo.

Se vocês forem pra outro lugar me mandem mensagem. Tomo um banho, me troco e desço.

– Combinado.

– Mais uma coisa!

– Hum?

– Se vier um tsunami eu vou me segurar em você.

Ele fala sorrindo e já sai para o banho. Termino de me arrumar e desço para o saguão, e descubro que a Madú ainda não apareceu. Vou até a recepção para pedir algumas dicas de restaurantes locais enquanto espero. Uns quinze ou vinte minutos depois vejo Madú e Tomás saírem conversando do elevador.

– Desculpa ter feito você esperar sozinho, Calebezinho! – Madú fala enquanto me dá um abraço de lado.

– No final das contas você poderia ter esperado no quarto, né? – Tomás provoca.

– E aí, pra onde vamos? – ela pergunta, um pouco mais animada do que mais cedo.

– Bem, perguntei ali sobre nossas opções, e o que eles me falaram foi mais o menos o seguinte: no restaurante aqui do hotel teremos alguns pratos típicos, mas também bastante da culinária de outros países...

– Como assim? – Tomás interrompe.

– Acho que tem pizza, lanches, essas coisas também. E nos restaurantes na beira da praia vamos ter mais coisas típicas daqui mesmo, como peixes, uns pratos com legumes... O que vocês acham?

– Eu voto pelas coisas diferentes. – Madú responde.

– Já que estamos aqui perdidos nesse lugar, vamos experimentar coisas novas, não? Também voto pelos bangalôs!

– Direita ou esquerda? – pergunto, já na parte externa do hotel.

– Parece que tem mais coisas pro lado de lá – Tomás fala enquanto aponta para a esquerda.

– Simbora! – Madú parece animada com a ideia.

Caminhamos alguns metros e paramos três vezes para ver o cardápio de algumas casas. Na quarta opção os preços e pratos

não parecem ser tão diferentes de um lugar para o outro. Voltamos para o segundo, que parecia ser o mais interessante.

Escolhemos uma mesa que fica do lado de fora, numa varanda de madeira com cortinas coloridas. Um garçom simpático nos atende. Enquanto escolhemos o que vamos pedir é possível ouvir uma agradável música ao fundo – em uma língua desconhecida, que se confunde com o som intermitente das ondas. Aprecio cada segundo deste momento, enquanto olho para meus amigos fazerem brincadeiras com praticamente todos os nomes (muito diferentes!) dos pratos do cardápio.

Decidimos pedir de entrada um prato para dividirmos. Parece com uns pasteizinhos, recheados com legumes e acompanhados de molho shoyo com melado, que são muito melhores do que imaginávamos. Enquanto esperamos o prato principal, conversamos sobre o dia.

– Achei que você estava meio diferente hoje, Madú. Aconteceu alguma coisa? – pergunto.

– Ah, aconteceu. A cólica dos infernos aconteceu. E eu tinha esquecido meu remédio no quarto, pra ajudar. Assim que cheguei no hotel, tomei e agora estou beeeem melhor. Ainda bem que está indo embora.

Devo ter deixado muito transparente o que passava pela minha cabeça, por que ela logo emendou:

– Aff Calebe, que cara é essa? Nunca uma mulher falou pra você que estava com cólicas? – ela parece estar sorrindo de mim. Sou salvo por Tomás:

– Minha ex-mulher ficava o bicho. Nossa, era a semana do capeta! Se eu ficava por perto, ela brigava por que eu estava em cima. Se eu dava um espaço e ficava mais na minha, ela brigava por que eu não gostava mais dela. Vai entender?! – ele encosta o indicador direito em uma das têmporas, enquanto faz uma cara engraçada, ao que nós três começamos a rir.

– Eu fico um poço de carência, então vejam se vocês me tratam com bastante carinho, combinado? – ela sorri.

– Eu vou fazer o meu melhor. E desconfio que o Calebe também! – Tomás está a todo vapor. Mais uma vez sou salvo: agora é o garçom que chega com nossos pratos.

– O que vocês estão achando da comida? Eu gostei bastante! – pergunto, querendo mudar o rumo da conversa.

– Deeeeliciosaaaaaaa! Era isso que eu estava precisandoooo! Hummmmmmm! – Madú não deixa dúvidas sobre sua opinião.

– Muito boa mesmo! Só não esperava que essa batida fosse tão forte, viu? Já estou vendo a droga que vai ser trabalhar com dor de cabeça de ressaca amanhã. – Tomás compartilha.

– Pois eu acho que a gente não deveria ficar pensando no trabalho de amanhã. Eu voto cairmos no mar depois daqui. – sugere Madú.

– Você não tava com cólicas? Isso não quer dizer que... bem... você está naqueles dias...? Como assim vai entrar na água?

– Gente, quanta preocupação! Agora eu sou uma vaca sangrando, então! Não é bem por aí, colega.

– Se a água não estiver muito gelada eu sou totalmente a favor da ideia. – arrisco.

– Então seremos nós três. – Tomás emenda.

– Eba! – Madú comemora levantando o copo e propondo um brinde.

Ficamos por lá mais uma hora, às vezes rindo, às vezes tristes quando lembramos algumas histórias que já gravamos. Mesmo depois de já termos terminado de comer, continuamos à mesa, vendo turistas que vêm e vão. Por fim pedimos a conta, pagamos e saímos pela praia.

Pergunto se vamos passar no hotel para pegar alguma roupa de banho, mas os dois me convencem que se formos até lá vamos acabar desistindo. Deixamos celulares, carteiras e chave magnética dos quartos junto com nossos chinelos, na areia, e caímos no mar. Mentalmente fico feliz por ter vindo de bermuda. Posso deixar minha roupa na lavanderia do hotel e pegar amanhã no final do dia, antes de irmos para o aeroporto.

– Calebe, você sabe nadar bem? – Madú me pergunta.

Eu poderia me gabar contando que já nadei algumas centenas de metros em pleno mar aberto, mas sinto que seria um pouco difícil explicar como, quando e por quê fiz isso. Me limito a apenas dizer:

– Sei sim. Gosto muito de água.

– Eu gosto também. Mas não nado direito. Talvez isso seja até bom. Acho que se eu nadasse bem eu ia acabar fazendo uma besteira, indo pro fundo, sabe?

– Sei bem! – *Mesmo, de verdade, eu penso. E é uma pena que você não possa seguir seus instintos e se relacionar com a natureza de uma forma mais completa...*

– Dois, eu já vou sair. Não é uma boa ideia ficar no mar, chapado, à noite, né? Vou deitar na areia e esperar vocês! – Tomás fala enquanto já sai.

– Você quer sair também? – pergunto para Madú.

– Ah não, vamos ficar mais um pouco, né? Sabe-se lá quando eu vou poder tomar banho no Oceano Índico de novo? – ela me responde, coberta de razão. Penso comigo mesmo que as chances dela são muito maiores do que as minhas, e decido que ficar é mesmo a melhor opção.

– Queria saber boiar! – Ela confessa com um pouco de frustração na voz. – Você sabe?

– Sei sim!

– Me ensina? – ela pergunta, empolgada, enquanto bate palmas com as mãos.

– Posso tentar...

Começo explicando que ela precisa se entregar à água sem medo, ou ela não vai conseguir flutuar. Braços abertos, de preferência sem respirar fundo, tirando todo o ar dos pulmões. Ela deita enquanto eu seguro o seu corpo, na altura das costas e pernas.

– Você precisa levantar suas pernas e tentar ficar na horizontal... – observo.

Ficamos assim mais alguns minutos, envoltos no silêncio. Às vezes ela afunda, outras consegue se manter, mas ainda apoiada em mim, até que ela começa a conseguir, de fato, boiar. Solto minhas mãos aos poucos, mas isso é suficiente para ela ficar em pé, num pulo:

– Você me soltou!

– Claro, você estava conseguindo boiar sozinha!

– Estava mesmo?

– Estava!

Ouvimos Tomás gritando da areia que ele já vai voltar para o hotel e pedimos para que ele nos espere, enquanto saímos da água. Quando chegamos na areia nosso impulso é sentar e observar o céu.

– Ah, Tomás, fica mais um pouquinho? – Madú quase suplica.

– Acho que vou passar essa. Mas fiquem vocês, a gente se vê no hotel.

– Calebezinho? – Madú me olha esperando ansiosa a minha resposta.

– Tá, fico. Mas não muito. Amanhã vamos ter muitas gravações, desde cedo, né?

– Prometo que é só um pouquinho. Vem, vamos olhar pra esse céu.

Deito na areia e me deixo levar por aquele céu limpo, sem nuvens, recheado de estrelas. Apesar de serem diferentes, elas me fazem lembrar do céu de Lundi. Por lá sei os nomes das constelações, planetas e estrelas... Aqui só observo, deslumbrado. Sei que muitas nem estão mais lá, só a luz que um dia emitiram, mas que chegou aqui tempos depois de terem desaparecido. Mas isso não faz com que sejam menos bonitas.

– É estranho olhar pro céu e ver tudo tão diferente, né? Estou acostumada com as estrelas que vejo no Hemisfério Sul.

– Também acho... Mas elas não deixam de ser lindas, não é?

– E cheias de histórias pra contar...

– Como assim?

– Ah, Calebe... “Somente quem ama tem ouvidos capaz de ouvir e entender estrelas”.

– Poético, gostei.

– Olavo Bilac, de um dos meus poemas favoritos, Via Láctea. – ela me conta.

– Me mostra depois?

– Posso até recitar, se você quiser.

– Com certeza quero!

Ela fala o poema de cor, e eu fico pensativo. Ficamos em silêncio nos minutos seguintes. Ela encosta a mão na minha. Não me oponho. E continuamos ali, de mãos dadas, olhando o infinito.

Não sei quanto tempo se passou: só sei que caímos no sono e eu acordo, num sobressalto. Olho para o lado e Madú ainda dorme. Ela parece tão tranquila... Não me sinto à vontade em ter que acordá-la, mas não tenho muitas opções. Encosto suavemente minha mão em seu ombro direito e chamo o seu nome. Ela acorda um pouco confusa, e quando percebe o que aconteceu, pergunta as horas.

– Quase duas da manhã, respondo, depois de olhar no celular.

– Melhor irmos né?

Aceno que sim com a cabeça e saímos andando pela areia de volta para o hotel. Do nada ela para e diz:

– Peraí! Vamos tirar uma foto? A gente não tirou nenhum dia! Vai ser legal lembrar de hoje, olhando pra foto, né?

– Vai sim... – respondo, já com uma ponta de nostalgia.

Tiramos a foto com o mar de fundo – o melhor ângulo que conseguimos àquela hora. Se bem que mal dá para ver o mar, já que tudo está muito escuro. “Depois dou uma clareada no photoshop”, Madú emenda enquanto guarda o celular no bolso novamente. Ela passa o braço em volta no meu e encosta a cabeça no meu ombro, enquanto andamos devagar. No elevador, aperto 2, ela 3. Nos despedimos – ela me dá um beijo no rosto e um abraço demorado.

– Boa noite, Calebe! Não vai perder a hora amanhã! – ela me fala enquanto saio e vejo seu rosto sumir atrás da porta do elevador.

Chego no quarto e Tomás já está dormindo profundamente. Vou para o banheiro, com a roupa molhada, para tomar um banho quente antes de dormir. Pendurado no espelho, um bilhete: “gravações de amanhã canceladas. Pode dormir até tarde. Quando você acordar te explico, vamos ficar mais um dia aqui”. O deve ter acontecido? Tento fazer o mínimo de barulho ao sair do banho e apago na cama. Que venham bons sonhos.

Em dezembro de 2004, um dia depois do Natal, milhões de pessoas foram surpreendidas por um dos maiores terremotos da história, de magnitude 9,1 na escala Richter. O que eles não esperavam era que, minutos depois, uma enorme onda logo devastaria a costa de 14 países. Uma série de tsunamis atingiu grande parte dos países banhados pelo Oceano Índico, trazendo enorme assolação. Os países com o maior número de vítimas foram a Indonésia, Sri Lanka e Tailândia. Mais de 200 mil pessoas morreram em um único dia, fazendo deste um dos maiores desastres naturais da história.

Capítulo 06

Aceh, Indonésia

Um raio de sol que entra pela fresta da janela aberta me acorda. Não faço ideia de que horas são, mas arrisco dizer que hoje é o primeiro dia que acordei depois das 7h desde que estou no Planeta. Tudo bem, não faz mal.

Por mais que ainda queira continuar na cama, me levanto depois de descobrir que tenho menos de duas horas até o final do café. Quando estou terminando de trocar de roupa, alguém bate à porta e anuncia: “Serviço de quarto!”. Vou intrigado até a porta, abro e dou de cara com Ariel, vestido com o uniforme do hotel.

– Você pediu para bater, lembra? O uniforme foi um toque particular para não gerar suspeitas, se alguém passasse no corredor. Que tal? – ele vai entrando no quarto e senta numa das cadeiras.

– Bom dia pra você também, amigo! Que bom te ver e sim, obrigado por bater na porta. O que eu menos preciso é de um susto agora de manhã.

– Alguém está de mau humor?

– Dormi tarde pela primeira vez na minha vida e parece que tudo o que dormi não foi suficiente.

– Acontece, acontece. Quanto mais perto da meia-noite você dormir, pior. Se você dorme depois disso, o dia seguinte não será tão produtivo quanto poderia ser, especialmente se você já passou dos 25. Você já passou dos 25?

– Engraçadinho, você!

– Mas não é tão ruim assim, você não vai trabalhar hoje, não é? – ele tenta me animar.

– Não, aconteceu alguma coisa que ainda não sei o quê e hoje teremos uma folga inesperada.

– Aproveite então. Agora me conta: como foi a noite ontem?

– Foi gostosa! Eu, Tomás e Madú saímos pra comer, depois entramos no mar, com roupa e tudo. O mar estava bem calmo, e com uma temperatura agradável. Voltamos de madrugada pra cá... Foi muito bom, sabe?

– Que bom! Só isso?

– Só, por quê?

– Nada! Perguntando, perguntando... Fico curioso e gosto de detalhes, detalhes, Calebe! – ele ri e fala em seguida, olhando para o pulso: Olha só o horário, você não vai querer perder o café da manhã, não é? A gente se vê! Que o Eterno esteja com você, meu amigo!

Ele bate uma espécie de continência e desaparece. Ariel, um dos anjos mais excêntricos que já conheci. Provavelmente a melhor companhia do meu mundo que eu poderia ter enquanto estou por aqui. Desço para o restaurante e encontro algumas pessoas do grupo ainda por lá. Tomás está entre eles e já vai falando:

– Achei que você não ia descer mais! Chegou muito tarde ontem?

– Mais ou menos, e ainda bem que não acordei você!

– Seria uma missão impossível, já que eu apaguei completamente e dormi um sono profundo e delicioso. Hoje de manhã foi a minha vez de ser bem silencioso e não te acordar.

– A Madú já desceu?

– Não, se bobear ela nem acordou ainda.

– Vocês já estão de saída? – pergunto.

– Quase, mas eu pelo menos posso ficar mais um pouco. Vai lá pegar sua comida que eu te espero.

Estou faminto e acho que posso ter pegado mais do que vou comer. Quando volto para a mesa vejo Madú entrando no restaurante. Ela faz um sinal para guardarmos um lugar para ela e continua para o meio do salão.

– Vocês já têm algum plano para o dia? – Luísa pergunta.

– Só consigo pensar em descansar, descansar. – Tomás fala, preguiçoso. – Na Índia usamos o nosso dia livre para andar não sei quantos quilômetros até o Taj Mahal, foi legal e tudo, mas olha...

Eu não tô com pique pra fazer nada assim de novo. Topo uma praia, no máximo.

– Ai que preguiçosooo! – Luísa emenda.

– Alguma sugestão? – pergunto.

– Ah não sei direito o que temos de bom pra fazer. E o dia tá bom pra uma praia!

– Alguém falou praia? – Madú já chega fazendo alvoroço e senta entre mim e Tomás.

– Estamos vendo o que fazer durante o dia... – Luísa explica.

– E qual é a dúvida, vendo um mar desse na nossa frente, com esse céu azul lindo? Bora curtir o oceano!!!

– Foi o que falei! – Tomás intervém.

Enquanto Luísa e Tomás discutem possíveis itinerários e passeios, Madú me olha e fala, quase num sussurro:

– Dormiu bem?

– Uhum... Você?

– Dormi bem também.

– E as cólicas? Como está se sentindo hoje?

– Ah, agora só mês que vem – ela fala sorrindo. – Obrigada por perguntar! – ela me dá uma piscadinha e volta a atenção para a comida.

No final das contas saímos para a praia em busca de algum passeio para turistas atrasados. Por sorte havia um barco que não tinha saído. Conseguimos negociar um bom desconto e fechamos. Como todos – menos eu – já mergulharam com cilindro, ele vai adaptar o passeio para que seja interessante para o grupo. É o meu batismo, o pessoal fica repetindo.

Em Lundi sempre gostei de me aventurar. Já mergulhei, escalei, corri, fiz trilha... Cá entre nós, eu já fiz isso em outros planetas também: eu poderia ficar desbravando o Universo durante toda a minha vida. Este era um dos motivos para eu sempre querer conhecer a Terra um dia. E aqui estou eu! Muitas vezes me sinto como um peixe fora d'água. Mas, em outros momentos, como o de agora, tudo parece estar em absoluta sintonia e estou certo de que deveria estar aqui, agora.

Enquanto o nosso barco navega mar adentro, somos obrigados a ouvir uma dezena de comentários sobre o tsunami, feitos por Tomás. A intenção dele é ser engraçado, eu acho. Mas a verdade é que ele nos deixa um pouco nervosos, com algumas ideias trágicas vindo à mente. Ainda bem que nosso guia não fala português.

Mais alguns minutos e a paisagem estonteante nos deixa boquiabertos e logo o único assunto é a beleza do lugar. O mar azul e transparente ao mesmo tempo é contornado por montanhas coloridas pelo verde das árvores. O céu limpo parece um reflexo das águas. O guia lista alguns filmes que foram gravados por ali, orgulhoso. Fico imaginando quantos turistas ele já levou para passear. E mais: será que ele já morava aqui quando aconteceu o tsunami? Que história ele teria para contar? Talvez na volta eu possa arriscar entrar no assunto com ele...

Chegamos ao lugar e o guia dá as últimas instruções antes de cairmos na água. O mar está calmo e com uma temperatura muito, muito agradável. Mergulho e me perco admirando a beleza dos corais, peixes e mais um zilhão de formas de vida. Parece que a última vez que mergulhei foi há uma eternidade. É bom lembrar a sensação única de ser envolvido pela água salgada, que esconde tantos mistérios, independente de mundos. Enquanto estamos lá, perco a noção do tempo e parece que só se passaram poucos minutos quando o guia nos dá o sinal para voltarmos para a superfície.

De volta ao barco, todos conversam ao mesmo tempo, cada um querendo falar de suas sensações. O guia observa, silencioso e com um leve sorriso desenhado na boca. Aproximo-me dele e arrisco a sorte:

- Você já trabalha aqui, como guia, há muito tempo?
- Estou aqui há tanto tempo que parece que nunca estive em outro lugar...
- Nem preciso perguntar se você gosta, então.
- O amor ao que faço corre em minhas veias, *sir*. – ele fala enquanto passa a mão no antebraço.
- Isso quer dizer que você estava por aqui quando aquela tragédia aconteceu...

– Estava... E por algum motivo Deus achou que não era o meu dia de partir.

– Se você quiser não precisamos falar sobre isso, desculpe se estou me intrometendo.

– *Don't worry!* É quase impossível vir aqui e não falar sobre a desolação daquele dia. Eu estava trabalhando, aqui no mar também.

A esta altura todos pararam e começaram a prestar atenção em nossa conversa.

– Como assim? – pergunto, cada vez mais curioso.

– Naquele dia eu estava levando um grupo de turistas para mergulhar. Eles se adiantaram e acabamos decidindo mudar um pouco a nossa rota. Viemos, mergulhamos por mais de meia hora e, quando voltamos para a superfície, a destruição tinha passado por cima das nossas cabeças. – Ele olha para o oceano enquanto continua a contar: – Não entendemos o que aconteceu, logo no começo. O nosso barco não estava mais aqui, e nós voltamos, nadando, para o lugar mais perto da costa, a uns duzentos metros de onde estávamos. O mundo que eu conhecia foi varrido em questão de minutos.

– Sinto muito por isso, amigo. – Tento ser solidário, mas sei que nenhuma palavra poderá, algum dia, curar a dor que esse povo vai carregar para sempre.

– Perdi amigos, família, colegas de trabalho... Eu fui um dos únicos guias que sobreviveu, na verdade. A perda doeu, muito, mas recomeçar ao lado desse vazio foi ainda pior, eu acho.

Continuamos a conversar até que estamos de volta à praia. Tomás já não faz mais brincadeiras sobre o tsunami e nós começamos a conversar sobre tudo o que já vimos e ouvimos da tragédia.

– Nem imagino como deve ser horrível morrer afogado... Digo, acho que grande parte das pessoas morreu afogada né? Talvez alguns morreram por causa de alguma pancada na hora da onda ou quando estavam sendo arrastadas, mas acho que a maioria foi por afogamento. Deve ser uma morte horrível...

– Luísa, eu já não imagino morrer de jeito nenhum. Acho que ninguém deveria achar que a morte é uma coisa normal, né? –

arrisco.

– Ninguém gosta da morte, claro, mas isso não muda o fato de que todo mundo vai morrer, até você, esperto. – Pedro bate nas minhas costas enquanto fala e todo mundo ri.

– Como vocês fazem para acostumar com essa ideia? – pergunto.

– Quem disse que a gente se acostumou? O Pedro fala isso, mas no fundo até ele deve achar que vai viver pra sempre. Quem é que pensa que um dia simplesmente vai deixar de existir? Essa ideia me dá arrepios. – Madú confessa.

– Também não gosto de pensar nisso. Nem em velórios eu vou, pra ser sincero.

– Como assim, Tomás? Você nem faz questão de se despedir?

– Luísa, você acha mesmo que os velórios são para os mortos? A verdade é essa: se existir vida após a morte, eles não precisam de um velório e um monte de gente chorando, já que a pessoa está num lugar melhor. E se não existe, o morto simplesmente não vai ter ideia do que está acontecendo e mais uma vez o velório não tem sentido. – Tomás completa.

– Você falando assim me faz pensar que talvez o velório seja parte de um ritual que precisamos, como vivos, fazer, sabe? Para fechar um ciclo, se despedir de alguém. Né? – afirma Pedro.

– E pra muita gente, uma ótima oportunidade de ter uma consciência menos pesada. Quem aqui nunca foi num velório cheio de gente que se o morto pudesse mandaria embora? – Luísa emenda.

– Ai gente, que conversa mais esquisita! Não dá pra falarmos de alguma coisa mais suave não? – Madú protesta.

– Do quê? Podemos falar sobre as histórias animadoras que já gravamos ou ainda vamos gravar... – Pedro ironiza.

– Ou podemos falar sobre o meu divórcio também, o Caleb já me ouviu bastante, mas sabe como é, reclamar nunca é demais! – Tomás emenda e todos acabam caindo na risada.

Nunca fui em um velório, obviamente, e nem imagino como é. Sei que Madú pediu para mudar de assunto num tom de

brincadeira, mas com certeza é um assunto muito delicado para ela, que perdeu os pais há tão pouco tempo. Intervenho:

– Alguém com fome?

– Não, mas umas batidas cairiam bem! – Pedro responde.

– Eu sei que tomei café tarde e comi pra caramba, mas eu toparia umas porçõeszinhas, viu? – Madú parece empolgada com a ideia.

– Boa! – Luísa concorda.

– Quem vai comigo pedir alguma coisa pra gente naquele bangalô ali? Daí eles trazem aqui pra gente depois, que tal? – pergunto.

– Ai que preguicinha... Madú, vai com ele e já traz umas cervejas pra gente. – sugere Luísa.

Vamos até lá, fazemos nossos pedidos e logo estamos de volta. Pedro fala que vai entrar um pouco na água e todos decidem ir também. Menos Tomás, que vai ficar olhando nossas coisas.

– Nossa senhora, Calebe! Você deveria ficar mais vezes sem camiseta, viu? Quê que é isso! – Luísa me deixa visivelmente sem graça.

– Luísa?!

– Ave maria, Madú, elogiar não tira pedaço. Além disso, que eu saiba o Calebe não tem dona. Ou tem? – ela olha provocativa para Madú e sai atrás do Pedro, correndo em direção ao mar.

– Vamos? – chamo Madú, que está guardando os chinelos na bolsa, e saímos caminhando pela areia.

Ficamos na água alguns minutos até que nossa porção chega e voltamos para a areia. Algum tempo depois Madú sugere uma caminhada na areia, mas ninguém anima. Falo com ela que faço companhia, e Tomás já avisa que pode ser que eles já tenham ido para o hotel quando voltarmos. Madú coloca as minhas coisas na bolsa dela e nos despedimos do pessoal.

– E lá se vão os dois, como sempre... – ouço Luísa dizer enquanto saímos caminhando, descalços, pela praia.

– Calebe, posso te perguntar uma coisa?

– Claro!

– O que você acha que acontece depois da morte?

– Bem, Madú, vejo a morte como um sono, uma pausa.

– Como assim?

– As pessoas morrem e deixam de existir, por um tempo.

Não existe essa separação entre corpo e alma, como filósofos antigos pregavam e até hoje grande parte das pessoas acredita. A morte é um sono, no sentido de que os mortos estão inconscientes e de nada sabem, até o dia em que eles voltarem a viver.

– E quando seria isso?

– No dia do julgamento final, onde acontecerá o Desfecho e todas as coisas serão esclarecidas e organizadas, para todo o sempre.

– Desfecho do quê? E para que alguém precisa ser julgado? Você acha mesmo que existe um padrão para seguirmos, criado por alguma entidade invisível?

– Eu não colocaria nestes termos, mas é inegável que em todas as civilizações sempre houve um tipo de código moral a ser seguido. E pra quê esse código serve?

– Para a organização da sociedade, oras.

– E por que a base dessas leis está tão profundamente arraigada dentro dos nossos corações? Por que você sabe, dentro de você, que matar é errado? E que devemos ser leais aos nossos amigos, por exemplo?

– Hum, deixe-me ver: instinto de preservação da espécie?

– Se fosse assim, você não acharia errado ganhar vantagem em cima de um amigo. Essa seria a lógica: sempre priorizar você. Mas não é bem assim na vida real, certo? Isso seria considerado errado.

– É verdade... Mas de onde você acha que tiramos isso? – ela me pergunta enquanto assenta-se na areia, me chamando para juntar-me a ela.

– A resposta é simples, Madú... De Quem nos criou e deixou sua marca – o amor – em nossos corações. Eu sei que você deixou de acreditar nEle, ou de pensar muito nisso. Mas Ele continua existindo e disponível, caso um dia você precise dEle...

– Quase ninguém mais precisa de Deus a essa altura do campeonato, Calebe. Que utilidade Ele teria no século 21?

– Pois é... Ao longo de milênios sempre todas as culturas tiveram suas crenças, certas ou não, em alguma entidade divina. Hoje em dia os homens se tornaram os próprios deuses, eu acho.

– A impressão que tenho é que religiosos nunca são muito amigos da ciência e do conhecimento, e isso me deixa muito desconfiada.

– A verdade é que Deus e religião nem sempre andam juntos. É importante lembrar disso sempre, ou você pode chegar a conclusões muito complicadas. Vi que muita gente tem usado o nome de Deus e a religião para usar pessoas e ganhar dinheiro. Tantos falam em nome de Deus e tão poucos vivem de fato com Ele... Mas nada disso sairá impune, Madú.

– Você fala com tanta certeza que acaba me enchendo de dúvidas... – ela fala me olhando nos olhos.

– “Duvido, logo penso. Penso, logo existo”. Duvidar faz bem, não? Deus não quer seguidores cegos, ou Ele não teria feito o seu cérebro de uma maneira maravilhosamente complexa nem teria pedido um culto racional.

– Até você duvida, então?

– A dúvida é um dos degraus antes das respostas e certezas. Se eu não fosse alguém cheio de perguntas certamente não estaria aqui. E é maravilhoso poder descobrir as respostas com o Divino. – respondo, do fundo do meu coração.

– Quero ter mais conversas assim você, Calebe.

– Sempre, sempre será um prazer, Madú.

Respondo enquanto nos olhamos, agora em silêncio. Reparo nos seus olhos escuros e arredondados, enquanto ela encosta a cabeça nos joelhos dobrados. Ela sorri e me fala, puxando alguns fios da minha barba:

– Você sempre usou a sua barba assim?

– Assim como?

– Ah, não sei, sempre teve barba?

– Não, comecei antes de entrar na equipe do documentário. Por quê?

– Nada não. – Ela fala e volta a olhar para o mar.

Senti uma sensação boa quando ela tocou o meu rosto. Ela me faz sorrir, por dentro e por fora. Madú...

– Tô com fome, acredita?

– Acho que você sempre está com fome, Madú. Como você não engorda? – pergunto, em tom de brincadeira.

– É que eu gasto tudo com meus neurônios e minhas conversas!

– Tá explicado!

Nos levantamos e começamos a caminhar de volta para o hotel. O dia já começa a dar sinais de sua despedida enquanto vemos o azul do céu dar lugar a cores avermelhadas no horizonte. O clima quase tropical desaparece com o sol e um vento frio nos pega completamente desprevenidos.

Enquanto caminhamos, reparo Madú que, como eu, está encolhida, com os braços cruzados. Permaneço indeciso por alguns instantes e logo decido abraçá-la enquanto caminhamos.

Trôpegos pela areia, continuamos em silêncio enquanto tentamos nos desvencilhar do frio esquentando um ao outro. Mesmo antes de chegarmos ao hotel, meus pensamentos estão longe daqui. Lá, uma recepção vazia e silenciosa nos aguarda. Madú beija meu rosto e agradece pela companhia durante o dia.

– A gente fez tanta coisa que nem parece que foi um dia só, né? Tô tão exausta que acho que vou dormir que nem pedra.

– É, eu também. – respondo. – Acho que vou pedir pra entregarem comida no quarto, até. E dormir cedo, pra amanhã estar bem disposto.

– É uma boa ideia! Até amanhã, então.

– Até amanhã. – saio do elevador sem olhar para trás e sigo na direção do meu quarto.

Hoje, mais do que nunca, quero muito conversar com Ariel. Tenho perguntas a fazer. Dúvidas. Minha mente está um turbilhão, com pensamentos que nem sei se quero ou devo admitir. Preciso conversar com alguém que me conhece fora daqui, com alguém que esteja ciente da realidade externa a este mundo. Sinto saudades de casa, onde tudo era mais simples e menos complicado. Sinto falta do eu que um dia já fui, alheio a todas as encruzilhadas, perguntas, desejos e frustrações que aparecem agora.

Abro a porta e me deparo com o quarto escuro. Tomás deve estar em algum lugar comendo alguma coisa ou conversando

com alguém. Ótimo. Abro o chuveiro e sinto a água morna encostar na minha pele como uma promessa de relaxamento e que tudo vai ficar bem. Mergulho em meus mais profundos pensamentos enquanto ensaboo e enxáguo o meu corpo. Fecho a torneira, me enxugo e visto a calça e camiseta do meu pijama. Abro a porta do banheiro e, para a minha surpresa, vejo que a luz da sacada está acesa.

– Ariel?

– Quem? – Vejo a cabeça de Tomás aparecer pela porta da varanda.

– Oi, Tomás! – respondo já começando a pensar em uma resposta simples e lógica para a próxima pergunta, inevitável.

– Ariel? Quem é Ariel?

– É um amigo. Desculpa, estava falando sozinho em voz alta. – o que não é mentira. Olho para a mão direita dele e já emendo: – desde quando você fuma?

– Ah, isso? – ele fala, balançando o cigarro. – É coisa de momento. Não sou viciado, nem nada, só acendo um desses uma vez ou outra.

O que não anula os efeitos do cigarro, penso.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunto.

– Você acha que ainda tem jeito pra esse mundo, Calebe?

– Como assim, Tomás?

– Olhe ao seu redor, amigo. Pense nas histórias que ouvimos. Lembre-se do garotinho que morreu nos seus braços. Visualize a tragédia que aconteceu aqui e que essas construções bonitas tentaram esconder. O que é que está acontecendo com esse mundo, amigo? Será que ainda tem alguma esperança para nós? Ou já podemos jogar a toalha?

– Claro que existe esperança, amigo. Toda situação tem mais de um ângulo, acredite. Não se deixe ser levado pelo lado pessimista.

– Pessimista ou realista? Será que o otimismo não nos deixou cegos?

– De onde eu venho, os mais velhos sempre ensinaram que não há situação sem esperança. E eu acredito nisso.

– Bonito e leve. Um tanto ingênuo, talvez. Mas não sei se real. – ele deixa seu desânimo transparecer enquanto solta uma pequena nuvem de fumaça.

Eu até poderia dizer a ele que compreendo seu medo, insegurança e frustração. Que se eu estivesse no lugar dele, provavelmente experimentaria questionamentos similares.

Minha certeza inabalável tem a ver com a minha experiência, com o que já vi e vivi. Por isso não devo ser tão admirado assim. Afinal, não preciso de fé para acreditar no que Tomás não pode ver. Mas é muito mais sábio lutar com as armas que ele conhece. Pensando nisso, afirmo:

– Se não há esperança para além dessa vida, qual o sentido das coisas, afinal? Até parece que você se esqueceu de que *existem à frente coisas muito melhores do que qualquer uma que deixamos para trás*. – respondo, citando seu autor preferido.

– Muito bem lembrado. Fico feliz que seja você o meu colega de quarto e não alguém que nessa hora me diria que não tem jeito mesmo e que a gente deveria sair para encher a cara. – ele ri, enquanto solta uma baforada.

– Aí uma coisa que nunca vou fazer com você, isso posso falar com certeza. Mudando de assunto: você já comeu?

– Ainda não, por quê?

– Vou pedir alguma coisa, talvez uma pizza, para entregarem aqui no quarto. Podemos dividir, se você quiser.

– Ué, o que aconteceu? Não vai ter a duplinha dinâmica desbravando a cidade hoje?

Meu impulso é me fazer de desentendido, porque não quero falar sobre a Madú. Ao invés disso, respondo:

– Não aconteceu nada, só quero ficar por aqui e dormir cedo hoje.

Para a minha surpresa, ele não explora o assunto, e só responde que quer dividir a pizza sim. Pegamos alguns cardápios de lugares que fazem entrega e começamos a decidir sabores e se vamos pedir uma ou duas. Minutos depois ligamos para o restaurante, e o atendente nos diz que a entrega será feita em meia hora. Neste meio tempo, Tomás vai tomar banho e eu fico lá fora,

olhando o movimento dos turistas e a linha horizontal escura, onde o mar se encontra com o céu.

Ariel não aparece, e logo Tomás está de volta. A pizza chega, e terminamos a noite comendo e conversando. Já deixo a minha mala praticamente arrumada para a próxima viagem. Leio um pouco antes de dormir e logo já estou na cama. Amanhã iremos para a Malásia gravar mais um depoimento relacionado ao Tsumani, depois gravaremos na Tailândia e então partiremos para mais uma história.

Capítulo 07

Kuala Lipis, Malásia

Depois de uma noite de descanso acordo quando o céu ainda está escuro. Faço o máximo de silêncio possível enquanto levanto e vou para a varanda. Fico olhando um pouco para o céu nesses últimos minutos antes do sol nascer e penso nos últimos acontecimentos.

Tomás é uma ótima companhia e conversamos bastante ontem, foi muito bom. Mas como poderia dizer para ele que não tenho medo da morte e que minha vida é em outra dimensão? E Madú... Ela transformou-se numa amiga, em alguém especial para mim, com quem eu me importo. Como dizer para ela que daqui a alguns meses não estarei aqui? Não posso simplesmente desaparecer, sem explicações. Eu não quero magoá-la.

Penso se foi sábio me aproximar tanto de alguém daqui. Mas, ao mesmo tempo, não sou um robô. Como passaria meses em um lugar sem desenvolver nenhum laço afetivo?

Quando pensei em vir para cá e me preparei para a missão, esse tipo de paradoxo não tinha passado pela minha mente. Desconfio que precisarei de ajuda para encontrar uma solução adequada para tudo isso. Afinal, o que agora são questionamentos logo se transformarão em impasses reais que não poderão ser simplesmente ignorados.

– Cara, você não dorme? – olho para trás e vejo Tomás com uma cara amassada, esfregando os olhos por causa da luz.

– Nem tem tanto tempo que eu acordei..

– Mas você já tomou banho e está aqui fora, lendo. Vou me arrumar também. Me espera para o café.

Volto para o quarto, agora que a luz está acesa, para conferir se não estou esquecendo nada fora da mala dessa vez. Esqueci o meu desodorante na Grécia e tive que comprar outro no aeroporto, por um preço nada agradável.

Descemos para o restaurante, escolhemos uma mesa grande e começamos a comer. Tomás está animado esta manhã. Ele começa a contar algumas histórias, e eu faço o meu melhor para prestar atenção. Logo depois Madú e Luísa aparecem, nos cumprimentam e sentam conosco. Madú cumprimenta Tomás com um aperto de mão e me dá um beijo no rosto. Não deixo de notar a expressão provocativa que Luísa lança para Madú, que dá de ombros.

Alguns momentos depois chegam Rui, Pedro e Karine, que sentam conosco à mesa e logo todos estamos conversando. Compartilhamos histórias do nosso dia de folga e expectativas sobre o último dia de gravação sobre o Tsunami.

– Alguém sabe pra onde vamos depois da Malásia? – Karine pergunta.

– Verdade! Estava olhando o cronograma e os dias estão em branco, com gravações agendadas só para a semana que vem – confirma Pedro.

– Achei que todos já soubessem. Vamos ter alguns dias de folga antes de continuarmos a próxima gravação. Assim todo mundo pode descansar e relaxar um pouco, por que tem muita coisa pela frente ainda. – Rui explica.

– Ah é? Que bacana! E vamos fazer essa pausa onde? – Tomás pergunta.

– Sinto que vocês vão gostar da resposta! – Rui faz suspense e até eu estou curioso.

– Anda, fala! – Karine quase implora, enquanto todos prestam atenção.

– Já que estamos do lado e é caminho, vamos ficar alguns dias na Tailândia. A Clarisse conseguiu fechar um pacote a um bom preço por lá. Além do mais, poderemos rever o que já foi gravado, decupar, editar...

– E eu achando que era folga de verdade! – Pedro emenda.

– Ah, não reclama, que vai ser uma maravilha sim! – Madú intervém.

Também gostei da novidade. Tailândia. Interessante! Assim que puder já vou pesquisar o que tem de interessante para fazer por

lá. Se as praias forem como as daqui, já seria o suficiente. Poderia mergulhar novamente... Sem perceber, estou perdido em meus pensamentos, quando ouço praticamente todo mundo falar meu nome ao mesmo tempo:

– Planeta Terra chamando Calebe! – Luísa me cutuca.

Respondo sorrindo, sem ignorar a ironia da frase. Pedro estava falando do dia de ontem e lembrando do mergulho, e me citou em algum momento. Sim, foi muito bom, concordo e tento me manter atento às conversas.

Logo terminamos e em menos de uma hora todos estamos na van, já a caminho do aeroporto. De lá, mais um voo, desta vez de quase cinco horas. O destino é a Malásia, que também foi afetada pelo tsunami. Desta vez não estaremos numa cidade praiana, mas em Kuala Lipis, que fica no interior do País.

Desceremos em Kuala Lumpur, capital do país, dormiremos na cidade e, pela manhã, vamos para o destino final de carro. Viajaremos por aproximadamente 2 horas e meia. Lá, vamos nos encontrar com um dos sobreviventes do Tsunami. No dia fatídico, ele estava de férias, com a família, em um resort na Tailândia. Sobreviveram apenas ele e a esposa. Um dos filhos chegou a ser resgatado com vida, mas não resistiu e acabou morrendo depois. O casamento acabou em divórcio, e ele resolveu voltar para a região que mudou o rumo de sua vida para sempre. Em Kuala Lipis ele é dono de uma pequena pousada e dá aulas de inglês.

Ao aterrissarmos na capital da Malásia, fico impressionado com o que vejo. Amplo e ao mesmo tempo rico em detalhes, este é o aeroporto mais interessante que vi até agora. Tenho uma leve impressão de que a arquitetura no lado oriental do planeta é um tanto mais elaborada do que encontrei até agora nos países ocidentais. Mas ainda há tanto a se ver que quero deixar minha mente livre para apreciar o que está por vir.

Enfrentamos longas filas e toda a equipe está cansada. Quando finalmente conseguimos sair já é quase noite. Como nossa cidade de destino não tem aeroporto, vamos pernoitar aqui e amanhã bem cedinho iremos de carro para lá. Jantamos no caminho, antes de irmos para o hotel. Já no quarto, nem desfaço as

malas. Tomo um banho, separo o que vou usar de manhã e já caio na cama, torcendo por uma boa noite de sono.

– Já vai descer com as malas? – Tomás me pergunta pela manhã.

– Sim, a Clarisse falou ontem que seria ótimo já fazer o check-in antes do café e deixar as malas na van enquanto comemos.

– Legal! Vou fazer isso também. Mas e aí não vamos escovar os dentes?

– Deixei minha escova e pasta na minha mochila.

– Boa!

No restaurante encontro Madú, com uma cara de sono, e bocejando a cada minuto.

– Bom dia, pessoal, bom dia dorminhoca! – falo, enquanto ganho um beijo no rosto. – Dormiu muito ou pouco, pra estar com essa carinha?

– Pouco. Culpa da Lú, que me chamou pra assistir seriado com ela. Só mais um, só mais um, só mais um!, e fomos dormir de madrugada. Ai que arrependimento!

– E onde ela está? – pergunto.

– Dormindo! Ela disse que prefere dormir mais um pouco e não tomar café. Eu nem preciso explicar que odeio ficar sem comer de manhã, né? – ela ri. – Além do mais, posso cochilar no caminho. Principalmente se você for do meu lado e gentilmente me ceder o seu ombro!

– Pra você babar de novo? – provoco.

– Ah, foi só um pouquinho! – ela cobre o rosto com uma das mãos, fingindo vergonha. – Pra você saber, eu nem preciso do seu ombro. Deixei meu travesseiro fora da mala justamente pra isso. – ela pega um travesseiro que está na cadeira vazia do lado, para comprovar.

– Quem viaja com um travesseiro desse tamanho na mala?

– Tomás parece perplexo. Talvez a reação dele esteja um pouco exagerada, só pelo drama.

– Eu! E é um desses da Nasa, então ele não ocupa tanto espaço e é uma delícia. – ela se defende.

Clarisse passa por nossa mesa e avisa que a van sai em dez minutos. Nos apressamos e logo estamos acomodados começando a viagem para o interior do País.

A Malásia parece ser muito interessante. Sua capital é moderna, cheia de prédios bonitos – uma pena passarmos tão rápido por aqui. Seria legal poder conhecer melhor este lugar. Saindo da cidade, entramos em uma rodovia um pouco estreita, mas bem conservada. Dos dois lados vejo montanhas cobertas de árvores, muitas árvores. E à medida em que nos afastamos da capital a estrada começa a ficar cada vez mais apertada.

O que era curiosidade vai se transformando em tédio. Começo a pescar e logo estou dormindo. Engraçado, em Lundi nós não dormimos tanto como as pessoas daqui. Mas estou quase um terráqueo, dormindo não só à noite, mas também em praticamente todas as viagens durante o dia. Acordo com a van estacionando em frente ao lugar onde gravaremos.

Anko Onrust nos aguarda à porta de sua acolhedora pousada. Holandês, o analista de negócios trocou o terno e escritório por bermudas e turismo. Desço com a máquina em mãos e começo a fotografar. Vamos filmar num espaço interno da pousada com livros, muitos quadros e alguns sofás. De um dos lados, um singelo jardim de inverno. Ele pede para um dos funcionários trazer água. Logo ele está sendo maquiado e preparado para o que virá a seguir.

Sua expressão outrora hospitaleira e mais radiante começa a se entristecer e ficar cada vez mais reflexiva. Me pergunto se algum dia alguma dessas vítimas ainda será capaz de se lembrar sem sentir dor. Impossível, talvez. Eu mesmo, ao me recordar do que aconteceu comigo na Grécia, quando aquele garotinho morreu em meus braços, tenho uma certeza silenciosa dentro de mim que me diz que nem mesmo em Lundi eu conseguirei esquecer. Não sei se esquecer é a palavra certa. É preciso lembrar, mas como dissociar a sensação de dor e perda?

Nos últimos minutos antes da gravação, vejo que a equipe também está diferente. Não é possível ouvir tudo o que temos ouvido sem ser afetado de alguma maneira. A cada vez que estamos atrás dessas câmeras nós sabemos que vamos ouvir sobre

agonia, sofrimento e dor em níveis extremos. Tomás tinha me dito que ele e outros chegaram a ter pesadelos com as histórias. Como poderia ser diferente?

Câmeras prontas, luzes acesas, e Anko Onrust começa a falar:

– A primeira vez que eu vim para esta região eu ainda era um rapaz. Vim com meus pais e minha irmã e me apaixonei por este lugar. Alguns anos depois, eu tinha acabado de sair da faculdade, estava num ótimo emprego e tinha conhecido uma mulher muito especial. No final daquele ano eu a trouxe para passar o réveillon na Tailândia. Foi quando a pedi em casamento, um dos dias mais felizes da minha vida. – em seus olhos, um misto de alegria e tristeza. – A partir daí, vir tornou-se quase uma tradição. Todos os anos passávamos ao menos uma semana por aqui. Logo já conhecíamos várias praias da Malásia, Indonésia e Tailândia.

Eu também tenho meus lugares favoritos, onde costumo ir com uma certa frequência. Mas, para mim, nada se compara com o prazer de descobrir novas cidades, mundos, praias, montanhas, paisagens, pessoas..., penso enquanto escuto a história.

– Quando nosso primeiro filho nasceu, mal víamos a hora dele crescer um pouco para viajarmos com ele para cá. E assim foi! Chegamos a vir um ano com alguns amigos, também. Foi um Natal excepcional. E por mais que milhões de pessoas venham para essas praias todos os anos, para nós aqui era o nosso cantinho. – ele faz uma pausa, olha para o chão e continua: – Até aquele ano...

– Vocês já estavam lá na Tailândia há alguns dias ou tinham acabado de chegar? – Rui pergunta.

– Estávamos aqui há dois dias. Naquela manhã, acordamos cedo, tomamos café e fomos para a praia, como sempre. Eu, minha esposa e meu filho, que tinha cinco anos. De repente veio o terremoto. Já tínhamos sentido terremotos antes, mas aquele foi diferente, muito mais forte. Mas passou. Depois do susto, começamos a nos recompor e reparamos que o mar estava se afastando muito, de um jeito estranho. Mas ninguém sabia o que era. Eu, particularmente, não entendia nada sobre tsunamis. Provavelmente até aquele dia já deveria ter falado essa palavra não mais do que duas ou três vezes, se for parar para pensar. Então eu

posso dizer que a falta de informação, o fato de não conhecermos os sinais, foi o que realmente decidiu entre a vida e a morte. Veja bem: se ao menos um dos turistas que estavam por lá soubesse que aquele era um sinal de um tsunami, ele poderia ter nos alertado e todos procurariam abrigo. Entre o final do terremoto e a onda vindo nos atingir tivemos aí por volta de 20, 25 minutos. Dava para fazer alguma coisa, sabe? Mas a gente não sabia, simplesmente não sabia.

– E sabe qual é a pior parte? Quando a água se recolheu, ficaram para trás, na areia, muitos, muitos peixinhos. Tinham alguns médios, mas a maioria era pequeno, cabia na palma da mão, assim. Dentro de mim eu sentia que alguma coisa muito, muito estranha estava acontecendo. Eu cheguei a falar com minha esposa se não deveríamos sair da praia. Ela falou que também estava achando tudo muito diferente, e que devíamos sair sim, mas antes poderíamos pegar algum peixinho para mostrar para o Feiko, e quem sabe alguma concha para guardarmos de recordação. Tudo bem, pensei. E, enquanto ela ficou na areia, andei alguns metros para procurar. Quando estava abaixado, ouvi um estrondo. Era possível ouvir a água chegando, sabe? Olhei e fiquei sem reação. As pessoas começaram a correr, desesperadas. Uma mãe gritava para os filhos voltarem. Tinha gente desesperada em todos os idiomas que você imaginar. – ele continua, sem tirar os olhos da câmera:

– Eu olhei para trás, na areia, e minha esposa me olhava petrificada. Gritei para que ela corresse com nosso filho, e voltei correndo também. Mas não tinha como fazer nada... Não tinha como, você me entende? Não tinha nada que pudesse nos salvar daquela parede de água. Disseram que a onda chegou a 30 metros em alguns lugares, não sei se você viu. Não sei quantos metros aquela onda tinha. Mas era muito, muito assustadora. Depois fiquei sabendo que ela vinha a centenas de quilômetros por hora. Já imaginou? O que dá pra fazer quando tem alguma coisa nessa velocidade atrás de você? Não consegui alcançar a minha esposa e meu filho e fui levado pela água. – a esta altura, algumas lágrimas já molham o seu rosto.

– Quando vi Evelin sumir na correnteza eu tentei com todas as forças alcançá-la, mas as águas eram fortes demais! Fui arrastado até conseguir me segurar numa madeira. De lá, consegui subir numa pila de destroços que estava ao lado de um prédio e me puxaram para o andar de cima. Veio a noite e a água ainda não tinha baixado completamente. Ali estava eu, cercado de estranhos, sem saber o que aconteceria comigo.

– Tinha muita gente no lugar onde você se abrigou? – Perguntou Rui.

– Não. Vinte ou trinta. Bem, pode ser que você ache que eram muitas. Mas foram tantos corpos que acho que vinte pessoas são quase nada, entende? Bem, assim que amanheceu eu saí em busca da minha mulher e meu filho. Fiquei o dia inteiro perambulando entre os escombros, gritando pelo nome deles. Muitos faziam o mesmo. Eu nem me lembro de ter comido alguma coisa. Devo ter comido, mas não me lembro o quê e nem onde. Aproximadamente dez horas depois eu encontrei Evelin num abrigo improvisado. Mas ela estava só... O nosso filho tinha sido levado de seus braços. Só fomos encontrá-lo quase três dias depois. Mas ele estava tão fraco... Não resistiu por muito tempo.

– Quando vocês voltaram para casa?

– A esta altura alimentos, roupas e ajuda do mundo inteiro já tinha começado a chegar. Eles estavam ajudando os turistas a irem até suas embaixadas, mas nós não aceitamos ir embora antes de encontrarmos nosso filho. Uma loucura, eu sei. Era tanta gente morta... Tanta gente... Valas cheias de corpos que nunca seriam reconhecidos... Mas na hora você não pensa nisso, você acaba só se deixando levar. No fim das contas realmente achamos nosso bebê. – ele enxuga o rosto com um lenço e continua: – você pode não entender, mas eu me sinto afortunado por ter encontrado o meu filho, mesmo que ele tenha morrido depois. Sei que fomos uma das poucas famílias que realmente puderam enterrar seus mortos. Teve gente que perdeu mais de 10 pessoas da família. Primos, tios, pais... Dá pra imaginar? Eu não consigo... Eu simplesmente não consigo...

– E o que aconteceu de volta à Holanda?

– Quando chegamos a imprensa estava em cima de nós. Queriam fotos, queriam entrevistas, queriam matérias, ninguém respeitava a nossa dor. Jornalistas ligavam sem parar, era uma loucura. Nos mudamos de casa, de número... Não sei o que é pior, os jornais que publicam isso, explorações da dor do outro ou as pessoas que assistem, que leem, sabe? Assim, aqui vocês estão gravando comigo de um jeito respeitoso, estou falando de uma coisa que aconteceu há anos e o mais importante, existe algum sentido para estarmos aqui. Não é só uma manchete. É muito insensível, esse negócio de jornalismo. Desculpa, alguém poderia me dar uma água?

– Claro! – Rui responde e já pega uma das garrafas de água mineral da equipe.

Anko Onrust bebe toda a água quase num gole só. Era sede, mas uma daquelas sedes de nervosismo, onde beber água parece uma ótima solução para desviar um pouco a atenção de um momento desagradável. Rui entrega outra garrafinha, mas ele agradece e recusa.

– Bem, vamos continuar, não é? Faz tempo que eu não falo sobre isso. É uma coisa que a gente vai aprendendo a esquecer, de um jeito ou de outro. Bem... continuando... A família, dos dois lados, estava tentando fazer de tudo para nos amparar. Alguns dias depois da nossa chegada fizemos o funeral e enterro do nosso filho. Foi até bom termos mudado de casa por causa dos jornalistas. Se tivéssemos continuado lá a dor teria sido ainda maior. O silêncio... o quatinho vazio... Os brinquedos... A outra casa era menor, com dois quartos apenas. Era como se já estivéssemos dizendo que não queríamos ter outro filho. Que o desejo era encolher dentro de nós mesmos. E assim foi... Nos distanciamos a cada dia. Eu culpado, por ter levado minha família para a morte. Ela, culpada por não ter conseguido salvar o filho.

– Vocês chegaram a conversar sobre isso?

– Sim, conversamos sim. Mas as palavras doíam mais do que o silêncio. E voluntariamente deixamos de nos falar... de nos tocar. Ela saía mais cedo para o trabalho, eu voltava mais tarde do meu. Tácitos, vivíamos nas sombras. Até que chegamos no ponto inevitável onde, sem muito alarde, assinamos os papéis do divórcio.

Vendemos tudo e dividimos o dinheiro. Não ficamos com uma cadeira sequer. Não queríamos nenhum vestígio da vida que um dia acontecera, da dor que nos encontrou, da perda que nos quebrou em pedacinhos. Fui morar num apartamento no centro de Amsterdã e ela – foi o que me disse àquela época, pelo menos – foi viver na França, dando aulas em Nice.

– E como você veio parar aqui?

– Sozinho, em Amsterdã, era inevitável pensar em tudo. Veja bem, eu já tinha vindo aqui tantas vezes e precisava ver com meus olhos como tudo ficou. Dois anos e inúmeras sessões de terapia depois eu criei coragem e vim. Fui no mesmo lugar onde eu estava quando a onda veio. Outro resort estava sendo reconstruído ali. Pessoas iam e vinham, e eu, parado, petrificado, olhava para um mar agora calmo e acolhedor. Conversando com um dos funcionários do hotel, descobri que a dona estava no dia da calamidade e era uma das sobreviventes. Coloquei na minha cabeça que eu queria conversar com ela. Sabe o que ela me disse? “A vida precisa continuar, meu amigo. Precisamos usar nossos destroços para novas construções. E nossas lembranças para aprendermos e sermos mais fortes”. Isso ficou na minha cabeça. Voltei pra Europa mas meu coração ficou. Comecei a pesquisar sobre algumas cidades da região, comércio e investimentos. No início eu falava para mim mesmo que era apenas curiosidade. Mas aquilo foi crescendo e logo eu estava com as malas prontas para vir pra cá. Escolhi a Malásia por uma questão de afinidade e esta cidade por... bem, eu não queria ficar na praia. Seria difícil demais dormir todas as noites sabendo que aquilo poderia acontecer de novo. Então vi para cá, e a vida ainda tinha surpresas reservadas para mim...

Quando ele falou a última frase, seus olhos desviaram-se da câmera para um canto esquerdo. Olhei para trás e vi uma mulher dando um sorriso tímido de volta. Ela parecia ser daqui. O amor pode surpreender de muitas maneiras, pensei. Justamente aqui ele encontrou uma nova companheira para a vida. Uma coisa que me chama muito a atenção aqui desde que cheguei é a capacidade de recomeço das pessoas. Isso é muito bonito, como uma flor que

nasce em meio à lama. Não é à toa que a flor-de-lótus é usada como símbolo de tanta coisa.

Depois de algumas horas de entrevista, nosso trabalho está terminado. Converso com Anko Onrust e tiramos algumas fotos na pousada – dele sozinho e também algumas com a sua nova esposa. Meu objetivo é usar as fotos para contar uma versão única e especial de tudo o que estamos vivenciando. Penso na exposição que vai acontecer justamente na minha última semana aqui e sinto um nó no estômago. É estranho querer ficar um pouco mais, sabendo que tenho o meu planeta sem nada de dor, morte, sofrimento, nada disso, me esperando. Não sei, talvez a adrenalina, curiosidade e o desejo de desbravar me façam querer ficar.

– O que você tá fazendo aí parado? Bora comer? – Tomás me chama.

É, talvez existam outras razões que me façam querer ficar também. Gosto das pessoas. Do calor, da amizade, do carinho. Do mundo novo, literal e figurado, que elas me apresentam. Já não presto tanta atenção aos odores das ruas. Sinto os cheiros bons e inebriantes dos temperos, das comidas, o perfume das flores...das pessoas... É uma sensação nova, estranha. Boa? Não sei. Sinto um frio quando penso nisso.

Falando em cheiro bom, Anko Onrust preparou um almoço especial para nós, aqui mesmo na pousada. Vamos almoçar juntos, no restaurante cheio de cores e quadros nas paredes.

– Eu sei que vocês vieram do Brasil, mas hoje vão experimentar algumas comidas típicas daqui. Como não sabia se o grupo tinha algum vegetariano ou não, temos algumas opções sem carne também. – Anko Onrust prova ser um excelente anfitrião.

Uma grande mesa já está preparada. Nos sentamos e somos servidos maravilhosamente bem. Gradualmente o clima começa a mudar, sorrisos aparecem e logo conversas de todo o tipo enchem o lugar. É interessante perceber que o momento das refeições carrega um poder único e especial, não importa o mundo em que você esteja. Rui, assentado à minha frente, puxa conversa:

– O que você está achando das gravações, Calebe? – ele pergunta.

– Cada vez mais interessantes e reflexivas.

– A dor certamente tem um poder único que provoca as pessoas, não é?

– Sem dúvidas... E estes últimos dias têm confirmado isso de uma maneira intensa. Posso fazer uma pergunta?

– Claro!

– Você sabe qual foi o motivo para que este tema tivesse sido escolhido?

– Sei sim. Mas acho que a Clarisse aqui pode te responder com mais propriedade. – ele fala enquanto olha de lado para ela, que presta atenção na nossa conversa.

– Calebe, há três anos e dois meses eu sofri uma perda terrível. Minha filha mais nova, adolescente, perdeu a luta para o câncer, alguns meses apenas depois de termos recebido o diagnóstico. Passei quase um ano em um hospital especializado em câncer, indo e vindo, indo e vindo. Nas últimas semanas, dormia com ela quase todas as noites. Naquele período eu pude conhecer muitas pessoas e suas histórias de dor. Quando Susie morreu, pensei em todas aquelas pessoas que eu tinha conhecido no caminho, muitas delas que tinham ido embora também. Lá no hospital, entre os pacientes terminais e suas famílias, não havia classe social, cor, status, nada disso. Éramos apenas humanos sofrendo. Isso me fez pensar sobre como é que somos nivelados e jogados contra a parede quando estamos diante de alguma fatalidade. Isso me fez querer descobrir mais e entender como pessoas que vivenciaram tragédias e perdas em lugares diferentes do mundo lidaram com tudo isso. Foi o começo do que hoje é isso que você está participando.

Ela compartilha sua história com muita tranquilidade. A esta altura todos tinham parado de falar e começado a prestar atenção em suas palavras.

– Sinto muito por isso, Clarisse. – concluo.

– Não sinta, Calebe. Foi ruim, claro que foi. Mas não há como voltar atrás, certo? Nem como escapar das adversidades da vida que ainda virão. Então melhor do que reclamar e entristecer por causa disso é fazer alguma coisa boa a respeito. É a história da pérola, que só é feita por causa da dor. Da espada, que só pode

ficar pronta depois de passar no fogo. Se você fica preso aos dramas da vida, logo você não terá forças para mais nada.

– É verdade e uma bela maneira de enxergar a situação. Parabéns. – emendo.

– Obrigada... Agora vamos colocar um sorriso no rosto, saborear essa comida deliciosa e comemorar, por que amanhã estamos de folga! – ela tenta mudar o clima animando o pessoal.

Funciona. Logo os risos estão de volta e todos já não pensam mais em câncer, tragédias ou perdas. Clarisse me pede para eu fazer uma seleção das fotos mais recentes e mandar para o e-mail dela assim que eu chegar no hotel em Kuala Lumpur. Ou posso zipar e passar por um pen drive, o que preferi. Decido já ir escolhendo as fotos no caminho, enquanto estamos na van. Madú parece abismada:

– Como você consegue ficar mexendo no computador enquanto estamos na estrada? Se eu faço uma coisa dessas não ia durar 5 minutos e logo ia vomitar até o que não tinha comido.

Enjoos. Já tinha lido sobre isso antes de vir para cá. Um dos professores no meu treinamento também tinha me falado sobre eles.

– Sabia que quando você sente enjoo assim é o seu corpo achando que você foi envenenado e aí ele quer mandar o veneno pra fora? – ela continua. – Tudo por causa de uma confusão no cérebro por estarmos nos movimentando e parados ao mesmo tempo, alguma coisa do tipo.

– E todo mundo achando que você era só um rostinho bonito, hein? Madú também é cultura. – arrisco uma piada.

– Hummm, sou um rostinho bonito então? – ela fala, e eu sinto meu rosto queimando. Respiro fundo e encaro as fotos, evitando olhar para Madú.

– Ai que gracinha, você ficou sem graça! E olha que você começou, né? – ela ri.

Verdade. Eu comecei mesmo. Mas falei sem pensar. Quem diria? Eu, Calebe, falando sem pensar. Desconverso, falo que preciso olhar as fotos e volto para o notebook.

Lá pelo meio da viagem o dia está anoitecendo e fecho o meu notebook, para a luz não perturbar a maioria que dorme. Olho

pela janela e vejo o céu alaranjado por um sol que já se pôs atrás de alguma dessas montanhas. Mais uma noite chega aqui no planeta azul. Olho para a floresta que preenche a paisagem e começo a pensar que segredos ela esconde. Há tanto a se conhecer...

Chegando no hotel Clarisse me procura:

– Eu tinha falado para você me mandar por e-mail, mas achei melhor vermos juntos, e você já me passar algumas impressões também. Pode ser?

– Claro! Quer já ver agora? – respondo.

– Não, foi um dia longo. Vou tomar um banho e te encontro em meia hora aqui no bar do hotel, que é mais tranquilo. Ok?

– Combinado.

Madú vem logo atrás e comenta que pelo jeito não vai ter minha companhia para jantar. Possivelmente não. Imagino que Clarisse vai querer ver as fotos, falar do que gostou ou não, rever algum detalhe... E isso vai levar muito mais do que alguns minutos.

– Mas amanhã é folga, lembra?

– Amanhã é mais quatro dias inteiros, nem estou acreditando! Não esqueça de guardar um tempo pra mim na sua agenda! – ela brinca enquanto esperamos o elevador chegar.

Vou direto para o banho e depois abro o notebook, confiro as fotos e adiciono mais algumas. Pelo jeito não vou ser o único a trabalhar essa noite. Tomás está vidrado na tela do computador e parece que vai longe.

Quando chego no bar Clarisse ainda não chegou. Escolho uma mesa com uma tomada próxima e abro o computador enquanto ela não vem. É um lugar tranquilo. As cadeiras são de madeira, com um estofado estampado com algumas flores vermelhas. Dá para ouvir os hóspedes que vem e vão, mas não é nenhum barulho que incomode. Só mais uma mesa está ocupada, com um homem de meia idade que digita freneticamente e bebe uma taça de vinho. Um barman entediado me pergunta o que quero beber e eu peço uma água.

– Calebe, oi, me desculpe por te fazer esperar. – Clarisse chega e se senta na cadeira defronte à minha.

– Sem problemas.

Ela escolhe alguma bebida e começamos a conversar:

– O que você está achando das gravações e das histórias, de uma maneira geral? – ela pergunta.

– Estou gostando bastante. A escolha dos temas foi muito bem feita, bem como dos cenários. Acredito que teremos um resultado muito interessante e espero que possamos alcançar as pessoas, de verdade.

– Confesso que fiquei um pouco preocupada com você depois do incidente na Grécia, você sabe.

– Foi uma situação difícil, mas não precisa se preocupar, está tudo bem.

– Sim, sim. Eu cheguei a conversar com o Rui e ele me disse que vocês conversaram algumas vezes. Mas se você precisar de alguma coisa não pense duas vezes em falar comigo, ok? Eu faço questão de ter um bom relacionamento com todos da equipe.

– Eu agradeço pela preocupação, Clarisse.

– Vamos às fotos?

– Sim, sim, claro.

Começamos revendo o que eu tinha feito ainda no Brasil. Depois Grécia, terra e mar. Índia, Indonésia e agora Malásia. Não quero me gabar, mas sei que o meu trabalho está bem feito e as fotos ficaram muito boas. Ela elogiou o que viu e ainda me deu mais liberdade para as próximas histórias. Excelente!

Pouco mais de uma hora depois terminamos de ver tudo e de lá vamos comer alguma coisa no restaurante do hotel, junto com Rui e Henrique, que nos esperam.

Termino de comer e volto para o meu quarto, para organizar minhas coisas e dormir, já que amanhã sairemos cedinho para o aeroporto – provavelmente nem vamos tomar o café da manhã no hotel.

– Estava com saudades de mim? – Ariel pergunta sorrindo.

– Boa noite pra você também, Ariel! – respondo enquanto nos cumprimentamos.

– Como vão as coisas por aqui?

– Muito bem! Amanhã viajaremos para a Tailândia e teremos cinco dias de folga. Já pensou? Pelo que vi é um lugar muito interessante. Estou animado. Eu nunca achei que fosse dizer isso, mas eu amo o meu trabalho nesse planeta!

– Cuidado, ou você acaba ficando por aqui...

– Até parece! Peraí, como assim? – por um momento achei que ele estava fazendo mais uma de suas brincadeiras, mas começo a achar que pode ser sério. O que você quer dizer com isso? – respondo, assustado e desconfiado, ao mesmo tempo.

– Nada, por enquanto. Você não quebrou nenhuma das regras, quebrou? – é possível notar claramente preocupação em sua voz.

– Não, é claro que não. – estou sendo sincero, mas sei que minha resposta soou mais insegura do que eu imaginei em minha mente.

– Lembre-se: aqui você está em outro território, Calebe. Não é como era em casa, lá em Lundi. Aqui as coisas são diferentes e você está – querendo ou não – sob a influência das Sombras como os outros. Não tanto como eles, por que você está ciente de muito mais e leva isso a sério e vive sob a proteção da Luz, mas ainda assim, não arrisque demais. Seria doloroso ver você tornar-se um como os daqui. – suas palavras me tocam profundamente.

– Não se preocupe, tudo está sob controle. – tento disfarçar minha preocupação.

– Claro! Se você diz... Lembre-se que você sempre pode contar comigo.

– Obrigado, Ariel.

– E Calebe... Não posso dizer isso com total certeza, mas acredito que você será o último dos viajantes.

– Como assim? Por quê não enviariam mais ninguém?

– Sem a Grande Guerra isso não faria mais sentido, não é? Os mundos estariam em paz mais uma vez.

– Você quer dizer que... O Desfecho... É isso que estou pensando?

– Pode ser que sim. Bem, conversamos mais outra hora. Eu já vou, ou você vai precisar inventar explicações. E você não é muito bom nisso, estou errado?

– Hein? Que explicações?

– Que o Eterno esteja com você. – ele fala e já desaparece.

Eu nem termino de falar e já ouço a porta abrindo. Tomás. Agora tudo está explicado. Nada como os sentidos aguçados de um anjo. Olho para o relógio e me dou conta de que não terei muitas horas de sono. Vou para a cama com a cabeça cheia e fecho os olhos para um sono sem sonhos.

Capítulo 08

Tailândia

– Animado para a Tailândia? – Madú me pergunta, às 5h da manhã, como se fosse meio-dia.

– Muito!

– Não parece...

– Como vou parecer animado a essa hora, sem ter dormido direito e antes do café da manhã?

– Ihh... acordou rabugentinho? Depois do check-in a gente para rapidinho pra comer alguma coisa, antes de embarcar. E como eu sou legal, te deixo dormir no meu ombro no avião.

Ouvindo Madú eu me dou conta do que está acontecendo. É isso mesmo? Eu, Calebe, morador de Lundi, estaria... de mau humor? Imagino o que Ariel diria se me visse agora. Uma piadinha ou duas. Uma lição de moral.

São efeitos das minhas poucas horas de sono combinados com o cansaço do vai e vem do trabalho. Hoje acordei desejando não ter que ficar indo cima e para baixo – literalmente – o tempo todo. Acho que em menos de três meses vou viajar mais do que uma pessoa normal daqui viajaria em toda uma vida. Em Lundi eu viajava bastante, mas nunca ficava cansado, enjoado, sonolento ou com efeitos malucos do fuso.

No avião, estou dormindo antes mesmo da decolagem. Chegamos em Bangcoc e eu ainda só penso em dormir. E é o que faço na van a caminho do hotel. Chegando lá, fazemos o check-in e Madú me pergunta os planos, temos uma cidade a descobrir!

– Preciso dormir. – respondo.

– Qual é, Calebe, à noite você dorme!

– Baseado em minhas últimas noites, você não está muito certa.

– Então tá. Quando você morrer já vai dormir o suficiente. Lembra? Você mesmo falou que a morte é um sono... – eu sei que ela quer me provocar e resolvo devolver na mesma moeda:

– Se eu fosse morrer, poderia pensar assim. Como não vou, preciso dormir agora mesmo.

Ela dá uma gargalhada e me diz:

– Você deve estar com muito, mas muito sono mesmo!

– Eu te falei... E mais: acho que você deveria dormir também. Assim você fica mais descansada para aproveitar o restante da viagem... Vamos pegar outro avião amanhã, lembra?

– Justamente! Temos menos de um dia para conhecer Bangcoc. – ela fala me olhando com uma carinha de pena.

– Vamos fazer o seguinte: vou para o quarto, durmo por uma horinha só e daqui a uma hora e meia nos encontramos aqui. E aí vamos desbravar a cidade. O que você me diz?

– Perfeito! Não venha de regata nem de bermuda.

– E acredito que você tenha uma boa explicação, já que está fazendo muito calor lá fora.

– É claro que tenho. E vai valer a pena, confie em mim. – ela falava tão animada que eu começo a ser contagiado.

– Mais alguém vai com a gente? – pergunto.

– Eu até chamei, mas o pessoal quer fazer compras no Central World. Eu até queria ir, mas meu cartão só vira amanhã e além disso, o Central World fica aberto até mais tarde, e o Grand Palace, não.

– Já estou convencido. Vamos caminhar muito?

– Pode ir de tênis se quiser, mas aquela sua alpargata serviria melhor, eu acho. Não se atrase!

– Mas eu sempre sou pontual, quem já me deixou esperando foi você, engraçadinha.

Saímos do elevador e cada um vai para o seu quarto. Tomás já tinha subido. Abro a porta e ouço o chuveiro ligado. Guardo minhas coisas e logo ele sai do banho e dispara:

– E aí, animado? Eu sei que Phuket é um lugar maravilhoso, mas estou feliz por termos vindo por aqui antes.

– Acho que estou animado sim... Mas você sabe por que não fomos direto?

– Você dormiu mesmo! A Clarisse falou que o hotel onde vamos ficar só vai ter todos os quartos liberados a partir de amanhã.

Além disso, voar direto para lá ficaria mais caro. Então, cá estamos nós. Você já tem algum plano?

– Tirar um cochilo e depois vou num tal de palácio com a Madú.

– Humm o Grande Palácio! Vale muito a pena a visita, acho que você vai gostar.

– Você já conhece? Quer ir com a gente?

– Já sim. Morei aqui por oito meses há muitos anos. E obrigado pelo convite, mas vou encontrar uma família que me recebeu enquanto eu morava aqui. Mantivemos o contato, mas nunca mais nos vimos. Vou almoçar com eles hoje.

– Que legal! Vai lá, bom reencontro! Nos vemos à noite então!

Tomo meu banho e depois desabo na cama. Uma hora depois o despertador me chama e acordo mais disposto. Levanto, me arrumo e desço para encontrar com Madú. Passamos em uma casa de câmbio e de lá vamos para o Grande Palácio. No caminho, ela me explica que lá é onde a família real da Tailândia morou por mais de 100 anos. Eles não estão mais lá, mas várias cerimônias importantes ainda acontecem por ali.

Para a minha surpresa, o lugar não é longe e dá para ir caminhando. Madú me oferece protetor solar e deixa meu rosto e orelhas melecadas e com um cheiro estranho. Ela parece muito à vontade neste calor, com uma calça leve e uma camiseta clara. Quando chegamos temos uma longa fila para comprarmos os tickets. Por todos os lados vejo muitas pessoas com suas câmeras em punho. Nem entramos e eu já estou admirando a arquitetura do lugar. Tudo muito, muito interessante.

Depois de mais uma fila (que vai mais rápido dessa vez), estamos diante de várias construções muito peculiares que compõem um complexo interessante. Madú me explica que o Palácio em si fica mais adiante. No caminho vamos passar por alguns templos, jardins e pátios. Apesar do grande número de pessoas, o lugar se mostra cada vez mais surpreendente. As paredes estão cheias de cor, adornadas com espelhos, mosaicos e estátuas das mais diferentes possíveis. Fico admirado com a

beleza. É como se tudo isso estimulasse a minha mente. Até mesmo os detalhes são de tirar o fôlego.

Madú não sabe se conversa comigo, admira o cenário ou tira fotos do lugar. Ela parece estar envolvida por puro êxtase, como alguém que realiza um sonho muito esperado. Em uma das salas, uma parede coberta por vidros e espelhos provoca meus sentidos e imediatamente me faz lembrar de casa.

– Minha irmã adoraria conhecer este lugar...

– Sêrio? – Madú reage, interessada.

– Sêrio! Respondo, sorrindo. – Ela é apaixonada por arte, cores, texturas... Ela sempre me fala que a arte é mais eloquente do que as palavras.

– Vocês poderiam se planejar para vir aqui um dia, né?

– Acho que seria um pouco complicado. – *para não dizer impossível.*

– Você nunca fala muito sobre sua família...

– Eu sei... É complexo. Um dia, quem sabe, eu possa te explicar...

Sorrio e em meus pensamentos sei o quanto eu gostaria de poder falar sobre a minha família para ela. Meu sobrinho, meus pais, minha irmã, meu irmão. Eles são uma parte fundamental da minha existência e seria bom poder compartilhar estes momentos com cada um deles... Quando eu voltar, passaremos horas, dias!, falando sobre tudo o que estou vivendo aqui. Viajo um pouco mais em minha mente e penso se eles gostariam de conhecer Madú. Com certeza a amariam também, como se ela fosse uma de nós. Dentro de mim uma dor aguda dilacera o meu peito com a impiedosa certeza de que vou ter que deixá-la aqui.

Tento não demonstrar o que se passa pela minha mente. Não quero estragar o clima do dia. Continuamos o nosso tour e vamos a um templo – que Madú me diz ser o mais sagrado do país. Lá está o famoso – segundo ela – Buda de esmeralda, ironicamente esculpido em jade. É uma estátua imponente, bem como tudo que vejo aqui dentro. Antes de vir para cá aprendi sobre as grandes religiões praticadas pelos terráqueos: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, Budismo e Hinduísmo. É impressionante a capacidade que as pessoas têm de se agarrar a inúmeras formas de crenças e

deuses. E, no meio de tudo isso, a arte acaba se encontrando com a religião e o resultado são lugares como este aqui.

O Grande Palácio fecha às 15h30, então nem vamos parar para almoçar. Madú veio preparada e trouxe algumas comidinhas na bolsa. Depois de alguns minutos de procura, encontramos uma sombra com um lugar para sentarmos. Madú continua a me explicar tudo o que ela leu na internet sobre os templos e simbologias e parece uma guia turística. Eu até queria fazer uma brincadeira, mas ela está tão animada que desisto e apenas continuo ouvindo e fazendo algumas perguntas de vez em quando.

Quando saímos de lá ela me leva para o Mercado Chatuchak que, como descubro depois, é o maior mercado a céu aberto da Tailândia. Meus sentidos são invadidos por uma profusão de cores, cheiros e sons.

Por todos os lados há barracas com gente oferecendo roupas, comida, acessórios, calçados, lembranças e uma infinidade de coisas para casa. Andamos um pouco e escolhemos uma barraca de comida onde há alguns locais comendo – o que normalmente é um bom sinal, segundo a Madú.

Minha fome foi espantada pelas besteiras que acabei comendo mais cedo, então escolho uma salada de papaya, sem camarão. Descobri que as comidas típicas daqui têm a forte característica de misturarem sabores – doce e salgado, ácido e apimentado: tudo pode conviver em um único prato.

Eu ainda estranho muita coisa que como. Em Lundi nossa alimentação é diferente, mas é difícil comparar, já que a maioria das coisas que comemos lá não existe aqui. E claro, muitas coisas que as pessoas comem aqui não existem por lá ou algo do tipo. Como o consumo de carne, por exemplo – demorei para acreditar que as pessoas matam e comem os animais. Ainda não tive coragem de experimentar nenhuma carne ainda, e provavelmente não terei (nem sei se quero, para ser sincero).

Saímos do mercado no final da tarde e pegamos um tuk tuk – um meio de transporte típico da região. É uma opção rápida e com muita adrenalina. O motorista simplesmente embrenhava entre os carros e motos, sem respeitar sinais de trânsito ou diminuir nas

curvas. Apesar de tudo, foi um jeito adequado de fechar nosso dia cheio de coisas novas.

– Cansada? – pergunto, enquanto entramos no hotel.

– Um pouco, mas valeu! É uma pena que amanhã já vamos embora. Mas ao mesmo tempo o lugar pra onde vamos é tão lindo que não estou tão triste assim.

– Planos para a noite?

– Não pensei em nada... podemos comer por aqui perto... Não sei se é seguro, como são as coisas... Tudo o que li foi sobre o Grande Palácio, como você enjoou de ouvir, né?

– Eu gostei de te ouvir, foi legal! – e é verdade. – Tenho uma coisa em mente para fazermos mais tarde. Você me levou para um passeio de dia, agora quero retribuir.

– Hum, vai fazer suspense então?

– Só um pouco.

Enquanto estávamos no mercado e ela olhava as barracas, vi um panfleto que anunciava um restaurante em um barco. Na verdade, descrever com essas palavras não faz jus às fotos do lugar, que parece ser muito bonito e incomum. Acho que é uma maneira de retribuir pelo dia. Ainda bem que ela insistiu comigo para que eu não ficasse no hotel. Combinamos que eu passo no quarto dela para descermos juntos.

Quando bato em sua porta, Madú sai já pronta e sorridente. Ela passa o braço no meu e assim vamos para o elevador. Seu cheiro é suave e ao mesmo tempo vibrante, como se as flores do seu vestido fossem reais e exalassem um delicioso perfume.

Penso no jardim da casa dos meus pais, perfumado e cheio de cores. Ela gostaria daquele cantinho, eu penso. Queria dizer para ela que em meu mundo as flores não têm espinhos e nem morrem, mas mais uma vez tudo o que tenho é um silêncio resignado.

Descemos, pegamos um táxi dessa vez, e vamos até o endereço que anotei. Chegando lá, pedimos uma mesa para dois e entramos no restaurante-barco.

– Um dia você me disse que o seu sonho era passear por uma das gôndolas de Veneza. Eu sei que não é uma gôndola e nem

Veneza, mas é um barco, um restaurante e uma cidade exótica. Estamos quase lá. – brinco com Madú.

– Eu amei!! – ela fala enquanto seus olhos passeiam pelo lugar. – Mas não é meio caro não? – ela disfarça o tom de preocupação das palavras.

– Se a gente lembrar que um real vale dez bahtes, fica barato! E eu me lembro do que você disse hoje cedo sobre seu cartão, então a noite é por minha conta.

– Calebe, nada de gastar seu dinheiro comigo, a gente divide.

– Vamos combinar o seguinte: na próxima vez você paga, pode ser? – tento ser diplomático.

– Tá bom. Mas vai ser provavelmente numa barraca ou bangalô de praia, viu?

– Melhor ainda!

Pedimos alguns pratos e enquanto esperamos começamos a conversar e apreciar a vista. Madú me faz a mais inesperada das perguntas:

– Calebe, como você faz para conversar com Deus?

– Bem, eu normalmente fecho os meus olhos e falo com Ele em minha mente. – *ao menos por aqui é assim.* – Às vezes não fecho os olhos também. Tudo é uma questão de momento mesmo.

– E o que você fala com Ele?

– Falo sobre meu dia, peço para Ele estar comigo, agradeço alguma coisa... Compartilho minhas frustrações, anseios, dúvidas. E claro, alegrias, vitórias, realizações...

– Como você sabe que Ele te ouve? Afinal, você está falando na sua cabeça né?

– Pensa comigo... seria mais fácil de acreditar nele se você falasse em voz alta ou escrevesse? Eu não ponho limitações ao meu Deus. Se Ele tivesse limitações, na verdade, Ele não seria Deus, não é? Pode ser estranho mesmo, ao menos no começo, mas é real.

– E como é que Ele fala com você? Por que Ele é invisível, e você fala com ele quando reza, ora. Mas e na hora de ouvir? Como funciona?

– Bem, com o tempo, você vai começar a reconhecer a voz dele falando com você... Seja pela Bíblia, ou pela natureza, através de alguma pessoa ou até mesmo em sua mente. – eu queria ter mais do que alguns meses de experiência por aqui para conseguir passar para ela como é que as coisas funcionam. Mas uso o que tenho e torço para que seja o suficiente. Pensando melhor, se Ele está ao meu lado, sempre será suficiente.

– Por que você chama Deus de Eterno?

– Bem, Deus tem muitos nomes. E um deles é esse... Ele é o único ser do Universo que sabe o que é ser eterno. Ou seja, numa linha convencional de tempo Ele é infinito para os dois lados, sabe? Sem começo ou fim. Mas a verdade é que Ele transcende até mesmo o tempo como nós conhecemos. E por isso Ele consegue saber o fim desde o princípio. Sabe quando você conhece uma situação tão bem que quando vê alguma coisa acontecendo já sabe se vai dar certo ou não? Pois é. Deus tem esse dom em relação à vida. É um mistério maravilhoso e que inspira confiança.

– Uma vez eu ouvi um cientista dizer que perguntar qual é o propósito do Universo é uma pergunta idiota. Ele disse que é a mesma coisa que perguntar a cor da inveja, por exemplo. E sabe o que é irônico?

– Hum...

– Que eu pensei na hora que para mim, a cor da inveja é verde. Bobo, eu sei. Mas não acho certo um cientista falar que alguma pergunta é idiota.

– É verdade... – respondo.

– Olhando por essas janelas e vendo esse rio tão bonito, o céu... Vendo até mesmo a capacidade das pessoas para recomeçarem, para construírem coisas lindas como as que vimos hoje... Daí eu penso que deve haver algum sentido. Uma espécie de mola propulsora ou uma centelha de inspiração que foi assoprada dentro de todos nós e que nos faz sermos o melhor que podemos ser.

O garçom chega com nossos pedidos e Madú fala que ele chegou na hora certa, por que ela estava falando demais. Eu discordo, mas ela me diz que eu estou só tentando ser legal.

A comida, além de ter um gosto peculiar, também tem uma aparência diferente. O arroz, por exemplo, veio dentro de um abacaxi. Tudo está delicioso e desafia o nosso paladar. Ficamos ali por mais uma hora ou duas e então voltamos para o hotel. Foi uma noite muito agradável.

No dia seguinte saímos cedo para mais um voo. O destino – Phuket – não foi escolhido por acaso. Vamos para a região mais devastada pelo tsunami. Serão alguns dias de folga, mas não exatamente literais: vamos fazer algumas fotos e vídeos mostrando como a ilha e seus moradores se reergueram após a tragédia.

O aeroporto de lá é bem diferente, com a pista bem ao lado da praia. Depois de estarmos com as bagagens em mãos, Clarisse faz uma pequena reunião improvisada para alguns avisos rápidos. A ideia é que todo mundo aproveite bastante e, como alguns têm tarefas a serem cumpridas, ela sugere que primeiro finalizemos o trabalho e depois estaremos liberados para relaxarmos um pouco.

Saímos, fazemos check-in no hotel e almoçamos por lá mesmo. Vamos ficar num lugar com todas as refeições inclusas, de frente para o mar. Enquanto andamos por lá, vejo algumas placas com os sinais de um tsunami escritos em cinco línguas, junto com indicações do que fazer caso algo aconteça.

Depois do almoço saio pelas ruas da cidadezinha com minha máquina a tiracolo, com o objetivo de documentar a rotina. Os rastros da tragédia são quase imperceptíveis, entre as placas informativas e alguns nomes de comércio como “Porções Tsunami”, por exemplo. Ah, a maravilhosa energia do recomeço...

De volta, me sento em uma das cadeiras de praia em frente ao mar, enquanto olho, em silêncio, o sol ir embora. O lugar é paradisíaco. Tento imaginar o terremoto, o medo, a calmaria. O mar que recua, a onda de trinta metros. O desespero, a correria, a morte. Por mais que eu me esforce para entender o que houve aqui há alguns anos, eu não consigo. Me pergunto quantos foram enterrados nessas águas. Quem teve seus nomes esquecidos, apagados, pelo que aconteceu naquele dia.

De tão absorto, só percebo que vou ter companhia quando o pessoal já está do meu lado. Madú, Pedro, Tomás, Luísa e

Eduardo chegaram e disseram que estavam me procurando justamente para me chamar para vir pra cá. Pedro está com um violão e o restante das pessoas estão com pedaços de madeira nas mãos.

Antes que eu pergunte, alguém já monta uma fogueira e me explicam que tudo já foi combinado com o pessoal do hotel. Onde Pedro conseguiu esse violão, afinal? Em poucos minutos todos estão cantando, animados, músicas que eu nunca ouvi. Mas os sorrisos me contagiam e fico observando essa alegria tão frágil e tão necessária.

Aos poucos o fogo vai se apagando, as músicas dão lugar a conversas e logo voltamos para o hotel, sentindo um cansaço bom. Nos dias seguintes aproveitamos para mergulhar, entrar no mar, comer coisas diferentes, dormir na areia e até jogamos futebol. Eu arrisco uns passes, mas desisto – sou muito ruim nisso. Eu e Madú conversamos muito sobre quase tudo, de banalidades ao sentido da vida. Ela está interessada em assuntos que envolvem o Eterno e isso me deixa feliz.

O último dia é cheio de nostalgia antecipada, já que sabemos que dali a 24 horas estaremos num voo indo documentar histórias de vítimas de um genocídio.

Alguém chega com a ideia de irmos até a praia de Patong e vermos o pôr do sol de lá, que aparentemente está entre os mais extraordinários do planeta. A decisão é unânime e logo estamos na estrada, onde passaremos o dia e voltaremos depois do entardecer.

Já no final da tarde, Madú estende uma esteira e eu me sento ao seu lado, enquanto olhamos para o horizonte. Pedro dedilha alguma coisa no violão emprestado e conversamos baixinho com quem está do nosso lado. Luísa tira algumas fotos e promete compartilhar com o grupo depois.

Sinto uma leve ardência em minha pele bronzeada. Posso ter subestimado o efeito dos raios do sol. Junto com o odor do que sobrou do protetor solar que passei horas atrás, sinto aquele cheiro característico de praia, de maresia, de areia, de mar.

Madú encosta a cabeça em meu ombro e sussurra:

– A pessoa que falou desse pôr do sol não estava exagerando mesmo...

É verdade. O sol parece maior do que o normal, e algumas poucas nuvens, que servem de moldura, completam a paisagem arrebatadora. Olho atentamente para cada minúcia. É inegável que a natureza, mesmo após todos estes anos, ainda carrega em si as digitais de quem a criou. Enquanto observamos a cena, em silêncio, a mão de Madú encontra a minha. Sem resistência, cruzo os meus dedos por entre os seus, entregue a um instante que poderia durar para sempre.

Antes de irmos embora, tiramos uma foto juntos. Queria poder levar essa foto comigo para Lundi...

Já de volta, no carro alugado, o assunto gira em torno do pôr do sol. Os desenhos das nuvens, o contorno da luz, os raios sumindo, as cores... No hotel, comemos e logo o grupo se dispersa. Madú e eu resolvemos ir para a beira da praia, para um último adeus.

Sentados nas espreguiçadeiras, observamos as estrelas e ela me mostra um aplicativo com um mapa estelar. Madú fala, empolgada, sobre a possibilidade de vida em outros planetas. Pergunta, inquieta, a minha opinião.

– Sabe, acredito de que o Planeta Terra não é o único com vida inteligente. – respondo.

– Mas você acha que em algum planeta existe gente como a gente? Assim, com braços e pernas, uma cabeça e tal? – ela questiona e eu começo a rir.

– Se não fossem pessoas assim, como seriam? – quero descobrir até onde isso pode ir.

– Ah, não sei... Como nos filmes, verdes, três olhos, esquisitos, orelhas puxadas... Alguns maus, outros bons. Alguns mais evoluídos, outros nem tanto...

– Bem, – respondo, tentando não parecer muito convicto – provavelmente eles devem ser parecidos com nós. Mas não descarto alguns seres diferentes. Nada com três olhos ou orelhas puxadas, mas diferentes.

Ficamos por ali mais um pouco. Saímos das cadeiras e vamos até o mar, conversando, lembrando e sorrindo. Queria que hoje não fosse nosso último dia aqui. Mas está tarde e precisamos voltar. O hotel tem apenas dois andares e não há elevador.

Terminamos de subir as escadas e faço menção de acompanhá-la até a porta do seu quarto, mas ela diz que hoje ela que vai comigo até o meu. Aquiesço e damos mais alguns passos, braços dados, em silêncio, pelo corredor. Já na minha porta, ela fica de frente para mim e me agradece pela companhia:

– Esses dias foram muito agradáveis... E hoje foi uma noite especial, Calebe. O lugar, você, a conversa, as risadas... Obrigada...

– Concordo com você em gênero, número e grau. – respondo e ela sorri de volta.

– Bem, nos vemos amanhã então, né?

– Nos vemos amanhã.

Nos abraçamos como uma despedida, e ela beija de leve o meu rosto. Tenho a impressão de que – talvez – este abraço demorou alguns segundos a mais. Tudo bem, confesso: não é uma leve impressão. Não sei explicar, não sei dizer, mas alguma coisa dentro de mim parece diferente. Eu não quero que ela saia dos meus braços. E, quem sabe, ela também não queira que eu saia dos seus. Quando por fim nos olhamos novamente, coloco a mão em seu rosto – tão macio! – e quase sou vencido pelos meus impulsos de beijá-la. O que, ou quem, me impede é Tomás, que abre a porta do quarto e, no momento seguinte, não sabemos qual dos três está mais constrangido.

Ele balbucia alguma coisa incompreensível e some pelo corredor. Ela fala “acho melhor eu ir” e vai embora também. E eu fico ali, sozinho, diante do quarto escuro com a porta aberta.

Lentamente pego meu cartão magnético, introduzo ao lado da porta, ligo a luz e fecho a porta. Com as mãos descendo pelos meus cabelos encosto o meu corpo na parede e parece que minha cabeça vai explodir. Respiro fundo, entro no quarto e, para a minha surpresa, Ariel está assentado numa das poltronas azuis, que ficam numa espécie de antessala.

Olho para ele em silêncio, num misto de vergonha e agradecimento. Surpreso, vejo que hoje ele se vestiu com roupas que nunca tinha usado antes. Hoje Ariel está usando roupas de Lundi, como um cidadão do meu mundo, da minha casa.

É, eu preciso me recordar de onde eu vim. E isso agrava ainda mais a agonia do meu coração. De todos os dias, de todos os

momentos, hoje – por alguns instantes – eu desejei ser daqui e seguir meus novos impulsos sem pensar no meu amanhã.

Sento-me na poltrona ao lado, e ficamos alguns minutos em silêncio. Nem penso se Tomás vai voltar ou não. Minha mente não funciona com a clareza de sempre e eu preciso, mais do que nunca, de ajuda.

– O que eu faço, Ariel? – pergunto por fim.

– Só você tem esta resposta, Calebe. Além disso, você tem outras perguntas mais importantes a serem feitas. – Ariel me responde, enigmático.

– Como eu não pude prever que isso iria acontecer? Como eu deixei que...

– Não pense assim. É comum acontecer isso. Quem está dentro de uma situação acaba, muitas vezes, cegado por ela. E é o último a perceber o alcance de suas escolhas. Não se sinta culpado...

– Como não me sentir culpado? Madú não faz ideia de quem eu sou... Ela é a parte inocente em tudo isso. Eu sei que isso não pode acontecer, eu sei que não posso oferecer o que ela espera de mim e eu não deveria ter agido de uma maneira tão inconsequente. Eu não poderia ter me deixado aproximar dela dessa forma, eu precisava ter estabelecido meus próprios limites e não ter subestimado os meus próprios sentimentos. Agora tudo o que vejo é uma situação sem volta... E ainda temos muitas gravações. O que fazer? Não vou simplesmente evitá-la o restante da viagem, isso seria cruel, maluco, insano! E eu não posso me envolver com ela sem pensar nas consequências. – o turbilhão da minha mente começa a despejar palavras em um desabafo nervoso.

– Calebe, você...

– Eu nunca me senti assim, Ariel! Eu não sei como agir! Ela provoca coisas em mim que nada nem ninguém provocou antes, Ariel. Eu quero levá-la comigo em minhas viagens, eu quero apresentar o Universo para ela, quero que ela conheça a minha família, minha vida, meu mundo. E eu não posso, Ariel! Eu não posso nem sequer falar sobre quem sou ou dessa vida que transcende tudo o que ela já conheceu! – coloco minhas mãos no rosto e percebo uma ou duas lágrimas sorrateiras. Respiro fundo e

questiono, devastado: – Por que ninguém me disse que isso poderia acontecer? Por que não me prepararam? Como não me disseram que era possível que quando eu saísse do Planeta Terra o meu coração ficasse para trás?

– Por que isso nunca aconteceu antes, Calebe...

– Como assim?

– É a primeira vez, em todos estes milênios que já se passaram, que um peregrino se envolve com uma terráquea. Tanto homens quanto mulheres, nenhum dos que vieram antes de você passaram pelo que você está passando agora.

– Você acha que isso quer dizer alguma coisa? – pergunto, com uma pontada de esperança.

– Tudo tem um sentido oculto, Calebe, mas nem sempre é o momento de sabermos qual é ou de entendermos todas as respostas.

– O que eu faço, Ariel? – o meu desespero me traz de volta à minha pergunta de antes.

– Parece uma pergunta inevitável, afinal. Ore, Calebe. Você sabe que o Eterno está ao seu lado, para te ajudar. Pense sobre isso. Analise seus sentimentos e tente entender sua situação, como se você estivesse observando, sabe? Pode parecer estranho, mas isso te ajuda a encontrar respostas. O que você está sentindo, de verdade? O que ela está sentindo? Isso é real ou passageiro?

– Eu sei que vai parecer estranho o que eu vou te falar agora. Difícil de explicar. Você sabe que eu já viajei muito por vários planetas. Conheci muitos lugares e inúmeras pessoas. Conversei e convivi com mulheres perfeitas, no sentido literal da palavra. Mas, pela primeira vez, no planeta mais escuro do Universo, entre situações e pessoas menos prováveis, uma mortal foi capaz de provocar em mim algo que ninguém mais conseguiu até agora. E eu sei que nem um milhão de eras vai poder apagar isso de mim. E agora? – meu pensamento é interrompido pelo barulho do meu celular.

Pego o aparelho e lá tem uma mensagem de Tomás: “Me avise quando eu puder subir”. Ariel fala que é melhor ele ir, e que volta para conversarmos depois. Mando um whats para Tomás,

dizendo que ele pode vir. Ele entra no quarto e me vê acabrunhado, terminando de guardar minhas coisas em silêncio.

– Tá tudo bem? Quer conversar? – ele pergunta.

A verdade é que quero, mas não tenho como explicar para ele metade do que está acontecendo. Obrigado, mas outra hora, talvez, respondo. Tomo banho, troco de roupa e vou para a cama. Fecho os olhos, mas o sono não vem. Na minha cabeça, Madú. Lundi. A Grande Guerra estúpida e o Desfecho. Como eu queria que o Universo estivesse em paz...

Como vou agir amanhã? Será que ela vai tocar no assunto do que quase aconteceu hoje? Será que eu devo fazer isso? Não tenho ideia. E assim, como um labirinto escuro, meus pensamentos me aprisionam e me enchem de dilemas. Em algum momento durmo, entregue ao cansaço físico e exaustão mental.

Capítulo 09

Kigali, Ruanda

Amanhece, e enquanto faço minha leitura e meditação matinal é impossível ignorar o peso que está em meu coração. O que é isso? Culpa, tristeza, medo? Eu sinceramente não sei. Talvez um pouco de cada, numa mistura nublada e fria. Continuo sem saber o que fazer.

Enquanto isso, espero por Tomás para descermos para o café da manhã. Ele me pergunta se vamos chamar as meninas, mas sei que ele quer mesmo saber da Madú. Eu digo que por mim não, podemos descer direto. Ele me olha com uma cara estranha, mas não questiona, e saímos para o restaurante.

Lá, uma parte da equipe já chegou, está comendo, e nos sentamos com eles. Há uma diversidade enorme de frutas e tudo parece delicioso. Mas não consigo me concentrar na comida ou na conversa – tudo o que penso é como vai ser quando Madú aparecer. Terminamos o café e ela não vem.

Volto para buscar a mala e escovar os dentes e logo estamos fazendo o checkout. Inevitavelmente eu e Madú nos encontramos. Ela me cumprimenta normalmente, tentando agir como se nada tivesse acontecido e eu não sei se isso é bom ou ruim.

Entramos na van e quase todo mundo está em silêncio. Ninguém do grupo está muito animado a caminho do aeroporto. Não é para menos: um voo de vinte e quatro horas e três conexões nos aguarda. A opção com uma escala apenas tinha 33 horas de duração e a maioria preferiu mais conexões e menos tempo para chegar ao destino. Faremos uma parada em Bangcoc, outra em Doha, no Qatar, mais uma em Entebbe, na Uganda e por fim iremos para Kigali, capital de Ruanda, país da África centro-oriental.

Tudo o que sei até agora é que Ruanda é um país pequeno, sem costa marítima, bem no meio do continente africano. A África é a região mais pobre do planeta, palco de inúmeras

guerras, fome, doenças de vários tipos e os outros continentes costumam assistir com indiferença a tudo o que acontece por lá. Tudo isso resultado de explorações que aconteceram durante séculos, por estrangeiros que apareceram invadindo e aterrorizando as pessoas.

Ao pesquisar mais sobre a África, descubro que lá é uma região com uma enorme biodiversidade e riqueza cultural ímpar. Florestas e savanas. Um dos maiores rios do mundo, o Egito, e também o maior deserto do planeta, o Saara.

O genocídio, a tragédia que será tema das próximas filmagens, aconteceu em Ruanda há mais de 20 anos, mas deixou marcas indeléveis. Foram quase um milhão de mortes em cem dias. Isso não cabe na minha cabeça: tanta gente assassinada assim, sem que nada fosse feito. E o mais assombroso é o motivo: diferenças entre etnias, os tutsis e hutus. As duas etnias viviam em paz, falando a mesma língua e praticando a mesma religião, até que o país foi invadido pelos belgas e alemães. Os tutsis eram tradicionalmente criadores de gado e detinham maior poder econômico e político. Já os hutus eram agricultores. Mas, apesar de costumes diferentes, ambos viviam em paz e harmonia.

Os europeus chegaram e perceberam as diferenças silenciosas. Começaram a promover a divisão, alegando que tutsis eram mais altos e tinham traços mais finos, similares aos dos europeus, enquanto hutus eram mais encorpados e escuros.

Os primeiros deveriam ter os melhores cargos e destaque social. Isso foi o suficiente para o fortalecimento de rótulos, acirrando diferenças e criando um ambiente hostil entre as etnias. Nos documentos era obrigatório descrever qual a etnia de cada um e, aos poucos, o povo foi deixando de ser ruandês para ser tutsi ou hutu. E a nação começava a se odiar enquanto estrangeiros exploravam o país.

Anos depois, num cenário agressivo e ameaçador, o avião do presidente, que era hutu, foi alvo de um ataque – até hoje não esclarecido. Foi o estopim para o início de um morticínio sem precedentes. Milícias hutus foram incitadas e a violência correu desenfreada num país atordoado.

Assim que começou a matança, tropas da França, Bélgica e Itália foram enviadas para tirar os estrangeiros do país. E todos foram embora, deixando centenas de milhares de inocentes sem ajuda.

Foi assim que o mundo assistiu, de braços cruzados, médicos matarem pacientes, maridos matarem esposas, professores matando alunos, vizinhos matando vizinhos, tudo por causa de uma etnia. Os nomes das pessoas que deveriam ser mortas chegaram a ser lidos no rádio, onde programas de ódio espalhavam ordens para eliminar as “baratas”, nome depreciativo dado aos tutsis.

A matança só teve seu fim quando a Frente Patriótica Ruandesa (FPR), um grupo paramilitar composto por tutsis, conseguiu tomar a capital e vencer os hutus. Com o caos instaurado, o desafio era reconstruir a infraestrutura e também a confiança e harmonia. Milhares de pessoas foram presas, pequenos tribunais foram instaurados em todo o país e mesmo que nem tudo tenha sido feito corretamente, aos poucos as coisas foram se acalmando.

Enquanto esperamos no portão de embarque a liberação para irmos para o avião, Rui faz uma pequena reunião entre o grupo, conversando sobre o que nos espera. Vamos ouvir três histórias, duas de sobreviventes e uma de um hutu que participou dos assassinatos, matando mais de 50 pessoas. Os três moram atualmente na região de Kigali, a capital. Ele já adianta que esta vai ser provavelmente uma das coberturas mais complicadas, por que o tema é delicado e as histórias serão cruéis.

Já no avião, Madú é alvo de algumas brincadeiras do grupo, por estar carregando o seu travesseiro enorme.

– Como você não está me zoando, Calebe, posso dividir com você, se você quiser. Espera daqui a 20 horas como todo mundo vai estar querendo ter um travesseiro gostosinho para encostar!

– Combinado! – respondo, sorrindo por dentro. Por mais que ela não assuma, ainda é um pouco engraçado vê-la desfilando com sua mochila e travesseiro pelo aeroporto.

Eu ainda não consigo olhar para ela sem pensar no que aconteceu na porta do meu quarto de hotel ontem à noite. E o mais estranho é que ela está agindo como se nada, nada mesmo tivesse acontecido. Não aconteceu, de fato, mas enfim. Eu posso ter me enganado e ela não estar interessada em mim do jeito que eu pensei. E aí a minha preocupação em não magoá-la não faz mais sentido algum, certo?

No fundo, essa ideia me desanima um pouco. É o meu paradoxo. Quero que ela sinta o que estou sentindo, mas sei que não devo querer isso. E a possibilidade de sermos apenas amigos deveria me animar, não me aborrecer por dentro. Clareza, preciso de clareza mental.

Veja bem, eu amo minha família, meus amigos, as pessoas ao meu redor. Eu sei o que é amor. Amar ao próximo como a mim mesmo faz parte do meu estilo de vida. Sei o que é gostar das pessoas e querer bem a elas. Então por que me sinto assim, como se eu fosse um completo estranho a mim mesmo?

Já no avião, parece que mal peguei no sono e já começam a avisar que vamos descer para nossa primeira conexão. E a viagem segue assim, entre descidas em aeroportos e correria para alcançarmos o próximo avião, até que finalmente descemos em Kigali, cansados, com fome e precisando de um bom banho.

Eu vim preparado para sentir muito calor, já que o que eu ouvi em muitos lugares foi que a maior parte da África tem temperaturas muito altas. Mas os termômetros não chegam a marcar trinta graus lá fora.

O aeroporto está bem movimentado e demoramos um pouco mais do que o costumeiro para pegarmos nossas bagagens. Logo estamos saindo e mais uma van nos espera, lá fora. Apesar da fome, meu corpo e minha mente estão confusos, por causa da diferença de fuso. Mais um hotel, check-in. Temos tempo para um banho e em seguida partimos para a nossa primeira história a ser gravada ainda hoje.

Ninguém toca no assunto, mas quase todo mundo deve estar pensando que a primeira entrevista será a mais difícil. Não estamos falando mais de um desastre natural, mas de de

assassinato em massa. Genocídio. Crueldade sem limites, quando praticamente vinte por cento da população foi massacrada em pouco mais de três meses.

Gérard Dusaidi. O nome do hutu que entrevistaremos, e que será o primeiro assassino que vou conhecer. Só a ideia me dá arrepios e provoca uma série de perguntas na minha cabeça. Como será este homem? Para ser capaz de cometer tantas atrocidades, ele permitiu que o mal possuísse a sua vida por completo. Qual será a sua versão da história? Como ele vai se comportar diante das câmeras?

Descemos da van e levo alguns equipamentos que precisam ser descarregados. Em seguida pego a minha câmera, para registrar o que acontece, curioso para conhecer Gérard Dusaidi. Ele mora em um dos três pequenos apartamentos que ficam em cima de um mercadinho de uma rua movimentada. Vamos gravar nos fundos do comércio, numa área parcialmente coberta e fechada por um muro sem acabamento.

Enquanto estou procurando o melhor ângulo para uma das fotos, Rui me chama:

– Calebe, vamos precisar da sua ajuda hoje.

– Claro, como? – respondo.

– Conversei um pouco com o Gérard, mas ele não fala inglês tão bem. Neste caso, a entrevista vai ser conduzida em francês. Você pode ser nosso tradutor?

– Sim, sim! Só preciso fazer algumas fotos antes, tem problema?

– Claro que não. Enquanto isso a equipe vai montando os equipamentos também. Só não demore muito, por que preciso ver algumas coisas com ele antes de começarmos a gravar.

– Pode deixar.

Saio e continuo a tirar algumas fotos, no fundo tentando ganhar um pouco mais de tempo. Tento me lembrar do amor do Eterno, do perdão, da bondade, generosidade e segunda chance. Preciso olhar para aquele homem com olhos de Amor. De perdão. Mesmo que seja a coisa mais difícil que eu tenha que fazer.

Por mais que seja algo maravilhoso, não precisamos perdoar ou sequer pensar nisso, lá em Lundi. Nós não estamos sob

a influência do mal e a relação entre as pessoas é construída a partir do respeito mútuo. Então nunca haverá motivos para conflitos ou pedidos de perdão.

Quando li a primeira vez sobre este conceito, o de perdoar, achei fascinante. Mesmo em meio ao caos e destruição trazidos pela Grande Guerra é possível ver indícios do Eterno em todos os lados.

Sabendo que não posso evitar o encontro com Gérard Dusaidi para sempre, subo as escadas, com o meu equipamento a tiracolo. Mentalmente peço que o Eterno me guie, me ajude, me dirija neste momento. Lá em cima, a porta está aberta e vejo Rui e Gérard de costas.

– Ah, que bom que você chegou! Calebe, este é o Gérard Dusaidi, Gérard, este é o Cabele, que será nosso tradutor hoje, para que nossa entrevista seja em francês.

Cumprimento um homem que tem um semblante sereno e um olhar profundo. Procuro sinais de crueldade, ódio ou perversão, mas não encontro. Tudo o que vejo é um alguém magro, jovem, com cabelos quase raspados, barba feita, camisa social clara, de mangas compridas, e uma cicatriz na sobrancelha esquerda.

– *Bonjour, Calebe, ça va?*

Nem mesmo em sua voz eu consigo detectar alguma coisa que o condene. Ele parece genuinamente bondoso, e isso me deixa extremamente confuso. “*Não julgueis...*”. As palavras ditas pelo Divino enquanto Ele esteve aqui ressoam em minha mente e fazem mais sentido do que nunca.

Em um contexto onde quase tudo não é o que parece, julgar é uma das mais perigosas atitudes. Reconheço que é mais fácil julgar e evitar uma aproximação do que chegar mais perto, olhar nos olhos e aprender e conhecer sem preconceito.

Enquanto conversamos, Eduardo aparece na porta para avisar que todos estão prontos e podemos descer. Lá embaixo, Henrique faz os últimos ajustes, pede que eu explique algumas coisas para Gérard e a equipe está visivelmente apreensiva. Naturalmente sentimos empatia por quem sofre, e não pela mão que desfere o golpe.

Todos ficam em silêncio, câmeras ligadas, e começamos a gravar.

– Você se lembra como tudo começou? – Rui pergunta, e eu traduzo em seguida.

– Eu era apenas um garoto na época. Eu tinha acabado de completar 17 anos e sabia muito pouco sobre a vida e o mundo. Eu ia à escola, que não era muito longe de casa, brincava com meus amigos e ajudava meu pai na lavoura. Não tinha ambições, só a certeza de que minha vida continuaria sendo simples como foi a de meu pai e a do meu avô, antes dele. Em casa mal se falava sobre política ou rebeliões. Mas tudo mudou quando o avião do presidente foi abatido e no rádio não se ouvia falar sobre outra coisa. As conversas do jantar agora eram apenas sobre isso. Os vizinhos homens conversavam até tarde com o meu pai, falando sobre os tutsis e como eles queriam oprimir a gente, os hutus. Aí no rádio começaram a falar que os hutus tinham que se unir, que precisávamos acabar com o mal que os tutsis representavam. E assim tudo começou... – ele dá uma pausa para que eu possa traduzir o que ele disse e depois continua:

– Eu nunca tinha matado ninguém. Nem mesmo um animal, pra falar a verdade. Mas todos estavam envolvidos na causa. Meu pai, meus vizinhos, todo mundo estava unido e decidido a defender os hutus. No primeiro dia que eu saí com a milícia, fomos em uma casa onde dezenas de tutsis estavam escondidos. Em apenas uma casa eu matei sete pessoas. Fui embora e fiquei me sentindo mal por aquela família. Mas no rádio eles diziam que os tutsis eram maus, então eu estava fazendo meu dever, estava matando os inimigos. No dia seguinte matei um professor da minha escola. Depois uma mulher e seus dois filhos. E assim foi... Depois me juntei aos soldados e saía pelas cidades. – ele olha para baixo e parece reviver muitos dos momentos que descreve. Seu semblante fica carregado e cheio de dor.

– Quando tudo acabou eu me senti estranho. Era como se tudo aquilo estivesse tomando um novo sentido para mim. A medida em que a poeira ia baixando, eu começava a me sentir cada vez mais culpado por tudo o que eu tinha feito. Eu já não era mais um menino de 17 anos que vivia uma vida simples e sem grandes

ambições. Eu tinha me tornado um assassino cruel, um monstro. Na maioria das noites eu não conseguia dormir. Quando eu dormia, meu sono era atormentado por sonhos cheios de culpa. Eu via minhas vítimas nos rostos de homens, mulheres e crianças que passavam por mim na rua. Por fim não aguentei mais e decidi me entregar às autoridades. Fiquei preso por sete anos, até que veio uma absolvição do presidente para todos os que tivessem reconhecido sua culpa.

– E como foi sair, depois de tantos anos na prisão? – Rui pergunta.

– No lugar mais improvável, dentro daquela cadeia, eu fui transformado. Na época eu não tinha total consciência disso, mas hoje eu sei que foi o que aconteceu. Quando saí, fui à procura dos familiares das minhas vítimas, em busca de perdão. Eu sabia que seria difícil, mas foi muito mais doloroso do que eu imaginava. Ao mesmo tempo, aquilo me libertou. Por mais que nem todos aceitaram o meu pedido de perdão, muitas pessoas me abraçaram de volta, e através delas eu pude sentir o abraço de Deus. E eu entendo que nem todos conseguem olhar para mim e perdoar por todo o mal que eu fiz a eles... Foram muitos anos até que eu conseguisse ficar em paz comigo mesmo.

– Como é a sua vida, hoje?

– Tudo mudou muito. Quando eu saí da cadeia, descobri que meu pai tinha se matado, por culpa e vergonha. Meu irmão mais velho nunca mais voltou para casa, e minha mãe vivia com minhas duas irmãs e meu irmão mais novo. Me mudei para Kigali para conseguir um trabalho melhor, e mando dinheiro para eles todos os meses. Aqui eu também encontrei ajuda em grupos de apoio para sobreviventes e assassinos do genocídio. Nos encontramos uma vez por semana. Pode parecer estranho, mas para muitas pessoas falar sobre o genocídio é um tabu. E isso é muito ruim, por que se você não se permite lembrar, corre o risco de voltar a cometer os mesmos erros do passado.

A entrevista continuou por mais uma hora, e foi o suficiente para provocar as mais diferentes impressões. Um fato estava claro: ninguém poderia sair dali do mesmo jeito que tinha chegado. As

palavras daquele homem causaram um impacto profundo em todos nós e era impossível ignorar isso.

Eu e ele continuamos conversando mais um pouco depois da entrevista, enquanto os equipamentos eram desmontados. Eu tinha que tirar algumas fotos dele para a exposição, mas independente disso eu sentia que precisava falar com ele um pouco mais. E durante o tempo em que conversávamos, de uma maneira curiosa uma serenidade invadiu a minha mente, como se ao levar esperança para ele eu mesmo estava sendo intimamente afetado. Quando nos despedimos, ele me olhou fixamente e me disse:

– Muito obrigado, Calebe. Você carrega algo diferente em suas palavras. Elas curam. Obrigado.

– Vou sempre levar a sua história comigo, Gérard. Que o Eterno esteja com você! *Au revoir!*

– Amém, meu amigo. *À bientôt!*

Eu gostaria mesmo que, ao invés de um adeus, fosse um até breve. Sei que enquanto ele estiver aqui seu coração ainda carregará muitas feridas. Guardo o meu equipamento e ajudo o pessoal a terminar de colocar tudo na van e penso em tudo o que ouvi. Em como cheguei e como estou saindo. É extraordinário ver os sinais do Eterno em um homem que já foi tão manchado pelo mal. Lembro-me das palavras “onde aumentou o pecado, a graça transbordou”. Gérard Dusaidi é um exemplo vivo disso.

No caminho de volta, o assunto não poderia ser outro. Todos comentam sobre a história impressionante desse homem e as opiniões começam a divergir:

– Eu não sei o que eu faria se ele tivesse matado alguém da minha família e aparecesse do nada, anos depois, pedindo perdão. – Madú confessa.

– Ah, eu sei bem o que faria: bateria a porta na cara dele. – Luísa é bem enfática e eu começo a me perguntar o que faz com que as pessoas recusem dar o seu perdão.

– Porquê? – pergunto.

– É meio óbvio, não? O cara assassina sei lá quantas pessoas a sangue frio, e depois de alguns anos de cadeia acha que já pagou o suficiente merece ser perdoado? Como se isso fosse

trazer as pessoas de volta? Que ele morra com o peso da culpa! E ainda acho pouco!

– Você não acha que está exagerando um pouco? – Tomás pergunta.

– Não mesmo! Imagina só, sair perdoadando todo mundo que faz mal a você. Isso te faz um besta, isso sim.

– Eu acho um assunto muito difícil pra opinar, se não é você que viveu isso. É bonito falar que eu perdoaria, mas não sei se conseguiria, de verdade. Pode ser que a Luísa esteja exagerando um pouco, mas pelo menos ela não está correndo o risco de ser hipócrita, né? – Eduardo intervém.

– Mas e você, Calebe? – Luísa pergunta para mim. – O que você acha? Ele merece ser perdoado?

– Se Gérard merece receber perdão? Não. Nem ele e nem ninguém que tenha errado como ele errou. – sei que esta não era a resposta que Luísa estava esperando. – E é exatamente para isso que o perdão serve. Para cobrir de graça, de amor, aquele que não tem mais nada a oferecer, além de um coração profundamente arrependido. Não estou falando de remorso ou de falsas intenções. Para receber o perdão verdadeiro é preciso estar com as mãos limpas. No fim das contas, que tipo de criaturas seremos, se não formos capazes de perdoar?

– Então é assim? Você acha que a gente deve agir feito uns idiotas, perdoadando tudo, esquecendo tudo, e deixando as pessoas se aproveitarem de nossa linda bondade, é isso? – Luísa contra-ataca.

– Não, claro que não. Perdoar não é esquecer. Perdoar é lembrar sem dor. É fazer com que um machucado seja transformado, finalmente, em uma cicatriz. E essa cicatriz vai te lembrar de algo que aconteceu no passado e que você deve estar atento para evitar isso no futuro. Claro que isso não é fácil e nem acontece da noite para o dia. Mas é necessário... No caso do Gérard, por exemplo. Quem o perdoa não precisa virar seu amigo íntimo. Quando você perdoa você está liberando alguém de um peso. Você está tirando um peso de si. E isso não vem com um contrato de proximidade obrigada. Pelo contrário, ele te libera.

– Hum! Até que faz sentido... – reflete Eduardo. Agora fica outra interrogação: no final das contas o que é mais fácil, ou menos difícil: perdoar ou não perdoar? Por que assim, como o Calebe falou, quando você perdoa, você está liberando um monte de coisas e deixando isso pra trás. Se você não perdoa, vai carregar esse peso para sempre.

– Uma vez eu li uma coisa muito interessante... – Tomás conta. Foi a história de um homem que estava num campo de concentração, na época do nazismo. Ele disse que um dia um soldado o levou para dentro de um dos prédios, até um quarto, onde estava um homem moribundo na cama. O doente, que era um soldado nazista, contou a história de um dia em que passaram num campo minado, na Ucrânia, e trinta dos seus soldados morreram. Como represália, eles reuniram trezentos judeus, os puseram numa casa de três andares e atearam fogo. Enquanto as labaredas aumentavam, os soldados ficaram de prontidão para atirar em todos os que tentassem escapar. E assim foi. Mas aquele oficial nazista nunca mais teve paz. E ali, no leito de morte, implorava que aquele judeu pudesse lhe dar o seu perdão, algum perdão, para que ele morresse em paz.

– E aí? – Madú pergunta.

– Bem, ele disse que ficou alguns instantes em silêncio, sem saber o que fazer. Em seguida, deu as costas e foi embora, sem dizer uma palavra sequer. A guerra acabou, ele sobreviveu aos Campos de Concentração, e nunca foi capaz de esquecer desse dia em que não perdoou ninguém. E a culpa o perseguiu por muito tempo. Li essa história no livro *Maravilhosa Graça*. Mas a questão é que no final das contas, se ele tivesse perdoado, por mais difícil que fosse, a história teria acabado ali. Robson, um amigo meu, uma vez me disse uma coisa que eu nunca esqueci: “Somente as pessoas perfeitas tem o direito de não perdoar, mas o perdão é o traço remanescente de perfeição que sobrou aos imperfeitos”.

– Nossa, Tomás, essa frase deu um nó na minha cabeça! – comenta Luísa.

Quanto Tomás termina de falar a van já estava quase na frente do hotel. Depois do comentário da Luísa, ninguém disse mais nada. A conversa estava pesada e tínhamos muito para ponderar.

Pego a chave do quarto na recepção e Madú me pergunta se eu tinha um minutinho antes de subir para o quarto. Respondo que sim e vamos para um sofá em uma área mais reservada.

Fico pensando no que eu poderia falar com ela, se ela tocar no assunto do que tinha acontecido na Tailândia. Ao mesmo tempo, não faz sentido ela querer falar disso agora, do nada, se tivemos mais de vinte horas durante a viagem, por exemplo. Bem, eu não tenho nenhuma opção além de esperar e ouvir:

– Calebe... Enquanto eu ouvia aquele homem hoje, enquanto eu ouvia todo mundo conversar na van, uma coisa não saiu da minha cabeça. E eu sei que você é a melhor pessoa que eu tenho para conversar sobre isso, Calebe. E eu sei que você talvez possa me ajudar.

– Diga, Madú...

– Eu preciso conseguir perdoar aquele homem bêbado que causou o acidente que matou os meus pais. – seus olhos ficam marejados quase que instantaneamente. – Eu preciso me libertar deste peso, Calebe, mas eu não tenho ideia de como fazer isso. É como se eu não tivesse forças para conseguir, sabe? O que eu faço, Calebe?

– Madú, nenhum de nós tem a capacidade de perdoar baseado em suas próprias forças...

– Como assim? E o que eu faço, então?

– O perdão é uma das maneiras que o Amor se revela nas criaturas. Para perdoar é preciso ter o Amor que não vem de nós mesmos. O perdão só acontece quando permitimos que o Eterno, que Deus se manifeste em nós. E quando isso acontece, ah, Ele também traz a Paz.

– Mas como eu faço isso, Calebe? Eu não sei acreditar em Deus, eu não sei falar com Ele, eu virei as costas para o seu Deus desde aquele dia. Como Ele me aceitaria agora?

– Ele não virou as costas para você, disso eu tenho certeza.

– Talvez o primeiro milagre que Ele precise fazer em mim seja o de confiar, não é?

– Comece experimentando falar com Ele, que tal?

– Eu não sei fazer isso, Calebe... – ela parece um pouco envergonhada. – Não quero parecer infantil, mas... você poderia me ensinar a orar?

Sem acreditar nas palavras que ouvi respondo que sim, sorrindo por dentro e por fora. Seguro as mãos dela e fecho os olhos, enquanto ela me observa. E ali, no coração da África, em um sofá de hotel, eu e Madú fazemos nossa primeira oração juntos. Falo “amém” e ela me abraça, em silêncio. Ficamos ali mais uns minutinhos e depois subimos para os nossos quartos. Não trocamos muitas palavras depois disso, além do “obrigada”, que ela me diz, e o “por nada”, que retribuo. O resto da noite é comida, cansaço e espera pelo dia de amanhã, com mais duas histórias de horror.

Capítulo 10

Kigali, Ruanda

O dia amanhece quente e saímos cedo para a gravação da manhã. Thomas Niytigeka, um sobrevivente tutsi, nos recebe em uma casa simples, mas muito aconchegante, na região central de Kigali. Ali ele mora com mais seis pessoas: sua atual esposa e quatro filhos pequenos.

Ajudo a descarregar o equipamento, que começa a ser montado e estamos quase prontos para começar a filmar. Enquanto fotografo a movimentação, penso na palavra *genocídio*, que eu só conheci depois que cheguei na Terra. Várias palavras daqui não existem em nosso dicionário, como genocídio, abuso ou estupro, por exemplo. A língua de cada país fala muito sobre a cultura e costumes de um povo. Ao aprender as línguas locais, fui descobrindo novas palavras que por si só já me diziam muito sobre este mundo e mais especificamente dos lugares onde elas são faladas.

Na época do massacre, Thomas Niytigeka era casado com sua primeira esposa, Ruth, com quem tinha nove filhos, e morava no interior do País. Quando tudo começou ele estava em Kigali, na capital, participando de uma reunião de trabalho. Por telefone, ficou sabendo que sua esposa e todos os seus filhos foram assassinados dentro da escola onde ele trabalhava. Sua família e outras dezenas de pessoas foram até a escola procurar abrigo, mas nenhum lugar parecia ser seguro o suficiente. Thomas passou vários dias se escondendo em rios, andando à noite pela floresta e comendo quase nada.

– Mesmo antes de tudo começar o clima era muito tenso aqui em Ruanda. Havia muita briga entre tutsis e hutus, e o ódio ia sendo alimentado. Era uma questão de tempo para que algo como o que aconteceu explodisse por aqui. Eu era professor de matemática e minha esposa era uma mãe maravilhosa para nossos filhos. Morávamos naquela cidade há mais de 15 anos e conhecíamos

praticamente todo mundo ali. O diretor da escola, um dos assassinos, costumava ir na nossa casa e nossas famílias eram muito próximas. Não dá para explicar o que fez com que essas pessoas terem se tornado assassinas assim, da noite para o dia. Foi como se um espírito de ódio tomasse conta das pessoas, cegando e fazendo com que elas fizessem coisas tão terríveis. Não dá para explicar o tamanho da dor que alguém sente quando passa pelo que passei.

– O que você fez quando ficou sabendo da notícia da sua família? – Rui pergunta.

– Demorou um pouco para que eu conseguisse entender que isso tinha acontecido de verdade. Parecia mentira, não dava para acreditar que isso estava acontecendo. Eu estava hospedado em um hotel simples aqui em Kigali e era meu último dia na cidade. Quando eu estava terminando de arrumar a minha mala, ouvi um barulho que veio lá de baixo e ouvi muitas vozes. Olhei e vi homens armados com facões matarem o dono do hotel, seu filho e uma família que estava indo embora. Foi quando eu percebi que era verdade tudo aquilo que tinham me dito e que minha família tinha sido tirada de mim. – ele parece reviver a cena enquanto a descreve para nós. – Perdi as minhas forças e fiquei assentado no chão, esperando que eles subissem e me matassem também. Mas por algum motivo que nunca saberei, eles não subiram, simplesmente foram embora.

– E o que aconteceu depois? – Rui indaga, após alguns momentos de silêncio.

– Voltei para o quarto, troquei de roupa e peguei um cobertor. Fui até a cozinha do hotel, peguei alguns mantimentos que conseguiria carregar numa sacola de couro e saí pelos fundos. Esperei anoitecer e fui me esgueirando entre becos, pulando muros e me escondendo, e demorei quase a noite toda para conseguir sair da cidade. Passei por estradas completamente cobertas por corpos em pedaços. Durante o dia eu caminhava quando havia árvores ou algum rio onde pudesse me esconder. Qualquer barulho era suficiente para que eu procurasse abrigo e ali eu ficava até ter certeza de que não havia mais perigo.

– Algum dia você viu a milícia ou um dos grupos de extermínio de perto, de novo?

– Acho que uma semana depois de ter começado a caminhar. Eu não sei te dizer o número exato de dias, mas sei que era começo de uma noite e eu estava caminhando em uma estrada deserta. Minha companhia eram os corpos ao longo do caminho. Homens, mulheres, crianças... a essa altura eu já estava começando a me acostumar com o odor dos cadáveres em decomposição. Foi quando ouvi um barulho de carro e homens bêbados gritando. Meu coração quase parou de bater. Olhei para os lados e obedeci ao meu primeiro impulso, me escondendo entre uma pilha de corpos na beira da estrada. Arrastei alguns e fiquei entre aqueles cadáveres, sem saber o que me aconteceria. Só depois vi que meu cobertor tinha ficado para fora, mas já não tinha mais tempo de fazer nada, o barulho do carro estava cada vez mais próximo. Eles chegaram, pararam e alguém pegou o meu cobertor. Depois o carro arrancou novamente e eles seguiram viagem. Tudo isso não deve ter demorado mais do que dois minutos, mas para mim, olhando para uma mulher morta com o rosto desfigurado, foi uma eternidade. Quando tudo ficou silencioso novamente, saí de lá, sentei na beira da estrada e comecei a chorar. Chorei pela minha família. Chorei por aqueles desconhecidos. Chorei pela tragédia do meu país. Depois disso fui resgatado por soldados da FPR, a Frente Patriótica Ruandense, que me levaram para um campo de sobreviventes, onde eu estaria seguro.

– Como foi lá no campo?

– Era desolador. Lá eu ajudava na organização e comecei a perceber que, sendo útil para o outro e ajudando as pessoas eu esquecia a minha própria dor. E assim, ao fazer o bem, fui tirando aos poucos as coisas ruins do meu coração. Eu descobri que, além da minha esposa e filhos, meu pai, irmão, irmã e cunhado também tinham morrido. Eu estava sozinho, sem família, sem ninguém. Alguns anos depois conheci a minha atual esposa, que também tinha perdido a família no genocídio. Ela sofreu muito mais do que eu, na verdade. Nos aproximamos e descobrimos que poderíamos ajudar a curar um a dor do outro. E estamos aqui, em Kigali,

tentando recomeçar e acreditando que coisas assim não vão acontecer de novo.

Ouvindo Thomas Niytigeka contar sua história é impossível não me lembrar do homem que eu conheci há menos de 24h. Gérard era um dos que matavam, um dos que trouxeram tanto sofrimento para Thomas. E ao ouvir de sua dor, consigo perceber um pouco mais a complexidade desse sofrimento coletivo. A gigantesca dimensão dos resultados da Grande Guerra. O grau de perversão alcançado neste planeta é a maior testemunha entre todas de que o mal precisa ser eliminado para todo o sempre do Universo.

Terminamos as gravações e vamos embora, deixando Thomas e sua nova família acenando para nós, na entrada de sua casa. Ainda antes do almoço, vamos a um memorial do genocídio, para fazermos algumas imagens.

A igreja de Ntarama foi um dos lugares onde muita gente foi morta enquanto buscava abrigo. Entro com a máquina em punho, mas não consigo tirar nenhuma foto. À minha frente, milhares de ossos são um memorial dos dias que precisam ser lembrados para não serem repetidos.

Permaneço em silêncio por alguns instantes. Ver tudo isso faz os relatos serem ainda mais reais. Devagar, pego minha câmera e começo a fotografar, pensando que desta maneira estou fazendo a minha parte para que esta história seja contada. Para que estas mortes não sejam em vão. E que o mundo que fechou os olhos para este País quem sabe se torne um pouco mais empático ao ver o que eu também vi.

Saio da igreja e vou até Madú, enquanto esperamos a equipe de filmagem.

– Sabe o que passa pela minha cabeça nessas horas, Calebe? – ela me pergunta.

– O quê?

– Que alguma coisa deu muito errado neste mundo. Que a gente precisava começar de novo pra dar certo.

– É verdade...

– Eu perdi meus pais e foi uma dor inimaginável, sabe? Agora essas pessoas, que perderam pais, filhos, amigos... Como é

possível suportar uma coisa dessas?

– Eu penso em como Deus deve sofrer vendo suas criaturas se destruírem dessa maneira.

– Falando nisso, Calebe, queria te agradecer por ontem. Sua oração sei lá, me deu uma calma, sabe? Uma paz gostosa, um sentimento bom.

– Eu fico feliz ouvindo isso, Madú... Estou aqui pra isso!

– Hoje tentei fazer uma oração de manhã. Não foi igual à sua, mas para quem está começando, acho que até me saí bem.

– Tenho certeza que sim!

Conversamos mais um pouco e logo voltamos para a van, a caminho de um restaurante. O almoço é curto, e vamos para a região metropolitana de Kigali, onde conversaremos com Valentina Uwitanze, mais uma sobrevivente tutsi.

A casa é simples, sem nenhum acabamento, com tijolos à vista e piso de cimento. Ela tem uma enorme cicatriz no rosto e muita, mas muita tristeza no olhar. O intérprete que nos encontrou no restaurante traduz as palavras que ela diz em quiniaruanda, a língua oficial local. Ela não olha nos olhos de ninguém enquanto conversa em voz baixa. Um dos pedidos é que seu rosto não seja mostrado, então os equipamentos são montados de maneira que ela será filmada contra a luz, relevando apenas uma silhueta para as câmeras.

Peço para Misago, o nosso intérprete, perguntar se posso tirar algumas fotos dela, sem deixar que seu rosto apareça. Ela assente tristemente, e eu tento fazer o meu trabalho sendo o menos invasivo possível. Desta vez quem conduzirá a entrevista não será Rui, mas Clarisse.

– Valentina, podemos começar?

– Sim... – ela fala, um pouco encolhida, com os olhos fixos no chão.

– Há quanto tempo você mora aqui?

– Meus pais vieram pra cá quando eu ainda era uma criança. Desde aquela época eu morei aqui. Só fiquei fora durante alguns meses depois de tudo o que aconteceu, mas depois eu voltei. Moro com meus tios que sobreviveram. Muita gente morreu, muita gente morreu... Eu me lembro de quando ouvimos no rádio

que o avião do presidente tinha caído. Nem o mais pessimista de todos poderia imaginar o que aconteceria. Quando no rádio começaram as ordens de matarem a gente, as baratas tutsis, o medo se espalhou. Mas ninguém foi embora por que não tínhamos para onde ir. E além do mais, aqui tínhamos a ilusão de estarmos seguros. Aí, um dia, a milícia apareceu. E eles incitavam o povo, e os hutus que moravam aqui começaram a nos ameaçar e dizer que tínhamos que ir embora.

– E aí?

– Alguns foram embora, a maioria ficou. Eles diziam que se pagássemos eles não nos despejariam de casa. Pagamos, mas não foi o suficiente. Uma manhã eles vieram, mataram meus pais e meus irmãos. O meu castigo foi diferente. – ela mantém os olhos fixos no chão, agora com o rosto molhado de lágrimas. Fui estuprada tantas vezes, por tantos homens, que eu só desejava morrer para que aquilo não continuasse. Depois de me estuprarem, eles me bateram e me deixaram jogada no chão. Fiquei ali, esperando a morte chegar. No dia seguinte apareceram algumas pessoas que tinham se escondido e me ajudaram. Procurávamos restos de comida entre os mortos e bebíamos água da chuva. Alguns dias depois uma milícia passou por nossa vila novamente. Eu e uma menina estávamos procurando alguma coisa para comer. Tentamos escapar, mas não conseguimos. E eu vi o inferno outra vez, com aqueles homens sujos, bêbados e barulhentos em cima de mim. Quando eles foram embora e nos deixaram à beira da estrada, nós chorávamos de raiva e de vergonha.

As palavras dela entram pelos meus ouvidos e dentro de mim surgem sensações que eu não conhecia. Raiva, ódio, não sei. Sinto ódio daqueles homens que destruíram a vida dessa moça tão frágil. E sinto raiva de mim mesmo, quando percebo que este sentimento invadiu o meu coração. Estou confuso, sem saber como reagir diante de uma situação tão extrema e absurda.

Ela parece jovem. Mas o genocídio aconteceu há mais de 20 anos... me pergunto quantos anos ela teria naquela época. Não mais do que 16 ou 17, eu imagino. Quase uma criança... Eu me lembro quando eu tinha essa idade. É uma época tão leve, tão

sonhadora, tão questionadora. E tão importante! Tiraram dela tanto e o que ela recebeu depois? Volto a prestar atenção:

—... isso foi quando eu estava no hospital, depois que tudo tinha acabado. Eu tinha um corte profundo na minha nuca que tinha infeccionado, feito por um facão cego de um hutu. Além disso eu estava muito fraca, por causa dos vários dias sem comer direito. Lá eles fizeram curativos, cuidaram de mim e em um dos exames descobriram que eu tinha AIDS e estava grávida. Aqueles homens sabiam que estavam me condenando para sempre ao passar uma doença dessas. Todos os meses eu tomo um coquetel de remédios que recebo do governo. Mas não há nada que algum dia poderá me fazer alguém feliz de novo. Eu tenho medo o tempo inteiro. Medo de um dia isso acontecer de novo.

A filha dela chega e se assenta ao lado da mãe para contar o seu lado da história. Ela dispensa o intérprete e fala em inglês.

— Ela nunca me falava sobre o meu pai. Quem ele era, como eles tinham se conhecido, nada. Por mais que eu perguntasse, a resposta era sempre a mesma: “isso não tem importância”. Mas um dia discutimos bastante e ela percebeu que precisaria realmente me falar a verdade. E aí eu soube que eu sou filha de um estupro, que aconteceu no período mais vergonhoso do meu País. Sei que ela não faz ideia de quem seja o meu pai, de tantos homens que abusaram dela. Ele pode estar morto, pode estar preso, pode estar exilado em algum lugar, fugindo de tudo o que fez. No fundo, não importa. Independentemente de quem ele seja ou onde esteja, ele sempre vai ser um monstro, um animal, um ser cruel. Finalmente eu pude entender as lágrimas e o silêncio da minha mãe a cada aniversário meu. Comecei a compreender por que ela fica inquieta e sofre sempre que chega o mês de abril. É o mês que lembra o que aconteceu com ela quando ela só tinha 15 anos. Eu tenho vergonha de ser quem eu sou. Vivo me perguntando o motivo de eu ter nascido. Eu sou a prova viva de um crime. De um abuso. De uma grande vergonha. Eu e outras milhares de pessoas da minha idade, que são filhos do genocídio. Mas o que posso fazer, agora que já estou aqui? Eu tento cuidar da minha mãe. Tento fazer ela feliz. Tento ser um bom motivo para curar a sua dor.

— E quem cuida de você?

– Ela cuida de mim quando pode. Eu cuido de mim também. E tem algumas pessoas da vila que são muito bondosas com a gente. Já apareceram hutus trazendo comida, dinheiro, pedindo perdão pelos outros. Os tutsis que sobreviveram se uniram e sempre se ajudam. A gente precisa renascer do sofrimento e acreditar que um dia as coisas poderão ser diferentes, quem sabe. Hoje já é diferente, eu acho. Muita gente ainda reclama, mas eu prefiro acreditar que estamos no caminho certo. Mesmo depois de todos esses anos minha mãe não conseguiu esquecer e nem se libertar da dor. Eu tento ajudar, mas não sei muito bem o que posso fazer. Mas coisas assim, como as que vocês estão fazendo agora, ajudam a gente, sabe? É bom falar algumas coisas em voz alta. As palavras podem machucar, mas elas podem curar, também. Eu acredito nisso.

– Você tem algum sonho?

– Tenho sim. Eu queria ser enfermeira e poder cuidar das pessoas. Penso que assim poderia fazer a diferença para alguém. Hoje eu não tenho muito a oferecer... Se eu estudasse, se eu aprendesse a cuidar das pessoas seria diferente. Mas não temos condição para isso. Eu precisaria ir para Kigali, e não tenho onde ficar lá, nem como me sustentar. O que eu ganho aqui é para pagar nossas despesas e comprar comida.

Ouvindo isso penso se nossa equipe poderia ajudar de alguma forma. Depois que a gravação termina Rui fica conversando com elas enquanto o equipamento é desmontado. Quando ainda estávamos na Indonésia, ele tinha me dito uma coisa interessante sobre suas conversas com os entrevistados. “Essas pessoas estão dispostas a falar de algo muito difícil e doído. Algumas já superaram, outras não. Se abrimos as feridas, nós precisamos saber fechá-las. Seria errado fazê-las falar sobre um tema delicado e depois só ir embora.”. É verdade, e achei muito bonito dele pensar nisso.

Enquanto esperamos, procuro Clarisse.

– Você acha que seria possível ajudarmos essa moça a realizar o seu sonho? – pergunto.

– Como assim? Você tem algo em mente? – ela me responde, interessada.

– Bem, não sei. Ela quer ser enfermeira, quer uma vida diferente. E se nós tentássemos encontrar um lugar onde ela possa estudar e realizar seu sonho?

– Olha, Calebe, é uma boa ideia, viu? Enquanto conversava com elas, dentro de mim eu estava cada vez mais incomodada, pensando em como poderia fazer alguma coisa. Conheço algumas pessoas influentes que ficariam felizes em ajudar. Quando voltarmos ao hotel vou enviar alguns e-mails e fazer ligações. Gostei!

– Que bom ouvir isso, Clarisse! Mesmo! Eu não conheço ninguém, mas se eu puder ajudar com alguma coisa, me avisa. Tenho um pouco de dinheiro, posso ajudar também...

– Só de ter dado essa ideia você já fez muito, Calebe! Muito bom, muito bom mesmo! Sabe? Desde que conheci você, lá em São Paulo, eu sabia que tinha algo de diferente, de especial em você. É bom saber que eu não estava errada...

Fico feliz com a possibilidade de que isso dê certo. Clarisse me pede para não comentar com ninguém por aqui ainda, por que ela quer dar a notícia para o grupo quando já tiver algo mais concreto. Antes de irmos embora ela confirma o telefone e endereço das duas, com a promessa de que enviará uma cópia do documentário quando ele estiver pronto. Mas sei que mais do que isso, ela espera entrar em contato com boas notícias.

Na van, de volta para o hotel, ninguém tem ânimo para conversar. As últimas 24 horas foram tão intensas que estamos num silêncio triste. Madú está com os fones de ouvido e a cabeça encostada no vidro da janela. Eu fecho os meus olhos como se fosse dormir no caminho, mas sei que isso não é possível.

O turbilhão em minha mente só aumenta e eu me sinto um pouco egoísta ao querer estar em casa. Acho que pela primeira vez penso como teria sido se eu nunca tivesse vindo para cá... Estou cansado, minha mente e meu corpo estão cansados. Essa sensação de cansaço é horrível. Minha cabeça parece que vai explodir. Tento apagar histórias, rostos, olhares, aqueles ossos na igreja, da minha mente. Mas não consigo.

Chegamos no hotel no horário do jantar e a maioria vai direto para o restaurante. Rui avisa que amanhã depois do café e

antes de irmos para o aeroporto faremos uma dinâmica em grupo. Boa ideia. Madú abre a boca pela primeira vez desde que saímos da casa de Valentina e sua filha:

– Essas histórias estão me deixando esgotadas, sabe? Estou começando a pensar se tenho pique para aguentar até o final das gravações...

– Não pensa assim. Amanhã vai ser um novo dia. Essa noite você vai dormir bem, amanhã cedo vai ter a dinâmica e você vai se sentir melhor, prometo. E estou aqui, claro, sempre que você quiser conversar.

– Podemos nos assentar naquela menor ali no canto? Não estou muito no clima de ficar com o pessoal. Tem problema? – ela pergunta, enquanto procuramos uma mesa.

– Sem problemas! Na verdade, acho que quase todo mundo está assim hoje. – respondo, enquanto nos assentamos.

– Obrigada! Voltando ao nosso assunto... Como você se sentiu ouvindo a história de hoje à tarde, por exemplo? – ela me olha ansiosa pela minha resposta, enquanto eu permaneço em silêncio. Penso um pouco e começo a responder:

– É difícil explicar como eu me senti de verdade. Senti revolta, raiva, e ao mesmo tempo me senti impotente, de mão atadas. Você ouve histórias assim e a primeira coisa que quer é ajudar essas pessoas. Mas e aí? O que vai fazer sobre uma tragédia que aconteceu há mais de vinte anos? Como ajudar tanta gente cheia de marcas da violência no corpo e na alma?

– É verdade...

Terminamos de comer e eu não vejo a hora de voltar para o quarto e descansar. Eu e Madú nos despedimos, e vou para o meu quarto. Tomás não está por lá. Tomo banho e em seguida vou arrumar minhas coisas, já que viajaremos amanhã.

A manhã do dia seguinte é calma e a dinâmica em grupo faz muito bem. Almoçamos no aeroporto e em seguida embarcamos em um voo de dezenove horas e três escalas. A primeira, em Adis Abeba, capital da Etiópia, onde vamos esperar por quatro horas até o próximo voo até Frankfurt, Alemanha. Lá vamos ficar umas três

horas e meia esperando até finalmente embarcarmos para Viena, Áustria, nosso destino final. Que seja uma boa viagem!

Em abril de 1994, começou em Ruanda um dos mais horrendos genocídios da história. De 6 de abril a 4 de julho, a maioria hutu trucidou mais de 800 mil tutsis. Entre eles estavam também hutus que não defendiam a causa extremista e quiseram defender tutsis. Há relatos de líderes religiosos que mataram pessoas que buscavam abrigo em igrejas, médicos que mataram pacientes e pessoas matando seus próprios vizinhos. Os cadáveres dos tutsis assassinados na Igreja de Ntarama e ao redor da construção ficaram expostos por mais de um ano. Os restos mortais só foram retirados em 1995, e a Igreja de Ntarama, localizada a 40 minutos de Kigali, tornou-se um memorial do genocídio. Em seu livro “Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias”, o jornalista Philip Gourevitch conta algumas destas histórias. Uma delas inspirou “Hotel Ruanda”, o filme que se tornou um sucesso mundial, contando a história de Paul Rusesabagina, um hutu que salvou a vida de vários tutsis durante o genocídio. Hoje, por motivos de segurança, ele está exilado na Europa.

Capítulo 11

Viena, Áustria

Viena é uma cidade muito bonita e aconchegante. Aqui, ao contrário da maioria das cidades grandes que fui até agora, não tenho aquela sensação de que sempre estou cercado de muita gente. Saindo do aeroporto a caminho do hotel já dava para ver parques enormes, avenidas e calçadas largas, além de prédios muito interessantes. A arquitetura clássica e moderna se encontram e o resultado é uma cidade muito, muito bonita.

Vamos ficar aqui quase uma semana. Teremos apenas uma gravação, e não será uma história. A dra. Ilse Marschalek, psiquiatra com pós-doutorado em neurociência, vai falar um pouco sobre como o cérebro age em situações traumáticas.

A parada aqui também vai servir para adiantarmos o nosso trabalho. A estreia do documentário está próxima, por conta de datas de festivais onde ele será inscrito. Estamos na reta final das gravações e, enquanto isso, uma equipe que ficou no Brasil já começou a editar o material, que é enviado por nós já decupado, com as marcações seguindo o roteiro.

O material de Ruanda ainda está praticamente intocado. Eu vi que durante o voo algumas pessoas estavam já trabalhando em alguns trechos, mas tem muita coisa a ser feita antes de serem enviados os arquivos para o Brasil. Por outro lado, eu preciso selecionar as fotos, fazer o tratamento nas imagens e, com Clarisse dando a aprovação eu envio os arquivos para impressão. O prazo é apertadíssimo, mas desde o começo ela deixou bem claro que quem achasse que não daria conta não deveria participar da equipe.

Na recepção do hotel, enquanto os quartos estão sendo liberados, ela nos avisa que o único compromisso fixo que todos precisam respeitar será o de amanhã pela manhã, quando encontraremos nossa entrevistada. No mais, cada um está livre para fazer seus próprios horários, desde que todos cumpram as metas estabelecidas.

– E aí, já sabe por onde vai começar? – pergunto para Madú.

– Tô muito animada para conhecer essa cidade... E justamente por isso eu quero terminar tudo o que tenho para fazer e assim ter um tempo livre para andar por aí. Você?

– Eu também. Fiquei sabendo que aqui no hotel tem um espaço para trabalhar, com mesa, cadeiras e wi-fi. Estava pensando em ir pra lá depois de me acomodar no quarto. Vamos?

– Com certeza. Você está em qual andar?

– Quinto. Você?

– Sexto. Então eu passo no seu quarto pra gente descer juntos. Daqui a... quarenta minutos?

– Perfeito. Você já fez check-in?

– Já sim. Eu, a Luísa e a Karine vamos ficar no mesmo quarto. Já estou com meu cartão aqui até.

– Então o que a gente está esperando? – respondo, sorrindo. – Vamos conversar enquanto a gente sobe!

– Achei que você ainda não tinha feito o check-in! – ela tenta se justificar e sorri quando eu mostro o meu cartão magnético.

Chego no quarto e Tomás já está por lá, organizando suas coisas.

– Tomás, eu e a Madú vamos trabalhar lá embaixo, tem um espaço bem legal. Vamos também?

– Cara, já até liguei numa pizzaria e pedi para eles entregarem uma pizza aqui pra mim. Esse quarto vai ser meu escritório nos próximos dias! Eu tenho tanta coisa pra fazer que nem quero correr o risco de acabar perdendo o ritmo. Mas valeu por ter chamado, mesmo assim.

– Ah beleza então...

Organizo as minhas coisas pensando que seria muito bom ter um tempo a sós para que Ariel pudesse aparecer. Sinto falta de conversar com ele. A última vez que nos vimos foi naquele dia, lá na Tailândia ainda. Desde então, nada. Nem uma conversa rápida. O que será que aconteceu? Alguém bate na porta e, para a minha surpresa, vejo um Ariel quase irreconhecível.

– Gostou da minha versão europeia? – ele já chega fazendo brincadeiras. – O terno azul marinho foi um toque extra.

Ficou legal né?

– Não sei se eu falo pra você entrar ou te deixo aí fora! Tomás está no banho e pode ouvir a gente conversando.

– Para de ser medroso, Calebe! – ele já vai entrando. – Ele não vai ouvir, vai por mim. E quando ele estiver saindo eu desapareço, prometo. Literalmente!

– Os últimos dias foram muito complicados. As histórias de Ruanda foram muito pesadas!

– Sei... Eu acompanhei tudo. Queria ter aparecido antes, mas você estava sempre com o grupo, não tive nenhuma chance. Me desculpe. Como você está?

– Estou bem, estou bem. Mas minha cabeça ficou a mil com tudo o que eu ia ouvindo. Cheguei a pensar que não devia ter vindo. Mas o tempo vai passando e vou colocando as ideias no lugar.

– E aquele nosso assunto? – ele pergunta, com um tom de receio na voz.

– Você quer dizer Madú?

– Isso. Esse nosso assunto.

– Não sei...

– Como assim não sabe?

– Ah, não falamos sobre o que aconteceu, ou quase aconteceu na porta do hotel na última noite na Tailândia. E nem tinha como também, com o clima das gravações. Mas aconteceu uma coisa legal.

– Ah é? O quê?

– Eu não sei se te conto essas coisas, não sei quando você está por aí, invisível, vendo tudo acontecer. Vai que você já sabe e eu fico aí feito bobo contando.

– Então você acha que sou desses? Anda, desembucha, estou curioso e o seu colega de quarto já deve estar quase saindo do banho.

– Há dois dias eu e ela oramos juntos pela primeira vez... Ela me pediu para orar com ela, e oramos de mãos dadas. Para de me olhar assim!

– Assim como? – ele fala sorrindo.

– Assim! Nem vou mais contar essas coisas pra você, se você não for levar a sério.

– Estou levando a sério! Achei legal o que você me contou. Vocês terem orado juntos é algo muito especial. De verdade! Só achei bonitinho quando você falou que ficaram de mãos dadas, só isso.

– Olhaí...

– Cuidado, Calebe. Só isso que eu te digo. Madú é uma mulher muito especial e por causa de você o Eterno está tendo uma brecha para entrar na vida dela. Não seja o motivo para ela querer que Ele vá embora depois.

– Não serei. Eu prometo, Ariel.

– Esse combinado não tem que ser comigo, mas com Ele. – ele fala apontando para cima. – É minha deixa, preciso ir. Que o Eterno esteja com você!

Ele desaparece segundos antes que Tomás saia do banheiro. Fico pensando no que Ariel falou para mim. Não ser o motivo para que o Eterno saia da vida dela. Nunca tinha olhado por esse ângulo. Mas faz sentido.

Da mesma maneira que algumas pessoas podem ser usadas para abençoar, outras se deixam ser usadas para provocar sentimentos e situações ruins. De forma alguma quero estar na última situação. Minutos depois ela bate na porta e eu atendo já pronto para sair.

Descemos pelo elevador e chegamos até a sala onde vamos trabalhar. Para nossa surpresa, não tem ninguém por lá.

– O que você está achando do clima daqui? – pergunto. Eu, particularmente, estou gostando. Temperaturas amenas assim são mais parecidas com as que eu estava acostumado lá em Lundi.

– Ah muito gostoso... Acho que um clima assim é simplesmente o melhor de todos. Nem aquele calor, nem frio. Você pode usar um chinelo, mas também dá pra colocar uma camisa com a manga compridinha. Só falta uma coisa pra ser perfeito!

– O quê?

– Aquela praia da Tailândia... Ou da Grécia, lembra?

– Mas eu desconfio que aí você ia querer mais calor pra poder entrar na água. E sua teoria do clima iria por água abaixo.

– Verdade. Seu estraga-prazeres. – ela fala e me faz sorrir.

Nos assentamos um de frente para o outro e começamos a trabalhar. Tenho centenas – literalmente, centenas – de fotos para ver e selecionar. Sem contar com as que ainda não tratei. Começo com a triagem, que é mais entediante, assim o pior fica logo no começo e eu consigo render mais.

Ao rever as fotos começa a passar um filme na minha cabeça. Algumas histórias parecem tão longe, como as primeiras que ouvi sobre o Tsunami ou, mais ainda, os pais que perderam o filho e a nora num acidente de avião. Cada uma delas me ensinou alguma coisa, me ajudou a ver este mundo e a mim mesmo de uma forma diferente.

Abro a pasta que ainda não mexi. Lá dentro, fotos dos sobreviventes refugiados, acolhidos no navio quando estávamos no Mediterrâneo. Pela primeira vez eu vejo as fotos que Madú tirou de mim, com a minha câmera, quando eu tinha me jogado no mar tentando salvar Kurdi. Numa foto eu estou nadando de volta, em outra eu já estou no navio com ele nos braços. Na sequência, fotos do médico e um enfermeiro tentando reanimá-lo e por último uma foto em que eu olho para aquele rostinho tão pequeno e já sem vida.

Ver essas fotos mexe comigo ao ponto de tudo aquilo surgir dentro de mim de novo. Meus olhos se enchem de lágrimas, eu fecho aquela janela e fico perdido em meus pensamentos. O que me traz de volta é o toque que sinto em minha mão.

– Tudo bem? – Madú me pergunta.

– Tudo... É que estou abrindo a pasta com as fotos da Grécia. Ver tudo aquilo me trouxe lembranças ruins...

– Sinto muito... Deve ter sido muito difícil para você.

– Você não imagina o quanto, Madú. Não imagina mesmo. Posso te perguntar uma coisa?

– Claro!

– Como você faz para esquecer as coisas ruins?

– Bem, o tempo, por si só, já é um ótimo remédio. A outra coisa é aprender encontrar um ângulo diferente, dando um novo significado às lembranças. Mesmo coisas ruins têm alguma coisa boa para nos ensinar. Só precisamos estar dispostos a ver numa

perspectiva diferente e abrir mão de nossa dor. – ela fala como se estivesse dando um conselho para si mesma.

– É verdade... Obrigado por ter dito isso... – eu agradeço e aperto a sua mão, que ainda está sobre a minha. – Você acha que eu deveria escolher uma dessas para a exposição?

– Não só acho, mas tenho certeza! A história que essas fotos podem contar é importante demais para que elas fiquem de fora. Veja quais você prefere e inclua os arquivos na seleção. Você não vai se arrepender e a Clarisse vai gostar, tenho certeza.

– Faz sentido.

Ela volta os olhos para a tela, e eu para a minha. A verdade é que olho de relance para o rosto de uma Madú concentrada e séria, o que para um olhar desconhecido pode esconder quem ela é, de fato. Leve, divertida e algumas vezes intensa. Penso no que ela me falou, sobre superar com o tempo e dar novos significados às coisas. Isso me diz tanto...

O fato de que aqui na Terra as pessoas não possuem a capacidade de acessar suas memórias de maneira completa é na verdade mais uma manifestação da misericórdia do Eterno. Em sua sabedoria, Ele já previa os resultados do Mal e o impacto que eles teriam nos seres humanos. Como seria difícil lidar com perdas, fracassos, frustrações e irritações diárias, se não fosse possível esquecer. “Bem-aventurado os esquecidos, pois eles tiram melhor proveito dos seus equívocos”. Finalmente esta frase de Nietzsche começou a fazer sentido para mim.

De volta à minha pasta, começo olhar para cada imagem procurando um ângulo diferente. Um pensamento a partir de outro viés. Ao invés de pensar no sofrimento daquelas pessoas enroladas em cobertores térmicos, vejo a esperança de um novo recomeço. Olho para a atitude daqueles profissionais no navio, que literalmente vivem para salvar desconhecidos.

Mas não consigo fazer o mesmo quando vejo a minha foto com aquele garotinho inerte nos braços. Em nenhum ângulo aquilo parece fazer sentido. Sinto o vazio e a dor ao me deparar com aquela perda. Talvez esta seja uma das coisas reservadas para um sentido que só o tempo poderá dar. Para a cura que só vem com o

sopro dos dias, semanas e anos. Uma explicação reservada, quem sabe, para ser dita pelo Eterno, algum dia.

Continuo até que acredito já ter um número bom de imagens. Compacto os arquivos e envio para Clarisse dar uma olhada na seleção final. Em seguida abro a pasta com as imagens que ela já aprovou e começo a trabalhar nelas. Os minutos se transformam em horas e começo a experimentar uma sensação inerente ao meu corpo daqui: cansaço não apenas na mente, mas nos olhos, de tanto olhar para uma tela de computador. Parece que Madú adivinha meus pensamentos quando diz:

– Sabia que uma das melhores maneiras de ajustar o fuso é comendo na hora certa? – ela fala como quem não quer nada.

– Hum, conte-me mais sobre isso. – respondo, como se precisasse ser convencido de alguma coisa.

– A gente já não almoçou direito... Não ia ser muito inteligente pularmos a janta também, não é? – ela fala já abaixando a tela do notebook.

– Concordo totalmente com você! O que me sugere?

– Eu sei que a gente tá na Áustria e tem muita coisa pra gente poder descobrir. Mas hoje eu só queria uma pizza. Se é que tem pizzas gostosas por aqui.... Quer arriscar?

– O Tomás tinha pedido uma antes de eu sair do quarto, podemos perguntar se era boa...

– Ele comeu pizza de tarde???? – ela pergunta fazendo cara de nojo.

– Nossa, quem vê assim pode até pensar que você só faz as coisas do jeito mais convencional possível. – ela sorri do meu comentário. – Vamos, a gente liga pra ele lá da recepção.

A recepcionista do hotel explica que não podemos comer onde estávamos trabalhando, mas há um outro ambiente relativamente tranquilo onde é permitido comer. Deixamos avisado onde estaremos, para entregarem nossa pizza, vamos para lá e desabamos num sofá absurdamente confortável.

– Quer continuar trabalhando enquanto esperamos? – pergunto, de frente para ela.

– Não sei... estou meio cansada. E já fiz muita coisa, um pouco de ócio não vai me matar. Nem te matar também. Ou o seu

não rendeu? – ela tira as sandálias dos pés e recolhe as pernas em cima do sofá.

– Rendeu sim. Você está certa. Vamos aproveitar para relaxar um pouco... O que você quer fazer? Hum... Podemos procurar se aqui tem algum salão de jogos... Só precisamos deixar avisado na recepção que não vamos mais estar aqui. Que tal? – eu tento soar animado, mas ela fica em silêncio, encosta de lado a cabeça no sofá e começa a brincar com as pontas dos dedos em meu ombro.

– É... pode ser... Ou então... podemos fazer outra coisa... – ela fala com os olhos fixos em mim. Eu, no alto da minha incapacidade de perceber o momento, respondo:

– Tipo o quê?

– Tipo continuar onde paramos lá na frente da porta do seu quarto, na última noite da Tailândia. Ou você acha que eu esqueci? – seus olhos e sorriso parecem mais tentadores do que nunca. Devo ter ficado vermelho, por que ela faz alguma brincadeira com isso. Mas, entre tantas coisas que passam em minha mente neste momento, eu não consigo dizer nenhuma palavra. Minha reação imediata é me levantar do sofá. Escondo o meu rosto com as mãos, como alguém que tem algo do que se envergonhar. Minhas mãos escorregam pelos meus cabelos e param em minha nuca. Olho para Madú e ela tem uma expressão confusa enquanto olha para mim.

Por mais que eu tenha pensado várias vezes como seria esse momento e essa conversa, sei que é mais difícil do que eu tinha imaginado. Não sei por onde começar e agora todas as palavras que na minha mente pareciam razoavelmente aceitáveis agora são absurdas.

Mas eu preciso falar alguma coisa, preciso quebrar este silêncio constrangedor. Agora sei que ela não estava ignorando o que tinha acontecido, mas esperava o momento em que um de nós dois tocasse no assunto.

– Madú, eu preciso dizer uma coisa pra você... – começo.

– Ai Calebe, que cara é essa.– eu me sinto cada vez mais pior por ter que falar o que preciso.

– Então... precisamos conversar.

– As duas palavras que todo mundo adora ouvir.

– Não é bem assim. É que eu... eu não... – me sinto bobo, me sinto envergonhado e mais um milhão de coisas ao mesmo tempo.

Volto para o sofá, ao lado dela, que espera as minhas palavras. Seguro suas mãos geladas entre as minhas, respiro fundo e começo a falar:

– Madú... Conhecer você foi uma das melhores coisas que me aconteceu. E digo mais: você é uma das pessoas mais incríveis e especiais que eu já conheci em toda a minha vida. Mesmo! Seu jeito franco, seu sorriso, suas palavras... Tudo em você me atrai de uma maneira que eu não consigo explicar. Eu... eu me lembro quando a gente conversou pela primeira vez, lá em São Paulo. Você veio se apresentar toda animada e simpática, e desapareceu alguns segundos depois conversando com outra pessoa. Aí vieram nossas conversas... As superficiais ou mais profundas, como as que a gente teve lá na Grécia, a primeira vez. Quando eu chorei você me consolou. Você foi a pessoa que mais se importou comigo no momento mais difícil que tive que enfrentar nessa viagem. E você não tem ideia do quanto eu sou grato por isso. – Coloco a minha mão em seu rosto e continuo, tirando as palavras do fundo do meu coração:

– Cada momento com você, Madú, é especial. Você não faz ideia como eu me senti quando oramos juntos. Ou quando olhamos aquele céu recheado de estrelas, lá na Tailândia. A gente só se conhece há algumas semanas e eu sinto como se fosse uma vida inteira. Cada palavra que eu falei com você, cada toque, cada sorriso, tudo foi verdadeiro, foi real. Eu preciso que você acredite nisso. Mas...

– Ah, sempre um mas... – ela desvia os olhos dos meus e encara o chão.

– Madú... por mais que eu queira beijar você... por mais que eu queira estar com você e ser mais do que um amigo... por mais que você provoque em mim coisas que nenhuma mulher jamais me fez sentir... Eu não posso. Eu sei que eu não deveria ter deixado as coisas chegarem até este ponto, mas eu fui fraco... Não consegui... Preciso que você me perdoe por ter deixado entender

coisas que você não deveria entender... Por não ter sido firme ou me afastado quando eu deveria...

– Calebe, você entende que o que você está me dizendo não faz sentido nenhum? Se tudo o que você falou é verdade, o que poderia impedir que as coisas acontecessem?

– Bem... Existem alguns detalhes que eu não te contei. Depois que voltarmos para o Brasil eu não vou continuar em São Paulo. Eu vou embora um dia depois do lançamento do documentário, e não vou voltar mais. E sei que seria errado começar alguma coisa que eu não poderia continuar. Seria irresponsabilidade minha e te magoaria, e eu não quero te magoar...

– Mas já está magoando, Calebe. Já está magoando. Especialmente com essa sua história muito, mas muito estranha. – ela se afasta de mim e continua: – Quer dizer que você não vai querer nada comigo por que daqui a não sei quanto tempo você vai embora? Nossa, estou impressionada com a sua atitude. – ela fala cheia de sarcasmo na voz.

– Madú, eu...

– Então VOCÊ quase me beija e depois diz DO NADA que não podemos nem nos beijar por que daqui a NÃO SEI QUANTO TEMPO você vai para NÃO SEI ONDE? Por causa de um futuro incerto vamos deixar de viver o agora?

– Não é bem assim...

– E você quer que eu aja como? Ah ok, beleza, vamos fingir que nada aconteceu e continuamos a broderagem? – ela se levanta e eu fico em pé em seguida.

– Madú, não é isso... Eu estou sendo sincero. Eu não quero começar uma coisa que depois vou ter que terminar, sabe? Eu sei, eu sei, já comecei errado, mas enfim, quero fazer certo, não quero bagunçar tudo ainda mais.

– Ah é? A verdade é que aparentemente você não é a pessoa que eu pensei que você era. Não existe nenhum problema em sermos só amigos, Calebe. Mas você precisava ter agido assim desde o começo, sem brincar com os meus sentimentos como você fez. – ela respira fundo e seus olhos se enchem de lágrimas. – Principalmente em um momento tão difícil que eu estava. Eu me abri para você. Falei dos meus pais. Falei dos meus medos, dos

meus sonhos. O mínimo que eu esperava era que você pudesse ter sido honesto e verdadeiro, assim como eu fui. – as últimas palavras quase não saem, embargadas pelo choro teimoso.

– Madú, me escuta, eu... – me aproximo e tento abraçá-la, mas ela foge de mim.

– Para, Calebe. Você já falou o suficiente. Vou subir para o meu quarto. No fim das contas, pelo menos não falta tanto para as gravações acabarem. Assim não vou ter que te evitar por tanto tempo assim.

Ela sai sem olhar para trás e eu fico emudecido, sozinho, sentado no sofá. Eu sei que não fui verdadeiro o tempo todo. Me culpo e penso que deveria ter previsto o rumo das coisas. Não sei como, mas deveria. Foi a primeira vez que eu me aproximei tanto de uma mulher, que alguém tocou o meu coração assim. O que fazer quando seus impulsos e sentimentos falam mais alto e calam qualquer tipo de lógica? Eu errei... Fui inconsequente e agora vou colher o resultado disso.

Culpa. Arrependimento. Desilusão. Me sinto tão desolado que parece ser possível sentir, de verdade, a dor de uma tristeza que parte o meu coração.

Um rapaz chega com a pizza, eu pago e peço para ele entregar no 614, Maria Eduarda. Ele vai embora e eu continuo desabado, olhos fechados, no sofá. Começo a pensar em possibilidades, probabilidades e meios de conseguir resolver essa situação. Nada faz sentido. E uma voz conhecida me chama. Abro os olhos e vejo Ariel na minha frente.

– Quer conversar? – ele pergunta. Olho para Ariel e me lembro da conversa que tivemos, dias atrás. Mas hoje ele não está vestido com as roupas de Lundi e nem parece querer me convencer de alguma coisa. Hoje eu vejo nele mais do que um anjo. Vejo um amigo.

– Duas vezes em menos de 24 horas, hein? Acho que é um novo recorde.

– Tudo bem, eu estou aqui para isso, não é? – ele se assenta ao meu lado.

– Eu não sei se a gente vai se falar de novo. Como vai ser? Ariel, me mata não poder contar a verdade para ela...

– E você acha que faria alguma diferença?

– Claro! Eu pelo menos estaria sendo completamente sincero, sem parecer algum idiota inconsequente com alguma desculpa esfarrapada qualquer.

– E o que te faz pensar que ela acreditaria em você? Pense comigo... Você acha que dizer que é de outro planeta e que vai voltar pra lá em algumas semanas vai ser menos difícil? E, mais importante: que ela vai acreditar?

– Eu sei, pode parecer insano, eu sei. Mas ainda assim...! Dizer a verdade, tirar isso daqui de dentro faria muita diferença. E quando você fala a verdade, sem meias palavras, como eu fiz agora há pouco, sabe, quem te ouve sabe, de alguma maneira, que você não está mentindo. Não que eu estivesse, mas eu omiti, eu não falei tudo. E Ariel...

– Hum...

– Eu daria quase tudo para poder ser eu mesmo ao lado dela. Eu sei que você é um anjo, e por isso é mais difícil de me entender. Mas ela provoca em mim alguma coisa! Não sei explicar. Eu sofro sabendo que vou embora e nunca mais vamos nos ver. E é ainda mais cruel não poder estar aqui de verdade, sendo eu mesmo, dizendo o que penso de verdade, enquanto estou neste lugar.

Ficamos alguns momentos em silêncio. Não deve estar sendo fácil para Ariel também, eu sei. Então ele me diz:

– Vou ver como posso te ajudar, amigo. Prometo. Mas enquanto eu não voltar, o que eu peço é que você não faça nada sem pensar nem perca a sua fé. Combinado?

– Combinado. Bem, acho melhor eu subir. Dormir tarde não vai ajudar em nada.

– Você está certo. Nos vemos de novo em um dia ou dois. Que o Eterno esteja com você.

Ariel desaparece e eu volto para o quarto, cabisbaixo. Tomás ainda está por lá, na frente de computador, como diria que ia estar. Ele me olha e já fala:

– Que cara é essa, amigo? O que aconteceu?

– Bem... Eu e Madú... A gente discutiu...

– Nossa, cara, que chato. Quer conversar?

– Valeu, mas não. Pode continuar trabalhando. Vou tomar uma ducha e deitar.

– Certeza? Não tem problema, eu posso dar uma paradinha de boa...

– Tenho. Pergunta: ainda tem pizza?

– Tem sim, pedi mais uma agora à noite e não aguentei comer tudo. Tá no frigobar, pode pegar.

– Beleza, valeu.

Começo a comer minha pizza gelada e continuo pensando na minha conversa com Madú e no que Ariel falou para mim. É inevitável me questionar sobre como será amanhã de manhã, na gravação.

Ela vai falar comigo? Se eu falar com ela, será que vou ser ignorado? Nunca passei por nada parecido com isso e não faço ideia de como agir nessa situação. Antes de dormir, leio que “o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor”. De certa forma, isso me acalma. Saber que o Eterno está cuidando de mim em todos os aspectos me deixa mais confiante, mesmo sem saber o que o futuro me reserva.

Pela manhã peço ajuda para Tomás e pergunto como eu deveria agir. Devo procurá-la? Toco no assunto de novo? Ignoro e ajo como se nada tivesse acontecido? Espero que ela venha falar comigo? Ele me aconselha a ficar “na minha” e ver o que acontece. Afinal, não fui eu mesmo que quis que fôssemos só amigos? Eu conto resumidamente o que aconteceu e ele não me entende e diz que se estivesse no meu lugar tinha deixado rolar e só contava depois que eu ia embora.

Viva o momento sem pensar muito no amanhã, ele me disse. Mas se eu sei que cada escolha reflete em uma consequência futura, como não pensar nisso? E como não ser fiel a mim mesmo e a alguém com quem eu me preocupo, agindo sem pensar nos sentimentos dela?

Agora tudo estaria bem, mas depois eu teria brincado com um coração. Dois, na verdade, por que eu mesmo ficaria machucado. Seria desrespeitá-la, a mim mesmo e ao Eterno, que nos criou. Sei que Ele vê o que está acontecendo e sabe que estou sendo leal.

Já no restaurante do hotel, vejo Madú de longe. Fique na sua. Espere a iniciativa dela, por que você foi quem pediu que vocês fossem só amigos. Ela olha na minha direção e eu a cumprimento. Ela sorri e continua esperando as torradas. Não me aguento e vou até lá:

– Bom dia...

– Bom dia, Calebe.

– Está aqui tem muito tempo? – é tudo o que tenho no meio do nervosismo.

– Mais ou menos. Bom café! – ela pega as torradas e sai, me deixando parado no meio do restaurante. Tomás me olha com um ar de ‘eu te avisei’.

Ele tenta puxar assuntos diferentes comigo, mas é difícil parar de pensar na situação. Eu me sinto bobo, já sentindo a falta dela. Será que ela ao menos sente a minha falta também?

Terminamos de comer, subimos para o quarto e logo estamos de volta, prontos para a gravação da manhã. Vamos gravar ao ar livre, o que é ótimo, por que o dia está muito bonito. Quando chegamos no lugar, fico maravilhado com a vista, que me distrai um pouco. Estamos num dos muitos parques da cidade, e temos o Danúbio, o rio que corta Viena, ao fundo. Enquanto os equipamentos são montados, Clarisse pede para falar comigo e com Madú e me deixa apreensivo. O que poderia ser?

– Madú, gostei muito das imagens que você fez até agora para o nosso *making of*. Só tem uma coisa faltando: você! Por isso chamei os dois. Como vejo vocês sempre juntos, Calebe, faça um vídeo da Madú, com um depoimento rápido sobre o trabalho dela nos bastidores. E mostre um pouco do trabalho dela também. Quero ver isso antes de irmos embora de Viena, então aproveite a gravação de hoje para pegar alguma coisa. O depoimento pode ser em outro contexto, sem problemas. Alguma dúvida?

– Não, tudo certo. – respondo.

– Tudo ok! – Madú responde tentando disfarçar o incômodo. Assim que Clarisse sai, ela vira pra mim e me diz: – Pelo jeito não é hoje que você vai se ver livre de mim.

– Mas eu não quero ficar livre de você, Madú...

– Não foi o que você pareceu dizer com as palavras de ontem, não é? Mas enfim, não quero começar tudo de novo. Vou fazer algumas imagens agora, aproveite para pegar alguma coisa. E o depoimento podemos fazer hoje depois do almoço, assim ficamos livre disso.

– Claro... – eu respondo, mas ela já tinha virado as costas. Como isso está me matando. Nem bem passou um dia e é um incômodo estar assim. Não é possível que não tenha nada que eu possa fazer!

De volta à gravação, tento me concentrar e fazer as minhas fotos. A dra. Ilse Marschalek está à vontade diante das câmeras e isso facilita bastante. Um vento suave brinca de leve com seus cabelos curtos e, eu ousaria dizer, um tanto despenteados. Ela é muito educada e prestativa com a equipe. Consigo fazer algumas fotos bem interessantes. Mais uns minutos, estamos todos a postos e começa a gravação.

– Por mais que as pessoas gostem de olhar para si mesmas como seres racionais e lógicos, a verdade é que somos muito mais emocionais do que gostamos de admitir. E a neurociência tem deixado claro que isso vale para homens e mulheres igualmente, por mais que os homens gostem de se ver como mais racionais do que elas.

Uma das coisas que me intrigou por aqui foi esse distanciamento entre homens e mulheres, no sentido de gêneros se verem como competidores e não aliados. Claro que existem as exceções. Mas eu nunca tinha visto nada parecido antes.

Em Lundi – e nos outros planetas que eu conheço – homens e mulheres têm seu papel e funções na sociedade, claro, mas nada disso faz com que o outro seja menor ou menos importante. Nunca vi meu pai e minha mãe perderem um minuto sequer, por exemplo, tentando definir quem é que manda na casa ou na família. A palavra mais importante da casa é bem clara: a vontade do Eterno, e todos estão abaixo dela, sem níveis de importância carregados por traços de DNA.

– Com o avanço da neurociência é possível dizer que a dor emocional, muitas vezes tão rebaixada e vista como menos importante, causa tanto impacto quanto um trauma físico por assim

dizer. Graças às possibilidades advindas com os equipamentos de ressonância, hoje sabemos que as mesmas áreas cerebrais que são ativadas num cenário de dor física ficam ativas quando alguém tem uma intensa desilusão amorosa, por exemplo. Em experimentos onde pessoas eram induzidas a sentir grande angústia, foi notável a mudança do fluxo sanguíneo em algumas áreas cerebrais. – ela dá uma pausa, olha para o rio como se estivesse tentando lembrar algo específico e então continua:

– Seguindo esta linha de raciocínio, chegamos a conclusões como a de que os neurotransmissores sofrem quando sofremos. E é aí que entram os antidepressivos, tentando regular e equilibrar o funcionamento do nosso cérebro. E por que saber disso é importante? Veja bem, temos uma tendência de subestimar nossas dores emocionais. A maioria das pessoas chega a enterrá-las. Falar sobre o que se sente pode ser muito difícil em algumas situações, e aí fica mais fácil simplesmente ignorar ou desvalorizar a importância dessa dor emocional. É mais fácil tomar um comprimido para uma dor de cabeça do que prestar atenção numa dor emocional. Neste contexto também fica clara a importância do outro, de quem está ao lado do que sofre. Esta pessoa é importantíssima para incentivar a busca por ajuda ou até mesmo para ouvir e apoiar.

– E quando a dor vem de uma perda de alguém próximo, por exemplo? Isso muda de alguma maneira?

– O luto é um desafio emocional e cognitivo que o sobrevivente precisa conseguir lidar. Existem casos de pessoas que mesmo em face à morte de um ente querido só conseguem reagir depois de horas ou até mesmo dias. Outras que desabam emocionalmente assim que sabem da notícia. Independentemente da situação, quem perde um parceiro, filho, pai ou alguém próximo precisa de uma ajuda especializada para conseguir lidar melhor com a situação. Por mais que a morte seja a maior de todas as certezas, ainda não estamos preparados para ela. E a dor da perda pode ser aliviada com a ajuda de um profissional, por exemplo.

– Existe alguma forma de evitar a dor do luto?

– Não é saudável fugir do luto. Ele é um processo essencial para a reconstrução do eu, a reorganização interna e para reaprender a olhar o mundo externo. Ignorar isso é dar espaço para

um sofrimento ainda maior e desnecessário. É um processo universal e importante. O acompanhamento profissional, ainda que temporário, é crucial especialmente em casos que este luto pode se transformar em uma depressão, por exemplo. Não é possível delimitar um tempo em que este luto vai terminar – tudo está ligado à proximidade da pessoa que se foi e às circunstâncias da perda. Quando a morte é inesperada ou trágica o luto dificilmente irá embora antes do período de um ano, por exemplo. Além disso, o sentimento de desamparo, pânico e horror são muito mais intensos nestes casos. É importante que a dor não fique reprimida, ou ela será ainda mais profunda e prolongada. Há ainda, as situações de luto coletivo, que aconteceu, por exemplo, após o 11 de setembro. Nestes casos, nações ficam abaladas e pessoas de todos os lados do mundo são atingidas pela sensação de incerteza e vulnerabilidade.

– E estas dores podem se transformar em sintomas físicos?

– Com certeza. Não é à toa que usamos expressões como ferida e dor no coração. Traumas emocionais podem se transformar em problemas no estômago e intestino como azia, gastrite ou diarreia. Há casos em que as pessoas deixam de ter vontade de comer ou perdem a voz. Além disso está comprovado que quem sofre uma grande perda ou passa por um trauma intenso também fica mais vulnerável a sofrer infecções, especialmente se a pessoa for mais idosa. O lamentável é saber que este tema ainda é um tabu, e muitas pessoas ficam em silêncio por medo de serem julgadas. Em seu livro “O estilo emocional do cérebro”, o neurocientista Richard J. Davidson fala sobre diferentes reações de comportamento, como algumas pessoas são mais resilientes do que outras e o que isso diz sobre o funcionamento do cérebro.

– Isso quer dizer que não existe uma fórmula para a cura. Cada situação é única, por que cada um tem suas idiossincrasias. Entretanto, falar, desabafar e ser sincero com você mesmo são coisas que ainda continuam universais no que diz respeito à cura emocional. Mas o tempo, a reação e a abordagem vai mudar em cada caso.

– É possível superar um trauma? – pergunta Rui.

– Com certeza! Como já falei, o processo é dolorido e normalmente pode demorar meses para que a pessoa tenha superado a pior parte da dor. Segundo a teoria de Elizabeth Kubler Ross, o luto acontece em cinco fases: negação, quando a pessoa tenta manter uma rotina e isolar-se das pessoas e da realidade. Em seguida vem a fase da raiva, que é a busca por um responsável pela dor. Ela pode ser manifestada por acessos de ira, agressividade, violência ou desgosto acentuado. Depois vem a fase da barganha, que como as outras tem a ver com a não-aceitação da realidade e da impotência e perda de controle. O penúltimo estágio é o da depressão. Choro, amargura, tristeza, apatia e desesperança são alguns dos sintomas mais frequentes. Por último vem aceitação e com ela a capacidade de falar sobre a morte sem o sofrimento exacerbado ou a dor lancinante. Você passa a entender a situação, ver o que aconteceu de outro ângulo.

– Mesmo em situações extremas as pessoas podem ter esperança de cura ou terão que conviver com a dor o resto da vida?

– Mesmo nestas situações existe a esperança. Eu diria que é preciso encarar o fato de nossa impotência em relação a várias coisas. Aprender a perdoar também é fundamental. Não guardar rancor de outras pessoas envolvidas na situação e até mesmo perdoar a si mesmo, evitando pensamentos nocivos como “e se eu tivesse...?” ou “o que poderia ter sido se...”. O mais importante: conseguir transformar a dor e a perda em algo positivo, em alguma boa ação. Como uma pessoa que perde alguém para um acidente que agora participa de campanhas de conscientização. Isso ajuda a superar e dar um novo significado à tragédia. O vazio vai continuar e a saudade nunca vai passar, mas isso pode ser transformado em boas ações para a comunidade.

As palavras da dra. Ilse me deixam ainda mais pensativo. Terminada a entrevista, almoçamos num restaurante próximo. Em seguida vamos direto para o hotel e de lá a equipe está liberada para fazer o seu próprio itinerário. Tenho ainda várias fotos para finalizar e enviar, mas provavelmente vou terminar bem antes do que eu tinha imaginado, agora que as coisas estão diferentes e vou ter mais tempo livre. Se isso é bom ou ruim? Ainda não sei.

Capítulo 12

Viena, Áustria

De volta ao hotel, Madú me procura logo que descemos da van, para fazermos o depoimento. Ela quer resolver isso logo “para ficar livre depois”. Enquanto conversamos no hall de entrada, vejo alguém chegando e meu coração parece deixar de bater por alguns segundos.

Ariel vem caminhando despreocupadamente, com seu terno escuro e chapéu de aba curta – ahn? – e me cumprimenta como um velho conhecido, ali, bem na frente de Madú.

– Calebe, meu amigo! Que bom te ver por aqui! – ele me abraça eufórico e em seguida se volta para Madú. – E a sua amiga, quem é?

– Madú, este é o Ariel. Ariel, esta é a Maria Eduarda, minha colega de trabalho.

– Olá, Ariel, muito prazer. Calebe, que cara é essa? – Madú me pergunta.

– Não é nada, está tudo bem. – respondo, sem conseguir disfarçar o meu nervosismo.

– Perdoe o nosso amigo aqui, Madú. Às vezes ele parece ser de outro mundo! – Ariel provoca, com o seu senso de humor peculiar.

– Nem me fale! – ela responde. – Você mora por aqui ou está de passagem?

– De passagem, e eu vim justamente para encontrar nosso amigo Calebe. – ele se volta para mim e continua, com o indicador em meu peito: – Tenho notícias que não poderiam esperar. E você vai gostar de recebê-las. – sinto aquele frio no coração.

– Bem, acho que vou sair para deixar vocês conversarem. Me avise quando você estiver de boa de novo, Calebe, para gravarmos.

– Beleza, aviso sim. – Madú nem mesmo dá um passo e Ariel encosta em seu ombro e diz:

– Maria Eduarda, na realidade você precisa ficar e ouvir isso também. A verdade é que Calebe tem algo para te dizer. Mas antes, vamos para um lugar mais reservado? – Madú me olha confusa e eu respondo:

– Podemos ir naquela sala onde estávamos trabalhando ontem, que tal, Madú? Lá normalmente não tem ninguém...

Enquanto andamos, Ariel puxa um assunto trivial, mas eu mal consigo abrir a boca. Minhas mãos estão suando e meu coração que antes parecia ter parado de bater agora está quase saindo pela minha boca. O que Ariel tem em mente? Por que ele não me falou nada antes? Madú está ainda mais confusa, mas fica em silêncio.

Chegamos na salinha e como ontem, ela está vazia. Ligamos a luz e nos sentamos ao redor de uma mesa num dos cantos e Ariel começa a falar:

– Calebe, o motivo de eu ter vindo assim, sem avisar, é – como já disse – para trazer uma ótima notícia para você. Tem a ver com o que conversamos ontem à noite. Sua petição foi aprovada e você vai poder revelar a história completa para Madú. Com uma condição, é claro.

– História, que história? Calebe, do que esse cara está falando?

– Isso é sério, Ariel? – pergunto.

– Seríssimo, Calebe! Mas temos ainda temos a condição.

– Que condição??? – Madú e eu respondemos juntos.

– Que ela se comprometa a não revelar nada, nem mesmo parcialmente a ninguém.

– Revelar o quê? – Madú pergunta, inquieta. – Calebe, você está de brincadeira comigo?!

– Ariel, como você resolveu isso tão rápido? Isso significa o que eu estou pensando?

– Isso mesmo!

Dou um pulo e abraço Ariel com todas as minhas forças e começo a agradecer.

– Calma, amigo, eu sou só o mensageiro!

– E então? O que tanto você tem para me dizer, Calebe? – Madú olha para mim e eu me dou conta da aparente loucura que

estou prestes a revelar. Preciso escolher bem as palavras e nem sem como começar. Coloco minhas mãos em volta das mãos de Madú e percebo que elas estão geladas. Eu sei que o que vou dizer pode mudar a sua vida – as nossas vidas – para sempre.

– Madú, ontem eu te falei que por mais que eu gostaria que isso acontecesse, não podíamos nos envolver. Isso por que depois que voltarmos para o Brasil eu vou viajar para longe e por muito tempo.

– Hum e o que tem isso...

– E que eu queria estar sempre aqui por você, mas como isso não seria possível, ao menos poderíamos ser amigos, por que você é uma das pessoas mais especiais que já conheci, certo?

– Aham, para de repetir o que você me disse ontem e fala logo o que você tem para me dizer, Calebe! – eu começo a me perguntar se deveria ter começado diferente.

– Madú... – seguro firme suas mãos. – O que vou te dizer agora pode não fazer muito sentido no começo. Mas preciso que você acredite em mim. Não estou brincando e nem estou louco, ok?

– Calebe, você está me assustando...

– Não quero te assustar, por favor... Bem... não vejo outra maneira de dizer isso. – respiro fundo com os olhos fechados e continuo: – a verdade é que eu não sou daqui. Digo, eu não sou do Planeta Terra. – com essa frase eu tiro uma tonelada das minhas costas, mas é estranho falar essas palavras em voz alta.

Ela fica me olhando, muda, e depois começa a rir. Mas, ao ver que continuo sério, ela me olha assustada e diz:

– Você está falando sério.

– Sim, estou.

– Que você é de outro Planeta.

– Aham.

– Um extraterrestre.

– Basicamente.

– Desculpa, mas não tenho paciência pra isso, Calebe. – Madú fala enquanto se levanta para ir embora.

– Madú, por favor, não vai embora agora. Só me escuta, me dá uma chance. Você pode perguntar o que quiser. Eu sei que

isso parece loucura, eu sei, mas eu prometo do fundo do meu coração que eu estou sendo sincero.

– E, supondo que isso seria verdade, o que você estaria fazendo aqui? Por acaso as pessoas do seu planeta vão nos atacar?

– Não, jamais! Na verdade, nós estamos torcendo por vocês.

– Torcendo? É um jogo agora?

– Não, na verdade é uma guerra, mas essa parte mais complicada a gente pode deixar para depois.

– Tá. Guerra. E qual é o nome desse seu planeta?

– Lundi.

– Mas isso não é nome de planeta.

Dessa vez eu e Ariel começamos a rir. Ele emenda:

– Não é um dos melhores lugares do Universo, mas não precisa falar assim do cantinho dele, né, moça?

– Então você é de lá também?

– Não, Ariel não é de Lundi. Ele é do Terceiro Céu.

– Agora você só pode estar inventando.

– É sério, Madú.

– Se você é desse tal de Lundi, e está torcendo em algum tipo de guerra, o que você veio fazer aqui, então?

– Bem, eu tenho uma missão, que tem a ver com fazer um relatório e levar de volta para minha terra natal.

– E aí você vai embora.

– Vou...

– E é isso.

– Sim...

– Você tem ideia do quanto você está soando maluco?

– Tenho. Mas é a verdade!

– Como vou saber que é a verdade?

– Não sei, acho que você precisa confiar em mim...

– Ah, claro, só acreditar que a coisa mais bizarra que eu já ouvi em toda a minha vida é verdade.

Ariel nos interrompe. Por alguns momentos eu até me esqueci que ele estava ali também.

– Madú, Calebe, eu acho melhor ir. Assim vocês têm mais privacidade para conversarem. Tudo bem?

– Obrigado, amigo. – respondo.

– Eu vou te ver de novo, amigo doido do Calebe? – pergunta Madú.

– É possível. Que o Eterno esteja com vocês. – Ele fala e desaparece em seguida.

– Ele... desapareceu? Como assim ele desapareceu? – Madú me olha com olhos arregalados.

– Eu te falei, ele é do Terceiro Céu. – me dou conta que isso não significa nada para ela. – Ele é um anjo, Madú.

– Um anjo?!?! Como assim um anjo?!?!

– Um anjo, ué.

– Mas e as asas? Anjos não têm asas?

– Sim, eles têm. E eles são seis vezes maiores do que ele apareceu aqui. Acho que não seria uma boa ideia ele aparecer assim aqui, não é?

– Então quer dizer que anjos existem? – ela me pergunta com um sorriso nervoso.

– Sim, existem.

– Se os anjos existem... Isso quer dizer que Deus também existe, de verdade?

– Também.

– É por isso que você sempre fala disso com tanta certeza?

– Sim...

– Então quer dizer que você realmente é de outro planeta?

– Pois é... eu sou.

Ficamos alguns minutos em silêncio, enquanto ela me olha incrédula. Eu acho que deveria dizer alguma coisa, mas não quero estragar ainda mais as coisas, e aí prefiro ficar calado. Ela respira fundo e faz que vai dizer alguma coisa umas duas vezes, para em seguida mudar de ideia e continuar em silêncio. Até que ela me diz:

– Me desculpe, Calebe, mas não sei como lidar com isso direito.

– Tudo bem. Eu entendo se você não quiser mais falar comigo.

– Não é pra tanto.

– E então?

– Veja bem... se isso é mesmo verdade, quer dizer que você gosta de mim, mas não podemos ficar juntos por que você tem que ir embora...

– Sim...

– Você não poderia arranjar um jeito de não ir embora?

– Eu não posso ficar, é assim que tem que ser...

– Mas...

Por mais que eu já tivesse imaginado esta cena uma centena de vezes, nada aconteceu como eu imaginava.

– Calebe...

– Oi...

– Você já viu Deus? Assim, Deus, Deus?

– Não sei o que você quer dizer com Deus, Deus, mas eu já estive na presença do Eterno, sim.

– Ah, é por que as pessoas falam de Deus, de Jesus e do Espírito Santo. Estou falando de Deus, Deus.

– Ah, sim... Explicado.

Voltamos ao silêncio embaraçoso. Penso um zilhão de coisas mas nenhuma delas parece adequada para se dizer. Até que eu tenho uma ideia:

– Madú, o que você acha de sairmos um pouco e conversarmos ao ar livre, numa praça que seja? Podemos fazer uma caminhada, talvez...

– Parece uma boa ideia... Pode ser.

Decidimos ir caminhando até uma avenida que margeia o Danúbio. No caminho nos deparamos com alguns bancos de frente para o rio e decidimos ficar por lá. Mesmo que ela não tenha dito nenhuma palavra, eu sei que Madú está inquieta. Da terceira vez que ela respira fundo eu não me aguento e falo:

– Madú, vamos conversar direito? Você pode ser sincera comigo, me falar o que você está pensando...

– Não sei, Calebe! Depois do que você me falou, várias coisas não fazem mais sentido. Além do mais, como é que eu devo conversar com alguém que não é do meu planeta? Veja bem, você está dizendo que é um *extraterrestre*. Eu estou muito confusa. Você

tem ideia de como as pessoas lá fora reagiriam a uma declaração dessas?

– Tenho minhas suspeitas... Mas Madú, eu continuo sendo o mesmo de antes, você não precisa ficar assim.

– Como não? Você não é o mesmo! O Calebe que eu conhecia era um paulistano legal com algumas ideias malucas. Agora você é um ser de lá sei onde, que veio pra cá não sei por quê e enfim... Eu nem sei por quê eu estou acreditando em você. Mas parece que você está falando a verdade, por mais maluca que essa verdade possa ser. O seu amigo d-e-s-a-p-a-r-e-c-e-u na minha frente, Calebe. Puft! Desapareceu. É muita loucura!

– Você tem ideia de como foi para mim contar isso pra você, confiando que você não iria contar pra mais ninguém? Eu precisaria ser muito maluco pra inventar isso, concorda comigo? Além do mais... nem sempre o que aparentemente mais faz sentido é a coisa verdadeira, você sabe disso né?

– Olha aí... Nunca mais vou poder te ouvir e pensar que é só mais uma frase. Afinal, quem está falando isso é alguém que veio de outro mundo! OUTRO MUNDO! Você deve ser assim, um milhão de vezes mais inteligente do que todas as pessoas do nosso grupo, juntas.

– Madú, não é por aí também!

– Como não? Você veio de outro planeta! Outro planeta! Lá deve ser um lugar muito, muito evoluído, por que vamos pensar... como vocês viajariam assim, de um sistema para outro? Por que não tem nenhum Lundi no Sistema Solar.

– Na verdade, de outra Galáxia, mas enfim...

Ela me olha paralisada como se tivesse visto um fantasma e fica me olhando, boquiaberta.

– Mas nem é uma galáxia muito longe daqui... – eu tento amenizar a situação, sem muito sucesso.

– Ah, sim, claro... Deve ser logo ali... – ela me responde, irônica.

– Vocês chamam essa galáxia de Andrômeda, você já ouviu falar? – ela começa a rir. – O que foi?

– Por que eu ainda estou aqui te ouvindo, me explica?

– Por que eu sou legal, você gosta de mim e eu estou falando a verdade! Vamos lá, eu mereço uma chance, não mereço?

– Tá bom, tá bom. Vamos lá então. Me conta: como é o seu planeta?

– O que você quer saber?

– Tudo oras!

– Vamos lá... Lundi é onze vezes maior do que a Terra.

– ONZE? Nossa! Você deve se sentir um pontinho minúsculo no meio de tanta coisa.

– Na verdade não... E falando nisso... lá em Lundi nós temos uma altura diferente.

– Como assim outra altura? Então o seu corpo é diferente desse aqui? Calebe, *too much!* – Madú fala sorrindo me mostrando a palma de sua mão e eu penso em como vou sentir falta de conversar com ela.

– Não, não é diferente no sentido de forma. A gente também tem uma cabeça, dois braços e pernas. A diferença é que a altura e o peso, claro. Lá eu sou mais de três vezes mais alto do que aqui. E o nosso corpo não é tão frágil como o de vocês.

– Como assim, vocês são de ferro? Ai meu pai, Calebe, você é verde?

– O quê? Verde? Você tá doida? Claro que não!

Caímos na risada depois disso e o clima aos poucos começa a melhorar. É um alívio e ao mesmo tempo uma situação improvável. Me sinto estranho conversando sobre essas coisas com ela, mas ao mesmo tempo me sinto livre. Ela me pergunta coisas como quando cheguei, o que achei daqui, se tenho família, se vou voltar e eu vou pacientemente respondendo uma a uma.

– Você não deixou nenhuma pessoa te esperando lá?

– Minha família, meus amigos, acabei de te falar.

– Ah, Calebe, não se faça de desentendido. Uma mulher, uma namorada? Sei lá?

– Não, não tem ninguém. Só podem participar da missão pessoas solteiras. Aliás, eu nunca me envolvi com alguém justamente por que vir para cá era a coisa que eu mais queria no Universo, e não iria colocar meu sonho em risco...

– Como assim nunca se envolveu com alguém? – eu fico um pouco constrangido quando ela pergunta, mas tento contornar a situação.

– Quem agora está se fazendo de desentendida?

– Você nunca namorou, é sério?

– É sério... E não me olhe assim.

– Nadinha, nadinha?

– Madú, você falando assim eu fico sem graça.

– Tá bom, desculpa. Me diz, como são as mulheres no seu país? São bonitas?

– Sim, muito.

– Calebe...

– Oi, Madú...

– O que você viu em mim? Assim... você vem desse lugar que parece ser perfeito, com pessoas perfeitas, com mulheres perfeitas...

– Quem disse que você não é perfeita? Você é única, especial e criada pelo Eterno num sopro de amor... O fato de você viver em um mundo cercado de problemas não te faz menos extraordinária. Na verdade, você é uma das pessoas mais notáveis que eu já conheci.

– Agora você está exagerando.

– Lembra que eu sempre falo a verdade?

Conversamos por horas a fio e nem vejo o tempo passar. O frio que vem com o entardecer nos faz procurar um lugar mais protegido. Encontramos um restaurante aconchegante e ficamos por lá. A comida está deliciosa – assim como a nossa conversa. Fico aliviado. Já é tarde quando voltamos para o hotel.

– Minha tarde foi tão surreal que eu ainda não consegui absorver tudo, sabe?

– Você nem imagina como eu estou me sentindo bem! Eu estou aliviado por poder ser completamente verdadeiro com você... Tantas vezes eu queria falar tantas coisas, mas não podia... Agora eu me sinto leve, sabe?

– Obrigada por ser sincero comigo, Calebe.

– Obrigado por acreditar em mim, Madú.

Nos abraçamos e ficamos ali, parados, até que Madú quebra o nosso silêncio:

– Calebe...

– Diga, Madú, eu falo enquanto olho em seus olhos.

– Eu acho que vou precisar de um tempo para conseguir digerir tudo o que você me disse hoje. – ela fala, se desvencilhando de mim.

– O que você está querendo dizer com isso?

– Que no fundo eu acho que sei que você está falando a verdade. Mas ao mesmo tempo é tudo muito novo e maluco, para eu ir aceitando assim, tão fácil. Você me entende?

– Acho que sim...

– Tá uma bagunça enorme na minha cabeça agora.

– Tudo bem... Eu vou te dar o espaço que você precisar. É o mínimo que eu posso fazer.

Ela me agradece e volta a me abraçar, fazendo o oposto do que ela disse que faria, me deixando confuso. Enrolo os meus dedos em seus cabelos enquanto continuamos abraçados na porta do meu quarto. Sinto que ela chora quietinha, e eu não sei bem o que fazer, além de dar um pouco de carinho. Eu também choro, mas por dentro. É meio óbvio ter que dizer que eu não queria passar por essa situação. Ficamos ali, nem sei por quanto tempo, até Madú dizer que precisa ir. Eu falo que vou levá-la de volta até a porta do elevador, e ela não protesta. Seguimos pelo corredor de braços dados. Aperto o botão, dou um beijo na testa dela e depois fico olhando o seu rosto desaparecer atrás das portas do elevador que se fecham.

Capítulo 13

Viena, Áustria - Paris, França

Viena é uma cidade linda, com todos os seus prédios e construções cercados pela grama verde. O estilo arquitetônico varia e é possível perceber que a cidade é antiga. Ainda assim não consigo me sentir bem, talvez por estar tão rodeado de cimento.

Hoje é o último dia da equipe na Áustria. À noite voaremos para Paris, onde vamos filmar nossa penúltima história. De lá, América do Norte e enfim voltaremos para o Brasil e eu estarei mais perto de ir para casa. Isso é bom, mas também me sinto nostálgico ao saber que vou embora.

Ontem à noite saímos em grupo para comer em um restaurante local. Eu e Madú não estamos nos falando muito, o que é ruim. Mas ao mesmo tempo eu pude me aproximar também de outras pessoas do grupo, com quem eu não tinha conversado muito até agora. Tomás, mesmo sem saber tudo o que está acontecendo, sempre me inclui nos programas, tentando me fazer sentir melhor e eu acho isso muito legal da parte dele.

Hoje no café o pessoal estava combinando alguma coisa, mas eu preferi ter um tempo para mim mesmo. Escolho passear de bicicleta pela cidade, observando a paisagem. É um jeito barato e divertido – a primeira hora é gratuita e a segunda hora custa apenas 1 euro. Vou até a prefeitura, deixo a bicicleta em uma estação próxima e decido caminhar um pouco em um parque muito bonito.

Dou alguns passos a mais e vejo Ariel vindo em minha direção. Fico feliz.

– Posso te acompanhar em sua caminhada, amigo? – ele me pergunta.

– Mas é claro que sim! E vejo que você já veio preparado! – falo e aponto para os tênis dele.

– Ah, com certeza! E você, como está?

– Não sei se consigo descrever muito bem como estou me sentido. Estou com saudades de casa e um pouco cansado de

tantas viagens. Mas ao mesmo tempo não quero ir embora.

– Do que você mais sente falta?

– Das cores, de natureza, de vida, sabe? Não me entenda mal: a cidade é linda, mas tudo parece tão cinza e as pessoas são frias como o clima daqui. Você já se sentiu assim alguma vez?

– Com certeza. Mas para mim é diferente, por que apesar de tudo, eu não estou, como você, experimentando o cansaço e outras emoções tipicamente de criaturas caídas.

– Sabe o que eu não entendo, Ariel? Como todas essas pessoas se acostumam a viver assim, numa vida tão superficial e infeliz. Eu sei que o Eterno colocou o anseio pela eternidade no coração de cada uma de suas criaturas. E com os humanos daqui não foi diferente, mesmo eles sendo mortais. Por que eles não dão ouvidos a estes instintos que pedem por uma vida melhor? O que faz com que eles se acostumem e aceitem o mínimo?

– Não é tão simples quanto parece, Calebe. Da sua perspectiva você vê o que eles não podem ver. Você já experimentou coisas que eles nem sequer sonham que existem.

– Mas existem pistas e dicas por todos os lugares, Ariel. Ninguém precisa abrir a Bíblia para aprender que existe um Criador. É só olhar para cima e para além desse amontoado de cimento e vidro. Acho que tudo isso afasta ainda mais de quem eles são de verdade, ou quem eles deveriam ser.

– É verdade... Se você visse o que alguns anjos presenciavam, se você ouvisse o que alguns de nós ouvem, você ficaria ainda mais abalado.

– Como assim?

– Todos os dias o nome do Eterno é desrespeitado de inúmeras maneiras por milhões de pessoas desde mundo. Existem os que usam o nome dEle para ganho próprio e se enriquecem com o dinheiro de pessoas desesperadas por encontrar respostas e abrigo. Outros que ensinam que para chegar até Ele é preciso fazer várias coisas. E multidões desconhecem o poder da graça do Divino... Ainda existem aqueles que fazem as pessoas acreditarem que o Eterno é cruel e está a todo momento a postos para castigar e punir qualquer um que não esteja de acordo com sua vontade.

– Mas por que as pessoas fazem isso?

– São algumas das consequências da Queda, amigo. O Inimigo das almas sabe que ele não tem muito tempo e que ele já perdeu a Guerra. E que quanto mais pessoas ele arrastar para o lado errado, mais ele atingirá o coração do Eterno, que ama incondicionalmente cada uma de suas criaturas e gostaria de salvar todas elas.

– Será que existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

– Você já está fazendo muito, Calebe! Na verdade, nos 100 dias que você ficará aqui tenho certeza de que sua influência será mais positiva do que a de muita gente que vive quase cem anos.

– Será?

– Claro que sim! Pense em Madú, que estava se sentindo perdida e sozinha, até que você chegou e ofereceu sua mão e amizade. Antes mesmo de vocês terem conversado sobre Deus, você já tinha mostrado o Eterno para ela através de suas atitudes e palavras.

– Até que eu estraguei tudo, você quer dizer.

– Não seja tão duro com você mesmo. Não dava para você prever o futuro, não é mesmo?

– Mas desde que eu contei a verdade para Madú as coisas ainda não estão como antes. Eu não sei se foi a coisa mais certa.

– Lembre-se de que agora você está do lado de cá e não consegue ver muitas coisas que eu ainda vejo. Calebe, Madú está enfrentando uma luta interna. O conflito dela não é apenas acreditar em você ou não. Ela sabe que a partir do momento em que ela aceitar a sua palavra ela terá que rever muitos outros conceitos pessoais. O que você pode fazer é continuar orando por ela. Os anjos do nosso lado estão, neste momento, lutando com os anjos caídos pela influência na vida dela.

– Como assim? – eu pergunto e Ariel fecha os olhos por alguns instantes. Fico em silêncio, observando e esperando sua resposta. Ele olha para mim e de repente alguma coisa acontece. Não consigo acreditar em meus olhos e ele me diz:

– Eu pedi ao Eterno que Ele abrisse os seus olhos, para que você visse o que eu vejo.

Olho ao redor do parque e não vejo apenas pessoas apressadas ou casais namorando na grama. Ao lado do senhor de óculos que alimenta pássaros saltitantes eu vejo dois anjos de luz, com uma expressão suave. Uma criança brinca longe dos olhares da mãe e um anjo permanece atento a todos os seus movimentos. Um homem vocifera ao celular e ao lado dele uma nuvem negra que me parece ser de anjos caídos. Uma mulher caminha, talvez para o seu trabalho, cercada de três anjos de luz. E assim eu continuo a olhar, maravilhado e atônito. Por último, ao meu lado, dois anjos sorriem para mim. Durante todos esses anos em que olhei de longe para o Planeta Terra nunca tinha visto esta cena tão extraordinária.

– Cada pessoa que escolhe seguir o Eterno tem um anjo que a acompanha durante toda a sua vida. – explica Ariel. – Por aqui eles são chamados de “anjos da guarda”. Eles são responsáveis por influenciar as pessoas para o bem, ajudando em momentos difíceis e protegendo em situações de perigo.

– Então nem sempre a pessoa tem um anjo da guarda?

– Não. Afinal, todos possuem o livre-arbítrio, ou seja, a possibilidade de decidir por si só o que fazer da sua vida, certo? Então esses anjos só entram em cena quando “solicitados”, digamos assim. Pessoas que não manifestam o interesse pelo bem ou pelo Eterno não usufruem de sua companhia, ou estaríamos interferindo em sua liberdade de escolha, entende?

– Nossa, nunca tinha pensado por esse ângulo.

– A maioria das pessoas também não, eu acredito. Por isso a oração é tão importante. Ela é a manifestação suprema da vontade, quando a pessoa deixa claro de qual lado da Grande Guerra ela está. Afinal, desde a Queda, o Planeta Terra é domínio do Inimigo das almas. Por mais que o Eterno faça de tudo para que as pessoas sejam resgatadas, Ele não vai ultrapassar alguns limites. O anjo da guarda ajuda a pessoa em vários níveis, protegendo especificamente em relação aos ataques do mal, sejam eles físicos ou mentais, por exemplo.

– Nossa, isso é muito interessante. E a maior parte das pessoas nem faz ideia disso...

– Não. Mas o Eterno sempre está a postos. E Ele é capaz de enviar todos os anjos disponíveis para ajudar uma única pessoa.

– Que bonito isso... Mas como é que as pessoas recebem essa ajuda?

– A mente é a ponte que liga esses dois mundos, Calebe. Sabe aquela intuição que você não explica e que no final das contas era a coisa certa a se fazer? Você pode me entender melhor por que compreende dimensões do cérebro que as pessoas aqui ignoram. Você sabe do que o cérebro humano é capaz. Por isso é tão importante que as pessoas cuidem da mente, da saúde da mente. Desde o que se come, fala, lê, assiste... Tudo influencia de uma maneira que eles não podem imaginar. A mente é o órgão mais importante e quando ela está embotada, gasta, cega, é mais difícil alcançar as pessoas.

– É impressionante entender como tudo funciona, Ariel!

– Pois é, amigo. Nós estamos ativamente envolvidos nesta Guerra. E fazemos de tudo para que nossa influência e poder tenham resultados positivos. Nem sempre é assim, mas fazemos nosso melhor. Também temos os nossos limites, e no final das contas a decisão final sempre está nas mãos dos terráqueos.

– E os relatores? – pergunto.

– Os relatores são menos conhecidos pelos caídos, e, como o próprio nome diz, são responsáveis pelos registros pessoais de cada um. Os anjos relatores acompanham os terráqueos desde que eles nascem até quando eles morrem.

– Eu ainda me pergunto onde estão os escolhidos, e porque eles estão em silêncio.

– A cada geração que passa o engano fica mais elaborado e parece que menos pessoas estão dispostas a levantar a bandeira da Paz. Veja só... quantas pessoas indo e vindo nós podemos ver passando por aqui? A maioria delas está infeliz. Problemas no trabalho, na família, consigo mesmas... Mas quase ninguém é corajoso o suficiente para mudar, para experimentar algo novo. E o mais lastimável é que se alguém chegar até elas falando abertamente do Eterno, a maioria vai ignorar e passar adiante. A tragédia dessa época é a mistura do certo com o errado, do bom e ruim. E coisas boas são desprezadas e ideias podres são vendidas sob uma embalagem brilhante.

– Mas ninguém sequer questiona?

– A maioria não. É engraçado como os sentidos estão anestesiados pelos estímulos cada vez mais fortes e constantes. Pensar, inquirir e duvidar está fora de moda. Só se ouve ecos de ideias, repetições e uma massa cega seguindo líderes equivocados.

– Por quanto tempo isso tudo ainda vai durar, Ariel?

– Não muito, Calebe, não muito. Logo o Desfecho virá, com a sentença final e o Universo finalmente poderá experimentar uma nova era.

– Sabe, vivenciar isso aqui me trouxe uma perspectiva que eu nunca imaginei que pudesse ter. É transformador.

– Eu sei, eu sei. E você poderá usar isso quando estiver de volta para Lundi. Como alguém que esteve dos dois lados, você consegue entender de uma maneira mais intensa toda a trama, digamos assim.

– É muita loucura dizer que às vezes eu quero ficar?

– Não, nem um pouco, meu amigo. Muitos anjos gostariam de poder estar aqui e fazer parte do último levante. Mas esta missão está reservada apenas para os moradores deste Planeta. O que te resta é fazer a sua parte, enquanto você está aqui. Quanto a mim, continuo desempenhando o meu papel e esperando pelo Desfecho.

Continuamos conversando, o dia passa e eu mal percebo. Volto para o hotel quando no final da tarde, quase na hora de irmos para o aeroporto. Apesar de termos ganhado uma folga relativa, a maior parte da equipe está ansiosa para o dia de amanhã e a nossa nova história.

O voo é curto – pouco mais de duas horas – e sem escalas. Chegamos em Paris pouco antes das onze da noite. Amanhã gravaremos o dia inteiro, assim como depois de amanhã. A agenda será mais apertada para termos um dia livre na cidade. Pelo que entendi, é um lugar muito desejado por turistas do mundo inteiro. Pouco vi pela janela da van entre o aeroporto e o hotel, então ainda não tenho uma opinião formada. Veremos o que acontece amanhã.

Um dos males deste tempo é o chamado terrorismo. Grupos usam da violência como uma mensagem que leva medo e pavor para etnias, minorias ou povos. Atualmente o grupo terrorista

que mais tem atormentado o mundo é o Estado Islâmico, também conhecido como ISIS. Com ataques brutais em vários lugares, o ISIS levanta a bandeira de um novo Califado islâmico.

Confesso que demorei um pouco para entender completamente as nuances dessa questão. Afinal, o islamismo é uma das maiores religiões do mundo e reivindica seguir o mesmo Deus dos judeus e cristãos – chamado, em árabe, de Allah. Na minha cabeça ficava a pergunta: como uma religião que fala de Deus pode ser má ao ponto de querer matar e destruir povos inteiros?

Ao me aprofundar no assunto, percebi que este é mais um dos exemplos em que pessoas distorcem ideias para ganhar visibilidade e poder. Não é a primeira vez que alguma coisa assim aconteceu e infelizmente é provável que não seja a última. Uma das consequências é que árabes e muçulmanos em várias partes do mundo sofrem preconceito por bandeiras que eles não carregam. Para mim isto é claro, e desconfio que a maior parte das pessoas simplesmente tem preguiça de pensar diferente ou seguir contra o fluxo. E assim crescem os danos colaterais de um conflito cada vez mais sangrento.

A próxima história que gravaremos será a de um atentado que deixou mais de cem mortos na capital francesa. Conversaremos com sobreviventes e parentes de uma das vítimas. O ato de terrorismo aconteceu numa noite de sábado, quando alguns homens abriram fogo contra centenas de pessoas que estavam aproveitando a noite de Paris. Foram ataques simultâneos em diferentes locais, mas uma casa de shows foi a mais atingida, com mais de 60 mortos em poucos minutos. Depois de assumir a autoria dos atentados, o grupo terrorista afirmou que o Ocidente precisava receber uma lição e que Allah traria juízo aos infiéis – como os cristãos são chamados por eles.

Depois de uma breve pesquisa descobri que o ISIS já tem um histórico de muita violência. Além de matarem, eles também sequestram mulheres que viram escravas sexuais e são vendidas pela internet. Muitos dos homens capturados são assassinados diante de câmeras e os vídeos são postados na internet. Sem um pingão de misericórdia, eles têm criado um rastro de destruição e luto

por onde passam. Um dos países mais afetados até agora é a Síria, numa guerra onde quem mais sofre são os milhões que perdem entes queridos ou precisam fugir do pânico constante de viver sob bombardeios e ameaças.

Depois que os ataques atravessaram as fronteiras e chegaram até países europeus o mundo começou a ficar mais atento. Para mim, a violência é um desrespeito que ultrapassa qualquer tipo de justificativa. Nada pode servir como desculpa para tanta morte e desrespeito ao ser humano.

Para os habitantes do Universo, alheios ao que acontece neste mundo, não é preciso explicar a necessidade de amar e respeitar uns aos outros. Isso é algo inerente às nossas características mais primitivas. Agora eu entendo o motivo do Divino ter repetido aqui tantas vezes que é preciso amar. Amar ao outro como a si mesmo. Amem-se, amem-se. Num mundo tão destituído de piedade, o amor é um sopro de compaixão que traz a única esperança para a sobrevivência de uma espécie condenada.

Depois de tomarmos o café da manhã seguimos para a nossa primeira entrevista do dia. Vamos conversar com Marie Thérèse, então garçonete de um dos cafés atingidos pelo tiroteio. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, ela voltou a trabalhar lá e hoje é a gerente do Café. Ela nos recebe em seu apartamento, onde ela mora com sua irmã mais nova.

Uma das paredes da sala chama a minha atenção: ela está coberta de fotos, cuidadosamente organizadas em dezenas de porta-retratos. Resolvo fotografar a parede mesmo ainda sem saber o seu significado. Ao perceber o meu interesse, Marie Thérèse se aproxima e começamos a conversar.

Aos poucos ela começa a me dizer os nomes das pessoas nas fotos e me conta que todas aquelas pessoas morreram no dia do atentado. Entre colegas de trabalho e clientes frequentes, onze rostos se repetem em poses, sorrisos e lugares diferentes.

Marie Thérèse me conta que é apaixonada por fotografia e tinha o costume de sempre tirar fotos com seus amigos, mesmo no café – sem atrapalhar a rotina de trabalho, é claro. Após ser liberada do hospital e voltar para casa, ela soube a dimensão da tragédia.

Alguns dias depois ela teve a ideia das fotos. Ficou horas no computador escolhendo as melhores e comprando os porta-retratos.

Ela mesma pintou a parede com uma cor diferente, que a destacasse das outras. Imprimiu as fotos e depois foi colocando cada uma cuidadosamente naquele que seria um lugar de muitas recordações. Ela termina de me explicar a ideia dizendo para mim que “é o meu jeito de deixá-los vivos. Eu não sei muito sobre a morte, mas sei que nunca vou deixar que eles sejam esquecidos”.

Antes de começarmos a gravar, faço algumas fotos dela com a parede ao fundo. E fico pensando em como eu poderia ajudá-la e levar esperança para sua vida. Mais um pouco e me posiciono, já que hoje serei tradutor novamente.

– Aquele sábado parecia ser mais um dia como os outros. Final de semana, cidade lotada por causa da alta temporada, restaurante cheio e muito trabalho a fazer. O café fica numa rua movimentada. Eu trabalhava lá há mais de dois anos e o café era praticamente minha segunda casa. Me lembro que era o último dia de Émilie, outra garçonne, antes de começarem suas férias. Ela tinha planejado uma viagem para um país tropical. Ela sempre dizia que seu sonho era poder usar biquíni em pleno 31 de dezembro, comemorando o ano novo. Mas esse dia nunca chegou para ela...

– Como foi que tudo começou?

– Dois homens apareceram na rua, do nada, atirando nas pessoas que estavam sentadas e passeavam pela calçada. Os dois usavam capuz e máscara e pareciam saber que tinham tempo até que a polícia chegasse. Minha primeira reação foi me esconder atrás do balcão onde eram servidos drinks. Jean, o *barman*, estava caído no chão, baleado. Ele ainda estava com vida quando coloquei sua cabeça no meu colo. Quando eu comecei a trabalhar lá, Jean já era funcionário. Ele tinha começado a trabalhar como barman há alguns meses e era apaixonado pelo que fazia, sabe? Nós ficamos muito amigos... A gente chegou a ter um casinho, mas coisa de algumas semanas só. Olha aqui, é ele nessa foto. Ele era muito especial pra mim. E morreu ali, coberto de sangue, vítima de um ódio sem sentido, de uma guerra que nós nunca pedimos para participar dela.

– E quanto tempo o tiroteio continuou? – Rui pergunta.

– Para mim pareceu uma eternidade. Mas foram alguns minutos, de dez a quinze. Depois vi no vídeo da câmera de segurança que um dos homens chegou a entrar no café e atirou em alguns clientes que estavam abaixados, tentando esconder debaixo da mesa. Por algum motivo ele parou no meio do salão e voltou para a rua. Como a câmera não registra som, não dá para saber o que aconteceu naquela hora. Se ele tivesse continuado até o fundo, eu provavelmente não estaria aqui contando para vocês a minha versão da história. Quando Jean deu seu último suspiro, fechei seus olhos e fiquei ali, paralisada. Eu sabia que não podia fazer barulho, e minha vontade era de gritar e gritar. Mas fiquei ali, imóvel, com as lágrimas descendo pelo meu rosto. Depois um policial apareceu, dizendo que tudo estava bem, para eu sair dali. Mas não, nada estava bem. Enquanto eu ia para a ambulância, passei pelo corpo de minha amiga Émilie, que morreu sem saber como são os mares tropicais. Irène, a gerente do lugar, estava caída, ao lado de Olivier, outro garçom. Os únicos que sobreviveram fomos eu e o pessoal que trabalhava na cozinha. Lá fora, nas mesas da calçada, reconheci Cécile e François, um casal que vinha sempre no último sábado do mês. Eles adoravam ficar ali, olhando o movimento e os turistas, depois de terem aproveitado o dia. A grande pergunta que ficava martelando em minha mente era “por que eu?”. Aquelas pessoas eram tão boas, qual o sentido de partirem de um jeito tão violento, sabe?

– Você teve algum ferimento?

– Na hora eu não sentia nada. Minha mente e meu corpo estavam anestesiados, não sei. Eu olhava para tudo e só via muita confusão. Minha roupa e meu corpo estavam manchados do sangue de Jean, e por isso só quando os paramédicos foram me examinar que eu descobri que tinha sido baleada bem aqui. – ela aponta para a parte superior do seu braço esquerdo. – Eles me levaram para o hospital e me deram alguma coisa, não sei, por que eu só acordei muitas horas depois, já enfaixada e na cama do hospital. No quarto, muitas flores e minha irmã assentada numa cadeira ao lado da minha cama. Ela parecia exausta.

Continuamos a gravar com Marie-Thérèse até o final da manhã. Enquanto o equipamento ia sendo desmontado, eu e ela

conversamos mais um pouco. De lá, seguimos para o almoço, num restaurante muito agradável com uma comida deliciosa. À tarde iríamos nos encontrar com Maurice Cravotta, que estava na casa de shows quando houve o tiroteio. Ele é arquiteto, e nos recebeu em seu espaço escritório na região central da cidade.

– Nunca tive o costume de ir em casas de shows, mas aquela noite eu estava com um grupo de amigos do escritório, comemorando um grande contrato que tínhamos fechado. A música estava bem alta e acho que por isso demorou um pouco para que as pessoas percebessem o que estava acontecendo de verdade. Foi um desespero absurdo, com muita correria e morte. Eu escapei por uma porta lateral, carregando um dos meus amigos que tinha sido atingido. Lá fora tinha muita gente morta no chão e outros pendurados nas janelas querendo escapar. Eu via algumas pessoas filmando das janelas, e não conseguia acreditar que nenhuma delas teria a capacidade de descer e abrir a porta de suas casas para recolher quem fugia dos ataques. É só entrar no YouTube para encontrar vários vídeos amadores. Milhões de views e nem um pinga de empatia ou misericórdia.

Fiquei ouvindo e pensando no que ele contava. Não consigo imaginar o terror que aquelas pessoas passaram. Foram seis ataques simultâneos, entre atiradores e homens-bomba. Pessoas que são capazes de dar a própria vida para matar outras. No desespero de encontrar uma razão para a própria existência, quanta gente se perde e se deixa usar pelo mal. É a tragédia humana neste planeta.

No final do dia a equipe está cansada e a discussão na van segue sobre o que ouvimos dos dois sobreviventes. Já é noite e vamos direto para um restaurante onde poderemos comer todos juntos. Depois de todos estarem acomodados, Clarisse pede silêncio para um anúncio:

– Todos vocês se lembram da nossa última história em Ruanda, com duas mulheres, mãe vítima de um estupro e sua filha. O sonho dela era conseguir ser enfermeira para ajudar as pessoas. Depois das gravações, Calebe me procurou e deu uma ideia maravilhosa: tentarmos ajudar a realizar este sonho! Eu pedi para ele não comentar nada com ninguém até que eu tivesse algo mais

concreto. Pois bem, depois de alguns e-mails e telefonemas, tenho o maior prazer de contar para vocês que ela será acolhida pela Inglaterra e poderá estudar lá! – o grupo bate palmas, surpreso e feliz com a notícia.

Clarisse continua explicando que um empresário será o patrocinador da moça, e já conseguiu um lugar para ela e a mãe morarem. Amanhã ela dará a notícia para as duas, que precisarão regularizar os seus documentos e se prepararem para a viagem. Fico um pouco constrangido quando ela me agradece por ter dado a ideia, mas ao mesmo tempo estou feliz por ter dado certo.

De volta ao hotel, Madú me procura e pergunta se eu tenho um minuto antes de subir. Respondo que sim, e procuramos algum lugar onde possamos nos acomodar e ter um pouco de privacidade.

– Calebe, eu sei que depois do que você me falou eu me afastei um pouco. Mas é que eu precisava muito pensar e colocar minhas ideias no lugar. Eu precisava disso, sabe?

– Eu sei, Madú, fique tranquila. Eu entendo você...

– Tá. Mas enfim. O que eu queria dizer é que... por mais que eu queria acreditar em você, depois que a gente se despediu e eu fui para o meu quarto, tomei o meu banho e coloquei a cabeça no travesseiro, aceitar tudo foi um pouco mais complicado. Parecia demais para minha mente absorver.

– Eu imagino...

– E... Depois de tudo isso... Quero dizer que por mais que isso pareça uma grande loucura, eu acredito, do fundo do coração, em você. E eu quero que você me ensine as coisas que você sabe e me conte tudo o que puder sobre sua vida e seu mundo. Já que você não tem muito tempo por aqui, que estes dias sejam bons e agradáveis. E espero que você tenha boas coisas para se lembrar e contar de mim, sua amiga de outro mundo. Que tal?

Eu não poderia explicar a ela o tamanho da falta que eu senti das nossas conversas nesses dias. Sei que não saberia exprimir de verdade como eu me sinto feliz ao ouvir suas palavras. Mais ainda, como as lembranças que terei me encherão, para sempre, de saudades. Surpreso, minha reação é beijar gentilmente sua face enquanto minhas mãos seguram o seu rosto.

Ela enrubesce e me olha intrigada, enquanto sorri. Conversamos um pouco e nos despedimos, já que nós dois temos muito a fazer. Subo para o meu quarto sorrindo e pensando que o dia terminou de um jeito inesperado, mas muito melhor do que eu imaginava.

A manhã seguinte chega e com ela o último depoimento em Paris. Ouvimos a história de Phillipe Graffin, que perdeu o filho e uma sobrinha na tragédia. Ele conta que ficou sabendo dos atentados pela TV e ligou em seguida para o celular do filho, que caía direto na caixa postal. Ligou para a sobrinha, mas sem sucesso. Chamou os outros dois filhos e assim os três ficaram de plantão, esperando que alguém ligasse.

Continuou ligando sem parar para o celular do primogênito já com a inquietação das más notícias. Ligou para a ex-mulher contando o que temia. Minutos depois veio a ligação que confirmaria o seu medo e tiraria o seu chão. Sem notícias da sobrinha, ligou para o irmão, que também não conseguia falar com a filha. Ela chegou a conseguir falar com o pai, minutos depois, mas morreu a caminho do hospital.

– Ela disse para o meu irmão que meu filho morreu enquanto a protegia com o seu corpo. Marc era um bom menino, sabe? Tinha acabado de entrar na faculdade – o sonho era ser professor. Imagina, uma vida toda pela frente. E eu ainda tinha que ouvir pessoas dizendo que se eles não tivessem ido pra lá estariam vivos. Imagine só, alguém culpar uma vítima inocente por uma atrocidade dessas?

O atentado aconteceu há pouco mais de um ano e ele fala com muita dor. Eu penso em quantas famílias tiveram suas vidas alteradas naquela noite. É ainda mais trágico pensar que este não foi o último atentado. Na verdade, já aconteceram outras centenas de atos de terrorismo em vários lugares do mundo desde aquele dia. E ainda continuarão acontecendo outros tantos, carregados de medo, tristeza e covardia.

Almoçamos juntos e à tarde os cinegrafistas seguem para os lugares onde aconteceram os atentados, para mostrarem como tudo está hoje, quase dois anos depois de tudo o que aconteceu. Madú sugere um passeio na região central da cidade durante o

nosso tempo livre. “Já que não teremos muitas horas, que ao menos a gente relaxe um pouco olhando a Torre Eiffel”, ela disse.

Vamos em grupo e os primeiros minutos são apenas suspiros de admiração e fotos. É mesmo uma construção admirável. De lá nos dispersamos: cada um segue para o seu ponto turístico preferido. Eu e Madú continuamos por lá, num parque muito bonito que fica nos arredores da Torre.

– Que triste pensar que tem tanta coisa legal para se ver nessa cidade e nós mal temos tempo para aproveitar o momento. Mas para mim não faz sentido querer fazer um milhão de coisas correndo. Mais tarde podemos ir no Montmartre, conhecer a Sacré Coeur e comer alguma coisa por lá. Amanhã de manhã passamos pelo Louvre e vamos em Versailles. O que você acha?

– Por mim tudo bem. Você que manda! Amanhã para mim vai ser um dia de descanso e de relaxar da semana – respondo.

– É verdade. Ainda mais que à noite vamos voar para os Estados Unidos, né? Mudando de assunto, me diz uma coisa: Calebe, existem cidades turísticas no seu Planeta?

– Este conceito é um pouco diferente por lá, mas sim, existem vários lugares legais para se conhecer.

– E lá tem essas coisas de terrorismo, tipo aqui? – eu quase sorrio ante uma questão tão ingênua, mas eu sei que não se pode menosprezar a sinceridade de uma pergunta.

– Não... O único lugar do Universo onde existem essas coisas é aqui, Madú.

– Sério?

– Seríssimo.

– E como é viver num lugar assim? – ela questiona.

– É maravilhoso... Você vive plenamente, de um jeito que nem dá para explicar, sabe? Além de não acontecerem coisas assim, o nosso corpo e a nossa mente são diferentes, mais plenos.

– Muita gente fala que lá no céu a gente só vai ficar tocando harpa e pulando de nuvem em nuvem.

– É sério isso?

– Às vezes as pessoas falam meio que zoando, mas acho que no fundo é sério sim. Por que assim, viver para sempre às

vezes pode parecer muito tempo. E o que é que a gente faria com tanto tempo disponível?

– Não é à toa que o Universo é infinito... Ele está aí para ser explorado...para sempre! Eu sei que é difícil para você entender esse conceito. Mas pense comigo. E se você pudesse viajar o quanto quisesse, sem se preocupar com dinheiro, comida ou segurança, sabendo que poderá conhecer todos os países do mundo, como você se sentiria?

– Eu ia pirar e ia querer arrumar as malas pra ontem!

– E o que você faria depois de conhecer todos os países do mundo?

– Ia querer voltar nos que eu mais gostei, para conhecer melhor as cidades e tal.

– E depois?

– Não sei, escrever sobre isso, tentar achar coisas novas nos meus lugares preferidos?

– E quanto tempo isso levaria?

– Ah, se fosse pra ser uma coisa assim, bem feita, pelo menos uns dez anos.

– E se depois você descobrisse que poderia desbravar os mares também? E depois disso a Antártida? E depois você fosse convidada para uma expedição até a Lua, Marte, Júpiter?

– Tá bom, tá bom, você me convenceu! – ela ri enquanto conversa comigo. – Me conta, como é poder viajar pelo Universo?

Entre todas as perguntas, esta é uma das minhas preferidas. Para ser sincero, nem sei direito por onde começar. Falo de algumas das minhas viagens, do que já vi. Conto também sobre o que ainda quero ver e experimentar. A caminho do Montmartre estou contando sobre como é nadar com baleias, mergulhar com tubarões e voar com os pássaros. Me empolgo falando sobre cores, animais dóceis, frutas deliciosas e até das flores do jardim da casa dos meus pais. Madú ouve, seduzida por minhas palavras, se deixando levar pelo encanto de lugares exóticos.

No dia seguinte acordo cedo, tenho meu momento especial de oração e meditação e saímos para passear. É a vez dela me contar sobre reis, rainhas e revoluções. A França foi palco de muitas reviravoltas históricas e eu me deixo levar pelo entusiasmo que ela

tem ao me contar as histórias. À tarde o assunto muda um pouco e eu conto para ela sobre a Queda, a Grande Guerra e o Desfecho. Ela me ouve atenta em silêncio e parece guardar cada palavra para reflexão.

Voltamos para o hotel no fim da tarde a tempo de tomar um banho e pegar as coisas para ir para o aeroporto. Feliz e agradecido ao Eterno por mais um dia, preparo-me para mais uma viagem. Desta vez sem escalas (ufa), mas ainda assim serão quase nove horas dentro de um avião. Não aguento mais esse jeito terrestre de voar. Ao menos será durante a noite e espero poder dormir bem, para acordar o menos cansado possível quando estivermos pousando em solo norte-americano.

No dia 13 de novembro de 2015, numa sexta-feira à noite aconteceram uma série de ataques coordenados em Paris, França. Os ataques terroristas foram reivindicados posteriormente pelo Estado Islâmico (EI) e deixou mais de 100 vítimas e mais de 300 feridos. Um dia antes, o grupo havia feito um ataque no Líbano, deixando mais de 40 pessoas mortas. No mesmo ano o EI também atacou um resort na Tunísia, matando 38 turistas. Além disso, derrubou um avião russo, com 228 pessoas a bordo, com uma bomba que teria sido colocada no interior do avião por um terrorista do grupo. Entre outras coisas, o EI é conhecido por sequestrar mulheres cristãs ou de algumas etnias específicas para fazê-las escravas sexuais do grupo, ou vendê-las como prostitutas. Enquanto este livro estava sendo escrito, o grupo terrorista estava envolvido numa guerra sangrenta na Síria. No livro Estado Islâmico – Desvendando o Exército do Terror, Michael Weiss e Hassan Hassan contam a história do surgimento e crescimento do grupo terrorista.

Capítulo 14

Nova Iorque, Estados Unidos

Depois de muitas horas de voo, faltando pouco mais de meia hora para pousarmos em Nova Iorque, Madú começa a falar, animada, sobre a cidade. Ela já veio aqui algumas vezes, passeando e a trabalho e parece gostar muito daqui. Ela me conta sobre uma padaria, uma loja, o parque e mais um milhão de coisas. Fico ouvindo e imaginando o que vou achar dessa cidade.

– Eu aqui falando pelos cotovelos da cidade e às vezes você já sabe tudo de cor. Você já veio aqui alguma vez? – ela me pergunta.

– Não... – respondo sorrindo e ela já emenda:

– Nossa, verdade, que fora. Como você iria ter vindo aqui, né? A menos que esta não seja a sua primeira vez, você sabe, por essas bandas. – acho bonitinho ver como ela está se esforçando para acostumar com a ideia de que eu não sou daqui e ao mesmo tempo ser discreta, para ninguém ouvir nossa conversa e acabar trazendo problemas para mim.

– Não, é a primeira vez. Até achei que tinha te falado isso...

Ela continua me contando algumas histórias, muito animada. Logo pousamos e começa uma longa jornada entre alfândega e bagagem. Chegamos no hotel e todo mundo, sem exceção, quer dormir um pouco. Até Madú: “tenho que renovar as energias para aproveitar bastante depois”. Também vou para o quarto, e depois de um banho resolvo ler mais um pouco sobre a história que vamos cobrir aqui, antes de descansar.

Mais uma vez, um atentado terrorista. Esse aconteceu há quase vinte anos, mas permanece bem fresco na memória não só dos norte-americanos, mas também do ocidente em geral. Na internet encontro muito material disponível sobre o dia em que dois aviões se chocaram contra os maiores prédios do mundo, desencadeando uma série de acontecimentos que resultaram na morte de quase três mil pessoas.

Este ataque foi um marco na história mundial. Por causa dele os Estados Unidos participaram de duas guerras – uma no Iraque e outra no Afeganistão. Além disso, foi declarada oficialmente uma guerra ao terrorismo – que agora tinha um rosto, endereço e religião. Filmes, livros, documentários, matérias, artigos – uma infinidade de conteúdo foi produzida inspirada nos acontecimentos daquele dia.

Depois do almoço faremos nossa primeira entrevista, em pleno domingo. Quem vai conversar com a gente é uma pessoa que estava em uma das torres quando tudo aconteceu. Cristiane Mendonça é brasileira e mudou-se para Nova Iorque cinco anos antes do atentado. Chegou a morar no Brasil alguns meses depois da tragédia, mas acabou voltando para a cidade estrangeira que acabou virando sua casa.

A gravação vai ser ao ar livre, num local próximo ao que hoje é um Memorial e Museu Nacional em memória do que aconteceu naquele dia. Quando chegamos lá Cristiane já está nos aguardando para a filmagem. O clima está agradável e a luz está muito boa – o que significa que vou ter boas fotos. Mais um pouco e já começamos a gravar.

– Naquele dia eu tinha um contrato para assinar numa reunião em um escritório que ficava na Torre Norte. Antes de subir, eu passei no restaurante de uma amiga brasileira, que ficava a umas duas quadras das Torres, para deixar uns pacotes e justamente por isso cheguei bem em cima da hora do nosso compromisso. Já no escritório, abri a minha bolsa para tirar o contrato que seria assinado, e descobri que as folhas não estavam lá. Liguei para a minha amiga, dona do restaurante, e ela confirmou que eu tinha deixado a pasta lá. Pedi para o Peter, que estava comigo, esperar apenas uns minutinhos enquanto eu buscaria as folhas e já estaria de volta para fecharmos nossa transação. Entrei no elevador e, quando já estávamos relativamente perto do térreo, ouvimos um estrondo muito, muito forte. Não tínhamos ideia do que acontecera, mas o primeiro avião tinha acabado de bater na torre onde eu estava. – ela dá uma pausa, respira fundo e pede um copo d’água. – Desculpe, eu não falo sobre isso há muito tempo.

– Fique tranquila, sem pressa. E se você não se sentir à vontade, podemos continuar outro dia. – Rui a tranquiliza.

– Tudo bem. Se eu não tivesse saído para buscar o contrato, eu estaria lá em cima, em um dos andares atingidos pelo avião e não teria a mínima chance de sobreviver. Foi o que aconteceu com Peter... Dentro do elevador eu não me lembro muito bem o que aconteceu. Só sei que ele despencou em queda livre e eu perdi os sentidos. Quando eu acordei, estávamos sendo resgatados por um grupo de bombeiros. Saindo do prédio eu comecei a ter ideia da magnitude do que estava acontecendo. Até então eu achava que poderia ter sido alguma pane, algum acidente menor, sabe? Lá fora... Lá fora eu vi algo que ficou na minha mente por dias e dias. Eu não dormia vendo aquela cena. O chão estava coberto de corpos – inteiros e pedaços deles. Muitas pessoas que estavam nos andares mais altos e não conseguiam escapar em meio ao fogo simplesmente se jogavam lá de cima. Adultos, jovens, velhos, crianças... O asfalto estava coberto de pedaços de horror. A essa hora a segunda torre já tinha sido atingida, mas eu ainda não sabia nada disso. Só via muita fumaça, barulho e todas aquelas pessoas correndo.

Como os humanos deste planeta insistem em colaborar para a própria extinção? Ao mesmo tempo procuro entender o que faz com que alguém vire as costas tão completamente para o Eterno ao ponto de ser capaz de se envolver numa ação criminosa como essa? Quem quer que tenham sido os responsáveis pelo atentado deste dia de sangue, trouxe desespero e dor sem limites para milhares, milhares de pessoas.

Lembro que cheguei a ler relatos de ligações de vítimas que estavam nos últimos andares e sabiam que suas chances de serem resgatadas eram mínimas. Alguns conseguiram apenas deixar mensagens na caixa postal de seus queridos. “Eu não sei se vou conseguir sair daqui, mas quero que você saiba que a minha vida foi melhor por que você estava comigo”, um marido dizia à esposa. “Pai, estou com medo. Não estou preparado para morrer...”, confessava um rapaz.

Li numa matéria de jornal a entrevista com uma doente terminal, e o repórter perguntava a ela como era viver sabendo que

estava morrendo. A resposta dela, carregada de uma lucidez de quem olha nos olhos da morte, foi: “e como é viver fingindo que não está?”. Que mundo, que mundo cruel é este, longe dos olhos e dos braços do Eterno...

– O metrô não estava funcionando e eu precisava voltar para casa. O trânsito estava um caos e decidi ir andando. Depois de caminhar mais de quinze quadras, cheguei em casa só para me lembrar que não tinha chave, celular, documentos. Nada. Tudo tinha ficado para trás na confusão. Minha bolsa deveria estar àquela hora no meio dos escombros do prédio. Toquei a campainha de uma vizinha que tinha uma cópia da minha chave. Linda, uma senhora muito simpática, me atendeu assustadíssima, me olhando com os olhos arregalados e com o controle da TV na mão. Ela nem me deixou ir para a minha casa – preparou um banho quente para mim, me deu um comprimido e trouxe roupas limpas. Fiquei lá por dois dias, numa espécie de estado de choque. Quando fui dando por mim, só conseguia pensar em voltar para o meu País.

– E como foi a sua volta?

– Bem, demorou um pouco, já que eu não tinha mais passaporte. Tudo o que eu queria era ver minha família, meus amigos, meu País, sabe? Nova Iorque estava inundada em medo e desespero. As pessoas estavam assustadas, sem saber se alguma coisa como aquela poderia acontecer de novo. Duas semanas depois eu estava na minha casa, com minha família, no interior de Minas.

– E como foi sua adaptação? Quando você decidiu voltar?

– Eu fui para o Brasil e deixei para trás meu apartamento, minhas coisas – uma vida – aqui em Nova Iorque. Eu não sabia se ia querer voltar ou não. Como eu tinha pagado o aluguel adiantado para mais quatro meses, não tinha problema deixar minhas coisas por aqui. Pensei muito em ficar, em deixar os EUA de lado, mas depois de um tempo decidi voltar e encarar tudo o que eu passei. Não poderia deixar que terroristas simplesmente destruíssem tudo o que eu tinha construído com tanto esforço todos aqueles anos, sabe?

No fim da gravação ela vai com a gente até o Memorial e Museu do 11 de Setembro. Lá estão gravados todos os nomes de

quem morreu naquele dia – gente que trabalhava num dos prédios, gente que estava lá a passeio, gente que estava nos aviões, bombeiros, paramédicos ou transeuntes. Milhares de pessoas que viram suas vidas serem interrompidas num relance, em mais um atentado sem sentido, sem razão.

O mais triste de tudo isso é saber que o Inimigo das almas usa estes seres como meros fantoches, unicamente para atingir e ferir o Eterno, seu Criador. Ele faz com que essas pessoas acreditem que estão lutando por uma causa, que possuem um propósito, quando elas não são nada mais do que marionetes do Mal, cegadas por seu próprio orgulho e egoísmo. Essa maneira doentia de não conseguir ver o outro, tão distante do jeito como tudo deveria ser. Se eles ao menos deixassem, se permitissem!

O dia se vai e todos estamos cansados e querendo voltar para o hotel. Depois do jantar o grupo se reúne para uma sessão especial com Rui, que faz alguns exercícios com o grupo antes de irmos dormir. Não é preciso de muito para perceber o quanto todos estão desgastados por causa das histórias que ouvimos ao longo dos últimos meses. Temos bons momentos entre o grupo, mas ao mesmo tempo precisamos de equilíbrio para conseguirmos lidar com toda essa negatividade sem sermos arrastados por ela. É um desafio e tanto, eu diria.

No dia seguinte acordo antes do nascer do sol, como de costume, para meus momentos de meditação e reflexão. Horas depois já estamos a caminho da primeira gravação do dia, com parentes de uma das vítimas, Jesse Whitney. Ele era analista financeiro e estava no centésimo segundo andar da primeira torre atingida.

– Eu cheguei em casa aquela manhã e vi que tinha uma mensagem na secretária eletrônica. A primeira vez que ouvi eu não entendi direito o que estava acontecendo. Jesse falava que um avião tinha atingido a torre, tinha muita fumaça, estava quente e ele não conseguia respirar direito. Aí ele me falou que me amava mais do que tudo, que era para dizer para a nossa filha que ele a amava também. Era isso. Liguei a TV para saber alguma coisa – até aquela hora eu não tinha visto o noticiário. Foi quando eu vi o fogo, a fumaça e a notícia do ataque terrorista. Meu telefone tocou

novamente e eu atendi num segundo. Era minha mãe, perguntando se eu tinha falado com Jesse. Conteí o que tinha acontecido, e ela disse que estava indo para minha casa, ficar comigo. Eu liguei para os pais dele, e de repente minha casa estava cheia de parentes e amigos desesperados por notícias. Eu fiquei tentando ligar para ele de novo, mas só dava caixa postal... – ela começa a chorar e para de falar por uns instantes. – Me desculpe...eu... ainda é difícil lembrar...

Quinze anos. Quinze anos e parece que ela conta de algo que aconteceu no mês passado. A dor e o sofrimento estão visíveis e quase palpáveis para nós, que ouvimos. É como uma ferida que nunca consegue ser cicatrizada. Ela fala que a cada ano, cada aniversário da tragédia, é como se tudo estivesse acontecendo de novo. A mensagem que ele deixou na secretária eletrônica nunca foi apagada. Nela, por mais que haja desespero e tristeza, ele ainda estava com vida. Então é uma mensagem triste, que ao mesmo tempo traz esperança.

– Quase uma hora depois eu consegui falar com ele de novo. Dessa vez ele estava diferente, mas calmo, mas ao mesmo tempo eu conseguia perceber que ele estava tentando me acalmar, sabe? Eu penso nisso depois de todo esse tempo e me enteneço – ele estava diante da morte e mesmo assim estava querendo me deixar bem... Me deixar em paz. Conversamos por alguns minutos e a ligação foi cortada. Pela televisão, uma explicação que eu nunca queria que fosse real: a Torre estava desabando. Com aquela imagem, a certeza de que eu nunca veria meu marido com vida de novo. Foi o pior dia da minha vida. Eu senti algo que não sabia o que era, que eu nunca mais senti de novo – e nem quero sentir. Uma dor, uma pressão, um pânico e, ao mesmo tempo, um desalento sem tamanho. Me lembrei de horas antes, quando ele estava saindo de casa, me deu um beijo, disse que me amava e me desejou um bom dia. Ele tinha acabado de ser transferido para aquele departamento novo. Estávamos felizes e cheios de sonhos. Quem diria? Quem poderia prever que algo assim tão cruel e repentino pudesse acontecer?

Além da esposa, estão presentes também um irmão, a mãe e um amigo de Jesse. Cada um deles compartilha conosco um

pouco de suas lembranças.

– Eu estava no meu trabalho quando Jesse me ligou. – quem conta é George, melhor amigo. – Quando atendi ao telefone e ele me disse que estava lá, fiquei sem saber o que dizer. Ele me falou que quase cem pessoas estavam presas ali. Muita gente já tinha ligado para os bombeiros, mas era claro que a chance de que eles saíssem dali com vida era mínima. “Só um milagre para nos tirar daqui”, ele me disse. E depois se despediu de mim, dizendo que precisaria fazer mais ligações. Depois disso eu fiquei em silêncio, olhando para meus colegas de trabalho. Avisei que estava indo embora, explicando rapidamente a situação e fui para a casa de Jesse, onde a família dele estava se reunindo.

– Quando Kaitlin me ligou para contar o que tinha acontecido com Jesse, eu estava me arrumando para ir para minha aula de ioga. – lembra a mãe. – A medida em que ela falava eu sentia como se estivesse perdendo o meu chão. Jesse, o meu filho caçula. Ele era tão brilhante, sabe? E otimista, sempre sorridente e feliz. Era como se ele fosse nosso presente especial. Eu soltei um grito de dor, uma dor tão forte, tão pungente, tão destruidora, que tirava tudo de mim. Pela TV eu via toda aquela desgraça e pensava em quantas mães estavam, naquele momento, sofrendo como eu. Meu telefone tocou novamente e eu não tive forças para sair do sofá. Era ele, dizendo que estava na torre atingida, mas que ia ficar tudo bem. E ele me ligaria assim que estivesse tudo ok, e que me amava muito. Não consegui atender a tempo. Quando peguei o telefone, ele já tinha desligado. Por muito tempo eu fiquei pensando em como teria sido se eu tivesse atendido àquela ligação. Sei que nada mudaria o fim da história... Sei que nada poderia diminuir a dor... Percebi que eu poderia olhar para trás com rancor e tristeza por ele ter sido tirado de nós tão cedo, de um jeito tão dolorido e cruel. A minha outra opção era agradecer pelo privilégio de vinte e nove anos de muito amor, a dádiva que foi a vida dele para as nossas vidas. E sei que esta é a forma certa de se ver, de fazer com que a existência dele tenha um significado bonito e real para mim.

Nessa hora, Kaitlin começa a chorar muito e abraça a sogra. Ela agradece pelas palavras: “que palavras lindas, Carol... você é uma luz em nossas vidas...”. A gravação demora um pouco

mais do que o previsto e é carregada de emoção. Quando saímos de lá, várias pessoas da equipe estão com os olhos vermelhos. No almoço, Karine puxa o inevitável assunto:

– Ouvindo tudo isso fiquei pensando: e se fosse eu? Como eu encararia meus últimos minutos nesse mundo? Quais palavras que eu diria? Para quem eu ligaria? Será que eu encararia em paz, ou entraria em pânico?

– Acho que ninguém conseguiria estar em paz, assim de cara. Quem é que pode olhar para a morte e sorrir, gente? – replica Eduardo.

– Não é sorrir, mas não sei, conseguir olhar pra si mesmo e entender que não tem o que se arrepender e que sabe o que te espera do outro lado, talvez. – Tomás opina.

– Mas quem é que sabe o que te espera do outro lado, gente? Ninguém pode dizer isso com certeza. É só um monte de especulações, né? Quem já voltou para contar? – Luísa comenta.

– Não é bem assim... – Madú entra na discussão. – Se você tem um senso de propósito, sabe por quê veio para este mundo e o que te espera depois, por mais que seja difícil você não precisa entrar em desespero, como se você fosse desaparecer para sempre... Eu aprendi que a morte é um sono e que um dia Deus vai despertar a todos e aí sim será o acerto de contas final. Para uns, um recomeço. Para outros, o inevitável fim, o ponto final de verdade.

Ela termina de falar e me dá uma piscadinha. As palavras dela me pegam de surpresa. É tão bom saber que nossas conversas possuem um significado não só para mim, mas para ela também. Ainda que nada mais fizesse sentido enquanto eu estou viajando aqui, eu sei que se eu conseguisse influenciar de forma a vida de apenas uma pessoa, tudo já valeria a pena. E esta pessoa sendo ela... Bem, eu fico ainda mais feliz.

As palavras de Madú chegam como uma centelha em um frasco de álcool. A discussão fica ainda mais intensas, entre quem acredita em reencarnação e outros que acham que a morte é o fim de tudo. Madú tenta explicar melhor seu ponto de vista, mas acaba se confundindo numa parte ou outra. É quando Madú fala:

– Calebe entende dessas coisas mais do que eu... Já conversamos algumas vezes sobre isso e ele me ensinou bastante.

– ela olha para mim e emenda: – Não é, Calebe?

– Então dê sua opinião, homem! O que você tá fazendo aí calado, só olhando a gente falar? – Henrique intervém.

– Bem, como a Madú disse, eu também acredito que a morte é como um sono, uma pausa, para um desfecho que acontecerá.

– Como assim, desfecho? – Luísa pergunta.

– Pensem comigo: a ciência já deixou bem claro que o Universo, se não é infinito, é muito maior do que poderíamos dimensionar, certo? E mesmo que até agora não tenhamos encontrado vida inteligente fora da Terra, seria meio limitado pensar que em meio a toda essa imensidão estaríamos sozinhos, aqui. Dentro dessa realidade, eu acredito que estamos inseridos num contexto, e não apenas existindo “ao léu”, sem sentido. Por mais que todos morram, nunca nos acostumamos com a morte. Por mais que sejamos limitados, com início, meio e fim, de alguma maneira ansiamos a eternidade. Eu acho que a gente já chegou a falar sobre isso um dia, até.

– Verdade, eu me lembro! – Tomás comenta.

– Pois bem. Eu acredito que fomos criados, e não apenas evoluímos como um milagre do acaso.

– Então você não acredita na evolução? Como assim? Quer dizer que você não crê na ciência e acha que a gente veio lá do barro?

– Claro que eu acredito na ciência! Só não acredito na evolução darwiniana, e muita gente hoje em dia também questiona essa teoria. E se você parar para pensar, vai descobrir que os grandes cientistas também acreditavam em Deus, assim como eu. Só vou citar Newton e um fato que a maioria das pessoas ignora: ele não escreveu apenas sobre matemática e física. Ele escrevia sobre a Bíblia, profecias e Deus. Imagina só! Mas enfim... Eu não penso que estamos aqui por acaso ou presos num círculo vicioso sem fim. Acredito que estamos em meio a um conflito de ideias, de forças, do bem e do mal. E que um dia essa guerra vai acabar, e neste dia todas as pessoas que um dia já viveram aqui receberão um veredito, baseado em suas escolhas e atitudes diárias. E aí

acontecerá um recomeço, quando todos os seres do Universo poderão viver em harmonia.

Para a minha surpresa, algumas pessoas do grupo pareciam muito interessadas no que eu tinha a dizer. Confesso: depois de tudo o que eu já tinha visto e ouvido por aqui, nestes meses na Terra, eu pensei que estava vivendo entre céticos desinteressados. Mas eu estava errado. No fundo, todos querem saber os mistérios da vida, querem entender a si mesmos. E se perguntar sobre isso, ouvir versões diferentes da sua e perceber que talvez existam outras respostas e perguntas novas pode ser uma maneira para se encontrar no meio desse caos.

Eu cheguei a pesquisar sobre alguns cientistas que carregam a bandeira do ateísmo quase como uma religião. Uma das suas maiores justificativas é o fato de que religiões não estão dispostas a fazer perguntas. Realmente algumas não estão – querem manter dogmas e crenças intocadas. Mas quem está no caminho certo, buscando o que o Eterno mostra, sabe que é preciso questionar, duvidar e procurar o que é certo. Vi também muita coisa interessante, cientistas que usam o conhecimento disponível para mostrar que Deus existe e não estamos sozinhos aí. De todos os livros que vi, um me impressionou de uma maneira especial: “Por que a ciência não consegue enterrar Deus”. Acho que coisas assim precisavam ser mais amplamente divulgadas e discutidas. É lamentável ver que a maior parte das pessoas acaba tendo um acesso muito limitado aos fatos e à história.

O dia continua... Depois do almoço teremos mais uma entrevista, com uma sobrevivente que tem uma história mirabolante para contar. Rose Bennett estava numa reunião, apresentando um projeto para a equipe, quando o primeiro avião se chocou contra a Torre Norte.

– Eu trabalhava na Torre Sul, e ficamos assustados, mas como o nosso prédio estava seguro, ouvíamos pelo alto-falante que não era preciso pânico e tudo estava bem. Minha mãe me ligou e perguntou se eu estava saindo e eu disse pra ela ficar tranquila. A Torre Norte estava a salvo e o expediente iria continuar normal até o final do dia. Ela insistiu para que eu saísse, mas eu disse para ela

ficar calma e que eu ligaria mais tarde. Contudo, mesmo com os avisos, meu chefe cancelou a reunião e liberou a equipe pela manhã. Ele disse que quem quisesse poderia ir embora e voltar depois do almoço, quando tivéssemos certeza de que tudo ficaria bem. Nem todo mundo quis ir. Eu estava com uma sensação estranha, talvez por causa do que minha mãe tinha me dito. Fui até a minha mesa, peguei minhas coisas e resolvi que iria sair um pouco. Liguei para uma amiga que trabalhava no 60º, seis andares abaixo do meu, para contar que minha equipe tinha sido liberada. Mas outra pessoa atendeu o telefone da mesa dela, dizendo que ela estava numa reunião, fora da empresa. Liguei no celular dela, e ela me disse que estava no 101º. A reunião tinha sido pausada, mas que por lá estava tudo ok. Eu disse pra ela descer e me encontrar na sala dela, e que iríamos embora juntas.

– Isso aconteceu a que horas mais ou menos? – pergunta Rui.

– Não sei dizer com 100% de certeza, mas eu saí do meu escritório uns cinco minutos antes de que o avião batesse na Torre. Apesar de tudo, não havia muitas filas nos elevadores. Desci no andar da empresa onde Trudy, minha amiga trabalhava, e antes mesmo de chegar até a sala dela o segundo avião colidia com a nossa torre. Nessa hora o medo que a maioria das pessoas tentava disfarçar veio à tona e o pânico tomou conta do lugar. Liguei para Trudy de novo, e ela me disse que não tinha conseguido descer a tempo. Ela estava presa acima dos andares atingidos pelo avião. – ela respira fundo e os olhos ficam marejados de lágrimas. – Quando ouvi o que ela me disse, ficamos em silêncio. Ela me disse para eu descer, e que ela daria um jeito. Mas no fundo sabíamos que aquela era provavelmente nossa última conversa. Depois soube que ela ligou para a casa dos pais e deixou uma mensagem de despedida na secretária eletrônica deles, dizendo que “era uma droga ter que ligar para alguém contando que você vai morrer”.

– Você pensou em ligar para o 911 ou falar com alguém?

– Eu só conseguia pensar em como eu sairia dali. Os elevadores não funcionavam mais – a maioria estava bloqueada em algum andar, outros tinham simplesmente despencado. Saí com mais um monte de pessoas desesperadas, descendo pelas

escadas. Eu me lembro que estava com sapatos de salto. Tirei e continuei correndo descalça. Minha mãe me ligou no meu celular novamente, eu atendi e falei com ela que estava tentando sair, que tudo ia ficar bem. Meu noivo me ligou e eu disse a mesma coisa, e que não era para ele se preocupar. Estávamos a três meses do casamento, sabe? Eu pensava nele, nos nossos planos... E queria parecer forte, para que eles não ficassem preocupados comigo. – ela faz uma pausa, olha pela janela por alguns segundos, como se estivesse revivendo a cena. E então continua:

– Mas a verdade era que, por dentro, eu não sabia se ia realmente dar certo ou não. Eu só conseguia pensar na minha família, nos meus amigos, nas pessoas que eu amo. Eu precisava fazer alguma coisa para que minha vida não acabasse daquele jeito, assim, do nada, sabe? Aí, quando eu estava lá pelo trigésimo andar, eu acho, já exausta, ouvi um estrondo muito, muito forte, acima de mim. Tudo aconteceu em alguns segundos e eu soube que ia morrer. Que eu não tinha sido rápida o suficiente, e aquele seria o meu fim. Foi quando comecei a cair em queda livre. Era uma sensação horrível, de desamparo, de desesperança... Naquela hora nada mais adiantaria...

Olho para meus colegas de equipe, e todos estão paralisados enquanto a história é contada. Eu mesmo estou ansioso enquanto estou ouvindo.

– Não sei explicar para você o que aconteceu em seguida. O que sei é que de repente eu abri os olhos e vi o céu azul, misturado com uma fumaça escura. Será que eu tinha morrido? Aí veio a dor, os sons e apareceu um bombeiro para me socorrer. Eu mesma não conseguia acreditar que estava viva. Veja bem – como uma pessoa que lida com dados e números, eu sempre procurei uma explicação lógica para todas as coisas. Mas, pela primeira vez, eu reconheci que existem milagres e eu sou um deles.

– E a sua amiga?

– Depois eu soube que o corpo dela foi encontrado caído no asfalto. Sabe, eu não gosto de pensar muito nisso. Será que ela se jogou, desesperada? Ou quem sabe ela estava tentando sair pela parte externa do prédio e acabou caindo? Não sei... Talvez a fumaça estivesse cada vez pior e mais sufocante, e lá fora ela

finalmente conseguia respirar. Só sei que naquele dia eu, outros sobreviventes e parentes das vítimas tivemos nossas vidas completamente transformadas – para sempre. Nunca mais eu iria viver do mesmo jeito, achando que tinha anos e anos pela frente, garantidos. Agora eu via a vida como uma dádiva frágil.

Enquanto eu fazia minhas pesquisas, descobri que centenas de pessoas se jogaram no abismo, numa atitude desesperada. Qual era o nível de agonia, para que as pessoas escolhessem pular de dezenas de andares, como uma opção de alívio, talvez? De volta ao hotel, ouvimos os áudios disponibilizados pelos parentes das vítimas. Outros foram abertos ao público pela polícia de Nova Iorque. Últimas palavras carregadas de tanta coisa... Um executivo explicava que ele e um grupo estavam tentando abrir caminho e encontrar uma solução, enquanto esperavam por socorro. Ele parecia irritado com a atendente, que falava que o socorro estava a caminho. “Não parece que está”, ele dizia. “Vocês entendem que somos pais, mães e filhos? Que alguém precisa fazer alguma coisa?”. De repente a ligação dele vira um misto de barulho e as vozes se perdem, enquanto a torre despencava.

Voltamos para o hotel naquela noite certos de que nós mesmos também não seríamos mais os mesmos, depois de todas as histórias que tínhamos ouvido. Rose Bennett, a sobrevivente, tinha muito a nos contar, com seu relato de esperança em meio à dor. Era uma luz no fim do túnel, era o suspiro de ar puro, uma fresta de alívio. Ouvir alguém falar em milagre, em renascimento, em vida, depois de tanto desespero, era nosso encontro com a certeza de que nem tudo estava perdido. Havia uma saída, afinal.

Assim que descemos da van, Clarisse avisou que era para todo mundo estar de volta em 40 minutos. Íamos comemorar o final das gravações, juntos. E assim foi... Fomos para um restaurante muito bom, onde comemos, conversamos e esquecemos por algumas horas, de toda a desgraça e todo o mal que cercava a nossa existência.

– Dá para acreditar que terminamos? – Madú me pergunta.

– Não mesmo... – respondo, sentindo uma coisa no peito, uma espécie de nostalgia antecipada, um sentimento que previa a

falta, a saudade que logo eu sentiria de tudo o que eu vivi.

Era uma manhã ensolarada de uma terça-feira quando um avião com 11 tripulantes e 76 passageiros colidiu com a Torre Norte do World Trade Center. Dezesete minutos depois, às 9:03 da manhã, um segundo avião, com 09 tripulantes e 51 passageiros, colidiu com a Torre Sul do World Trade Center. Um terceiro avião caiu no Pentágono e um quarto avião foi derrubado, numa região rural, na Pensilvânia. Mais de mil pessoas morreram por estar acima dos andares onde aconteceu o incêndio por causa do avião. Anos mais tarde, relatórios apontaram diversas falhas no sistema do prédio que colaboraram para que a tragédia fosse ainda maior. Além disso, bombeiros, policiais e paramédicos que estavam envolvidos no socorro das vítimas também morreram em decorrência da queda dos prédios. O banco de investimentos Cantor Fitzgerald L.P foi a empresa com a maior perda: 658 funcionários morreram naquele dia. Muitas teorias sobre o atentado têm sido divulgadas desde então, e há uma quantidade enorme de filmes, documentários, artigos, entrevistas e livros sobre a tragédia. Estes atentados marcaram o início de uma nova era mundial – a era da guerra ao terrorismo.

Capítulo 15

Nova Iorque, Estados Unidos

Pela primeira vez em semanas, eu acordo sabendo que não terei nenhuma gravação. Vamos continuar em Nova Iorque até quinta-feira – como Clarisse disse ontem, nós merecemos um descanso. Ainda tenho fotos para selecionar e fazer o tratamento delas, antes de enviar os arquivos para impressão. Hoje de manhã eu e Madú vamos tomar café e sair pela cidade e fazer alguns passeios juntos. Posso finalizar meu trabalho quando tiver voltado ao Brasil também, já que ainda tenho alguns dias de prazo.

Encontro Madú no restaurante do hotel e ela está muito animada. Depois do café da manhã ela me leva para o Central Park, um lugar muito bonito bem no meio das montanhas de prédios.

– Sei que você gosta de natureza, então achei que seria o melhor lugar para começar nosso passeio, que tal? – ela me pergunta.

Enquanto caminhamos e conversamos, ouço ao longe alguém toca alguma canção. Madú e eu saímos a procura do artista e o encontramos com o seu violino, em pé, tocando em um espaço aberto. Nos sentamos em um dos bancos e ficamos ali, ouvindo.

Gosto muito, muito de música e sinto falta das músicas que costumávamos cantar e ouvir lá em casa, no meu País. As músicas daqui são um tanto diferentes das que eu conhecia, mas ainda assim elas possuem a capacidade que só as músicas parecem ter, que é tocar nossa mente e nosso coração de um jeito especial. O Inimigo das Almas um dia foi o responsável pela música do Terceiro Céu, e está ciente deste poder. Percebi mais de uma vez que a música aqui infelizmente também é usada para fins nocivos.

– Nossa, esse cara toca tão bem que eu acho que poderia ficar aqui ouvindo o dia inteiro.

– E eu te faria companhia com prazer! – respondo.

– Calebe, posso te perguntar uma coisa?

– Claro, até duas!

– Quando você começou a pensar em vir para cá? Assim, de onde surgiu o interesse de conhecer justo a Terra?

– Hum... essa minha vontade é bem antiga, mas a verdade é que eu nunca parei para pensar em quando exatamente ela surgiu. Eu cresci ouvindo meus pais e meus avós falarem sobre a Grande Guerra e todas as coisas que estavam acontecendo desde a Queda. Muitas vezes, depois de um jantar, por exemplo, minha família ficava conversando sobre isso por horas e horas. Às vezes em eventos entre amigos o assunto também surgia e apareciam todas as opiniões e questionamentos possíveis. E eu ficava lá, ouvindo e imaginando como deveria ser esse mundo tão diferente do meu.

– Mas o que as pessoas falavam?

– Ah, elas falavam sobre várias coisas, mas principalmente de como tudo começou, a luta entre o Bem e o Mal e os dias em que eles, no caso vocês, tinham rejeitado e matado o Divino. Cada um dava sua opinião sobre os motivos de tantas pessoas serem resistentes ao bem e acharem o mal mais interessante. Ao mesmo tempo, cada um contava alguma história que já tinham ouvido dos Peregrinos e Peregrinas que alguma vez já tinham vindo para cá.

– Como assim, peregrinos?

– É como são chamados os seres que, como eu, são escolhidas para a missão de vir para cá. É uma honra ser um Peregrino.

– Enquanto você está aqui você tem algum tipo de ajuda?

– Como assim?

– Bem, você tem documentos, alugou um apartamento, tem uma profissão, como foi que você conseguiu tudo isso?

– Sobre a profissão, antes de vir pra cá eu aprendi várias coisas e fui treinado para isso. No meu primeiro dia Ariel me encontrou e me ajudou com tudo o que eu precisava, inclusive me entregando meus documentos prontos e tirando das minhas dúvidas.

– E como vai ser quando você voltar? As pessoas vão te receber com toda pompa e tal?

– Não exatamente, mas com certeza faremos uma festa. E vou responder a mil e uma perguntas que tenho certeza que todo

mundo vai me fazer.

– E você poderia se candidatar para vir outra vez? Quando é que alguém vai aparecer aqui de novo?

– Não... Na verdade você só pode ser um Peregrino uma vez. O sucesso da missão está intimamente ligado ao fato de você nunca ter estado aqui antes. Além disso, mesmo se fosse possível uma segunda candidatura, eu não acredito que haverá novas missões para cá.

– Como assim?

– Bem, eu não posso dizer isso com 100% de certeza, por que ninguém sabe o dia do Desfecho. Mas conversando com Ariel eu cheguei à conclusão de que este dia está mais próximo do que nunca. Neste caso, eu seria o último dos peregrinos.

– Como você pode ter certeza disso? – ela começa a rir e emenda: – Desculpe, estou te enchendo de perguntas, né?

– Tudo bem, sem problemas. Vamos lá.... Se você começar a estudar as profecias da Bíblia, vai ficar muito surpresa. Elas estão cheias de detalhes incrivelmente precisos sobre o que aconteceria dezenas e até centenas de anos depois de terem sido reveladas. Pra você ter uma ideia, muita gente fala que o livro de Daniel foi escrito anos depois, por que não seria possível alguém prever tantos acontecimentos com tamanha precisão.

– Nossa, que legal! Eu nunca tinha ouvido falar disso antes... Agora me conta... quando você for embora, quem é que vai me ensinar todas essas coisas, hein?

Eu respondo com um sorriso e voltamos a prestar atenção na música, mas por dentro eu começo a pensar no que ela me disse. Sei que existe uma possibilidade de nos encontrarmos novamente, mas não devo tocar nesse assunto. Ela que precisa falar sobre isso, não eu. Cheguei a falar sobre isso com Ariel, e ele deixou isso bem claro para mim. A verdade é que eu e Madú estamos numa espécie de impasse e nenhum de nós sabe como resolver isso.

Passamos um dia muito agradável, entre um passeio e outro que fazemos. Ela me apresenta, muito animada, a cidade. Quando chegamos no hotel, a tarde já está acabando e estamos cansados do dia. Mesmo assim, resolvemos ficar perto da piscina

aquecida, sentados nas cadeiras de plástico, jogando um pouco de conversa fora antes de subirmos.

– Sabia que a primeira vez que conversamos, lá em São Paulo, eu tive uma impressão totalmente errada de você? – Madú confessa para mim.

– Ah é? Me conta essa história direito. O que foi que você pensou?

– Não foi uma coisa ruim, foi só...diferente. Eu achei duas coisas, na verdade. Uma, que você era meio misterioso, não sei explicar. E essa parte eu acertei, né? E a outra era que você era um daqueles caras certinhos, sabe?

– Mas eu sou certinho... Não sou? Eu sou certo, ser errado é ruim, ué. Não quero ser errado... – não sei o que foi, mas ela começa a rir.

– Calma, calma, Calebezinho. É uma expressão, sabe? Aqui a gente fala que quando alguém é certinho é que essa pessoa é toda presa às regras, que não faz nada de diferente nem novo, mais ou menos assim. – eu ouço quase sem acreditar na explicação e começo a sorrir também.

– Só aqui mesmo que ser certo seria uma coisa ruim... Vocês deveriam falar que não gostam de pessoas erradinhas, e não das certinhas, né?

– Minha nossa, Calebe, como você é besta!! – gosto das ruguinhas que aparecem no nariz dela quando ela sorri.

– Tá, mas voltando ao que interessa, o que fez você mudar de opinião?

– A Grécia, com certeza. No nosso primeiro passeio a gente alugou aquela motinha e você foi me levando pelas ruelas da ilha, até que paramos numa praia maravilhosa e ficamos conversando, conversando... Naquele dia eu tive a certeza de que você era muito mais interessante do que eu imaginava. E eu fiquei curiosa pra saber mais de você, sei lá. Você tinha um magnetismo, eu queria estar perto de você.

– Que bom... por que a viagem não teria sido a mesma sem a sua companhia, eu tenho certeza. – olho em seus olhos e por um instante nos olhamos em silêncio.

– E você, o que pensou de mim?

– Como assim?
– A impressão que teve de mim, ué! Foi a mesma? Alguma coisa mudou?

– Eu diria que não mudou totalmente, só foi aprimorada, digamos assim.

– Hum, vamos, fala mais.

– Bem, quando nos conhecemos eu achei que você era meio doidinha, pra dizer a verdade. Você chegou, falou comigo sei lá, vinte segundos e depois saiu do nada também. Aí depois foi se aproximando, toda animada e sempre à vontade, mesmo sem nos conhecermos tão bem. Não sei, sua energia e sua franqueza me atraíram e me fizeram querer conhecer mais você. Eu estava aqui, olhando para todas essas coisas nesse mundo que eu nunca tinha visto antes. Tudo parecia tão cinza, tão sem identidade, sabe? E você, no meio de tudo isso, como se você não fosse daqui. Eu olhava para você e via um enigma, eu acho.

– Nossa, uau... E agora?

– Hum... Acho que enigma não é mais a palavra que eu usaria. Você é um prisma, cheia de facetas e de detalhes, que vão sendo descobertos a medida em que você se deixa conhecer. E pra mim isso é fascinante.

– Gostei. – ela sorri e segura a minha mão, começando a brincar com os meus dedos.

Continuamos ali, conversando e sorrindo sem ver o tempo passar. Eu gosto disso. Eu vou sentir falta disso...

– Calebe...

– Toda vez que você fala o meu nome assim, no meio da conversa, já me dá um frio na barriga, imaginando o que vem depois.

– Gente, que dramático...

– Dramático, eu? Vamos lá, fala comigo.

– Eu estava pensando numa coisa, desde o dia em que você me falou pela primeira vez sobre a Queda, a Grande Guerra e o Desfecho.

– Hum...

– Assim... Antes de te conhecer eu não sabia de nada disso, você sabe. Eu tinha mais perguntas do que respostas e um

vazio, uma angústia misturada com um anseio por descobrir muitas coisas que para mim eram um mistério. Hoje ainda tenho perguntas, mas elas são diferentes, e as respostas que encontrei até agora me trouxeram tanta paz, que cada vez mais quero saber e entender sobre essas coisas novas que você me ensina.

– Que bonito, Madú...

– E eu me dei conta de que eu quero me preparar e quero fazer as escolhas certas, para estar do lado certo no dia do Desfecho. Eu quero conhecer o Eterno como você conhece e quero agradecer pessoalmente a Ele por tudo o que Ele fez por mim. Quero conversar com o meu anjo do jeito que você conversa com Ariel. Quero enxergar o que os meus olhos ainda não podem ver. Quero conhecer o Universo que para mim agora é só uma gota de tudo o que existe. Eu quero fazer parte de tudo isso, Calebe. – seus olhos brilham e suas mãos suam frio enquanto ela me conta – Agora eu sei porquê antes tanta coisa não fazia sentido. Eu finalmente comecei a ver e me entender como parte de algo muito maior, sabe?

Ouçó com os ouvidos, com os olhos, com o coração. Acho que poucas coisas aqui poderiam me fazer feliz como as palavras que ela me fala agora. Em meus momentos mais otimistas eu me permitia imaginar com o dia em que ela poderia dizer algo assim, mas o fato disso estar realmente acontecendo é quase surreal.

Se tudo isso acontecer, se ela realmente estiver no lado certo naquele dia... Isso significa que... Que poderíamos nos ver novamente. E essa possibilidade abre uma nova realidade para nós. Mas por mais que eu queira, não posso pedir nada para ela. Eu não tenho esse direito. Então continuo ouvindo em silêncio, mas com uma vontade enorme de falar tanta coisa...

– Tá me ouvindo?

– Claro que estou te escutando, Madú. E nem sei se consigo escolher as palavras certas para expressar como eu me sinto ao...

– Pera, que tenho mais uma coisa para te falar.

– Ok, pode falar.

– Bem... eu não sei como te falar isso. O dia todo eu tentei entrar nesse assunto mas não consegui. – ela fecha os olhos e respira fundo, aumentando o suspense. – Seguinte... Eu não tenho

o direito de te pedir nada, eu sei. E nem quero fazer isso, por que que apesar de tudo, a gente se conhece há o quê, dois, três meses? Mas eu não posso evitar, não posso ignorar o que surgiu entre nós dois. Não posso fazer de conta que isso aqui foi só mais um encontro casual entre tantos outros que acontecem neste planetazinho azul. Eu sei que foi diferente, que é diferente. Que é especial. E Calebe... eu posso estar apenas sonhando, mas o que seria de nós sem nossos sonhos? Enfim... Eu quero estar no lado certo naquele dia, no Desfecho, por todos esses motivos... e por mais um. – nessa hora não são só as mãos dela que estão suando frio.

– Mais um? E... e qual seria esse mais um? – pergunto, torcendo para já saber a resposta.

– Você...

Sinto toda a relatividade do tempo em apenas um segundo. Uma palavrinha tão pequena e tanta coisa que ela tem a dizer... Continuamos parados, olhando um para o outro, tendo nossas silhuetas refletidas na piscina pela luz branca do poste. Minha mão escorre pelo seu rosto enquanto procuro as palavras certas e ela me olha, quase impaciente.

– Você não precisa me dizer nada agora, se não quiser. Eu sei que é muito para pensar e como eu te falei, não tenho o direito de te pedir uma coisa assim.

– Você tem o direito sim, Madú. Eu te dei esse direito quando abri meu coração para você. Você conquistou esse direito quando abriu o seu coração para mim... E Madú... Não há nada que eu poderia dizer para você além de que por você eu estou disposto a esperar o tempo que for preciso. Você pode me perguntar o que é que aconteceu, o que me fez sentir assim, mas eu não vou saber explicar... O que eu sei é que você entrou na minha vida de um jeito diferente e especial, e que a ideia de você não estar ao meu lado em todos os anos que ainda virão simplesmente é vazia e sem sentido.

– Tem certeza disso? Você sabe... o Desfecho pode demorar muito mais do que você imagina. Para mim o tempo é diferente, afinal de contas, pode ser que o dia chegue e eu ainda esteja por aqui. Mas pode ser que não... Enquanto isso, você estará

em algum lugar sozinho, sem saber se a sua espera vai ter valido a pena ou não.

– Essa é a sua perspectiva da situação. Para mim as coisas acontecem numa outra perspectiva, Madú. Lembra? Eu vou estar numa outra dimensão. O tempo passa de um jeito diferente para mim. E, mesmo assim... eu vivi todos esses anos sem conhecer alguém que me fizesse acreditar que valeria a pena dividir a minha vida. Até agora. Essa é uma espera irrelevante quando a gente olha para tudo o que ela vai significar, lá na frente...

Minhas palavras tiram um sorriso do rosto dela. Eu me sinto o homem mais abençoado de todas as galáxias. Por mais que meu impulso seja o de beijá-la, eu me contenho. Como eu queria ter alguém de Lundi para poder conversar neste momento! Será que lá eu estaria inseguro como estou aqui, agora?

– Bem, eu... eu acho que vou subir. – falo, de súbito. Ela me dá um sorriso encantador e beija o meu rosto, me fazendo sentir um frio percorrer pela espinha.

– Tudo bem, pode ir. Eu acho que vou ficar aqui mais um pouco.

– Tem certeza? – pergunto.

– Tenho sim...

– Boa noite então...

– Boa noite!

No caminho para o elevador encontro ninguém menos do que Ariel. Ele já chega animado, perguntando sobre o meu dia, parabenizando pelo final das gravações e falando que já estamos na reta final. Mas sei que tem outra coisa que ele gostaria de falar, mas prefere que eu entre no assunto. Por mim tudo bem, já que sinto como se fosse explodir se não conversasse sobre isso com alguém.

– Eu a amo, Ariel.

– Quem, Madú? – ele pergunta com um sorrisinho.

– Quem mais poderia ser? Claro que é ela!

– Mas como você sabe que a ama? Já deu tempo para você amar, assim?

– Eu não sou especialista nesse tipo de amor, eu sei. E também é verdade que eu nunca senti nada assim antes. Mas nada mais poderia descrever mais impecavelmente o que eu estou

sentindo do que isso: amor. E isso não faz sentido, sabe? Por quê, de todas as mulheres que eu já conheci, em todos os mundos que já visitei, justamente essa, neste lugar, no único planeta caído do Universo, conseguiu tocar o meu coração?

– E quem disse que o amor faz sentido, meu amigo? Eu sei que sou um anjo e você poderia ter um conselheiro melhor nessas questões. Mas eu também sei que o Amor é a ordem que rege o Cosmos. O Amor é o Eterno em movimento, transformando, preenchendo e dando sentido às nossas vidas. E isso não se explica. Se permite...

– E se ela não conseguir, Ariel? E se ela não estiver em pé no dia do Desfecho?

– Amigo, nunca duvide do poder e da força do bem. Tudo o que era preciso ser feito para que ela esteja em pé naquele dia já foi feito. E agora ela fez o mais importante: aceitou o que o Divino fez por sua vida. Se ela tem nesse desejo uma firmeza de propósito, não há nada que possa abalar ou fazê-la cair. Nem que o Eterno precise enviar todos os anjos do céu para ajudá-la a ficar em pé.

Penso nas palavras de Ariel e fico maravilhado ao perceber o alcance do Amor, da dádiva e do sacrifício feito pelo Divino. Conversamos mais um pouco, nos despedimos e sigo para o meu quarto.

No dia seguinte saímos em grupo para conhecer a Estátua da Liberdade. Madú e eu estamos mais próximos um do outro. Tomás fala comigo que está feliz ao ver que nos acertamos. Eu também, respondo. Ele fala num tom de brincadeira que pelo jeito o job do documentário rendeu para mim muito mais do que experiência no currículo. Gosto de Tomás. Fico feliz ao ver que ele também está terminando essa jornada muito melhor e mais leve do que estava quando começamos.

Depois do passeio, o grupo se divide: alguns vão fazer compras, outros, como eu e Madú, continuam “turistando” pela cidade.

Chega a quinta-feira e com ela as malas prontas e a passagem de volta. Dessa vez a viagem é diferente. De todos os vôos que nós tomamos, sabemos que este é o que carrega o sabor de dever cumprido. E assim, numa viagem tranquila e sem escalas,

eu volto para o Brasil, sabendo que será a minha última parada antes de ir para casa.

Capítulo 16

São Paulo, Brasil

No aeroporto, em São Paulo, desta vez não temos uma van nos esperando. Cada um vai do seu jeito pra casa: táxi, Uber, metrô, alguém que vem buscar... O clima é de despedida, de cansaço e uma alegria de estar de volta misturada com a nostalgia da viagem.

Madú veio dormindo praticamente a viagem toda e quase não nos falamos. Agora é hora de nos separarmos, já que ela vai dividir um táxi com Luísa, que mora numa casa perto do seu apê. No desembarque, empurrando nosso carrinho de malas, tentamos uma despedida que não seja estranha.

– Vai ser diferente não tomar o café da manhã com você amanhã, depois de quase três meses. – confesso.

– Se eu não conhecesse você o suficiente, ia achar que você estava me passando uma cantada. – Madú responde e eu não entendo muito bem, mas prefiro não perguntar.

– Eu sei que a gente vai se ver segunda, na reunião, mas se você quiser fazer alguma coisa antes... Me liga...

– Ibirapuera no domingo, que tal?

– Parece uma boa ideia para mim. – respondo.

– Fechado então!

Nos abraçamos de um jeito desajeitado, e acabamos caindo na risada.

– Vamos tentar de novo? – provoco, com os braços abertos.

Ela solta as mãos do carrinho e se encaixa em meus braços. Também vou sentir sua falta, ela me diz. Mesmo depois de quase dez horas em um avião ela ainda tem um cheiro gostoso em sua pele e seus cabelos. Fico pensando que essa despedida é apenas um ensaio para o adeus que precisarei dizer daqui a menos de um mês.

– Nos vemos domingo, então?

– Nos vemos domingo. – ela responde, me manda um beijo enquanto corre para alcançar Luísa.

Tomás me chama e pergunta onde moro, para dividirmos um táxi. Descobrimos que somos quase vizinhos, considerando o tamanho da cidade. No caminho, conversamos de tudo um pouco. Ele me fala que acha que não vai ser nada fácil voltar para uma casa vazia. Me ofereço para fazermos alguma coisa se ele quiser, já que eu também estou sozinho.

– O que você vai fazer amanhã? – ele me pergunta.

– Vou me encontrar um pessoal que estuda a Bíblia.

– Cara, é sério isso? Nossa, que interessante!

– Eu nunca fui lá, mas fiquei sabendo e quero conhecer. Ia ser bom não estar sozinho, pra falar a verdade.

– É igreja?

– Não, pelo que entendi eles se reúnem na casa de alguém.

– Que horas?

– Dez e meia.

– Tá bom, acho que vou sim. Espero que não seja uma furada, hein?

Continuamos nossa conversa até chegarmos no prédio dele. Algumas quadras depois estou de volta ao meu apartamento. É estranho estar voltando para uma casa que nunca foi sua de verdade.

Abro a porta e encontro tudo organizado. Dona Joana é mesmo uma bênção. Liguei avisando que ia chegar hoje e ela pediu para uma diarista vir limpar o meu cantinho. Agora só preciso ir ao mercado para fazer algumas compras e depois descansar.

Tomo banho, desfaço as malas, coloco minhas roupas para lavar e desço para fazer minhas compras num mercado próximo. No caminho passo no apartamento da dona Joana para avisar que cheguei bem e entregar uma lembrancinha que comprei.

Ela me recebe bem, como sempre e me chama para almoçar com ela amanhã. Falo que vou estar com um amigo, e ela diz que eu posso trazê-lo também. Fechado. Já fora do prédio, penso que poderia ter trazido um guarda-chuva, já que o tempo está começando a fechar.

De volta, tiro as compras da mochila, como alguma coisa e limpo a cozinha. O dia está indo embora e eu estou muito cansado. Leio um pouco, oro, agradeço pela viagem e por estar bem. Depois caio na cama e durmo mais de doze horas seguidas.

Acordo sábado de manhã, desligo o alarme do celular e vejo que Madú me mandou uma mensagem ontem, me desejando um bom descanso. O silêncio, que muitas vezes é uma dádiva, hoje me causa estranheza. Olho para os lados e vejo tudo tão quieto e vazio... Respondo.

Madú, eu sei que combinamos de nos vermos amanhã mas e se a gente fizesse alguma coisa hoje à noite também?

Achei que você não ia perguntar! ☺

Mas ainda não pensei o que poderíamos fazer você sabe.. não conheço muita coisa aqui ☹

que tal um filme?

Pode ser

Podemos ver aqui em casa, pedimos comida e vc conhece meu apê

Fechado. Chego aí umas 7, pode ser?

Blz. Até. Bjo

O dia escorre sem muitas novidades. O pessoal do estudo é muito receptivo e até Tomás gostou de lá. Nós almoçamos na dona Joana, que nos trata como se fôssemos família. Ele fica super impressionado e até me fala que eu ganhei uma avó de mão beijada. É verdade... Ele me pergunta se tenho algo para fazer à noite, e eu respondo que vou assistir um filme com a Madú.

– Vamos comigo!

– Não, tô de boa! Segunda a gente se vê.

– Até!

Volto para o meu apartamento e fico pensando no que fazer. Se eu estivesse em casa, a esta hora estaríamos com a família e amigos reunidos, num dia de festa. Mas aqui os finais de semana são vazios e solitários... Só em pensar que para sair vou enfrentar um trânsito horrível já fico desanimado. Ler seria uma boa ideia. Pego um livro, me acomodo no sofá e fico por lá por quase duas horas. Me levando por causa da campainha. Abro a porta e vejo Ariel, uma surpresa agradável.

Conversamos bastante, até quando a tarde começa a dar lugar para a noite. Ele me conta que se eu tivesse vindo alguns meses depois o horário seria diferente – uma hora a mais – e eu acho isso a coisa mais estranha do mundo. Imagina só, todos os anos mudar o horário do relógio e ter que se adaptar a isso. Terráqueos e suas estranhezas...

Ariel vai embora e eu me arrumo e vou para a casa da Madú. Ela me recebe com um sorriso e brinca ao apresentar o apartamento, que fica no oitavo andar, dizendo que depois de cinco passos já acabou tudo. A verdade é que não é tão pequeno assim – acho até que é um pouco maior do que o meu.

– E aí, você já escolheu o que vamos assistir?

– Já sim, e espero que você goste... E aqui algumas opções de lugares para pedirmos alguma coisa para comer.

Escolhemos uma pizzaria com várias opções de sabores, e que ela diz ser ótima. Decidimos esperar para assistir ao filme quando a comida já tiver chegado. Enquanto isso, ela me mostra algumas fotos, me conta histórias e me pergunta sobre minhas histórias também.

Eu conto que as casas de lá são diferentes das casas daqui: todo mundo tem quintal e cultiva alguma coisa. No meu bairro também tem uma horta comunitária, cercada por um jardim. Falo sobre nossas tradições, sobre minha família, meus pais, irmãos, sobrinhos...

– Eu sei que um dia você vai adorar conhecer tudo isso pessoalmente. – falo com ela.

– Tenho certeza que vou. Será que sua família vai gostar de mim?

– Claro que vai!

– É tão estranho pensar num lugar assim... Acho que eu estou tão acostumada a ter coisas desagradáveis no meio dia a dia e tentar olhar para elas como algo que pode me ensinar alguma coisa, sabe, que é esquisito pensar num lugar só com coisas boas. Nada ruim. Nunca ninguém é triste. Todo mundo gosta de todo mundo. Parece que não é real, parece que é falsidade!

– Que loucura!! Minha querida, imagine que você viaja para Paris, não sei, ou para um lugar paradisíaco e tem uma semana de princesa, onde você realiza todos os seus sonhos e todas as pessoas te tratam muito bem. Você não chora, não é triste e nem sequer vê alguma coisa ruim nenhuma vez. E você dorme bem todos os dias, a comida é maravilhosa e não precisa se preocupar com nada. Isso seria ruim?

– Não, claro que não!

– Pois é... Agora imagina viver assim, para sempre! É um sonho realizado e não uma coisa a ser temida.

– Acho que penso essas coisas por que a gente fica ouvindo que quando você é feliz demais logo vai tomar uma rasteira. Por que aqui não dá para imaginar que sempre vai ser tudo bem...

– Mas um dia vai ser...

A pizza chega, comemos e assistimos ao filme, que termina um pouco tarde. Quando me levanto para ir embora, Madú me diz que posso ficar se quiser e dormir no sofá. Acho que não seria muito adequado, nos despedimos e chamo um táxi para ir embora.

O domingo amanhece ensolarado, o que é ótimo para os nossos planos no Ibirapuera. Como fomos dormir tarde, não chegamos tão cedo, mas antes do almoço. Andamos um pouco e escolhemos uma sombra, onde Madú estende um edredom.

– Eu sei que as pessoas fazem isso com lençol, mas acho que edredom é mais fofinho... Então esse é o meu edredom de piquenique. – ela se justifica.

– Para mim está ótimo!

O parque está cheio gente. Eu e Madú ficamos reparando as pessoas que passam enquanto inventamos histórias para elas, como fazíamos nas outras cidades. Parece loucura, mas é muito divertido. Ela me pergunta como são os parques de onde eu venho.

– As cidades são cheias de árvores e flores, por todos os lados. Ao redor das áreas urbanas, digamos assim, existem grandes extensões de florestas, com rios, cachoeiras e clareiras, onde as pessoas se reúnem. E os animais são livres e dóceis. Nem queira imaginar a reação das pessoas quando elas souberem dos zoológicos daqui.

– É meio triste mesmo, né? Mas acho que é uma maneira de trazer a natureza pra mais perto da gente...

– Não deveria ser o contrário, as pessoas irem até a natureza, ao invés de tirar os animais do seu habitat?

– É, você talvez tenha razão. Temos tanta coisa pra aprender...

– São as consequências do mal, Madú. Essas coisas criaram um abismo entre nossos mundos. Mas logo isso vai acabar, eu sei.

– Nem acredito que daqui a menos de um mês você não vai mais estar aqui... Acho que não caiu a minha ficha ainda.

– Não vamos pensar nisso agora. Vamos aproveitar esse dia que está tão gostoso, que tal? – puxo uma das almofadas e me deito, convidando Madú para vir deitar também. Ela se encaixa no meu peito e eu começo a brincar com algumas mechas do seu cabelo.

– Você promete que não vai me esquecer? Promete que depois que for embora vai mesmo se lembrar de mim?

– Claro que prometo, do fundo do meu coração. E vai passar rápido, você vai ver, meu bem... – as duas últimas palavrinhas saem tão naturalmente que nem parece que é a primeira vez que chamo alguém assim, de meu bem.

– Então eu sou seu bem? – ela me provoca e faz um biquinho.

– É sim... você é o meu bem... Você é minha querida, minha amiga, minha dádiva. Você é a mulher que faz o meu coração bater diferente, Madú. E não há mais nada no Universo que me faça sentir assim.

Ela se levanta para me olhar enquanto eu falo com ela e ficamos assentados de frente um para o outro. Eu seguro suas mãos, olho para aqueles olhos redondos e reconheço que a dona

deles é minha dona também. E quero a sua companhia, quero seu sorriso não só por mais algumas semanas. E assim, numa manhã ensolarada de domingo, eu e Madú nos beijamos pela primeira vez.

O tempo passa rápido e de repente já é hora de ir embora. Nós dois caminhamos como se estivéssemos nas nuvens. Me sinto leve... estou feliz. Chego e casa e penso em mil e uma coisas. Se tenho mais alguns dias com ela, que sejam os melhores dias que ela terá neste planeta. Pesquiso algumas coisas na internet e faço planos para nós dois. No dia seguinte, nos vemos na empresa, na reunião da manhã.

A equipe está animada e com as energias renovadas. Depois da reunião, Tomás me chama num canto para conversar:

– Você não acredita o que fiz sábado à noite.

– Eu posso até tentar adivinhar, mas a verdade é que eu não faço ideia. – respondo.

– Fui na reunião daquele grupo que você me levou de manhã.

– Como assim?

– Lembra que eles falaram que ia ter uma confraternização por lá à noite?

– Lembro...

– Pois é eu fui! Estava em casa, sem fazer nada, e pensei: por quê não?

– Nossa, cara, que legal! E aí, como foi?

– Olha, Calebe, nunca achei que ia dizer isso, mas foi muito bom! Eles são muito legais! Me acolheram super bem, me senti praticamente em casa!

– Que bom saber disso!

– Pois é, e sexta-feira que vem à noite eles vão distribuir comida para moradores de rua, e me chamaram para ir junto. Bora também?

– Com certeza! Fechadíssimo!

Tomás precisa de amigos, e saber que ele está se enturmando com pessoas do bem me faz muito feliz. Ele não sabe ainda que vou embora, e sei que vai ficar chateado com a notícia. Sou um amigo da vida nova, ele sempre me diz. Os antigos amigos, de quando ele ainda era casado, só sabem olhar para ele com um

ar de pena, como se ele fosse um sofredor pela eternidade. Agora quem conheceu ele depois da separação não fica falando coisas do tipo: “que droga, mano, fica firme, logo você vai encontrar alguém”, nem fingindo que parou de falar com sua ex. Que triste, eu penso.

A semana passa e eu fico entre as fotos que estou terminando de tratar, encontros com Madú e conversas com Tomás e Ariel. Dona Joana me pergunta se vou mesmo embora no final do mês, por que ela precisa saber se o apartamento vai liberar ou não. Eu confirmo, e ela fica triste com minha resposta. Na sexta vou com Tomás para a distribuição de alimentos para os moradores de rua. Convidamos Madú, e ela resolve ir junto com a gente.

Lá eu aprendo mais um pouco sobre essas pessoas sem rosto e sem nome, que aprendem a viver nas sombras da sociedade. Alguns são mais calados e reservados, olhando com reservas para o grupo. Outros já se abrem, contam histórias, cantam com a gente e perguntam se vamos voltar outras vezes. Cláudia, a responsável pelo projeto, já faz esse trabalho há mais de cinco anos. Conhecer alguém como ela e seus amigos me faz ter esperanças e ver a raça caída com olhos diferentes.

Os dias passam e estamos a menos de uma semana da minha partida. Eu e Madú tentamos não pensar nisso, e fazemos o possível para que nossos dias sejam os melhores possíveis. Na terça-feira teremos uma sessão especial para assistirmos ao documentário pela primeira vez. Na quinta-feira à noite será a estreia do documentário, com a presença da imprensa e convidados especiais. Na sexta-feira eu vou embora, de volta para Lundi.

Converso com Tomás, contando que vou embora do país. Ele fica muito surpreso, mas não faz tantas perguntas. No dia seguinte ele me pergunta se já tem alguém que vai ficar no meu lugar, no apartamento. Eu falo que não e ele me pede o telefone da dona Joana, por que estava pensando mesmo em se mudar. “Já é hora de deixar aquele apartamento para trás, junto com a vida que não existe mais”, ele me disse. Que bom. Ele e dona Joana vão se dar bem.

No dia da nossa sessão especial, quando o grupo se reúne para assistir ao documentário, todos estamos muito curiosos para ver o resultado. Cada história que aparece na tela provoca

diferentes reações em mim. Entre lágrimas e sorrisos, sei que tudo o que eu vivi com essas pessoas eu vou carregar sempre comigo. Clarisse elogia a equipe pelo trabalho impecável e avisa que quer saber quem está disponível e interessado para projetos futuros. Brindamos e assistimos em seguida ao *making of*, cheios de histórias e lembranças.

Começo minha mudança na quarta-feira. Vendi meus móveis para uma loja de usados, e eles virão na quinta-feira para buscar tudo. Pego todos os meus utensílios de casa – que não são muitos – e levo até uma Ong que ajuda pessoas necessitadas. Deixo lá também roupas e lençóis. Faço as contas do dinheiro que não vou mais precisar e deixo o valor para o pessoal que ajuda a pessoas da rua, que sempre precisam de doações.

Na quinta-feira me despeço da dona Joana, essa senhora que foi tão bondosa comigo. Faço uma oração com ela e deixo a minha Bíblia de presente. Ela fica feliz e diz que vai ler sempre e se lembrar de mim. Saio, com o coração apertado, para nossa *première*, sabendo que esta noite vai ser a última aqui. Se estou feliz por voltar para casa? Muito! Mas ao mesmo tempo o meu coração está em frangalhos.

Eu e Madú combinamos de nos encontrar lá. Ela está especialmente linda essa noite. Nos olhamos em silêncio, sabendo que logo será o nosso adeus. Lá, as fotos que relembram tudo o que vivi e jamais esquecerei. Entramos na sala de projeção e nos assentamos nos lugares reservados à equipe e família. Todos estão ansiosos para saber como o público vai receber o documentário. A reação não poderia ser melhor: aplausos em pé.

– Eu acho que esse documentário tem tudo para ser um sucesso! – cochicho para Madú.

– Calma, vamos esperar o que essas pessoas vão escrever para seus jornais, revistas e blogues. Por enquanto são só aplausos dentro de uma sala, né? – Madú tem uma visão mais fria da situação.

– Bem que eu gostaria de ler as críticas que vão sair amanhã e na semana que vem, mas acho que vou esperar alguns anos até que você me conte como foi. – falo com ela e seus olhos se enchem de lágrimas. – Não, não! Não é pra você chorar! –

protesto, enquanto ela tenta fazer com que nenhuma lágrima teimosa escorra dos olhos.

– Na pior hipótese, falo que foi por causa do documentário.
– ela sorri.

Terminado o evento, ficamos para um coquetel. Tomás me procura para se despedir de mim, já que não nos veremos mais. Ele me dá um chaveiro de presente, muito bonito, com a inscrição de um provérbio árabe que diz: *Louco é o viajante que constrói uma casa no caminho.*

– Espero te ver em breve, amigo. – eu falo, enquanto nos abraçamos. E realmente eu espero isso.

Em seguida eu me despeço da equipe e vou caminhando para a saída, com Madú ao meu lado. Ela já não segura as lágrimas, que escorrem livremente pelo seu rosto.

– Acho que agora é o nosso adeus... – ela me diz.

– Ainda não, se você e aguentar mais umas horas. – eu falo enquanto entrego minha chave para o manobrista.

– Como assim você está de carro? Onde você arrumou um carro? Pra quê você está de carro?

– Uhh, quantas perguntas. Sim, estou de carro. Eu aluguei um. E o motivo você vai descobrir daqui a pouco. – o carro chega e eu abro a porta do passageiro para ela, fazendo sinal para que ela entre.

– Onde você aprendeu a dirigir? Não me diga que os carros em Lundi são iguais aos daqui, por que eu não vou acreditar.

– E não são mesmo. Mas como eu viria para cá sem nem saber dirigir os veículos de vocês? Isso não faria muito sentido. – respondo enquanto coloco uma música.

– E eu posso saber para onde você está me levando, Calebezinho?

– Claro... Um dia você me disse, acho que na Grécia ou Tailândia, que nunca tinha visto o sol nascer na praia aqui no Brasil. Bem, pensando que a essa hora não teremos trânsito, acho que as nossas chances de chegar lá antes de amanhecer são bem grandes. – eu falo isso e ela começa a chorar de novo e eu fico confuso. Achei que ela gostaria da surpresa! – Madú, você não quer ir? Tudo bem, a gente não vai!

– Claro que quero ir, seu bobo! Eu tô chorando por que você é o cara mais incrível que eu já conheci e agora está indo embora...

– Não chora, Maduzinha... Vamos fazer um combinado? Só coisas felizes nas próximas horas, que tal? Nada de pensar em coisas tristes. Não quero que nossas últimas horas sejam tristes...

Meu apelo parece surtir algum efeito e ela enxuga as lágrimas. Logo estamos sorrindo enquanto descemos a serra. Lembramos de nossos bons momentos e sorrimos. Conversamos sobre o futuro e sonhamos enquanto fazemos planos. A vida parece boa, afinal. Quando chegamos na praia, Vênus, a “estrela da manhã”, anuncia que logo o sol surgirá no horizonte. Deixamos nossos sapatos no carro e andamos descalços pela areia deserta.

– Nossa, eu nunca tinha vindo aqui antes. Como é lindo...

– Eu pesquisei, tentando encontrar a melhor praia que não fosse muito longe, parece que é essa aqui. Queria que fosse um lugar especial.

– E é muito, muito especial mesmo, Calebe. Obrigada por isso.

Estendo uma esteira na areia e nos assentamos, vendo os primeiros raios de sol surgirem, anunciando um novo dia. Ela encosta a cabeça no meu ombro e ficamos ali, em silêncio, abraçados, com os olhos perdidos no horizonte.

– Sabia que em Lundi nós temos quatro satélites? Luas, digamos assim.

– Nossa, eu nem consigo imaginar olhar para o céu e ver quatro luas. Deve ser muito, muito legal. Vocês têm uma estrela, tipo um sol?

– Temos sim, mas a cor dele é um pouco diferente, mais alaranjado, eu diria. Você vai gostar. Vai gostar de ver as estrelas à noite também.

– Vou sim... Não vejo a hora de ver de perto todas as coisas que você contou para mim.

– Eu também. Logo o Universo vai estar em paz e as barreiras entre os mundos deixarão de existir.

– Deus te ouça!

O sol nasce e nós dois sabemos que ele anuncia a minha partida. Madú chora e eu a abraço forte, com meu coração partido em mil pedacinhos. Ela me chama para irmos até o mar, sentir a água com nossos pés, como fizemos aquela primeira vez, numa ilha grega muito distante daqui. Hoje, mais do que nunca, eu anseio pelo fim dessa Grande Guerra que separa nossos mundos.

– Antes de ir, tem uma coisa que eu preciso te dizer. – envolvo seu rosto com minhas mãos, olho em seus olhos e digo em voz alta as palavras que pensei tantas vezes nos últimos dias. – Eu te amo, Madú. Eu te amo... Eu não quero ir embora sem que você tenha essa certeza gravada em seu coração. Você preencheu espaços dentro do meu coração que eu nem sabia que estavam vazios. Quero dividir a eternidade com você...

– Eu também te amo, Calebe! – ela me abraça e suas lágrimas encontram minha pele e molham o meu pescoço.

– O que eu vou falar pode parecer bobo, pode parecer louco. Mas... – me ajoelho e seguro suas mãos, enquanto tiro um anel do bolso direito do blazer. – Maria Eduarda, você quer ser minha e quer que eu seja seu para o resto de nossas vidas?

– Sim, sim, sim! Com cada átomo do meu corpo, sim! – ela agora sorri e chora ao mesmo tempo, enquanto eu coloco o anel no seu dedo.

– E começa oficialmente o noivado mais longo de todos os tempos! – eu brinco e caímos na gargalhada.

– Você não vai ter uma aliança também? – ela me pergunta.

– Vou sim, mas ela não pode ser feita aqui... Assim que eu chegar lá escolho uma e coloco em meu dedo. E ela vai ficar na minha mão até que a gente se encontre de novo.

– Como eu vou conseguir sem você, Calebe? Me diz, como?

– Você vai se sair muito bem, e sabe por quê? Por que quem faz a diferença não sou eu, mas o Eterno, que vai te acompanhar e vai te dar forças a cada passo, a cada dia, a cada lágrima e a cada sorriso. Guarde a fé, Madú. Guarde a fé.

Fazemos uma última oração juntos e damos nosso último beijo antes da minha partida. Apesar de tudo, nós estamos em paz.

Ariel aparece e ora mais uma vez conosco. Ele me abraça forte e diz que em breve nos veremos do outro lado.

Eu agradeço por tudo o que ele fez por mim. Pela companhia, pelas conversas, pelo apoio e por ele ter sido um sopro do Eterno enquanto eu caminhei nesse mundo escuro. Sei que se ele não estivesse ao meu lado tudo teria sido muito mais difícil do que foi. Ele promete levar Madú de volta em segurança e eu sei que ela não poderia estar em melhores mãos. Seguro firme a mão de Madú e ela diz que me ama e me promete mais uma vez que vai estar lá, em pé, no Desfecho.

– Eu também te amo, Maria Eduarda.

– Obrigada por ter falado do Eterno para mim, Calebe. Nada no mundo pode retribuir o que você fez por mim.

Ariel segura a minha mão e, pela última vez neste mundo, ele me diz:

– Vá em paz, meu amigo. Que o Eterno esteja com você.

Assim seja.

Prólogo

Desde a primeira vez que conheci Calebe, ainda em Lundi, eu sabia que teríamos algo especial. Calebe era diferente dos outros seres humanos que eu conhecia. Sua paixão pelo Planeta Terra e amor pelos caídos fazia dele alguém especial, onde o Amor do Eterno agia de uma forma única. Mas nenhuma das vezes eu poderia imaginar a cena que eu presenciei naquela manhã de uma sexta-feira terrestre especialmente triste. Calebe estava tão disposto a ser usado pelo Eterno! E através dele a força que só o Amor é capaz de carregar alcançou vidas caídas, destituídas de luz, de uma maneira que nenhum deles ainda poderia dimensionar.

Ele precisava voltar para Lundi, mas um pedaço dele ficou neste Planeta, que agora é um pouco melhor por causa dos dias em que ele esteve aqui. Maria Eduarda – Madú – chorava em meu ombro um adeus que ainda seria amargo e cruel. Ela não sabia isso ainda, mas os dias que viriam seriam difíceis e cheios de provações. Como um anjo que acompanhou tantas vidas, eu sabia, mais do que nunca, que o Inimigo das almas faria de tudo para que ela quebrasse a promessa que fez. Que ela virasse as costas para o Eterno e fosse sugada para o lado das hostes da escuridão.

Mas ela também não sabia que o Céu olhava com interesse a sua história. Que o Divino enviaria, se necessário, todos os anjos para protegê-la, para dar forças a ela, para fazer com que ela permanecesse no Caminho.

Dirijo de volta no caminho para São Paulo, e ela me olha com interesse. Eu tento fazer com que ela se sinta o mais confortável possível com minha presença, mas sei que ela olha para mim e vê um anjo. Um anjo, esse ser mítico e tão rodeado de mistério no planeta em que ela vive. Mas são cinco horas de viagem e em algum momento ela começa a se abrir, conversar e perguntar várias coisas para mim. Respondo as que posso e tento ser o mais amigável e amável possível.

– Ariel... Como vai ser a partir de agora? Eu não sei se sozinha vou conseguir, sabe? Eu quero, mas quando olho adiante,

penso que as coisas podem ser mais difíceis do que eu imagino agora.

– E você não vai estar sozinha, Madú. Calebe já te falou e eu repito que o tempo todo você estará rodeada de anjos e da presença do Divino, para te ajudar em cada passo, a cada escolha, não importa o qual pequena ela seja. Mas sim, eu sei o que você está pensando, e eu tenho mais uma coisa para te falar. Você também terá uma ajuda visível, digamos assim.

– O que você quer dizer com ajuda visível? Você vai aparecer para mim, como fazia com Calebe?

– Infelizmente isso não será possível. Mas você vai entender melhor hoje à noite. Esteja pronta às 17h30, combinado? Vou passar na sua casa para te levar em um lugar. Pode ser?

– Sim, claro!

Já estamos dentro da cidade de São Paulo, em meio àquele trânsito caótico. Eu olho para aqueles rostos cansados com respeito. Não sei como eles sobrevivem à essa cidade. Deixo Madú na frente do seu prédio e não volto até a hora combinada. Ela aparece triste, com olheiras, mas tenta disfarçar com um sorriso. Gostaria de poder ficar mais tempo para ajudá-la, mas também sei que isso só vai dificultar o seu processo de adaptação.

– E então, para onde estamos indo?

– Vou te levar num lugar onde algumas pessoas se reúnem alguns dias na semana.

– Uma igreja?

– Não, não é uma igreja. Calebe foi lá algumas vezes. Tomás também. Ele estará lá hoje, inclusive. São aquelas pessoas que você conheceu naquela sexta-feira à noite, quando vocês foram dar alimentos para os moradores de rua. Essas pessoas são especiais, boas e seguem o caminho do Eterno. E elas vão te ajudar no que for preciso, tanto emocionalmente quanto com suas dúvidas que eu sei que você ainda tem.

– Mas como elas vão me receber? Eu só falei com essas pessoas uma vez.

– Na verdade, uma mulher está te esperando. O nome dela é Rute. Eu falei com ela essa noite, mas até agora ela acha que foi

só um sonho. Mas quando você entrar lá ela vai te reconhecer e vai saber que foi o Eterno que pediu para que você fosse até lá.

– E o que eu falo quando ela vier conversar comigo?

– Diga que o mesmo anjo que falou com ela essa noite pediu que você viesse aqui. Isso será o suficiente. E lembre-se: você não pode contar nada além disso.

– Eu dou a minha palavra.

– Estaciono na frente da casa onde eles se reúnem. Antes de me despedir dela, eu tiro um envelope do bolso. Nele, algumas páginas com um rascunho que Calebe pediu para que eu entregasse para ela, junto com uma carta:

Obrigado por tudo o que fez por mim. Amo você, Maria Eduarda. Lembre-se que do lado de lá tem alguém que está contando os dias para te rever.

Eu sei que em alguns momentos você vai se sentir só. Vai querer conversar comigo, e eu não vou estar aqui. Sei que você precisará enfrentar dificuldades e problemas, mas não poderá contar com a minha ajuda, como antes. Mas sei também que você sempre poderá contar com a ajuda do Divino, que te ama incondicionalmente. Lembre-se sempre disso!

Eu fico triste de pensar no tempo em que vamos ficar sem nos ver. Por isso decidi deixar isso com você. Não é muito, mas é alguma coisa, como você costuma dizer. ☺

Eu escrevi todas essas páginas enquanto eu estava aí, na intenção de, quando eu estivesse de volta a Lundi, transformá-las numa espécie de memórias da minha peregrinação. Mas agora estou emprestando minhas preciosas páginas para você. Prometa que você me entrega de volta!

Mil beijos, Madú!

Calebe

Ela lê a carta em silêncio, e algumas lágrimas teimosas escorrem do seu rosto. Em seguida, coloca o papel de volta no envelope, me abraça e me agradece por toda a ajuda, tudo o que fiz. Ela pede para que eu diga para Calebe, quando nos encontrarmos novamente, que ela vai ler cada palavra com muito

carinho e que logo eles estarão juntos novamente. Eu oro com ela, e prometo, mais uma vez, que ela não vai estar só.

Madú desce do carro, atravessa a rua, e entra pelo portão aberto. Em pé, lá fora, Rute olha paralisada para aquela moça de vestido azul. Ela cumprimenta Madú, que repete o que falei. Elas se abraçam e entram juntas na sala, onde outras pessoas estão cantando alguma canção.

Vá em paz, Madú. Que o Eterno esteja com você.